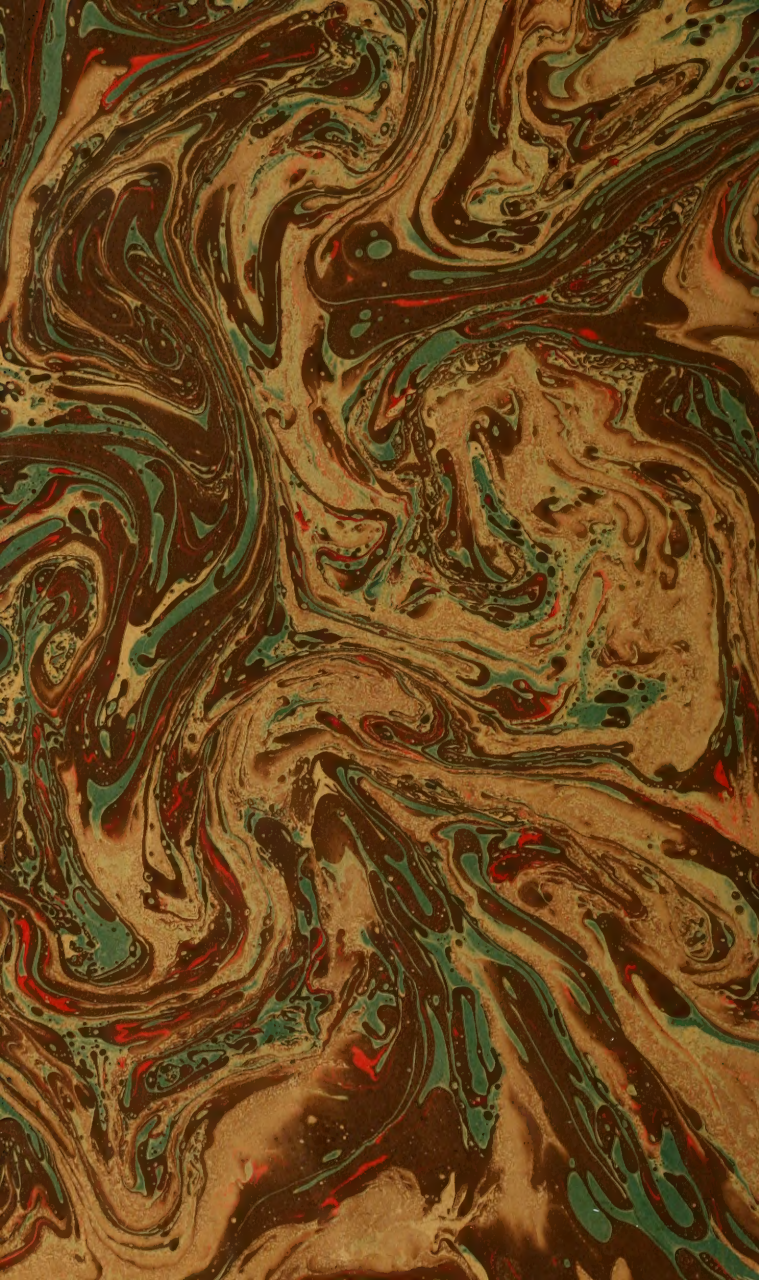
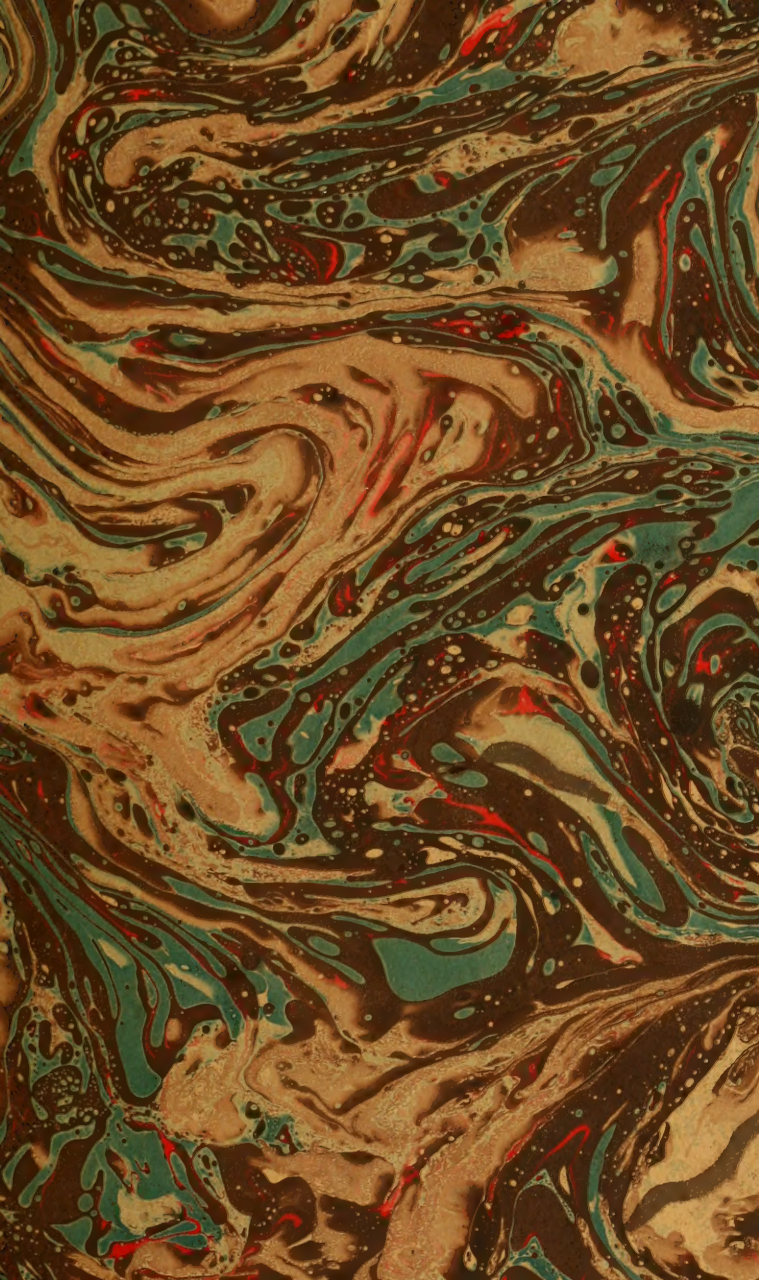
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01718860 8





70-Rua Nova do Almada-74
Telef. 32 44 22
LISBOA

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

DP
578
L6
1895
v.1

LIBRARY
SEP 22 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

1127060

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

CHRONICA

DO

SENHOR REI D. FERNANDO

NONO REI DE PORTUGAL

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia.

Reinou o infante D. Fernando, primogenito filho d'el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua edade vinte e dois annos e sete mezes e dezoito dias: mancebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a ellas. Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso; tal que estando cerca de muitos homens, posto que conhecido não fosse, logo o julgavam por rei dos outros.

Foi grande creador de fidalgos, e muito companheiro com elles; e era tão mavioso de todos os que com elle viviam que não chorava menos por um seu escudeiro, quando morria, como se fosse seu filho. De nenhum a que bem quizesse podia crêr mal que lhe d'elle fosse dito, mas amava elle e todas suas cousas muito de vontade.

Era cavalgante e torneador, grande justador e lançador atovolado. Era muito braceiro, que não achava homem que o mais fosse; cortava muito com uma espada e remessava bem a cavallo. Amava justiça e era prestador e grado muito liberal a todos, e grande agasalhador dos estrangeiros. Fez muitas doações de terras aos fidalgos de seu reino, tantas e muitas mais que nenhum rei que ante elle fosse. Amou muito seu povo, e trabalhava de o bem reger, e todas as cousas que por seu serviço e defensão do reino mandava fazer todas eram fundadas em boa razão e muito justamente ordenadas.

Desfalleceu isto quando começou a guerra e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro, passados os folgados annos do tempo que reinou seu pae; e vieram depois dobradas tristezas com que muitos choraram suas desventuradas mesquindades. Se se contentara viver em paz, abastado de suas rendas, com grandes e largos thesouros que lhe de seus avós ficaram, nenhum no mundo vivera mais ledo, nem gastara seus dias em tanto prazer; mas por ventura não era ordenado de cima.

Era ainda el-rei D. Fernando muito caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo asado para elle deixara que o não uzasse. A ordenança como elle partia o anno em taes desenfadamentos, contado tudo pelo miudo, seria longo de ouvir, cá elle mandava chamar todos seus monteiros, no tempo para elle pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões sahiam da muda, e então, desembargados, iam-se para onde viviam, e vinham os falcoeiros e outros que de fazer aves tinham cuidado. Elle trazia quarenta e cinco falcoeiros de

besta, afóra outros de pé e moços de caça e dizia, que não havia de folgar até que povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoeiros. Quando mandava fóra da terra por aves, não lhe traziam menos de cincoenta, entre açores e falcões nevris e girofalcos, todos primas. Com elle andavam mouros que apresavam garças e outras aves, e estes nadavam os pegos e paúes se os falcões cahiam n'elles.

Quando el-rei ia á caça, todas as maneiras d'aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento todas iam em sua companha, em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou e betarda, até o pardal e pequena follosa, que antes que suas ligeiras pennas a podessem pôr em salvo primeiro era presa do seu contrario; nem as simplesas pombas, que a nenhum fazer impecimento, em semelhante caso não eram isentas de seus inimigos. Para raposas, coelhos e lebres e outras semelhantes selvagens montezes, levava el-rei tantos cães de seguir suas pegadas e cheiro, que nenhuma arte nem multidão de covas lhes prestar podia que logo não fossem tomadas. E porém nunca el-rei ia vez alguma á caça que sempre n'ella não houvesse grande sabor e desenfadamento.

Este rei D. Fernando começou de reinar o mais rico rei que em Portugal foi até o seu tempo, cá elle achou grandes thesouros que seu pae e avós guardaram, em guisa que sómente na torre do Haver, do castello de Lisboa, foram achadas oitocentas mil peças d'ouro e quatrocentos mil marcos de prata, afóra moedas e outras cousas de grande valor que ahi estavam, e mais todo o outro haver,

em grande quantidade, que em certos logares pelo reino era posto. Alem d'isto, havia el-rei em cada um anno, de seus direitos reaes, oitocentas mil libras, que eram duzentas mil dobras, afóra as rendas da alfandega de Lisboa e do Porto, das quaes el-rei havia tanto que aduz é ora de crêr, cá, antes que elle reinasse foi achado que uns annos por outros a alfandega de Lisboa rendia de trinta e cinco mil até quarenta mil dobras, afóra algumas outras cousas que á sua dizima pertencem.

E não vos maravilheis d'isto e de ser muito mais, cá os reis d'ante elle tinham tal geito com o povo, sentindo-o por um serviço e proveito, que era por força serem todos ricos, e os reis haverem grandes e grossas rendas, cá elles emprestaram sobre fiança dinheiros aos que carregar queriam, e haviam dizima duas vezes no anno do retorno que lhe vinha, e, visto o que cada um ganhava, do ganho deixava logo a dizima em começo de pago; e assim, não sentindo, pagavam pouco e pouco, e elles ficavam ricos e el-rei havia todo o seu.

Havia outrosim mais em Lisboa estantes de muitas terras, não em uma só casa, mas muitas casas de uma nação, assim como genovezes, e prazentins, e lombardos, e catalães d'Aragão, e de Maiorca, e de Milão, que chamavam milanezes, e corcins, e biscainhos, e assim d'outras nações a que os reis davam privilegios e liberdades, sentindo-o por seu serviço e proveito; e estes faziam vir e enviavam do reino grandes e grossas mercadorias, em guisa que, afóra as outras cousas de que n'essa cidade abastadamente carregar podiam, sómente de vinhos foi um anno achado que se carregaram

doze mil toneis, afóra os que levaram depois os navios na segunda carregação de março. E portanto vinham de desvairadas partes muitos navios a ella, em guisa que com aquelles que vinham de fóra e com que os que no reino havia jaziam muitos vezes ante a cidade quatrocentos e quinhentos navios de carregação; e estavam á carga no rio de Sacavem e á ponta do Montijo, da parte de Riba-Tejo, sessenta e setenta navios em cada logar, carregando de sal e de vinhos; e por a grande espessura de muitos navios que assim jaziam ante a cidade, como dizemos, iam antes as barcas d'Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre elles.

E receando os visinhos de Lisboa, que ainda então não era cercada, que gentes de desvairadas misturas e tantas podiam fazer alguns damnos e roubos na cidade, ordenaram que cada noite certos homens de pé e de cavallo guardassem as ruas quando taes navios jaziam ante ella.

El-rei D. Fernando não comprava para carregar nenhuma d'aquellas cousas que os mercadores compram, e porque tem seu costume de viver, salvo aquellas que havia de seus direitos reaes; e, se alguns mercadores queriam tomar cargo de lhe trazer de fóra de seus reinos as cousas que mister havia para suas tercenas, não carregava nenhuma cousa d'ellas, dizendo que seu talante era que os mercadores de sua terra fossem ricos e abastados, e não lhes fazer cousa que fosse em seu prejuizo e descimento de sua honra; e portanto mandava que nenhuns estantes estrangeiros não comprassem, por si nem por outrem, fóra da cidade de Lisboa, nenhum haver de peso, nem comesinho, salvo para

seu mantimento, afóra vinhos e fructa e sal; mas nos portos da cidade podiam comprar soltamente, para carregar quaesquer mercadorias. Nenhuns senhores, nem fidalgos, nem clerigos, nem outras pessoas poderosas consentia que comprassem nenhumas mercadorias para revender, porquanto tiravam a vivenda aos mercadores de sua terra, dizendo que contra razão parecia que taes pessoas uzassem d'actos a ellas pouco pertencentes, mórmente pois por direito lhes era defezo, salvo que comprassem aquillo que lhes cumprisse para seu mantimento e guarnimento de suas casas. E porque Lisboa é grande cidade, de muitas e desvairadas gentes, e ser purgada de furtos e roubos, e d'outros maleficios que n'ella faziam, os quaes presumiam que eram feitos por homens que não viviam com senhores, nem hão bens nem rendas, nem outros mesteres, e jogam e gastam em grande abundancia: porém mandava elle que em cada uma freguezia houvesse dois homens bons que cada mez se inquirissem e soubessem que vivenda faziam os que moravam nella, e os que se com elles colhiam de que fama eram; e se achavam alguns que não uzavam como deviam faziam-n'o saber em segredo a Estevão Vasques e a Affonso Furtado, seus escudeiros, que d'isto tinham cargo, e elles os mandavam prender por seus homens e entregavam á justiça, por se fazer d'elles cumprimento de direito, dizendo que sua vontade era que pessoas que mester não houvessem, nem vivessem com senhores continuadamente, que taes como estes não morassem nas villas e logares de seu senhorio, e que pois elle era teùdo de manter seus povos em direito e justiça, que, recebendo elles damno e sem razão e

elle ahi não tornasse, daria a Deus d'ello grave conta.

Nem consentia que nenhum senhor, nem fidalgo, nem outra pessoa coutasse em bairro em que pousasse nenhum malfeitor, mas mandava que os prendessem dentro nos bairros que se coutavam, pondo grandes penas áquelles que os defender quizessem. Fidalgo nenhum. nem outra pessoa mandava que não pousasse em Lisboa quando elle ahi não fosse, salvo com aquelles que quizessem ter casas e estalagens por pousadias, aos quaes mandava que pagassem por as pousadas rasoados preços, e mandava ás justiças que lh'os fizesse pagar, porque sua vontade era que não pousassem por outra guisa, posto que bairros ahi tivessem. E, para se isto melhor fazer, mandou todos os bispos e mestres e commendadores, e quaesquer outras pessoas a que houvessem de dar pousadas de aposentadoria, que tivesem casas nas villas e logares de seu senhorio, que as corregessem todas até certo tempo, de guisa que podessem n'ellas pousar, e que fossem logo requeridos seus donos d'ellas e seus procuradores que as corregessem; e, se os senhores d'ellas ou seus procnradores fossem a ello negligentes, mandava aos juizes que dos seus bens dessem mantimento a taes que as fizessem correger; e se os juizes punham n'ello tardança mandava ao corregedor da comarca que pelos bens dos juizes as fizesse correger; e se o corregedor era negligente mandava el-rei que se corregessem pelos bens do corregedor; e d'esta guisa eram todos agucosos a pôr em obra o que el-rei mandava e os poderosos tinham casas em que pouzassem, relevando o povo de muita semrasão que antes d'isto padecia.

Muitas ordenações outras fez e mandou cumprir, por bom regimento e prol do seu povo, este nobre rei D. Fernando, que razoadas todas por miudo fariam tão grande tratado qual aqui não cumpre de ser escripto.

CAPITULO I

Como el-rei de Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando.

DEIXANDO estas cousas que dissemos, que se em outro logar tambem dizer não podem, e tornando ao começo do reinado d'este rei D. Fernando, deveis de saber que, partindo elle d'aquelle mosteiro aonde seu pae fôra trazido e elle levantado por rei, veiu-se a um castello que chamam Porto de Móz, onde esteve alguns dias, e, assim como se elle esperasse nova e grande guerra com algum rei seu visinho, mandou logo por todo o seu reino que soubessem parte quaes poderiam ter cavallos e armas e ser bésteiros e homens de pé; e isso mesmo fez vêr os castellos de que guisa estavam, e mandou-os repairar de muros e torres e cavas de redor, e poços e cisternas onde cumpriam; e ás portas, paredes, travessas e pontes levadiças e cadafalsos; e fornecel-os d'armas e cubas e d'outras vasilhas, segundo os logares onde

cada uns eram; e deu d'isto cargo aos corregedores das comarcas, e aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despeza.

D'ali partiu el-rei e veiu-se a Santarem, e no mez de março, estando elle em Alcanhões, termo d'esse logar, chegaram mensageiros d'el-rei d'Aragão, a saber, *monse* Alfonso de Crasto Novo e fr. Guilherme, mestre em theologia, da ordem dos pregadores, os quaes vinham para tratar paz e amisade entre el-rei d'Aragão, seu senhor, e o dito rei D. Fernando. E foi assim que, falando *monse* Alfonso sobre isto a el-rei, propoz ante elle os grandes assignados dividos que entre os reis d'Aragão e de Portugal de longos tempos houvera, por a qual rasão, com outras muitas boas, que a seu proposito trouve, veiu a concluir que vontade era d'el-rei, seu senhor, haver com elle boa e firme paz para sempre e ser seu verdadeiro amigo e de seus filhos e reinos e gentes a elles sujeitas.

A el-rei prouve de sua embaixada e deu-lhe boa e graciosa resposta; e firmaram suas avenças o mais firme que se fazer póde: que fossem ambos fielmente amigos, sem outra ajuda nem prestança que se prometessem fazer contra algum outro reino nem senhorio, posto que guerra acontecesse de haver com elle.

Semelhavelmente n'esta sazão ordenou el-rei de Castella d'enviar a elle seu certo recado, para haver com elle paz e amisade, e estando em Burgos fez seu procurador Diogo Lopes Pacheco, que em sua mercê então vivia, para vir tratar esta avença; e, não sendo ainda os embaixadores d'el-rei de Aragão partidos d'aquelle logar d'Alcanhões, chegou Diogo Lopes Pacheco, e devisado o dia para

falar a el-rei sobre aquillo porque vinha, propoz ante elle, dizendo assim:

«— Senhor. El-rei D. Henrique de Castella, meu senhor, me envia a vós com sua mensagem, como aquelle que deseja haver boa paz e amorio comvosco, e ser vosso verdadeiro amigo sem nenhum engano; e porem, antes que eu diga nenhuma cousa das por que a vós sou enviado, vos peço por mercê que praza a vossa grande alteza de me dizerdes declaradamente que vontade tendes em haver paz e amor com elle, para eu, com a mercê de Deus e vossa, dizer aquillo que me é mandado e tornar a elle com tal resposta qual cumpre de se dar entre tão nobres reis como vós sois e que hão entre si tão grandes e assignados dividos.»

A estas rasões, respondeu el-rei dizendo: «que elle bem sabia e era certo dos grandes e extremados dividos, assim de linhagem como de bons e compridos merecimentos, que entre elles sempre houvera como irmãos e amigos, os quaes, prazendo a Deus, elle tinha em vontade levar adiante com boa e aguisada rasão, e pois que Deus encommendara paz e amor entre os homens e extremadamente entre os reis mais que outros nenhuns, por seus reinos serem guardados de perigos, que elle por isto e por o logar que de Deus tinha sobre a terra qual sua mercê fôra de lh'o dar, e pelos grandes dividos que entre os reis de Portugal e de Castella sempre houvera serem accrescentados mais cada vez, que a elle prazia de ser seu verdadeiro amigo e haver com elle paz e bom amorio; e que porem elle dissesse sobre tudo o que lhe era mandado e rasoado parecesse de dizer.»

Então firmaram suas amisades e posturas, quaes

entre el-rei D. Pedro, seu pae, e el-rei D. Henrique de Castella antes d'isto foram firmadas, e feitas escripturas sobre ella, quejandas, viram que cumpria; partiu-se Diogo Lopes e foi-se seu caminho, e dizem que d'esta vez falou Diogo Lopes a el-rei como se queria vir para sua mercê.

CAPITULO II

Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra.

Convem que sigamos os feitos d'el-rei D. Pedro de Castella com seu irmão el-rei D. Henrique, no ponto que deixamos de fallar d'elles, e isto por de tudo haverdes em breve conhecimento e a ordenança de nossa obra não desvairar do seu primeiro começo; mórmente pois d'el-rei D. Fernando nenhuma couza temos que contar até a morte d'este rei D. Pedro.

E porém deveis de saber que feita esta alliança com el-rei D. Fernando de Portugal, e sendo certo el-rei D. Henrique das muitas gentes que o principe de Galles juntava para vir com el-rei D. Pedro, e como não tinham outro passo tão bom como pelas portas de Roncesvalles, que são no reino de Navarra, e isto cumpria por ser por grado d'el-rei e não d'outra guisa, trabalhou de se vêr com elle e ordenar como não houvesse por ahi passagem. E foi assim que se viram el-rei D. Henrique

e D. Carlos, rei de Navarra, em uma villa do extremo que dizem Santa Cruz de Campaço e ali fizeram seus preitos e menagens juradas sobre o Corpo de Deus, presentes muitos fidalgos: que el-rei de Navarra não desse passagem por aquelles portos ao principe nem a suas gentes, e que passando elles por força, o que entendia que não podia ser, que elle por seu corpo com todo seu poder fosse na batalha em ajuda d'el-rei D. Henrique.

E por segurança d'esta promessa poz el-rei de Navarra em arrefens tres castellos de sua terra, a saber, a Guarda e S. Vicente e o castello de Buradom, o qual havia de ter D. Lopo Fernandez de Lima, arcebispo de Saragoça, e *monse* Beltram de Claquim, um grande cavalleiro de França, que ajudava el-rei D. Henrique e o outro João Ramirez Darelhano; e havia de dar el-rei D. Henrique a el-rei de Navarra, por esta ajuda que lhe promettia, e por defender os portos a el-rei D. Pedro e ao principe, a villa do Gronho.

E estas avenças assim firmadas tornou-se el-rei de Navarra para Pamplona, e el-rei D Henrique se veiu a Burgos mui ledo, crendo que el-rei D. Pedro nem o principe não haviam poder de passar por aquella comarca dos portos de Roncesvalles, porquanto el-rei de Navarra lh'o podia mui bem defender e havia de ser em sua ajuda.

E de Burgos se veiu el-rei a Alfaro e ali se partiu d'elle *monse* Hugo de Carnaboi, inglez, com quatrocentos de cavallo, e foi-se para o principe, seu senhor, que da outra parte vinha; e el-rei D. Henrique, pero lhe muito pesou e lhe podera fazer nojo, não o quiz fazer, tendo que fazia direito em ir servir o principe, filho d'el-rei seu senhor.

CAPITULO III

Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles e juntaram suas gentes para entrar por Castella.

Tornando a contar d'el-rei D. Pedro, onde ficámos quando passou por Portugal, elle chegou a Baiona, segundo ouvistes, e não achou n'aquella cidade o principe de Galles, mas a poucos dias se viu com elle e falou com o principe quanto havia mister a ajuda de seu pae e sua; e elle lhe respondeu que el-rei de Inglaterra, seu senhor e pae, e elle isso mesmo, estavam mui prestes de o ajudar, e que já lhe escrevera sobre ello e que era bem certo que lhe prazeria. El-rei D. Pedro, mui ledo da resposta, foi em tanto vêr a princeza sua mulher, em uma villa que dizem Guchesma, e deu-lhe muitas joias das que trazia.

N'isto vieram cartas d'el-rei de Inglaterra a el-rei D. Pedro, em que lhe fez saber como escrevia ao principe seu filho e ao duque d'Alencastre seu irmão, que por seus corpos, com as mais gentes

que haver podessem, o ajudassem a pôr em posse de seu reino; e isso mesmo vieram outras cartas ao principe, em que lhe el-rei fez saber quanto lhe prazeria de toda ajuda que lhe fosse feita por elle e pelos seus, aos quaes escrevia que se juntassem todos com elle; e d'ali adeante começou o principe de mandar por gentes, e juntaram-se muitas para esta cavalgada.

E accordaram el-rei D. Pedro e o principe o que haviam d'haver suas gentes de soldo, e fazia-lhes el-rei pago em ouro e joias, assim das dobras que levava como d'ouro amoedado, que lhe o principe emprestara sobre pedras de gran valor. E foi tratado n'estas avenças que el rei D. Pedro desse ao principe terra de Biscaya e a villa de Castro Dordialles, e a *monse* João Chantes, condestavel de Guiana, que era um bom e grande cavalleiro, muito privado do principe, a cidade de Soria; e accordaram mais que, até que o principe e todos os seus houvessem pagamento de que haviam d'haver do tempo que servissem e estivessem em Castella, ficassem em tanto em Baiona, em maneira d'arrefens, as suas tres filhas d'el-rei. E, juntas as companhas para entrarem em Castella, fizeram saber a el rei de Navarra que lhes desse passagem pelos portos de Roncesvalles, e que fosse com elles por corpo na batalha, e que lhe daria el-rei D. Pedro por isto as villas do Gronho e de Bitoria; e el-rei de Navarra, sabendo como as gentes do principe eram muitas mais que as d'el-rei D. Henrique, outhorgou de as deixar passar e de ser com elle na batalha por corpo.

CAPITULO IV

Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro.

El-rei de Navarra, posto em gran cuidado, por a promessa que feita havia a el-rei D. Henrique e depois a el-rei D. Pedro, que era seu contrario, fel-o de feito, porém feiamente.

E foi assim que depois que deu logar ás gentes d'el-rei D. Pedro e do principe, que passassem pelos portos de Roncesvalles, havendo receio de ser na batalha, não quiz attender em Pamplona, mas deixou ahi Martim Henriquez, seu alferes, com trezentas lanças, que se fosse com elles; e foi-se a uma sua villa que chamam Tudella, que é cêrca do reino d'Aragão, e ali tratou com um cavalleiro primo de *monse* Beltram de Claquim, que diziam *monse* Oliver de Manar, que estava na villa de Borja, que era sua, que fizesse d'esta guisa: que el-rei de Navarra andaria á caça entre Borja e Tudella, que eram quatro leguas d'uma á outra, e que

monse Oliver sahisse a elle e o prendesse e levasse preso ao castello, e que o tivesse ali preso em Borja, até que a batalha entre el-rei D. Pedro e el-rei D. Henrique fosse acabada; e d'esta maneira teria boa escusa que não podera por seu corpo ser com elle na batalha, e que por isto lhe daria el-rei de Navarra, em moradia, uma sua villa què chamam Gabrai, com tres mil francos de renda.

Ordenado isto, e feitas suas juras e promettimentos, foi-se el-rei um dia á caça e sahiu a elle *monse* Olivier, e prendeu-o e teve-o preso até que a batalha fosse feita; e então cuidou el-rei outra arte porque sahisse de seu poder sem lhe dar nenhuma cousa, e tratou com elle que lhe deixaria ali em refens o infante D. Pedro seu filho, e que *monse* Oliver o levasse á sua villa de Tudella, e que ali lhe daria recado de tudo o que com elle pozera.

Monse Oliver disse que lhe prazia, e troveram o infante e elle foi-se com el-rei; e, elles em Tudella, mandou el-rei prender *monse* Oliver e um seu irmão, e o irmão, fugindo por uns telhados, foi morto: e preso *monse* Oliver, deram o infante D. Pedro por elle.

Assim que n'esta preitesia elle perdeu o irmão e nenhuma cousa houve do que promettido fôra.

CAPITULO V

Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha.

QUANDO el-rei D. Henrique soube como o principe, com suas gentes, passaram as portas de Roncesvalles, por grado d'el-rei de Navarra, e como se partira da cidade de Pamplona e se fizera prender por arte, ajuntou suas companhas e foi-se aposentar cêrca de S. Domingos da Calçada, em um azinhal mui grande que ahi está, e ali fez alardo e partiu e passou o Ebro, e poz seu arraial cêrca da aldeia de Anastro; e ahi lhe disseram como uns seiscentos de cavallo, dos seus, entre castellãos e ginetes, que elle mandara por cobrar a villa Dagreda, que estava contra elle, eram passados para el-rei D. Pedro, e el-rei D. Henrique não curou d'aquillo, mas cada dia ordenava suas gentes para a batalha.

E os estrangeiros que com elle estavam d'Aragão eram estes: D. Affonso, filho do infante D. Pedro,

neto d'el-rei D. James; D. Philippe de Castro, ricohomem, cunhado d'el-rei D. Henrique, casado com sua irmã D. Joanna; D. João de Luna, D. Pedro Boil, D. Pero Fernandez Dixar, D. Pedro Jordam Durres, e outros; e de França eram ahi estes cavalleiros: *monse* Beltram de Claquim, e o mariscal de França, e o begue de Vilhenes e outros; e de Castella e de Leão eram ahi todos os senhores e fidalgos e, salvo D. Gonçalo Mexia e D. João Affonso de Gusman.

E, porque soube que seus inimigos vinham a pé, ordenou sua batalha por esta guisa:

Na deanteira, poz a pé *monse* Beltram e os outros cavalleiros francezes e com o seu pendão da banda que levava Pero Lopez d'Ayala, D. Sancho seu irmão, e Pero Manrique, adeantado-mór de Castella, e Pero Fernandez de Vallasco, e Gomez Gonçalves de Castanheda, e João Rodrigues, e Pero Rodrigues Sarmento, e Rui Dias de Bojas, e d'outros cavalleiros até mil homens d'armas pé terra.

A' mão esquerda da batalha, onde estavam os que iam de pé, poz el-rei em uma ala que fossem a cavallo o conde D. Tello seu irmão e D. Gomes Perez de Parras, prior de S. João, e outros fidalgos até mil de cavallo, em que iam muitos cavallos armados.

Na outra ala da mão direita dos que iam tambem de pé, poz el-rei a cavallo D. Affonso, neto d'el-rei D. James, e D. Pedro Moniz, mestre de Calatrava, e D. Fernão Osorez, e D. Pedro Rodriguez do Sandoval; e eram n'esta batalha outros mil de cavallo e muitos cavallos armados.

Na batalha de meio d'estas duas batalhas, ia el-rei D. Henrique e o conde D. Affonso seu filho, e

o conde D. Pedro seu sobrinho, filho do mestre D. Fradrique, e Inhego Lopez de Orosco, e Pero Gonçalvez de Mendonça, e D. Fernão Perez d'Ayala, e *micer* Ambrosio, almirante, e outros que dizer não curamos, até mil e quinhentos de cavallo; e assim eram por todos quatro mil e quinhentos de cavallo, afóra muitos escudeiros das Asturias e de Biscaya, que pouco aproveitaram, porque toda a peleja foi dos homens d'armas.

N'isto enviou el-rei de França suas cartas a el-rei D. Henrique, em que lhe enviava dizer e rogar que escuzasse aquella batalha e fizesse guerra por outra guisa, ca fosse certo que com o principe vinha a flôr da cavallaria do mundo, e que o principe e aquellas gentes não eram de condição para muito durarem no reino de Castella, e d'ahi a pouco se tornariam, e que porém desviasse aquella peleja a todo seu poder que se não fizesse.

E escreveu áquelles cavalleiros francezes que assim lh'o aconselhassem, os quaes, falando a el-rei sobre isto, respondeu elle que o falaria em segredo com os seus; e todos lhe aconselharam que todavia pozesse a batalha, ca, se sómente fizesse mostrança e pozesse duvida em não querer pelejar, que os mais do reino se partiriam d'elle e se iriam para el-rei D. Pedro, e isso mesmo fariam as villas e cidades, pelo grão medo que d'elle haviam; e se vissem que elle queria pelejar que todos esperavam a ventura da batalha, a qual fiavam na mercê de Deus que elle venceria.

E esta resposta deu el-rei a *monse* Beltram e aos outros, e determinou de pôr batalha.

CAPITULO VI

Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha, e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro.

Da parte d'el-rei D. Pedro, foi ordenada a batalha d'esta maneira:

Elles todos vinham pé terra, e na vanguarda vinha o duque d'Alencastre, irmão do principe, a que diziam D. João, e *monse* João de Chantos, condestavel pelo principe em Guiana, e *monse* Ruberte Chaullos, e *monse* Hugo Carvaloi, e *monse* Oliver, senhor de Absom, e muitos outros cavalleiros d'Inglaterra, que eram tres mil homens d'armas, assás de bons e usados em guerra.

E na ala da mão direita vinham o conde Darminhaque, e o senhor de Leberte e seus parentes, e o senhor de Rosam, e outros cavalleiros de Guiana, do bando do conde de Foix, e muitos capitães de companhias, até dois mil homens d'armas.

Na batalha postumeira vinha el-rei D. Pedro, e el-rei de Neapol, e o principe de Galles, e o pendão

d'el-rei de Navarra com trezentos homens d'armas, e muitos cavalleiros d'Inglaterra, até tres mil lanças.

Assim que eram por todos dez mil homens d'armas e outros tantos frecheiros, e estes homens d'armas eram então a flor da cavallaria do mundo, ca era paz entre França e Inglaterra, e todo o ducado de Guiana e Arminhaques, e do condado de Foix, e todos os cavalleiros e ricos-homens de Bretanha, e toda a cavallaria d'Inglaterra; e vinham com el-rei D. Pedro, dos seus, até oitocentos homens d'armas, de castellãos e ginetes.

E d'esta maneira foram ordenadas as batalhas de cada uma parte para o dia que se houvesse de fazer, e partiu el-rei D. Henrique d'aquelle logar onde estava, e foi-se contra aquella comarca d'onde el-rei D. Pedro era, e poz seu arraial em uma serra alta que está sobre Alava, onde as gentes d'el-rei D. Pedro não podiam pelejar com elles, pela fortaleza do assentamento, e cobraram os inglezes esforço por isto, porquanto viram que el-rei D. Henrique se pozera n'aquella serra e não descia ao campo, onde elles estavam prestes para lhe dar batalha; e ali soube el-rei D. Henrique como muitos do principe se estendiam pela terra a buscar viandas, e mandou lá alguns capitães com gentes e acharam-n'os derramados buscando viandas, e tomaram-n'os todos; e duzentos homens d'armas e outros tantos frecheiros acolheram-se a um outeiro, e, pero se bem defendessem, em cima, foram mortos d'elles e os outros tomados.

El-rei D. Pedro e o principe, que estavam alem da villa de Bitoria, quando souberam que as gentes d'el-rei D. Henrique ali eram, cuidaram que era elle

que lhe vinha pôr a batalha, e pozeram-se todos em um outeiro álem de Bitoria, que dizem S. Romão, e ali reglaram sua batalha; e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro de mão do principe, e outros muitos áquella hora, e tornaram-se os d'el-rei D. Henrique para seu arraial, e não se fez mais aquelle dia.

CAPITULO VII

Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das rasões conteúdas n'ella.

Sabendo el-rei D. Henrique como el rei D. Pedro e o principe de Galles iam caminho do Gronho por passar o rio Debro, partiu d'onde estava e foi-se para Najara, e poz seu arraial áquem da villa, em guisa que o rio de Najara estava o seu arraial e o caminho por hu el-rei D. Pedro havia d'ir. El-rei D. Pedro e o principe, com suas gèntes, partiram do Gronho e vieram para Navarrete, e d'ali enviou o principe a el-rei D. Henrique um seu arauto com uma carta, que dizia assim: «Eduardo, filho primogenito d'el-rei d'Inglaterra, principe de Galles e de Guiana, e duque de Cornoalha, e conde de Cestre. Ao nobre e poderoso principe D. Henrique, conde de Trastamara.

«Sabei que n'estes dias passados o mui alto e mui poderoso principe D. Pedro, rei de Castella e de Leão, nosso mui caro e mui amado parente,

chegou ás partes de Guiana onde nós estavamos, e fez-nos entender que, quando el-rei D. Affonso, seu pae, morreu, todos os povos dos reinos de Castella e de Leão pacificamente o tomaram por seu rei e senhor, entre os quaes vós fostes um dos que assim lhe obedeceram e estivestes grão tempo em sua obediencia.

«E diz que depois d'isto, pode ora haver um anno, vós, com gentes extranhas, entrastes em seu reino e lh'o tendes occupado por força, chamando-vos rei de Castella, tomando-lhe seus thesouros e rendas, dizendo vós que o defendereis d'elle e d'aquelles que o ajudar quizerem; da qual cousa somos mui maravilhado que um tão nobre homem como vós, e de mais filho de rei, fizesses cousa vergonhosa contra vosso rei e senhor.

«E o dito rei D. Pedro enviou mostrar estas cousas a el-rei d'Inglaterra, meu senhor e pae, e lhe requereu que, pelo grão divido de linhagem que entre as casas d'Inglaterra e de Castella houveram em um e pelas ligas e amisades que com o dito rei meu senhor e commigo tinha feitas, o quizesse ajudar a cobrar seu reino e senhorio.

«El-rei meu senhor e pae, vendo que el-rei D. Pedro seu parente lhe enviava pedir cousa justa e arrasoada a que todo rei deve d'ajudar, prouve-lhe fazel-o assim, e mandou-nos que com todos seus vassallos e amigos o houvessemos ajudar, segundo a sua honra pertence, pela qual rasão somos aqui chegados e estamos n'este logar de Navarrete, que é nos termos de Castella.

«E porque se vontade de Deus fosse de se escusar tão grande espargimento de sangue de christãos, como é por força de ahi haver se a batalha

se fizer, de que Deus sabe que a nós pesa muito, vos rogamos e requeremos da parte de Deus e do martyr S. Jorge que, se vos praz que nós sejamos bom medianeiro entre o dito rei D. Pedro e vós, nol-o façaes saber, e nós trabalharemos como vós hajaes em seus reinos e em sua boa graça e mercê tão gran parte por que mui abastadamente possaes manter vosso bom e honrado estado; e, se algumas outras cousas entendeis de livrar com elle, com a mercê de Deus entendemos de pôr ahi tal meio como vós sejaes de todo bem contento.

«E se vos d'isto não praz, e quereis que se livre por batalha, sabe Deus que nos despraz d'ello muito, pero não podemos escusar de ir com el-rei D. Pedro, nosso parente e amigo, por seu reino, e se nos alguns quizerem embargar o caminho nós fazemos muito pelo ajudar, com a ajuda e graça de Deus.

«Escripta em Navarrete, villa de Castella, primeiro dia d'abril.»

CAPITULO VIII

Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao principe por sua carta.

El-rei D. Henrique, vendo esta carta, recebeu bem o arauto e deu-lhe pannos d'ouro e dobras, e houve conselho como responderia ao principe, porque alguns diziam que, pois lhe não chamara rei, lhe escrevesse por outra maneira; e accordaram que lhe escrevesse cortezmente, e foi a carta n'esta forma:

«D. Henrique, pela graça de Deus, rei de Castella e de Leão. Ao mui alto e mui poderoso principe D. Duarte, filho primogenito d'el-rei d'Inglaterra, principe de Galles e de Guiana, e duque de Cornoalha, e conde de Cestre.

«Recebemos por um arauto vossa carta, na qual se continham muitas rasões que vos foram ditas por esse nosso adversario que ahi é, e não nos parece que fostes bem informado, como assim seja que nos tempos passados elle regeu estes reinos de

tal maneira que todos o que o sabem e ouvem se podem maravilhar de tanto tempo ser soffrido no senhorio que teve.

«E todos os dos reinos de Castella e de Leão, com grão damno e trabalho e mortes e perigos e malezas que seriam longas de contar, supportaram até aqui seus feitos, os quaes não poderam mais encobrir nem soffrer; e Deus por sua mercê, havendo piedade de todos os d'estes reinos por tão grande mal não ir mais adeante, sem lhe fazendo nenhum de sua terra, salvo obediencia qual devia.

«E estando todos com elle em Burgos, para o servir e ajudar a defender seus reinos, deu Deus sentença contra elle, e de sua vontade propria os desamparou e se foi, e todos os de seu senhorio houveram mui grande prazer, tendo que Deus enviara sobre elles a sua misericordia, por os livrar de tão duro e tão perigoso senhorio que tinham; e todos os dos ditos reinos, assim prelados como cavalleiros e fidalgos e cidadãos, de sua vontade vieram a nós e nos receberam por seu rei e senhor; assim que entendemos, por estas cousas sobreditas, que isto foi obra de Deus.

«E portanto, pois por vontade de Deus e de todos os do reino nos foi dado, vós não tendo rasão por que nos hajaes d'estorvar, e se batalha houver de ser sabe Deus que nos despraz d'ello, pero não podemos escusar de pôr nosso corpo por defender estes reinos, a que teúdos somos, áquelle que contra elles quer ser; e por onde vos rogamos e requeremos, da parte de Deus e do apostolo S. Thiago, que vos não queiraes tremetter assim poderosamente de em nossos reinos fazerdes damno, ca fazendo-o não podemos escusar de os defender.

«Escripta no nosso arraial cêrca de Fajara, segundo dia d'abril.

Mostrou o principe esta carta a el-rei D. Pedro, e disseram que estas rasões não eram bastantes para se escusar de não pôr logo a batalha, e pois todo era na vontade de Deus que com sua mercê fosse assim o livrasse.

CAPITULO IX

Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique.

Já ouvistes como el-rei D. Henrique tinha seu arraial posto por onde havia de vir el-rei D. Pedro, de guisa que o rio de Najara estava entre uns e outros, e houve então seu conselho de passar o rio e pôr a batalha em uma grande praça que é contra Navarrete, por onde os inimigos haviam de vir, e d'isto pesou a muitos dos seus, porque tinham á primeira seu arrail posto com mór vantagem do que o depois tiveram; mas el-rei D. Henrique era homem de grão coração e esforço, e disse que não queria pôr batalha, salvo em na praça chã, sem vantagem nenhuma.

E el-rei D. Pedro e o principe, com todas suas companhas, partiram de Navarrete sabbado pela manhã, pozeram-se todos pé terra ante uma gran peça que chegassem aos d'el-rei D. Henrique, ordenados em batalha segundo havemos contado. El-rei

D. Henrique isso mesmo ordenou sua batalha na maneira que dissemos, e ante que as batalhas juntassem, alguns ginetes e o pendão de Santo Estevão, com homens d'esse logar que estavam com el-rei D. Henrique, passaram-se para el-rei D. Pedro.

N'isto moveram as batalhas e chegaram uns aos outros, e o conde D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, e *monse* Beltram e todos os cavalleiros que estavam com o pendão da banda foram ferir na vanguarda, onde vinha o duque de Alencastre e o condestavel, e os da parte d'el-rei D. Pedro e do principe traziam todos cruzes vermelhas em campo branco, e os d'el-rei D. Henrique levavam esse dia bandas; e assim de vontade juntaram uns com os outros que cahiram as lanças a todos, e começaram de se ferir ás espadas e achas e porras, chamando os da parte d'el-rei D. Pedro «Guiana S. Jorge» e os d'el-rei D. Henrique «Castella S. Thiago;» e tão rijamente se feriram que os da vanguarda do principe se começaram de retrahir quanto seria uma passada, e foram alguns d'elles derribados, em guisa que os d'el-rei D. Henrique cuidaram que venciam, e chegaram-se mais a elles e começaram-se outra vez a ferir.

D. Tello, irmão d'el-rei D. Henrique, que estava de cavallo, da mão esquerda da vanguarda d'el-rei D. Henrique, não movia para pelejar, que foi um grande azo de se perder a batalha, e por que lhe el-rei D. Henrique depois sempre quiz mal; e os da ala direita da vanguarda do principe aderençaram contra D. Tello, e elle e os que com elle estavam não os ousaram d'attender, e moveram do campo a todo romper, seguindo-os os d'aquella ala que iam a D. Tello, e, vendo que lhe não podiam

empecer, tornaram sobre as espaldas dos que estavam de pé na vanguarda d'el-rei D. Henrique, com o pendão da banda que pelejaram com a vanguarda do principe, e ferindo-os pelas espaldas começaram de matar d'elles, e isso mesmo fez a outra ala da mão séstra da vanguarda do principe, depois que não achou gentes de cavallo que pelejassem com elles; assim que ali era toda a pressa da batalha, sendo D. Sancho e os outros todos cercados de cada parte dos inimigos, porém o pendão da banda ainda não era derribado.

E el-rei D. Henrique, como ardido cavalleiro, chegou por vezes em cima de seu cavallo, armado de loriga, ali hu era a pressa tão grande, por occorrer aos seus, tendo que assim o fariam os outros que estavam com elle de cavallo; e quando viu que os seus não pelejavam, não poude soffrer os inimigos e houve de volver costas e todos os que com elle eram, e d'esta guisa se perdeu a batalha.

E affirma-se, se é verdode, que, sendo a batalha da sua parte bem pelejada, era gran duvida não ser el-rei D. Pedro desbaratado, e assim, mal como ella foi, se não fôra o grande esforço e ardideza do principe e do duque d'Alencastre, que eram extremados homens d'armas, ainda o vencimento d'ella esteve em grande aventura, e foram mortos dos de pé que guardaram o pendão da banda, e entre cavalleiros e homens d'armas até quatrocentos, e presos outros muitos, assim como D. Sancho, e *monse* Beltram, e o mariscal, e D. Philippe de Castro e outros, cujos nomes deixamos por não alongar.

E dos de cavallo foram isso mesmo presos o conde de Denja, e o conde D. Affonso, e o conde D. Pedro, e o mestre de Calatrava, e outros que

dizer não curamos, e foram mortos, no encalso até villa de Najara, muitos d'el-rei D. Henrique; e matou el-rei D. Pedro depois por sua mão, tendo preso, um cavalleiro do principe, Inhego Lopez de Orosco, e fez matar Gomes Carrilho de Quintina, camareiro mór d'el-rei D. Henrique, e Sancho Sanchez de Orosco, e Garcia Jofre Tenoiro, que foram presos na batalha, e tiveram-n'o todos a mal; e foi esta batalha vencida sabbado de Lazaro, seis dias d'abril da era de Cesar de mil e quatrocentos e cinco annos.

CAPITULO X

Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia mortes e como se livrou por juizo de cavalleiros.

No dia seguinte, que era domingo, trouveram ante o principe todos os prisioneiros que na batalha foram tomados, porque dizia el-rei D. Pedro que alguns contra que elle passara por sentença lhe deviam ser entregues, para d'elles fazer justiça; entre os quaes veiu o mariscal de França, homem de sessenta annos e mais, e o principe, quando o viu, chamou-lhe traidor e fementido que merecia morte, e o mariscal respondeu dizendo: «Senhor, vós sois filho de rei e não vos respondo como poderia n'este caso, mas eu não sou traidor nem fementido»; e o principe disse que queria estar a juizo de cavalleiros e que lh'o provaria, e elle disse que sim, e foram juizes doze cavalleiros de desvairadas nações; e disse o principe contra elle que na batalha de Piteus, que elle vencera, onde fôra preso el-rei de França, e fôra elle seu prisioneiro e posto

a rendição, e lhe fizera preito e menagem sob pena de traição e fementido, que se não fosse em companha d'el-rei de França ou com algum de seu linhagem da flôr de lys, que se não armasse contra el-rei d'Inglaterra nem contra o principe, até que sua rendição fosse pagada, o que ainda não era; e ora não foi n'esta batalha el-rei de França nem homem de seu linhagem, e vejo-vos armado contra mim, não tendo pagado o por que ficastes, e portanto haveis cahido em mau caso.

Muitos cuidaram, ouvindo aquisto, que o mariscal tinha muito mau feito e que se não escusava de morte por ello; e disse o principe ao mariscal que seguramente dissesse todo o que entendesse por defender sua fama e honra, ca isto era feito de guerra entre cavalleiros; e elle respondeu dizendo que verdade era todo o que dizia. «Mas eu, senhor, disse elle, não me armei contra vós como capitão d'esta batalha, ca el-rei D. Pedro o é, a cujas gajas como soldadeiro vós aqui vindes, e, pois vós não sois o capitão e vindes assoldadado, eu não errei em me armar contra vós, salvo contra el-rei D. Pedro, cuja é a requesta d'esta batalha.»

Os juizes disseram ao principe que o mariscal respondia mui bem, com direito, e deram-n'o por quite da accusação que lhe fazia; e foi bem notada esta resposta, de guisa que por tal sentença se livravam depois semelhantes casos, quando aconteciam na guerra.

CAPITULO XI

Das razões que el-rei D. Pedro houve com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.

Na segunda feira, partiu el-rei e o principe do campo para a cidade de Burgos, não bem contentes, por duas rasões : a primeira, porque o dia da batalha matara el-rei por sua mão Inhego Lopez de Orosco, tendo-o preso um cavalleiro gascão, o qual se queixou ao principe como lhe fizera perder seu prisioneiro, e da deshonra que lhe havia feita ; e o principe disse a el-rei que bem parecia que não havia vontade de lhe guardar o que com elle pozera, pois este que era um dos principaes capitulos, que não matasse nenhum homem de conta sem primeiro sendo julgado, elle começava de quebrantar; e el-rei se escusou o melhor que poude. A outra razão, porque o domingo depois da batalha pediu el-rei D. Pedro ao principe que todos os cavalleiros e escudeiros castellãos, que de conta eram, lhe fossem entregues por arrasoados preços,

pelos quaes ficasse o principe áquelles que os tinham, que elle lhes faria uma obrigação por o que ahi montasse, e que havendo taes homens que falaria com elles em tal maneira que ficassem da sua parte; e por esta cousa se aficou muito el-rei D. Pedro, dizendo que se d'outra guisa se livrassem que sempre seriam em seu serviço.

O principe disse que não pedia razão, ca os prisioneiros eram d'aquelles que os tinham, e que eram taes homens que por mil tanto do que valiam não lhe daria nenhum o que tivesse, ca logo cuidariam que os comprava para os matar, e que d'isto não se trabalhasse, ca não era cousa para vir a fim.

El-rei D. Pedro disse que, se estas cousas assim haviam de passar, que fazia conta que o principe o não ajudara, e que mais perdido tinha então seu reino que da primeira, e que dispendera seus thesouros de balde.

O principe houve melancolia e disse a el-rei: «Parente senhor, a mim parece que vós tendes agora mais forte maneira para perder o reino do que tivestes quando o regieis e governastel-o de tal guisa que o houvestes de perder; porém, vos aconselho que tenhaes tal geito com todos que cobreis os corações dos grandes e fidalgos de vossa terra, e se o fizerdes como da primeira estaes em ponto de perder o reino e vossa pessoa, e el-rei meu senhor nem eu não vos poderemos mais accorrer.»

CAPITULO XII

Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha.

Passadas estas cousas, fez o principe requerer por alguns dos seus a el-rei D. Pedro, como bem sabia que fôra ordenado entre elles, que assim a elle como aos outros senhores e gentes d'armas que ali eram fossem pagas suas gajas e estados e soldos a cada um, sem nenhuma falta que n'ello houvessem.

E como quer que el-rei havia pago em Bayona a elle e aos outros parte do que haviam d'haver, que porém elle ficava em divida de grandes quantias a todos elles, pelas quaes elle fizera juramentos e menagens aos seus com os d'el-rei, segundo bem sabia; e portanto fosse sua mercê, pois já estava em posse de seu reino, de ordenar como houvessem pagamento e elle fosse fóra das obrigações que lhes feitas havia.

Além d'isto, pois lhe de seu grado promettera, sem lh'o elle requerer, que em todas guisas queria que houvesse alguma terra e renda no reino de Castella, e lhe outhorgara o senhorio de Biscaya e a villa de Castro Urdiales, segundo por suas cartas tinha outhorgado, que lhe aprouvesse de o cumprir assim, para se tornar cedo para sua terra, ca não era proveito, mas perda grande, estar muito tempo com tantas gentes em seus reinos accrescentando despeza.

El-rei ouviu isto que lhe disseram, e mandou-lhe responder, por outros, que verdade era o que dito haviam, e que lhe prazia de cumprir tudo o que promettera, porém que sobre a paga da divida quizera el-rei pôr revolta, dizendo que pagara grandes soldos e gajas em joias e pedras, havendo-as d'elle por mais pouco preço d'aquillo que valiam; e o principe dizendo que os seus foram aggravados em tal paga, dando-lhes pedras e joias que lhe não cumpriam, e não moeda, que mister haviam para comprar cavallos e armas para o servirem, assim que de tal cousa não devia de fazer palavra; e disse mais o principe que, ao que el-rei dizia — que lhe deixasse mil lanças dos seus a sua despeza e gajas e soldo, até que fosse bem assocegado no reino — que bem lhe prazia, mas que os seus queriam vêr primeiro como pagavam os homens d'armas do tempo todo que haviam servido.

Sobre isto, passaram muitas falas e rasões entre el-rei D. Pedro e o principe; no fim, accordaram fazer conta das gentes que vieram, e que houveram de soldo, e quanto lhes deviam, e acharam que montava em todo mui grande quantia, pela qual o principe pediu que lhe desse vinte castellos, quaes elle

nomeasse, em refens, por segurança da paga, e que a cidade de Soria, que promettida havia a *monse* João, condestavel, por suas cartas, que lh'a fizesse entregar.

El-rei disse que por nenhuma guisa não podia taes castellos pôr em fieldade, ca diriam os do reino que queria dar a terra a gentes extranhas, nem as mil lanças que lhe requeria, que não havia por bem de ficarem em seu reino, mas que o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales e Soria a *monse* João que bem lhe prazia de o outhorgar.

E sobre estas cousas houve muitos debates, falando-se tudo por aquelles de que fiavam, dizendo o principe que queria saber como haviam de ser pagos os seus, e elle ser fóra de sua obrigação.

El-rei lhe enviou dizer que logo mandava por todo seu reino a pedir ajuda para paga d'estas dividas, e que a um dia certo lhe faria paga de metade; e pelo mais tivessem em refens as suas tres filhas que em Bayona ficaram, até que fosse pago de tudo. E deu lhe cartas por que entregassem ao principe terra de Biscaya e a *monse* João terra de Soria, e ao principe não se quizeram dar os moradores da terra, pero lá mandou seu recado, porque lhes escreveu el-rei caladamente d'outra guisa que se lhe não dessem; e ao condestavel pediram dez mil dobras de chancelleria da carta e elle não a quiz tomar, dizendo que lhe não pediam tanto, salvo por lhe não darem a dita cidade.

O principe, vendo como estas cousas iam por dar logar que el-rei não se tivesse por mal contente d'elle, disse que lhe prazia attender alguns dias em Castella, e que lhe fizesse el-rei juramento de lhe cumprir tudo o que havia promettido; e el-rei disse

que lhe prazia, e accordaram que viesse o principe das Olgas de Burgos, onde pousava, dentro á cidade, á egreja de Santa Maria, e que lhe jurasse el-rei publicamente, perante todos, a lhe cumprir todas as cousas que entre elles eram devisadas.

O principe disse que não iria dentro, salvo que lhe dessem uma porta da cidade com sua torre, em que pozesse gente d'armas por sua segurança; e el-rei lh'a mandou dar, e foram postos na torre homens d'armas e frecheiros, e a fundo da porta, em uma grande praça que se fazia dentro, contra a cidade, poz o principe mil homens d'armas, e fóra da cidade, ao redor do mosteiro onde elle pousava, as mais das gentes que convieram, todos armados.

Entrou o principe dentro na cidade por aquella porta que era guardada, e iam de béstas elle e seu irmão, pero não armados, e ao redor d'elle alguns capitães e outros homens d'armas até quinhentos, e assim chegou á egreja maior, onde haviam de ser os juramentos. El-rei D. Pedro veiu ali, e publicamente leram as escripturas do que el-rei D. Pedro era teúdo de dar ao principe e aos seus, e como se obrigava de dar a elle ou a seus thesoureiros metade da quantia d'aquelle dia a quatro mezes dentro em Castella e a outra metade em Bayona d'ahi a um anno, por a qual tivesse em refens suas filhas, que lá ficaram quando d'ahi partira.

Outrosim, jurou el-rei aquelle dia que faria entregar o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales ao principe, e a *monse* Chantos, condestavel de Guianna, a cidade de Soria, que lhe promettido havia. Feito isto, foi-se el-rei para seu paço e o principe para o mosteiro onde pousava; el-rei D. Pedro o foi depois vêr, e disse como havia enviado muitos

por seu reino, para juntar dinheiros para a primeira paga, e, por dar aguça muito maior n'ello, que elle mesmo queria ir pela terra, por pôr nello melhor recado.

O principe disse que fazia bem e lh'o agradecia, por manter sua verdade e juramentos que fizera; e disse-lhe mais que a elle era dito que elle mandava suas cartas aos de terra de Biscaya que o não tomassem por senhor, e que isto não podia crêr, e que lhe rogava que lh'a fizesse entregar, como lhe havia promettido, e a cidade de Soria ao condestavel. E el-rei disse que nunca taes cartas mandara, e que de a haver e lhe ser entregue lhe prazia muito, e que em tudo lhe poria bom remedio n'este espaço dos quatro mezes; e assim se despediu d'elle.

CAPITULO XIII

Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal.

Partiu el-rei D. Pedro de Burgos, e o principe para um logar que dizem Arrusto; e indo el-rei para Toledo, antes que chegasse á cidade, mandou matar Ruy Ponce Palomeque, cavalleiro, e Fernão Martins, homem honrado do logar porque andaram com el-rei D. Henrique depois que entrara no reino, e levou refens dos da cidade por ser d'elles seguro; e d'ali partiu e chegou a Cordova, e d'ahi a dois dias armou-se de noite e, com outros, andou pela cidade por casas certas e fez matar dezeseis homens dos honrados que n'ella havia, dizendo que estes foram os primeiros que foram receber el-rei D. Henrique quando ali chegara.

D'ali se partiu e foi a Sevilha, e antes que chegasse fez matar *micer* Gil Bocca Negra, almirante de Castella, e D. João, filho de D. Pedro Ponce de

Leon, e Affonso Arcas de Cadios, e Affonso Fernandez, e outros; e mandou a Martim Lopez de Cardova, mestre de Calatrava, que estava n'essa cidade, que matasse D. Gonçalo Fernandez de Cardova e D. Affonso Fernandez, senhor de Montemayor, e Diego Fernandez, aguazil-mór da cidade, e elle não o quiz fazer, entendendo que faria mal, e el-rei D. Pedro houve d'elle queixume por isto, e ordenou que o prendessem por traição, e a rogo d'el-rei de Granada, por receio que el-rei d'elle houve, soltou D. Martim Lopez e assim escapou de morte; e por queixume que el-rei havia de D. João Affonso de Gusman, que depois foi conde de Nebra, porque se não fôra nem chegara a elle quando outra vez foi o alvoroço de Sevilha, que el-rei D. Pedro fugira para Portugal e o não achou na cidade para o prender, mandou matar D. Branca, sua mãe, de cruel morte, e tomou todos os bens que ambos haviam; e mandou matar Martinhanes, seu thesoureiro-mór, a que fôra tomada a galé do haver, segundo haveis ouvido.

Estando el-rei assim em Sevilha, mandou a Portugal, a el-rei D. Fernando, Matheus Fernandez, seu chanceller-mór e do seu conselho, para tratar com elle paz e amisade, o qual chegou a Coimbra, onde el rei D. Fernando era então, e tratou com elle e disse que el-rei D. Pedro queria com elle paz e amisade e ser seu verdadeiro amigo por sempre em todas as cousas que cumprisse, e confirmaram suas amisades o mais firmemente que poderam, fazendo sobre ello suas escripturas quaes para tal feito cumpriam; e, partido o embaixador de Castella, mandou el-rei D. Fernando João Gonçalves, do seu conselho, para confirmar este amor e paz que o procu-

rador d'el-rei D. Pedro com elle tratara, e João Gonçalves chegou a Sevilha, e el-rei confirmou tudo o que Matheus Fernandez havia tratado; e veiu-se João Gonçalves, e el-rei D. Pedro mandou outra vez João de Cayom, seu alcaide-mór, que chegasse a el-rei D. Fernando e lhe requeresse que ratificasse a amisade que feita haviam, e elle chegou a Tentugal, onde el-rei então estava, e, requerido por elle, outhorgou el-rei D. Fernando a paz e amor que antes d'isto feito havia, e recebeu d'elle o mensageiro preito e menagem por aquellas avenças, e despediu-se d'el-rei e foi-se caminho de Sevilha.

Onde deixamos estar el-rei D. Pedro, e tornemos a contar d'el-rei D. Henrique que se fez d'elle depois que fugiu da batalha até que tornou outra vez a Castella, e isso mesmo de sua mulher e filhos; ca posto que antes queriamos dizer da paga que el-rei D. Pedro fez ao principe, e como lhe entregou as terras que lhe de dar havia, e se despediu d'elle e foi para sua terra, que era rasão de dizermos primeiro, nós isto fazer não podemos, porque nas obras dos antigos que antes de nós fizeram historias taes cousas não achamos nas escripturas a nós por elles communicadas, antes entendemos que foi pelo contrario e que nunca lhe mais fez pagamento, segundo adeante ouvireis, e que o principe se partiu sem lhe mais falar, por novas que havia dos francezes que começavam guerra no ducado de Guianna, por maneira de companhias; e porém tornaremos aos feitos d'el-rei D. Henrique, de que muitos deixando, alguns diremos por abreviar.

CAPITULO XIV

Do que aveio a el-rei D. Henrique, depois que fugiu da batalha, e á rainha sua mulher.

Fugiu el-rei D. Henrique, como ouvistes, depois que viu perdida a batalha, e elle andava aquelle dia em um grande cavallo russo castellão, todo armado de loriga, e por grande trabalho que havia passado não o podia levar o cavallo como cumpria; e um escudeiro seu creado, que tinha um bom cavallo ginete, quando o viu assim chegou-se a elle e disse: «Senhor, tomae este cavallo, ca esse vosso não se póde mover,» e el-rei fel-o assim e partiu da villa de Najára e levou caminho de Soria para Aragão, e iam com elle D. Fernão Sanchez de Thoar e D. Affonso Perez de Gusman e *mice* Ambrosio, filho do almirante, e outros.

E em outro dia sahiram a elles, d'uma aldeia de terra de Soria, alguns de cavallo, porque os viram ir assim apressurados, e taes ahi houve que o conheceram e quizeram-no prender ou matar, por haver a gra-

ça d'el-rei D. Pedro, e elle, que os viu estar assim duvidando, accommetteu-os e desbaratou-os, e matou aquelle que o quizera prender; e d'ali chegou a Aragão, a um logar que dizem Lucca, e achou ahi D. Pedro de Luna, que depois disseram papa Benedicto, e foi-se com elle até fóra d'Aragão, e d'ali partiu e chegou a Ortes, uma villa do conde de Foix, a que muito pesou porque fôra vencido e ainda porque chegara a sua casa, porque se receava do principe, que via então um dos poderosos homens do mundo, de ter achaque contra elle, porque o não prendera, pois que o em sua casa tinha.

E dizem que perguntou o conde a el-rei como vinha assim, e elle respondeu e disse: «Venho com aquelle aquecimento que acontece aos cavalleiros— puz o campo e perdi-o, e ora venho assim como vêdes» —; e o conde o confortou e recebeu mui bem e deu-lhe cavallos e dinheiros e homens que foram com elle até Toulouse, onde esteve por alguns dias. E foi-se a Villa Nova, cêrca d'Avignon, onde era então o duque d'Anjou, irmão d'el-rei de França, no qual achou grande acolhimento, dando-lhe de seus dinheiros, e foi-lhe grande ajuda n'isto o papa Urbano V, que estava em Avignon e queria bem a el-rei D. Henrique; pero el-rei não viu então o papa, ca todos se receavam do principe de Galles, porque o viam assim poderoso.

Os arcebispos de Toledo e de Saragoça, que ficaram em Burgos com a rainha e infantes emquanto el-rei fôra á batalha, como souberam que era perdida, partiram á pressa caminho de Saragoça, onde chegaram com muito medo e grandes trabalhos, achando contrario gasalhado do que cuidavam em el-rei d'Aragão, ca elle, porque via o principe em

Castella mui poderoso e isso mesmo el-rei D. Pedro, receando-se d'elles, disse que el-rei D. Henrique, como cobrára o reino de Castella, não lhe cumprira as cousas que entre elles foram accordadas, e tomou logo a infante sua filha, que a rainha D. Joanna trazia por esposa do infante seu filho, e disse que não queria estar por aquelle casamento; e em tudo isto não sabia a rainha parte que era d'elrei seu marido depois que fugira da batalha.

O principe de Galles e el-rei D. Pedro trataram logo suas amisades com el-rei d'Aragão, e tudo se fazia por el-rei D. Henrique não haver acolhimento em sua terra. Por azo d'este não bom acolhimento, houve entre os senhores e fidalgos d'Aragão grandes bandos perante el-rei, dizendo alguns a el-rei d'Aragão que tivesse a parte d'el-rei D. Henrique, o qual em seus mesteres de guerra que houvera com Castella sempre o achara bom ajudador e leal amigo, e que em tal tempo lh'o devia d'agradecer, mórmente que se el-rei D. Pedro ficasse assocegado em seu reino que lhe poderia fazer guerra como da primeira. Outros diziam que el-rei D. Henrique não cumprira a el-rei d'Aragão o que lhe promettera dar quando cobrasse o reino de Castella, e que portanto não era rasão de o ajudar.

A rainha, vendo n'estes feitos que lhe não cumpria estar em Aragão, pois dos senhores ahi havia taes que queriam mal a seu marido, houve accordo de se ir para elle, ca já sabia o logar onde estava, e partiu de Saragoça caminho de França, e achou el-rei D. Henrique em Servianai, que é uma villa em Languedoc.

CAPITULO XV

Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França.

Tornando a contar d'el-rei D. Henrique, que fez depois que foi cêrca d'Avignon, elle em Villa Nova, segundo ouvistes, onde então era o duque d'Anjou; não embargando que o bem recebesse e partisse com elle de seus dinheiros, pezou-lhe muito de sua vinda, porquanto el-rei de França e el-rei d'Inglaterra haviam novamente feitas pazes e entregue ao principe o ducado de Guyanna; e receando-se o duque, pelo gazalhado que fazia a el-rei D. Henrique, que desprazeria a el-rei de França seu irmão, tendo o principe achaque contra elle, que outra vez quereria a volver guerra, colhendo em sua terra homens a que bem não queria, mórmente tal como el-rei D. Henrique, de que se o principe ainda receava.

E quizera-se escusar o duque, quanto poude, de não vêr então el-rei D. Henrique, pero, quando viu

que se escusar não podia, ordenou que lhe dessem pousada na torre da ponte d'Avignon, que é contra França; e ali o viu escondidamnnte a primeira vez que lhe o duque falou, e deu-lhe conselho que escrevesse a el-rei seu irmão, fazendo-lhe saber o mester em que era.

El-rei D. Henrique fel-o assim, e chegaram seus mensageiros a Paris, onde el-rei de França estava, e contaram-lhe o desbarato da batalha e como a perdera el-rei D. Henrique; e, pois que a casa de França era a maior do reino dos christãos, que não devia fallecer sua ajuda aos que em tal caso houvessem cahido, e que porém lhe pedia que o quizesse ajudar n'aquella maneira que visse que lhe cumpria, mórmente contra homens que lhe bem não queriam, posto que de presente com elles houvesse paz.

El-rei de França, como viu suas cartas, escreveu logo ao duque seu irmão que lhe desse cincoenta mil francos d'ouro e mais um forte castello que diziam Pera Pertusa, em que tivesse sua mulher e filhos; e mais lhe fez tornar o condado de Seseno, que seu antecessor el-rei D. João de França dera a el-rei D. Henrique quando o servira na guerra contra os inglezes, e depois o houvera este rei Carlos empenhado d'elle sobre certo ouro; então desembargou-lh'o e foi entregue de todas estas cousas, as quaes lhe o duque fez haver muito despachadamente.

N'este comenos, vinham-se para el-rei cada dia cavalleiros e escudeiros de Castella, e davam-lhe novas como o principe com el-rei D. Pedro não eram avindos, nem em bom accordo, e que os mais da sua parte, que foram presos na batalha, eram já

soltos e estavam nos castellos que primeiro tinham, de que faziam guerra a el-rei D. Pedro; e soube mais como algumas villas e cidades estavam por elle e toda Biscaya. E houve cartas d'alguns seus amigos cavalleiros inglezes, que andavam com o principe e foram em seu serviço quando el-rei D. Henrique entrara em Castella, que não tornasse ao reino até que o principe fosse fóra d'elle, porque el-rei D. Pedro, depois que partira de Burgos, e fôra para Sevilha, pero o principe esperava os quatro mezes da primeira paga, que nunca mais houvera recado nem lhe fôra entregue nenhuma cousa de quantas lhe havia prometttidas, e que entendiam que cedo se partiria para sua terra desavindo d'el-rei D. Pedro, e que o não tornaria mais a ajudar nem as gentes que com elle vieram, por todos serem d'elle mal contentes; e mais que o principe havia novas que Lemosim e Perrim de Saboya, com outros, por modo de companhias, lhe faziam guerra no ducado de Guyanna, que sua estada não seria muito em Castella.

Assim que, com estas novas e outras similhantes que a el-rei D. Henrique vinham cada dia, era mui ledo e cobrava esforço.

CAPITULO XVI

Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino.

QUANTO o principe durou em Castella, e como partiu, nem de que maneira, nós mais não sabemos ao que tendes ouvido; mas como el-rei D. Henrique soube novas certas de sua partida ordenou de se tornar a Castella, e viu-se na villa que chamam Aguas Mortas, com o duque d'Anjou e D. Guilherme, cardeal de Bolonha, parente d'el-rei de França, e ali fizeram seus tratos com el-rei D. Henrique, em nome d'el-rei de França, os mais fortes que poderam, firmados com juramentos e deu o duque a el-rei D. Henrique somma de dinheiros para ajuda de sua vinda.

D'ali partiu el-rei e tornou-se a Pera Pertusa, onde deixara sua mulher e filhos; e tinha então até duzentas lanças, e mandou buscar companhas para trazer comsigo, e vieram-lhe capitães com gentes, a saber: o conde da Ilha, e D. Bernal, conde de Os-

sona e o bastardo de Learmen, e *monse* Berni de Villamur, e el begue de Vilhenes; e partiu logo caminho de Castella com elles, e levou comsigo a rainha sua mulher e o infante D. João, e a infante D. Leonor, com outras donas e donzellas, deixou no castello de Pera Pertusa.

El-rei d'Aragão, que parte soube de sua tornada, e como havia de passar por seu reino, mandou-lhe dizer que elle era amigo do principe de Galles e que lhe não queria fazer nojo, e que porém lhe requeria que não passasse por sua terra, e se o d'outra guisa quizesse fazer que não podia escusar de lh'a defender.

El-rei respondeu áquelle que lhe levou estas novas e disse:

— «Maravilho-me muito d'el-rei d'Aragão enviar-me dizer tal cousa como esta, ca bem sabe elle que, no tempo que lhe eu fui cumpridoiro em sua guerra, que nunca lhe falleci cada vez que me mister houve, e por a entrada que eu fiz em Castella cobrou elle cento e vinte castellos que lhe el-rei D. Pedro tinha tomados; e hora manda-me dizer que nem passe por seu reino! A mim convem d'ir a Castella e não posso escusar que não passe por elle, e, se me elle quizer torvar e têr o caminho, fará n'elle sua vontade, mas eu não posso escusar, a quem me torva der ou quizer embargar, que me não defenda d'elle o melhor que puder».

Tornou-se o cavalleiro com esta resposta e el-rei ordenou de lhe têr os caminhos.

Em Aragão havia muitos que tinham por parte d'el-rei D. Henrique e amavam muito seu serviço e honra, assim como o infante D. Pedro, conde de Denia, e o conde Dampurjas, e D. Pedro de Luna, e

o arcebispo de Saragoça e outros; e o infante D. Pedro enviou a el-rei D. Henrique um seu escudeiro que o guiasse por terra de Ribagorça. E vinha el-rei pelo reino d'Aragão recebendo grande nojo dos que lhe tinham os caminhos, pero não ousaram de lhe attender a batalha, e chegou el-rei a uma villa do infante D. Pedro que dizem Arrens, e ali esteve dois dias repousando; depois, partiu d'ali, continuando seu caminho, e achou-o em outro seu logar que chamam a Bem a rapa, e o infante fez-lhe dar viandas e tudo o que mister houve.

Moveu el-rei por suas jornadas e chegou a Estadilha, e ali houve novas como el-rei d'Aragão mandava aos seus que sahissem de Saragoça ao caminho, a pelejar com elle; e foi essa noite dormir a Belvastro, e ali lhe disseram como el-rei d'Aragão era em Saragoça, e que mandava a todos os seus passar a ponte de sobre Ebro, que lhe fossem têr o caminho; e elles faziam-n'o de mui má mente, ca os mais d'elles queriam bem a el-rei D. Henrique. E, seguindo seu caminho, passou pelo reino de Navarra, e chegou á vista de Calahorra, na fronteira de Castella; e, antes que chegasse á cidade, perguntou el-rei aos que com elle vinham se estavam já no termo de Castella, e disseram que sim, e el-rei desceu-se do cavallo e fincou os joelhos em terra, e fez o signal da cruz em um areal que ali era e disse:

—«Eu juro a esta significança de cruz que nunca em minha vida, por mester que me avenha, saio do reino de Castella, e que antes espere minha morte, ou qualquer ventura que me avier, que jámais sahir d'elle.»

E isto dizia el-rei porque sahira do reino depois

da batalha de Najara, e achara assás graves todas as cousas que houve de livrar com seus amigos em feito de sua ajuda.

E armou alguns cavalleiros antes que chegasse a Calahorra, onde foi bem recebido com todos os que com elle vinham; e chegaram ali, a el-rei, D. João Affonso d'Alfaro, e D. João Ramirez d'Arellano e outros cavalleiros e escudeiros que andavam por Castella, até seiscentos homens d'armas, e el-rei folgou muito com elles e foram d'elle mui bem recebidos.

CAPITULO XVII

Como el-rei D. Henrique entrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria.

Esteve el-rei ali alguns dias, onde se muitos vieram para elle, e partiu caminho de Burgos; e, passando cerca da villa de Logroño, que tinha da parte d'el-rei D. Pedro, não a poude cobrar, e encaminhou para a cidade; e antes que lá chegasse mandou saber a vontade dos do logar, se o colheriam n'ella. Aos da cidade aprouve muito com sua vinda, e enviaram-lhe seus mensageiros que no outro dia entrasse n'ella, ca todos eram prestes de lhe obedecer, e posto que o castello estivesse por el-rei D. Pedro, e dentro com o alcaide até duzentos homens d'armas, e isso mesmo a judiaria tivesse sua voz, que não deixasse d'ir porém, ca todos se viriam depois a sua mercê.

El-rei partiu logo e foi-se a Burgos, e receberam-n'o mui honradamente todo o povo e cleresia, não embargando que do castello atiravam settas e

trons. El-rei ordenou de combater o castello e a judiaria, e fez fazer cavas e atirar com engenhos, e os judeus preitejaram logo de ficarem por seus, e fizeram-lhe serviço de um conto.

Affonso Fernandes, alcaide do castello, porfiou alguns dias por se defender, ácima deu o castello a el-rei D. Henrique, e entregou-lhe el-rei de Neapol, que estava dentro, que viera em ajuda d'el-rei D. Pedro á batalha de Najara, e el-rei mandou-o ao castello de Turiel, e depois houve d'elle oitenta mil dobras, que pagou de rendição á rainha D. Joanna, sua mulher.

Ali houve novas el-rei D. Henrique como a cidade de Cordova estava por elle, e como el-rei D. Pedro estava em Sevilha e abastecia muito a villa de Carmona, e foi bem ledo com estes recados, e mandou a rainha sua mulher e o infante seu filho para terra de Toledo, ca tinha n'essa comarca muitos logares que estavam por elle, e foram com ella o arcebispo de Toledo e o bispo de Palença, e outros.

El-rei, depois d'isto, foi cercar a villa de Dueñas, porque aquelle logar é no caminha de Burgos e de Valladolid, e faziam d'ali muito damno e estorvo; e el-rei D. Henrique, depois que ahi chegou, fel-a cercar e atirar com engenhos. Ruy Rodrigues, que no logar estava, aprazou-se até certos dias, e, não havendo soccorro d'el-rei D. Pedro, passado o prazo, deu o logar a el-rei, e ficaram todos em sua mercê.

CAPITULO XVIII

Como el-rei D. Henrique cercou a cidade de Leão e mandou lavrar a moeda dos sesseres.

Começou-se a era de quatrocentos e seis, e no terceiro anno que reinava el-rei D. Henrique, e no mez de janeiro, partiu el-rei da villa de Dueñas e foi cercar a cidade de Leão; e a cidade estava por el-rei D. Pedro e os fidalgos da terra por el-rei D. Henrique, e fez uma bastida no mosteiro de S. Domingos, e posta a uma torre do logar não a poderam os de dentro defender e deram lhe a cidade, e ficaram todos por seus.

Partiu el-rei de Leão, depois que a cobrou, e foi combater Outer de fumos, que estava por el-rei D. Pedro, e deu-se-lhe, e assim fizeram outros logares; e accordou d'ir a Hilhescas, que são seis leguas de Toledo, onde estava a rainha sua mulher, e ali esteve alguns dias perguntando a todos que lhe parecia que era bem de fazer: se andaria pelo reino ou se cercaria a cidade de Toledo.

Sobre isto houve muitos conselhos, e emfim accordaram que a fosse cercar, pelas muitas viandas que n'aquella comarca havia ; e poz seu arraial da parte da veiga, aos trinta dias do mez d'abril.

Com el-rei estavam até mil homens d'armas, e na cidade havia até seiscentos de cavallo e muita gente de pé ; e, por se el-rei mais apoderar sobre o cerco da cidade, fez logo cercar todo o arraial e fazer no Tejo uma ponte de madeira, e certas gentes d'armas passar além e pousar ali ; e mandou ir a rainha sua mulher e o infante para a cidade de Burgos, para terem azo d'estar de socego. E havia no arraial muitas viandas e grande soccorro de dinheiros dos logares que el-rei cobrou jazendo ali, e d'outros de redor que tinham sua parte ; e para paga das gentes que com el-rei andavam houve accordo de lavrar moeda nova, e fizeram uns que chamavam sessenes, que um d'elles vaiia seis dinheiros, e esta moeda lavraram em Burgos e em Talavera, e com ella houve el-rei acorrimento para paga das gentes que comsigo tinha.

CAPITULO XIX

Como el-rei D. Pedro fez vir el-rei de Granada em sua ajuda, e como se houvera de perder a cidade de Cordova.

DEIXEMOS estar Toledo cercada e vejamos el-rei D. Pedro que fazia emtanto, estando em Sevilha.

El-rei D. Pedro foi certificado de todas as cousas que seu irmão fizera desde que no reino entrara até que cercou a cidade de Toledo, e houve por ello mui grão pesar, e não se trabalhava d'outra cousa senão de abastecer a villa de Carmona o mais que podia; e quando soube que Toledo era cercada tratou com el-rei de Granada que o viesse ajudar com as mais gentes que podesse. O rei mouro foi d'isto mui ledo e veiu com grão poder, ca trouxe comsigo nove mil de cavallo ginetes e oitenta mil de pé, dos quaes eram doze mil bésteiros, e el-rei D. Pedro havia mil e quinhentos de cavallo e seis mil homens de pé, assim que eram por todos noventa e oito

mil e quinhentas pessoas; e com este ajuntamento foi el-rei D. Pedro cercar a cidade de Cardova, que não tinha da sua parte, e era logar de que lhe faziam grande guerra.

Na cidade estavam muitos e bons fidalgos, com gentes assás para se defender, e, cuidando que os mouros pelejariam com elles nas barreiras, não se aperceberam de pôr recado nos muros. Os mouros eram muitos e chegaram rijamente á cidade, emtanto que com a muita béstaria foi o combate tão grande por uma parte que Aben Fallos, capitão mouro que ahi vinha, cobrou a couraça que dizem de Calahorra, e tomaram o alcaçar velho e fizeram n'elle seis portaes, e subiram em cima do muro alguns mouros, com seus pendões.

O desmanho foi tão grande na cidade, por esta rasão, que cuidaram que eram entrados. As donas e donzellas que eram na cidade, vendo aquesto, sahiam ás ruas e praças, chorando escabelladas, pedindo mercê áquelles senhores e cavalleiros, que houvessem d'ellas dó e piedade e não as deixassem ser deshonradas e postas em captiveiro de mouros; e tantas lagrimas e gritos e taes palavras diziam que não havia homem que as ouvisse que não houvesse d'ellas compaixão e dó, o qual tanto esforço fez cobrar aos que dentro eram que rijamente aderençaram para aquelle logar em que os mouros estavam, e pelejaram com elles assim de vontade que por força e mau seu grado lhes fizeram desamparar o muro e os deitaram fóra da cidade, matando d'elles muitos e outros captivando, e ficaram ahi os seus pendões; e fizeram á pressa correger mui bem aquelle rompimento do muro, porque em outro dia esperavam similhante e muito maior combate, toman-

do muito grão prazer porque os Deus livrara de tamanho perigo em que foram postos.

Em outro dia, tornaram os mouros e a gente d'el-rei ao combate, e acharam a cidade apercebida d'outra maneira e arredaram-se a fóra; e aprouvera muito a el-rei de os mouros cobrarem Cordova e a destruirem, havendo d'ella gran sanha, porque estavam ahi alguns taes que lhe haviam feito muita guerra; e tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha e el-rei de Granada para sua terra.

Tornou el-rei de Granada outra vez e cercou a cidade de Jaen; os de dentro sahiram ás barreiras e, aficados dos mouros, houveram-se de retrahir, e entraram os mouros com elles de volta e cobraram a cidade, e na entrada foram alguns dos christãos mortos e captivos e os outros acolheram-se ao alcaçar e d'ali preitejaram com os mouros que lhe dariam certa quantia de dobras e que os descercassem.

Desde ahi, partiu el-rei D. Pedro de Sevilha, e chegaram a Cordova elle e el-rei de Granada, e acharam-n'a apercebida de tal guisa que não provaram de lhe fazer nojo; e tomou el-rei de Granada a cidade de Ubeda, que não era bem cercada, e roubou-a de tudo e fel-a queimar, e entrou Utreira e Marchena, e levou d'estas villas quantos ahi achou captivos, e perdeu-se muita gente; ca foi certo que sómente do logar d'Utreira levaram os mouros onze mil prisioneiros entre homens e mulheres e moços pequenos; e cobrou el-rei de Granada os castellos que el-rei D. Pedro tomara quando foi em sua ajuda contra el rei Vermelho, e ainda mais alguns outros, e fez-se n'este tempo muito damno na terra dos christãos, por a divisão d'estes reis.

Feito isto, tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha, fazendo todavia abastecer a villa de Carmona, que é a seis leguas d'essa cidade, receando-se que se havia de vêr em algum grão perigo e ter ali acorrimento.

CAPITULO XX

Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro.

TORNANDO a Toledo, que deixámos cercada, el-rei D. Henrique fez de guisa que cobrou uma bastida que os da cidade haviam feito em uma egreja de sobre a ponte, que chamam San Servande, e alguns de dentro que amavam el-rei D. Henrique tomaram um dia a Torre dos Abbades, que é mui alta e mui forte, e começaram de chamar por el-rei D. Henrique. Os do arraial pozeram logo escadas á torre, e subiram acima bem quarenta homens e pozeram n'ella bem cinco bandeiras; os da cidade, vendo aquesto, pozeram fogo á torre da parte de dentro, que era mais baixa, e os de cima, não o podendo soffrer, houveram todos de deixar a torre e desceram se pelas escadas. Alguns outros da cidade, que quizeram dar entrada a el-rei D. Henrique por vezes, sendo descobertos, foram mortos por ello.

E havendo já dez mezes e meio que Toledo era cercada, aficando-a el-rei por desvairadas guisas, era já o logar mui minguado de gentes e de mantimentos, em guisa que comiam cavallos e mulas e valia a fanga de trigo mil e duzentos maravedis.

El-rei D. Pedro, que havia novas do logar quanto havia mister seu acorro e que se não podia longamente ter, por azo da fome que n'elle havia, mandou chamar todos os que sua parte tinham, e tratou com el-rei de Granada que lhe desse ajuda d'algumas gentes; e antes que partisse de Sevilha levou seus filhos e thesouro e armas, e poz tudo n'aquella villa de Carmona, que abastecida tinha. Feito isto, deixou ahi homens de que se fiava e partiu para Alcantara, onde recolheu todas as gentes por quem havia enviado, com intenção de acorrer a Toledo.

El-rei D. Henrique, sabendo d'isto parte, enviou a Cordova, a todos os seus, que se viessem para elle ali a Toledo, onde tinha o cerco, como soubessem que el-rei D. Pedro partia de Sevilha, porquanto sua vontade era de pelejar com elle. Vendo elles suas cartas, fizeram-no assim, e seriam por todos mil e quinhentos homens d'armas; e quando el-rei D. Pedro chegou a Alcaçar, que é na comarca de Toledo, eram elles em Villa Real, dezoito leguas d'essa cidade.

El-rei D. Henrique, em tudo isto, não era certo se el-rei D. Pedro vinha por lhe dar batalha ou descercar a cidade, e pois a batalha estava em duvida houve accordo de deixar gentes sobre a cidade, que não se fazendo que não perdessem o tempo e trabalho que pozera em a ter cercada, ca se receava que el-rei D. Pedro fingisse que lhe queria dar

batalha, e elle, levantado o arraial, açalmar a cidade de gentes e d'armas e avondo de viandas; e porém deixou no arraial seiscentos homens d'armas, e peões e bésteiros com elles, e partindo de Toledo foi-se para uma villa que chamam Orgas, que são cinco leguas d'essa cidade, e ali chegaram a elle as gentes que dissemos que vinham de Cordova, e mais chegou ali *monse* João de Claquim que vinha de França; e com aquelles que vinham com elle e d'outros estrangeiros que com el-rei andavam seriam até seiscentas lanças.

Assim que se juntaram ali por todos, com estes e com outras gentes, até tres mil outros homens de pé, não curou el-rei de juntar salvo aquelles que cada um costumava de trazer comsigo, e ali ordenou sua batalha por esta guisa: a vanguarda deu a *monse* Beltran e aos outros cavalleiros que vieram de Cordova, e a outra gente toda que fossem com elle em outra batalha, sem fazer mais alas nem mandar outra ordenança.

E, partindo d'ali, soube como el-rei D. Pedro passara pelo campo de Calatrava e que era cêrca de um castello que chamam Montel, que é da ordem de S. Thiago, e que eram com elle D. Fernando de Castro e Fernando Affonso de Samora, e os concelhos de Sevilha e d'outros logares, até tres mil lanças, e de mouros que el-rei de Granada mandara em sua ajuda mil e quinhentos de cavallo.

CAPITULO XXI

Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro.

El-rei D. Henrique houve seu conselho de trigosamente andar seu caminho, e catar maneira como pelejasse com el-rei D. Pedro, ca bem via que durando a guerra prolongadamente cobraria el-rei D. Pedro muitas vantagens, e portanto andou quanto poude por dar aguça a pôr a batalha, de guisa que chegou cêrca de Montel, onde estava el-rei D. Pedro, e alguns dos que iam com elle punham fogo aos mattos, por vêr o caminho que lh'embargava a escuridão da noite.

El-rei D. Pedro não sabia novas d'el-rei D. Henrique, nem era certo se partira do arraial de sobre Toledo, e tinha suas companhas arramadas pelas aldeias, a duas e tres leguas do logar de Montel.

Garcia Moram, alcaide do castello, vendo taes fogos, disse a el-rei como appareciam, e que visse se eram de seus inimigos. El-rei D. Pedro disse que

pensava que era D. Gonçalo Mexia e os outros que partiram de Cordova e se iam juntar com aquelles que estavam em Toledo; pero n'esta duvida mandou el-rei suas cartas a todos os seus, que pousavam pelas aldeias de redor, que na alva da manhã fossem com elle no logar de Montel, onde estava.

Outro dia, grande manhã, chegou el-rei D. Henrique com suas gentes, que desde meia noite haviam andado á vista do logar de Montel, e alguns d'el-rei D. Pedro, que elle enviara ao caminho d'onde appareciam os fogos, tornaram-se á pressa, dizendo que el rei D. Henrique, com suas companhas, vinham já todos muito perto d'ali. El-rei D. Pedro, como isto ouviu, armou-se elle e os seus, e pozeram-se em batalha cêrca do logar de Montel, e não eram ainda vindos todos os da sua parte, que elle mandara chamar ás aldeias.

El-rei D. Henrique, como chegou, aderençou com suas gentes para a batalha; e *monse* Beltram de Claquim e os mestres de S. Thiago e de Culatrava, com os outros que eram na vanguarda, quando moveram para juntar com os de d'el-rei D. Pedro, acharam um valle que não poderam passar, e el-rei D. Henrique, com os que com elle iam, que era a segunda batalha, passaram por outra parte e aderençaram para os pendões d'el-rei D. Pedro, e tanto que chegaram a elles foram logo desbaratados, ca el-rei D. Pedro nem os seus não se tiveram por nenhum espaço, e começaram de se ir.

Os d'el-rei D. Henrique, uns seguiam os mouros matando n'elles, outros se detiveram com os d'el rei D. Pedro até que se acolheu ao castello de Montel e se encerrou n'elle, e parte dos seus se acolheram dentro, outros fugiram, e d'elles foram mortos; e

d'el-rei D. Henrique não morreu outrem, salvo um cavalleiro de Cordova que diziam João Ximenez.

E foi esta batalha á hora de prima, quarta feira, quatorze dias de março de mil e quatrocentos e sete annos.

Martim Lopez de Cordova, que el-rei D. Pedro fizera mestre de Calatrava, vinha esse dia com gentes para ser com elle na batalha, e alguns d'aquelles que iam fugindo deram lhe novas como era vencido, e elle tornou-se para Carmona, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, a saber, D. Diego e D. Sancho e outros, que el-rei D. Pedro, depois da morte de D. Maria de Padilha, houvera d'algumas outras mulheres, e apoderou-se dos alcaçares da villa, todos tres, e dos thesouros d'el-rei e de quanto ahi achou; e acolheram-se dentro ao logar, com elle, até oitocentos de cavallo e muitos bésteiros e homens de pé, ca o logar era abastecido d'armas e viandas em grande abundancia.

CAPITULO XXII

Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com «monse» Beltram de Claquim, sobre o cerco d'el-rei D. Pedro.

DESBARATADA aquella batalha, e posto el-rei D. Pedro no castello de Montel, fez logo el-rei D. Henrique, a mui grande pressa, fazer uma parede de taipas e de pedra secca com que cercou o logar de redor, de guisa que el-rei não se fosse d'ali.

Com el-rei D. Pedro estava no castello um cavalleiro de Galliza, que diziam Mem Rodrigues de Seabra, que fôra preso na villa de Brevesca, quando el-rei D. Henrique entrara novamento no reino, e, tendo preso e rendido um cavalleiro que chamavam *monse* Beltram de Della Salla, pagou por elle *monse* Beltram de Claquim cinco mil francos, porquanto lhe disse o dito Mem Rodrigues que era natural de terra de Trastamara, que *monse* Beltram houvera então novamente por condado; e por esta razão esteve aquelle Mem Rodrigues com *monse* Beltram

um tempo e depois se foi para el-rei D. Pedro; e por este conhecimento que Mem Rodrigues havia com *monse* Beltram falou-lhe um dia do castello, e disse que se a elle prouvesse que lhe queria falar em segredo. *Monse* Beltram disse que lhe prazia, e devisaram a hora quando fosse a fala, e porque a guarda d'aquella parte era de *monse* Beltram veio-lhe Mem Rodrigues falar de noite, e suas razões foram estas:

— «Senhor *monse* Beltram, el-rei D. Pedro, meu senhor, me mandou que falasse comvosco, e vos envia dizer assim que bem sabe que vós sois mui nobre cavalleiro, e que sempre vos pagastes de fazer façanhas de bons feitos; e, porque vós vêdes bem o estado em que elle é posto, que se vos prouver de o livrar d'aqui e pôr em salvo, sendo com elle e da sua parte, que elle vos dará duzentas mil dobras castelhanas e mais seis villas de juro e herdade, para vós e vossos successores que depois vós vierem, e peço-vos por mercê que o façaes, ca grande honra cobrareis acorrer a um rei tal como este, quando todo o mundo souber que por vós cobrou sua vida e reino.»

Monse Beltram respondeu a Mem Rodrigues dizendo:

— «Amigo, vós sabeis bem que eu sou vassallo d'el-rei de França, meu senhor, e natural de sua terra, e sou aqui vindo por seu mandado a servir el-rei D. Henrique, porque el-rei D. Pedro tem a parte dos inglezes e fez alliança com elles, especialmente contra aquelle que eu tenho por senhor; além d'isto, eu sirvo el-rei D. Henrique e ando a suas gajas e soldo, e não me cumpria fazer cousa que contra seu serviço e honra fosse, nem vós não

m'o devieis aconselhar, e rogo-vos que, se algum bem ou cortezia em mim achastes, que m'o não digaes mais.

— «Senhor *monse* Beltram, disse Mem Rodriguez, eu entendo que vos digo cousa que, fazendo-o, não vos é nenhuma vergonha, e peço-vos por mercê que cuideis n'ello e havei sobre isto bom conselho.»

Monse Beltram, ouvidas estas razões, disse que se queria avisar sobre ello, para vêr o que lhe cumpria de fazer em tal caso.

Tornou-se Mem Rodriguez com este recado a el-rei, e alguns diziam depois que elle dissera isto com arte a *monse* Beltram, sendo em conselho d'el-rei D. Pedro ser escarnecido, como depois foi, e que pero elle fôra preso quando el-rei D. Pedro foi morto, que tudo fôra arte do dito Mem Rodriguez, porquanto lhe el-rei D. Henrique depois deu em Galliza dois logares de juro e herdade. Outros dizem que isto não pareceu ser assim, porque Mem Rodriguez era mui bom cavalleiro, e não é de crêr que fizesse tal cousa contra seu senhor, mórmente que depois tomou a parte d'el-rei D. Pedro e perseverando n'ella acabou sua vida.

CAPITULO XXIII

Como el-rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar.

Monse. Beltram ficou bem cuidoso pelas razões que lhe Mem Rodriguez disse, e outro dia chamou seus parentes e amigos que ali eram com elle, especialmente um seu primo que diziam *monse* Oliver de Mani, e disse-lhe todas as razões que lhe Mem Rodriguez havia propostas, e que lhe dessem conselho como lhe parecia que devia fazer, porém que logo lhe notificava que em nenhuma maneira do mundo elle não faria tal cousa, sendo el-rei D. Pedro inimigo d'el-rei de França, seu senhor, e de mais d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas e serviço elle andava; mas que lhe perguntava se esta razão que lhe Mem Rodriguez commettera se a diria a el-rei ou se faria mais sobre ello, pois lhe commettia cousa que, fazendo-a, era desserviço dos ditos senhores, desde ahi era caso de traição.

Os cavalleiros parentes de *monse* Beltram e alguns outros com quem este falou, ouvidas as razões que entre elle e Mem Rodriguez houvera, disseram que elles n'aquelle conselho outhorgavam que elle não fizesse cousa que contra serviço d'el-rei de França seu senhor, fosse, nem isso mesmo d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas estavm demais, pois sabia que el-rei D. Pedro era bem inimigo dos ditos senhores; mas disseram-lhe que lhes parecia bem que o fizesse saber a el-rei D. Henrique.

Monse Beltram, crendo-os de conselho, falou a el rei tudo o que lhe aviera com Mem Rodriguez de Seabra, el-rei D. Henrique lh'o agradeceu muito, e disse que a Deus graças melhor guisado tinha elle de lhe dar aquellas villas e dobras que lhe el-rei D. Pedro promettia, que não elle; e prometteu logo de lh'as dar, rogando-lhe que dissesse a Mem Rodriguez que el rei D. Pedro viesse seguro a sua tenda e que elle o poria em salvo, e como ahi fosse que lh'o fizesse saber.

Monse Beltram duvidou de fazer isto, pero por aficamento d'alguns parentes seus demoveu-se ao fazer, e não tiveram porém os que esta razão ouviram salvo que fôra mui mal feito, ca dizem alguns que, quando *monse* Beltram tornou a resposta a Mem Rodriguez, que passaram mui grandes juramentos entre elles que poria el-rei D. Pedro em salvo, de guisa que el-rei se teve por seguro d'elle. Nem é de cuidar que el-rei D. Pedro d'outra guisa sahira do castello e se pozera em seu poder; mas pelo grande aficamento em que se via, em se partirem alguns dos seus d'elle e virem-se para el-rei D. Henrique, desde ahi pela agua, que não tinham senão muito pouca, e com esforço das juras que

lhe feitas haviam, houve-se d'aventurar uma noite, havendo já nove dias que jazia no castello. E vestiu umas solhas e cavalgou em cima d'um cavallo ginete, e com elle D. Fernando de Castro e Diego Gonçalves, filho do mestre d'Alcantara, e Mem Rodriguez e outros, e veiu-se para a pousada de *monse* Beltram, e descavalgou do cavallo e disse-lhe: «Cavalgae, ca tempo é que nos vamos;» e nenhum respondeu a isto, porque fizeram já saber a el-rei D. Henrique como elle estava com *monse* Beltram.

Quando isto viu, el-rei D. Pedro poz duvida em sua estada e não houve isto por bom signal, e quizera cavalgar em seu cavallo, e um dos que estavam com *monse* Beltram travou d'elle e disse: «Esperae um pouco, Senhor», e deteve-o que não partisse. N'isto, chegou el-rei D. Henrique, armado de todas as armas, com o bacinete posto na cabeça como estava prestes para este feito, e como entrou na tenda de *monse* Beltram travou d'el-rei D. Pedro e não o conhecia bem, por haver grão tempo que o não via.

Mas aqui são desvairadas opiniões, posto que afim toda seja uma, ca uns dizem que, travando el-rei D. Henrique d'elle, que ainda duvidava se era el-rei, e que um cavalleiro de *monse* Beltram lhe disse: «Vêde ca esse é vosso inimigo,» e que respondeu logo el-rei D. Pedro duas vezes, dizendo: «Eu sou, eu sou»; e que então o conheceu melhor el-rei D. Henrique e lhe deu com uma adaga pelo rosto e o derribou em terra, ferindo-o d'outras feridas foi morto áquella hora.

Outros affirmam, escrevendo em seus livros, que el-rei D. Pedro, quando se viu em poder de seu irmão, e como era trahido d'aquella guisa, que se

lançou a elle rijamente, dizendo: «Oh! traidor, aqui estás tu,» e, como homem de grão coração, quizera-lhe dar com uma adaga que lhe já tomada tinham, e quando a não achou que se enviou a elle a braços e deu com elle em terra, e que então Fernam Sanchez de Thoar, que era um dos cavalleiros que el-rei D. Henrique comsigo levava, tirou el-rei D. Pedro de cima, e voltou el-rei D. Henrique sobre elle, e que d'esta guisa foi morto; em outra maneira, se os deixaram ambos, crê-se todavia que el-rei D. Pedro matara seu irmão.

Ora nós concordando o desvairado rasoar d'estes e d'outros auctores, dizemos por esta maneira: a queda seja d'ambos, e el-rei D. Pedro havido por bom e ardido cavalleiro, que em tal tempo não perdeu coração e esforço, mas elle sem nenhuma ajuda e el-rei D. Henrique com muitos matou-o por sua mão e assim acabou sua trabalhosa vida.

CAPITULO XXIV

Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro era morto, e da maneira que el-rei D. Henrique teve em alguns logares.

GRANDE ruido foi no arraial quando souberam que el-rei era morto, e foram presos n'essa hora D. Fernando de Castro e Mem Rodriguez de Seabra e Gonçalo Gonalvez d'Avila e outros que com el-rei sahiram do castello; e foi sua morte vinte e tres dias de março de mil quatrocentos e sete annos, havendo então de sua edade trinta e cinco annos e sete mezes. Homem de bom corpo, branco e ruivo, e ciciava um pouco na fala e viveu em seu reino até que se D. Henrique chamou rei em Calahorra, dezeseis annos cumpridos, e reinou tres annos em contenda com elle; e morto assim, segundo ouvistes, depois foi levado a Toledo, e sepultado com os outros reis.

Os que no castello de Montel estavam deram-se todos a el-rei D. Henrique e entregaram-lhe todas as cousas que d'el-rei D. Pedro foram, e isso mesmo

se lhe deu Toledo, aquella cidade que tinha cercada. De Montel partiu el-rei D. Henrique e encaminhou para Sevilha, que já tinha tomada voz por elle, e d'ali mandou todas as gentes para suas terras.

Outrosim foi certo que Ciudad Rodrigo e Samora e Carmona, que d'antes estavam por el-rei D. Pedro, não queriam tomar sua voz, com alguns outros logares, e el-rei fez commetter a Martim Lopez de Cordova, mestre que se chamava de Calatrava, e aos outros que estavam em Carmona com os filhos d'el-rei D. Pedro, que elle poria os moços e elles todos, com os thesouros e joias que d'el-rei D. Pedro ficaram, e com tudo o seu, dentro em Portugal ou em Granada ou em Inglaterra, qual antes quizessem, e deixassem o logar sem mais contenda; e elles não quizeram fazer nenhuma preitesia.

Alem d'isto, fez commetter a el-rei de Granada treguas por algum tempo, e o rei mouro não se outhorgou n'ello; e el-rei, vendo isto, deixou seus fronteiros n'aquella comarca e encaminhou para Toledo, que já tinha sua voz d'elle, e ali houve conselho que, posto que lançasse grande peita pelo reino, não havia poder de chegar a cumprimento de pagar o soldo que devia, e, por não annojar e aggravar os povos, mudou a moeda em mais baixa lei; e esta mudança presente para paga dos estrangeiros, mas damnou muito a terra, subindo as cousas em tão grandes preços, por a moeda, que era febre, que valia uma dobra trezentos maravedis e um cavallo sessenta mil.

CAPITULO XXV

Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle.

Como el-rei D. Pedro foi morto, alguns dos que tinham os logares por elle, tomaram voz por el-rei D. Henrique; outros, que lhe obedecer não quizeram, escreveram logo a el-rei de Portugal que se sua mercê fosse de os haver por seus que levantariam voz por elle, e que começasse a entrar por Castella e que lhe dariam as villas e o receberiam por senhor, fazendo-lhe d'ellas menagem.

El rei D. Fernando, mui ledo d'aquesto, respondeu a todos que lhe prazia muito, e que os havia por seus e lhes faria muitas mercês, e lhes acorreria com suas gentes e por corpo se cercados fossem e lhe mister fizesse.

E as cidades e villas que tomaram sua voz foram estas: Carmona, Samora, Ciudad Rodrigo, Alcantara, Valencia d'Alcantara; e mais: de Galliza, a cidade de Tuy, Padron, Arrocha, a Coruña, Salva-

terra, Bayona, Alhariz, Milmanda, Arahujo, a cidade d'Orense, a villa de Ribadavia, e Lugo, a cidade de S. Thiago, que se deu mais tarde e com certas condicções.

E assim como estes logares se deram a el-rei D. Fernando assim se vieram logo para elle, com suas gentes, todos os fidalgos e cavalleiros que eram da parte d'el-rei D. Pedro, assim de Galliza como de Castella, afóra aquelles que estavam nos logares que tomaram voz por Portugal; e os nomes d'alguns d'elles são estes:

D. Affonso, bispo de Ciudad Rodrigo, que deu a el-rei os castellos de Feolhosa e de Lumbrales; o conde D. Fernando de Castro; Alvaro Perez de Castro, seu irmão bastardo, que depois foi conde; o mestre d'Alcantara, D. Pero Giron; Fernando Affonso de Samora, João Affonso de Beça, João Affonso de Moxica; Soeiro Annes de Parada, adeantado de Galliza; Gonçalo Martins de Caceres, Alvaro Mendez de Caceres, Affonso Fernandez de Lacerda, João Perez de Novoa, João Perez d'Aça; Fernão Rodriguez, Alvaro Rodriguez, seus irmãos; Affonso Fernandez de Burgos, Mem Rodrigues de Seabra, Affonso Lopez de Texeda, Affonso Gomez Churichão, Diogo Affonso de Carvalhal, Gomez Garcia de Foyos, Martim Garcia d'Aliazira, João Fernandez Andeiro, Pedro Affonso Giron, Martim Lopes de Cidade, Affonso Vasquez de Vámonso, Affonso Gomez de Lira, Lopo Gomez, Fernão Caminha e seus filhos, Diego Affonso de Proanho, Fernão Gutterez Tello: Diasanchez, adeantado de Caçolla; Garcia Perez do Campo, Pero Diaz Pallameque, Diego Diaz de Gayoso, Fernando Alvarez de Queiroz, Garcia Prego de Mon-

tão, Diego Sanchez de Torres, João Affonso de Samora, Diego Affonso de Bollanho, André Fernandez de Vera, Alvaro Dias Pallaçoillo, Gonçalo Fernandez de Valladares, Bernalde Annes do Campo; Martim Chamorro, filho do mestre d'Alcantara.

Estes e outros que não nomeamos se vieram para el-rei D. Fernando, d'elles juntos em companhia e outros por si com suas gentes, fazendo entender a el-rei que, assim como aquelles logares tomaram sua voz, que assim fariam outros muitos, em tanto que entendiam que era pequena maravilha ser rei de Castella ou da maior parte d'ella; quando ser não quizesse que podia fazer rei um dos filhos d'el-rei D. Pedro seus sobrinhos, que tinha Martim Lopez em Carmona, assim que d'uma guisa ou d'outra não se lhe podia d'isto seguir senão mui grande honra e proveito, desde ahi vingança da morte d'el-rei D. Pedro seu primo, em que mostraria grande façanha que lhe todo o mundo teria a bem.

El-rei disse que de Castella seria rei quem Deus quizesse, mas que elle se trabalharia a todo seu poder de vingar a morte d'el-rei D. Pedro seu primo; e dizem alguns que mandou fazer queixume ao papa e a el-rei d'Inglaterra e a seus filhos, do mal e deshonra que D. Henrique havia feito a el-rei D. Pedro, seu primo, em o matar d'aquella guisa e lhe tomar o reino, e que a isto foram D. Martim Gil, bispo de Evora, e o almirante, quando os el-rei mandou em mensagem ao principe e a outros senhores, em duas galés.

CAPITULO XXVI

Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada, por fazerem guerra a el-rei D. Henrique.

El-rei D. Fernando era grandioso de vontade e querençoso d'aquillo que todos os homens naturalmente desejam, que é accrescentamento de sua boa fama e honroso estado, e quando viu que sem seu requerimento o mundo lhe offerecia caminho assim azado para cobrar tão grande honra, sem mais aguardar contrarios que avir podessem, determinou em toda maneira de sèguir este feito e levar adeante, vendo em sua vontade de tantas ajudas para ello prestes que lhe pareceu ligeira cousa toda Castella ser sua em pouco tempo

E sendo certo como el-rei de Granada não quizera fazer treguas com el-rei D. Henrique, por azo da morte d'el-rei D. Pedro, cujo muito amigo era, por as rasões que ouvistes, tratou logo com elle suas avenças, e foram n'esta guisa:

Que ambos fizessem guerra a todos os que sua voz tomassem e fossem em sua ajuda, e esta guerra fosse por mar e por terra; e que el-rei de Granada não fizesse paz nem tregua com el-rei D. Henrique, mas todavia fosse em ajuda d'el-rei D. Fernando, continuando a guerra contra elle; e que quaesquer villas que tomassem voz por el-rei D. Fernando que fossem seguras d'el-rei de Granada, e isso mesmo as que tomassem voz por el-rei de Granada fossem seguras d'el-rei D. Fernando;

e que se o rei mouro fizesse vir gentes de Bellamarim ou d'outros logares, em sua ajuda contra el-rei D. Henrique, que elle fosse teúdo de pagar o soldo, sem custar a el-rei D. Fernando nenhuma cousa, e por esta guisa, vindo gentes estrangeiras em ajuda d'esta guerra a requerimento d'el-rei D. Fernando, que el-rei de Granada não fosse teúdo a lhes pagar parte do soldo que por sua vinda houvessem d'haver;

e que quaesquer villas ou logares que tomassem voz por el-rei de Granada depois que as conquerisse ou indo para as conquerer, que sendo taes logares por seu mandado destruidos que não fosse porém esta paz quebrada, pois que o não faziam senão com medo;

e por esta maneira fizesse el-rei D. Fernando aos quanto lhe prouvesse de o fazer que tomassem sua voz sem quebrar porém esta avença, a qual os reis firmaram entre si por tempo assignado de cincoenta annos, com grandes juramentos segundo a crença de cada um, feitos de uma parte á outra, a não fallecer d'ello por causa que aviesse.

CAPITULO XXVII

Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram.

Ouvido, antes d'isto, quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e os nomes d'alguns fidalgos que se para elle vieram, bem é que saibaes que geito tinha el-rei com elles, e desde ahi se usou d'algum senhorio nas villas e cidades que então sua parte tiveram.

E, dizendo primeiro da maneira que el-rei com elles tinha, esta era mui honrosa e de grande gasalhado, cá além de el-rei ser grado e liberal, não sómente aos seus mas ainda aos estrangeiros, a estes assignadamente mostrava el-rei grandes gasalhados e partia com elles muito gradamente, em tanto, que era prasmado dos de sua terra e lh'o diziam por vezes no conselho; e elle respondia aos fidalgos que lhe em isto falavam que os seus haviam casas e terras em que abastadamente podessem viver, e os que vinham desacorridos haviam mister bem apo-

sentados e fazer-lhes muitas mercês; então lhes rogava a todos que sempre dessem de si muita honra aos estrangeiros, dizendo que n'isto se mostravam sempre os bons fidalgos: — darem de si muita honra e acolhimento a quaesquer bons que vinham desacorridos.

Assim que, dizendo por miudo quantas grandezas contra èlles mostrou, seria longo processo d'ouvir, porém queremos que tanto saibaes que depois da morte d'este rei D. Henrique, estando uma vez el-rei D. João, seu filho, em uma villa de Castella que chamam Medina del Campo, pousava ali em umas pequenas casas, de guisa que, ceando elle em uma estreita camara que n'ella havia, estavam alguns fidalgos fóra rasoando em muitas cousas, dos quaes era um Fernam Peres d'Andrade e Alvaro Pires do Soiro e Garcia Gonçalves de Grisalva e outros.

E começaram de falar nas grandezas dos reis de Portugal e de Castella — quaes d'elles foram mais grados — e uns d'elles diziam que el-rei D. Henrique fôra mui grado, e outros nomearam el-rei D. Affonso, e assim dos antigos reis de Castella cada um segundo lhe prazia; e, pero ahi portuguezes não estivessem, começaram de louvar muito el-rei D. Diniz de Portugal, dizendo que entre os reis de Hespanha que de grandezas uzaram elle tivera grande vantagem; e falando n'isto começaram alguns de dizer que el-rei D. Fernando era o mais grado rei de que se os homens podiam acordar, e os que isto diziam, a provar sua intenção, chamaram João Affonso de Moxica, que com outros fidalgos estava ahi cêrca departindo em outras cousas, e contaram-lhe todo o seu razoar e a duvida em que eram so-

bre as grandezas dos reis que na Hespanha foram, e que, porque alguns tomaram bando por el-rei D. Fernando dizendo que elle o fôra o mais de todos e elle viera a Portugal depois da morte d'el-rei D. Pedro, que dissesse que grandezas achara n'elle, e elle respondeu dizendo:

—«Eu não hei razão de saber todas as grandezas que el-rei D. Fernando mostrou contra aquelles senhores e fidalgos que se para sua terra foram; sei, porém, que recebiam d'elle todos muita honra e grandes gasalhados, e a muitos que nomear poderia deu villas e terras de juro e herdade e grandes dadivas de dinheiros e bestas e outras cousas. E de mim vos digo que, estando uma vez na cidade de Evora, que elle me mandou um dia trinta cavallos e trinta mulas e trinta arnezes e trinta mil libras em dinheiro, que eram mil e cento e tantos marcos de prata, e quatro azemolas, as duas d'ellas com duas camas e as outras duas com roupa de estrado, e mais me deu de juro e herdade uma sua villa que chamam Torres Vedras; e por aqui podereis vêr que daria aos outros senhores e fidalgos de mór estado e condição que eu.»

Então disseram todos que nenhum dos reis que antes foram acharam que tal grandeza mostrasse contra algum estrangeiro que a sua terra viesse.

CAPITULO XXVIII

Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castella que por elle tomaram voz.

Falando outrosim do senhorio de que el-rei D. Fernando uzou nas villas e cidades que sua voz então tomaram, sabei que não foi levemente assim tomada que elle não uzasse n'ellas de todo poderio, como nos outros logares de seu reino, mas assim cumpridamente se lhe deram e obedeceram em todas as cousas, como a seu rei e senhor natural; e elle tal titulo e nomeação tomou d'alguns logares quando lhes escrevia suas cartas, assim como escrevendo a Samora chamava-se «rei de Portugal e do Algarve e da mui nobre cidade de Samora», dizendo que por morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, elle era de direito herdeiro dos reinos de Castellas e Leão, e seu senhor natural.

Elle mandou fazer moeda de seus signaes, d'ouro e prata, e graves e barbudas, em alguns logares que sua voz tomaram, assim como em Samora e

na Coruña e em Tuy e em Valencia e em Miranda, e poz n'ellas seus thesoureiros e officiaes, segundo para ello cumpriam, os quaes dispendiam e davam por suas cartas e mandados aquellas moedas, que se então corriam por todo o reino de Portugal.

El-rei deu grandes privilegios á cidade d'Orense e de S. Thiago e dos outros logares que sua voz por elle tinham, dando grandes officios e tenças com elles, muitos vieram a elle d'essas villas e cidades, e pediam-lhe os bens dos que se iam para el-rei D. Henrique, e ganhavam d'elle graças e privilegios e officios, e tudo lhes era dado ledamente; elle dava os bens das egrejas e mosteiros que os em Portugal haviam, e isso mesmo nos logares que tomaram sua voz, não sómente aos clerigos mas ás pessoas leigas se lh'os primeiro pediam, e deu a commenda de Toronho, e as villas e logares que lhe pertencem, a Rui de Meira, freire da ordem de S. João, e mandou ás villas e logares da ordem d'Alcantara que houvessem por logo-tenente do mestre d'essa ordem Garcia Perez do Campo Craveiro.

Todas as cousas defezas d'um reino ao outro corriam então para estes logares, segundo a cada um prazia de levar; assim que não sómente os havia el-rei por seus, como sua herança propria, mas ainda esperava d'haver muitos mais, segundo que lhe alguns faziam entender.

E, pela guisa que el-rei D. Fernando dava os bens d'aquelles que se iam e tinham por parte d'el-rei D. Henrique, assim por esse modo dava el-rei D. Henrique as terras e bens dos que tomaram voz por Portugal, e os perseguia a todo seu poder.

CAPITULO XXIX

Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão.

Em tudo isto, el-rei D. Fernando houve accordo com os do seu conselho que para proseguir a guerra contra el-rei D. Henrique não podia ter melhor maneira que commetter a el-rei D. Pedro, d'Aragão, que a infanta D. Leonor, sua filha, que fôra esposada com o infante D. João, filho do dito rei D. Henrique, que a casasse com elle; e por tal casamento entendia elle de levar seu feito muito adeante, com as outras ajudas que tinha, cá el-rei de Granada d'uma parte, e el-rei d'Aragão da outra, e elle por seu cabo, com as gentes e logares que tomaram voz por elle, pareceu-lhe muito azado para mais cedo acabar o que começar queria.

E foi assim de feito que lh'a enviou pedir, e foram lá por mensageiros Badasal d'Espinola e Affonso Fernandes de Burgos e Martim Garcia, cavalleiros de seu conselho, e falando a el-rei sobre isto prouve

de a casar com elle, e mandou um seu cavalleiro, que chamavam *monse* João de Villaragut, com poder bastante para firmar este casamento, o qual chegou a Lisboa, onde el-rei D. Fernando estava; e feitas suas avenças foi el-rei esposado com ella, por palavras de presente, na egreja de S. Martinho da dita cidade, porquanto el-rei pousava então nos paços que chamavam dos Infantes, que são cerca d'essa egreja.

E foi posto nos tratos uma condição, a saber: que el-rei d'Aragão o ajudasse e fizesse guerra com todo seu poder, contra el-rei de Castella, dois annos continuados, e que mil e quinhentas lanças fossem pagadas á custa d'el-rei D. Fernando; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria de haver pagamento por moeda que se costumasse a correr no reino d'Aragão, foi firmado n'esta preitesia que el-rei D. Fernando mandasse lá tanto ouro e prata, de que se podesse lavrar moeda de florins e reaes, que bastasse para paga das gentes que houvessem de fazer guerra, as quaes não comecem andando na terra d'el-rei d'Aragão depois que a guerra começasse de ser.

E havia el-rei D. Fernando de pôr certos refens, por ser el-rei d'Aragão seguro do pagamento que os seus houvessem d'haver emquanto servissem n'aquella guerra.

CAPITULO XXX

Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe deu a Coruña.

Começou el-rei D. Fernando a guerra e poz seus ponteiros pelas comarcas, desde ahi nos logares que sua voz tinham, e mandava que todos os logares fossem velados de certas pessoas em cada vela e outras sobre-velas que as requeriam, e como era o sol posto fechavam as portas de cada logar e abriam-n'as sol levado, e estavam ás portas certos homens com suas armas, que não deixavam entrar pessoa nenhuma dentro que conhecida não fosse, e por cima do muro muitas pedras e traves, para deitar aos de fóra se tal cousa cumprisse.

O pão de todos os covaes era carretado para a villa, e gados affastados dos extremos para dentro do reino; todas as arvores altas de redor dos logares eram cortadas e feitas em traçôes, por os inimigos não haverem azo de fazer d'ellas cousa com que lhe empecessem.

Estes avizamentos e outros mandou el-rei ter em todos os logares, e, posto que alguns digam que elle não tomou n'esta guerra senão titulo de vingador da morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, isto não foi d'esta guisa; mas faziam entender a el-rei, e elle assim o dizia, que pois el-rei D. Pedro era morto que elle ficava herdeiro nos reinos de Castella e de Leão, cá era bisneto legitimo d'el-rei D. Sancho de Castella, neto da rainha D. Beatriz, filha do dito rei D. Sancho. Porém, elle nunca se entremettera de começar tal demanda, nem buscar esta avoenga de tão longe, se não foram os logares que se lhe deram de seu grado e os muitos fidalgos que se vieram para elle, que lhe isto faziam entender.

E, porque ainda em Galliza alguns logares não tinham sua voz, ordenou el-rei d'ir lá, por receber logares que se lhe davam, e socegar a terra que estava por elle, e cobrar da outra o mais que podesse; mas sua ida foi de tal guisa que mais sua honra fôra não ir lá d'essa vegada.

E partiu el-rei por terra, indo com elle D. Alvaro Perez de Castro e D. Nuno Freire, mestre de Christo, e outros senhores e cavalleiros e gentes muitas, e mandou ir oito galés por mar á Corunha, e por capitão d'ellas Nuno Martins de Goes; e chegou el-rei a Tuy e foi ahi mui bem recebido d'Affonso Gomez de Lira, alcaide da cidade, e dos moradores todos d'ella.

El-rei falou então com Lopo Gomez, seu filho, que fosse adeante á Corunha, e, se visse que os da villa duvidavam de o receber por senhor, que elle, com aquelles que comsigo levava, se pozesse no muro de cima da porta da villa e que d'ali defendesse aos do logar que não cerrassem a porta até que el-rei entrasse, que seria logo cêrca.

Lopo Gomez chegou á Corunha e nenhuma cousa disse aos do logar da intenção que levava, salvo que se ia para ali por vêr que maneira os portuguezes queriam ter.

N'isto, chegou el-rei D. Fernando á vista do logar e os da villa o sahiram todos a receber, e entre elles João Fernandez Andeiro, que era o mais honrado do logar, porque as outras gentes são d'elle pescadores e outros homens não de grande conta. E João Fernandez, porque ainda não vira el-rei de Portugal, ia dizendo alta voz entre os outros todos: «Hu vem aqui meu senhor el-rei D. Fernando?» El-rei, quando isto ouviu, deu d'esporas ao cavallo em que ia, e disse: «Eu sou, eu sou», e então lhe beijou a mão elle a aquelles todos que iam de companhia.

E porquanto el-rei d'esta guisa foi recebido na Corunha não se poz em obra nenhuma cousa do que Lopo Gomez houvera de fazer.

CAPITULO XXXI

Como foi tomado Monte-rei.

Tendo a villa da Corunha voz por el-rei D. Fernando, como dizemos, mandou el-rei carregar em Lisboa navios de trigo e cevada e vinhos, que levassem tudo áquelle logar, para ser abastecido, e os outros logares de redor que mingua houvessem de mantimentos.

E, estando uma nau e uma barca ante a villa á descarga, vieram outros navios dos inimigos e tomaram a nau e a barca, e bem cento e quarenta moios de trigo e cevada que n'ellas ainda estavam, e mais onze toneis de vinho, e levaram tudo e queimaram os navios, e mandou el-rei correger os muros de Tuy e de Baiona de Minhor e d'outros logares como quem os entendia de possuir longamente.

As galés de Portugal que andavam pela costa tomaram algumas naus boiantes e um barco no rio de

Pontevedra, em que acharam dez marcos de prata e cincoenta duzias de pelles de cobra e outras cousas de pouco valor.

O conde D. Fernando de Castro foi-se lançar sobre Monte-rei, e levava noventa escudeiros seus, e Vasco Fernandes Coutinho sessenta, e João Perez de Novoa cem, e Mem Rodrigues de Seabra oitenta, e assim Fernão Rodrigues de Sousa e outros fidalgos, cada um com suas gentes; e eram ahi mais alguns vassallos do infante D. João, assim como Vasco Martins Porto Carreiro e Gil Fernandez de Carvalho e Martim Ferreira e Fernão Rodriguez do Valle e d'outros mui bons escudeiros até cem; e d'elles foram com o conde sobre o logar, outros ficaram por essas fronteiras, segundo lhes era ordenado.

E pagaram aos que eram armados águisa, trinta soldos por dia, e aos bem armados, que não eram águisa, vinte, e aos outros quinze soldos; e andava aquelle que tinha carrego de pagar este soldo pelos logares onde cada uns estavam, e ali lhes fazia pagamento.

E poz o conde arraial sobre Monte-rei, combatendo-o com engenhos e bastidas, e pero bem defezo fosse dos que dentro estavam, ácima foi filhado e teve voz por Portugal.

CAPITLO XXXII

Como o el-rei D. Fernando partiu da Corunha quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle.

El-rei D. Henrique, estando em Toledo, houve novas que el-rei D. Fernando de Portugal se fazia prestes para lhe fazer guerra, e soube quaes logares tomaram sua voz, e quantos fidalgos se foram para elle, e como tomava titulo de herdar os reinos de Castella por ser bisneto lidimo d'el-rei D. Sancho, como dissemos; e foi certo como mandava fazer armada de galés e que nos logares que tomaram sua voz colhiam suas gentes e lhes mandava el-rei D. Fernando soldo.

El-rei D. Henrique, sabendo estas novas, partiu logo de Toledo e foi para Samora, que estava contra elle, e foi isto no mez de julho d'este anno de quatrocentos e sete; e poz seu arraial da parte da ponte.

E jazendo assim el-rei sobre Samora, cuidando trazer com os da cidade algumas preitesias por que

lhe obedecessem e fossem seus, houve novas como el-rei D. Fernando entrara em Galliza, e como se lhe dera a Corunha e que toda aquella terra lhe queria obedecer; e como soube isto partiu logo de sobre Samora e foi para Galliza, com todas suas gentes, com intenção de pelejar com el-rei D. Fernando. E vinham com elle *monse* Beltram de Claquim e todos os bretões que com elle eram, e quantos senhores e grandes cavalleiros em seu reino havia.

El-rei D. Fernando, que d'isto estava dessegurado, e não ia prestes salvo por receber villas, quando soube que el-rei D. Henrique vinha com todo seu poder com intenção de lhe dar batalha, não houve em seu conselho de o attender, e como soube que era em terra de Galliza deixou seus fronteiros nos logares que por elle tinham voz, a saber: na Corunha, D. Nuno Freire, mestre de Christo, natural d'aquella comarca, com quatrocentos homens de cavallo, e em Tuy Affonso Gomez de Lira, e em Salvaterra e nos outros logares seus capitães, e mandou a D. Alvaro Perez de Castro que acautellasse aquellas gentes que foram com elle e se viesse com ellas por terra até Portugal; e el-rei metteu-se em uma das galés que levara Nuno Martins e veiu n'ella até cidade do Porto.

El-rei D. Henrique, onde vinha, soube novas como el-rei D. Fernando era partido e como se tornara para Portugal, e accordou com *monse* Beltram de Claquim e com o conde D. Sancho, seu irmão, e com esses senhores que com elle vinham, que entrasse por Portugal, para vêr se poderia trazer algumas preitesias com el-rei D. Fernando, que fosse seu amigo e não houvessem guerra.

E deixou o caminho da Corunha, que trazia, e veiu por entre Tuy e Salvaterra, e passou o rio do Minho a vau, porque era em tempo que o podiam fazer, e como entraram por Portugal começaram de fazer tal guerra qual homem com má vontade faz em terra de seus inimigos, quando não acha quem lh'o embargue.

CAPITULO XXXIII

Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia.

Chegou el-rei D. Henrique a Braga, e como o logar era grande e mal cercado, sem haver ahi mais d'uma torre, em logar ainda que não prestava, era bem azado para se tomar.

Lopo Gomez de Lira, sabendo como na cidade estava muito pouca gente, e ainda esses poucos que eram muito mal armados para defender a cidade, lançou-se dentro, antes que el-rei de Castella chegasse, com uns dez de cavallo e trinta peões.

El-rei D. Henrique, começou de a combater, e, pero o muro fosse baixo e os de dentro mui mal armados, não a podia el-rei tomar; e jazendo por dias sobre ella ordenou de a combater uma vespera de S. Bartholomeu, e poz-lhe uma bastida e combateu-a de guisa que morreram dos de dentro quarenta e oito homens, por mingua de não serem armados; pero com tudo isto não a poude el-rei tomar.

Então os da cidade, vendo que a não podiam defender, preitejaram-se a certos dias que o fizessem saber a el-rei D. Fernando, que estava em Coimbra, e Lopo Gomez, vendo isto, sahiu-se de noite, antes do prazo acabado, e foi-se; a cidade não foi acorrida ao tempo que se preitejou e deu-se a el-rei D. Henrique, que entrou dentro n'ella com todos os seus. Os do logar pozeram as cousas que levar poderam dentro na sé, onde lh'as não tomaram, e depois que el-rei ahi esteve uns seis dias, vendo como era má de manter, desde ahi a terra gastada de mantimentos, pozeram-lhe o fogo e foram-se a Guimarães, que são d'ahi tres leguas.

El-rei D. Fernando, quando soube como se Braga dera, houve grão queixume dos do logar, dizendo que se puderam mais manter se quizeram, mórmente que elle se fazia prestes para lhe ir acorrer, e culpou muito n'isto Gonçalo Paes de Braga e Martim Dominguez, mestre escola, e outros, dizendo que elles foram em azo e ajudadores de se dar a cidade a el-rei D. Henrique e dar os bens d'elles a quem lh'os pedia; e depois soube el-rei quanto elles fizeram por se defender e que não eram em culpa, e perdoou-lhes o erro em que não cahiram e houve-os por bons e por leaes, e mandou que lh'o não lançasse nenhum em rosto.

CAPITULO XXXIV

Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro.

QUANDO el-rei D. Henrique chegou a Guimarães, achou o logar mais defensavel e melhor apercebido que Braga, cá se lançou dentro Gonçalo Paes de Meira, um bom cavalleiro e para muito. com seus filhos Fernão Gonçalves, e Estevão Gonçalves, que depois foi mestre de S. Thiago, e comsigo quarenta de cavallo, e assim outros fidalgos d'aquella comarca, de guisa que era dentro assaz boa gente.

E el-rei poz seu arraial sobre elle, primeiro dia de setembro, e cercou a villa toda, de redor, com a muita gente que trazia, e os de dentro sahiam fóra, assim de cavallo como de pé, e escaramuçavam com elles; e isto foi logo no começo, emquanto o arraial estava arredado. Mandou el-rei mais chegar o arraial e armar engenhos, e começou de combater a villa, e os de dentro trabalhavam de a de-

fender, de guisa que os de fóra não aproveitavam nada em seu combate. El-rei D. Henrique dizem que jurou que se não alçasse d'ali a menos de a tomar, e mandava-a combater tão a miude que dava mui pouca folgança aos da villa.

E sendo assim aficada por tres semanas, de muitas pedras d'engenhos que lhe atiravam, prouve a Deus que nunca nenhuma empeceu a homem nem a mulher nem a alimaria. Os de denro armaram outros engenhos e atiraram aos de fôra, e britaram-n'os e mataram alguns homens, e foi grande alvoroço no arraial; e ao serão entrou Diego Gonçalvez de Castro, pae de Lopo Diaz d'Azevedo, em pannos de burel, dentro na villa, dizendo que era homem do julgado que ia a velar, e os da villa conheceram-n'o e foi logo tomado; e, vendo que não havia n'elle senão morte, confessou que entre elle e el-rei D. Henrique havia tal falla que pozesse o fogo á villa em quatro partes, e que emquanto os da villa acorressem a apagar o fogo que trabalhasse el-rei D. Henrique por entrar a villa; e elles, vendo tal traição como esta, mataram-n'o e deixaram-n'o comer aos cães.

Outrosim, o conde D. Fernando de Castro, que el-rei D. Henrique prendera em Montel, quando el-rei D. Pedro foi morto, vinha então ali preso, não com ferros que fugir não pudesse, mas solto, sob guarda d'um alguazil d'el-rei, que chamavam Ramiro Nunez das Covas; e dizem alguns que disse o conde que queria falar com os da villa que se dessem a el-rei D. Henrique, e trazer com elles algumas boas preitesias, e que indo aquelle que o guardava com elle, para vêr como falavam, desde ahi por sua guarda, que estando cêrca do muro

que se lançou dentro na villa. Ramiro Nunez, quando isto viu, não soube que fazer, com medo d'el-rei D. Henrique, e aventurou-se a perigo de morte e poz-se na villa dentro com elle, e foi logo preso.

Outros affirmam este lançamento do conde D. Fernando dentro na villa muito pelo contrario, cá dizem que um dia sahiu Gonçalo Paes de Meira com seus filhos e gentes, e Gonçalo Garcia da Feira e muitos dos da villa, e deram no arraial d'el-rei D. Henrique e mataram alguns dos castelhanos, e que chegaram á tenda onde o conde D. Fernando estava e que por força o tomaram e o trouxeram para a villa, havendo antes d'isto fala entre elles que o fizessem d'esta guisa; e que jazendo el-rei sobre Braga se quizera o conde D. Fernando lançar dentro, mas porque viu o logar fraco e não defensavel não se trabalhou de o fazer. Mas de qualquer guisa que fosse o que o guardava se lançou com elle dentro na villa, com medo d'el-rei D. Henrique, e culparam-n'o alguns que soubera d'ello parte.

Em tudo isto, el-rei de Castella assessegava seu cêrco sobre a villa, dizendo que se não havia d'alçar de sobre ella até que a tomasse.

CAPITULO XXXV

Como el rei D. Fernando partiu de Coimbra por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou.

Deixemos Guimarães estar cercado e tornemos a contar onde era el-rei D. Fernando emquanto se estas cousas faziam; e sabei que el-rei D. Fernando, quando partiu da Corunha e se veiu ao Porto, encaminhou logo para a cidade de Coimbra, onde esteve de socego, e ali lhe veiu recado quando Braga era cercada, e isso mesmo soube certo como el-rei D. Henrique jazia sobre Guimarães; e ordenou de juntar suas gentes e ir acorrer aquella comarca, e pôr batalha a el-rei de Castella.

E mandou logo suas cartas á cidade do Porto que muito á pressa fosse feita uma ponte de barcas, no rio do Douro, por que elle e toda sua hoste podessem passsar em um dia, porquanto sua vontade era em toda guisa ir pelejar com el-rei D. Henrique, e que isso mesmo se fizessem prestes os moradores do logar para se irem em sua companha.

Os da cidade, mui ledos com este recado, foram todos postos em grande trigança para pôr isto em obra, uns a chegar barcas, d'elles a carretar madeira, outros a lançar ancoras e amarrar cabos, de guisa que muito azinha foi feita uma grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d'areia, tal por que folgadamente podiam ir atravez seis homens a cavallo; e isto feito fizeram-se prestes todos os homens d'armas e de pé e besteiros, com a bandeira da cidade, para irem em companha d'el-rei á batalha.

Partiu el-rei D. Fernando de Coimbra com todas suas gentes, e dizem que chegou até o Porto, e el-rei D. Henrique houve novas d'isto, e ainda affirmam alguns que el-rei D. Fernando lhe escreveu suas cartas que o attendesse; e vendo como não podia tomar Guimarães partiu-se logo do cerco e foi-se para aquella comarca e tomou Vinhaes e Bragança e Çadavi e o outeiro de Miranda, em mui poucos dias, cá uns foram tomados por arte, outros por se não poderem defender. Assim como foi tomada Miranda, que, antes que el-rei D. Henrique chegasse a ella, mudaram-se alguns seus e fingiram-se que eram recoveiros portuguezes e que haviam mister viandas da villa por seus dinheiros, os do logar, não se catando de tal arte, deram-lhes logar que entrassem dentro, e elles, entrando, tiveram logo a porta, e n'isto chegaram á pressa os que iam cerca para lhes acorrer, e d'esta guisa houveram a villa.

Outrosim, os homens de Çadavi defendiam mui bem o logar indo el-rei D. Henrique sobre elle, e houveram alguns do arraial fala com Vasco Esteves e com alguns outros que lhe dessem entrada na villa, e que não receberiam nojo e lhes faria el-rei

muitas mercês, e elles, outhorgando isto, tomaram as chaves e abriram as portas, e entraram os inimigos e foi tomado o logar; e os moradores de dentro, que d'isto parte não sabiam, andando fugido este Vasco Esteves, lançaram depois inculca sobre elle e tomaram-n'o, e foi enforcado em uma ameia do muro.

E todos os montes d'aquella comarca foram então cheios d'homens e mulheres e moços, gados, e viveram na Abbadia Velha e em Ventusello e em todas as aldeias dos montes altos, e todos os monjes e abbades dos mosteiros d'aquella comarca todos fugiram; e foi isto do mez d'agosto até Santa Maria de setembro.

E deixou el-rei D. Henrique recado na villa de Bragança e foi-se para Castella, e dizem que o azo de sua partida tão cedo, e de não attender el-rei D. Fernando para pelejar com elle, foi novas, que lhe vieram sobre Guimarães, como a cidade d'Aljazira, por não ser posta em boa segurança, a cobraram os mouros e destruiram de todo, e que el-rei de Granada viera ahi por seu corpo; e pelo grão pesar que el-rei d'isto houve se partiu assim e se foi para a villa de Toro, e d'ali repartiu suas gentes á fronteira de Granada e outras a Galliza e d'elles contra Samora e aos outros logares que não tinham sua voz e estavam por Portugal.

CAPITULO XXXVI

Como se el-rei D. Fernando tornou, e dos fronteiros que poz em alguns logares.

El-rei D. Fernando, quando soube que el rei D. Henrique era partido de sobre Guimarães não foi mais por deante e tornou-se, e dizem que lhe pesou muito por que se el-rei de Castella partira; e então mandou as gentes, cada uns para suas terras e outros ás fronteiras das comarcas e logares, segundo viu que lhes cumpria, fazendo-lhes gradas e grandes mercês e pagando-lhes logo o soldo por certo tempo.

E foi enviado por fronteiro-mór entre Tejo e Guadiana o infante D. João e o infante D. Diniz, seu irmão, e com elles o mestre de S. Thiago e D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e Fernão Rodriguez d'Aça e Fernão Gonçalves de Meira e Vasco Gil de Carvalho e João Affonso de Bessa e Gonçalo Annes Pimentel e Vasco Martins de Sousa e outros que dizer não curamos; e pagavam

de soldo ao de cavallo tari com faca, armado á guisa, trinta soldos por dia, que eram oito dobras por mez, e ao ginete vinte, que eram por mez cinco dobras, e ao de cavallo sem faca quinze soldos.

Armado á guisa chamavam então, assim de pé como de cavallo, qualquer que era cumpridamente armado, sem lhe fallecer nenhuma cousa, e o que o era communalmente, e não tão bem, chamavam armado a meia guisa; e quando lhes faziam pagamento do soldo descontavam-lhes d'elle quanto montava nas malfeitorias que cada um fazia, e do armazem de Lisboa levavam para cada um logar as armas e cousas que mister havia para sua defensão.

A Elvas foi enviado por fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos e com elle gentes de Lisboa, assim como Alvaro Gil e Vasco Esteves de Molles e Estevão Annes e Martim Affonso Valente, todos cavalleiros. Gomes Lourenço do Avellar e Gonçalo Vasques d'Azevedo e Gonçalo Gomes da Silva e João Gonçalves Teixeira e outros foram enviados, em companha do dito Gomes Lourenço, a Ciudad Rodrigo: e Johanne Mendes de Vasconcellos a Extremoz, e D. Fernando d'Olivença a Olivença. O mestre D. Martim Lopes estava então em Carmona, e em Monte rei Alvaro Peres, e em Tuy Affonso Gomes de Lira e em Milmanda Nuno Viegas o Velho, e em Arahujo Rodrigo Annes, e assim dos outros fidalgos cada uns em seus logares.

E houve el rei D. Fernando mui grande queixume dos moradores de Bragança e de Vinhaes e dos outros logares que el-rei D. Henrique tomou d'esta vez, dizendo que por sua culpa lh'os deram, podendo-se defender por maior espaço, e deu os bens

d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que culpava elles porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos, e não culpava a si, que lhes não acorria, podendo-o mais bem fazer.

Certamente, el-rei D. Fernando era mui prasmado dos povos, dizendo que nenhum rei podia acabar grandes feitos a que se pozesse, se elle por si não fosse presente com os seus, para os esforçar e mostrar sua ardideza, e que nenhuma cousa lhe prestava sua mancebia e ardimento, pois elle espalhava todas suas gentes e se punha em poder e conselho do conde D. João Affonso Tello e d'outros, que por covarde encaminhamento lhe faziam entender que se não trigasse a pôr batalha, cá onde se não precatasse toda Castella lhe obedeceria; e por tal azo como este agastava elle si e o reino com mudança de moedas, por satisfazer a todos, e perdia as gentes e logares que tinha assenhoreando-se d'elle a covardice; assim que todo seu feito era de Santarem para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo: «Eis vol-o vae, eis vol-o vem, de Lisboa para Santarem».

N'este comenos, accendia-se a guerra cada vez mais, e trabalhavam-se os das fronteiras de fazer nojo uns aos outros, fazendo cavalgadas nas terras dos inimigos, trazendo roubos de gentes e de gados, cada uns como melhor podiam.

CAPITULO XXXVII

Como Gil Fernandes entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada.

Assim aveiu n'esta sesão que em Elvas havia um escudeiro bem mancebo, chamado por nome Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, neto de Gil Lourenço, prior que fôra de Santa Maria do dito logar, o qual foi homem de bom esforço e para muito, segundo dissemos na historia d'el-rei D. Affonso o quarto.

E este Gil Fernandes, sahindo a seu avô nas condições e ardideza, fez muitos e mui bons feitos, por que depois foi mui nomeado nas guerras que se seguiram, como adeante ouvireis, e o primeiro foi no começo d'esta guerra, antes que Gonçalo Mendes de Vasconcellos viesse a Elvas por fronteiro.

E foi assim que elle se trabalhou de juntar, de seus parentes e amigos, setenta homens d'armas e quatrocentos homens de pé, e passou por Badajoz

e foi correr a terra de Medellim, e apanhou mui grande cavalgada de gados e bestas e de prisioneiros, e o roubo era tão grande que ádur o entendiam todos de trazer a Portugal, mórmente havel-o de defender a quem lh'o tolher quizesse; isto entendiam elles de gravemente poder fazer, em tanto que disseram muitos a Gil Fernandes, porquanto era homem novo e não ainda usado em guerra, que fizera mal de os pôr em perigo, alongando-se tanto por terra de seus inimigos. Gil Fernandes, a que natureza provera de bom esforço e ardimento, affoitamente começou de dizer:

— «Amigos, esforçae e não hajaes temor, e se algumas gentes vierem a nós com ousança e sem receio, pelejemos com elles.»

Então usou d'uma arteira sajaria e bom avisamento, n'este modo. Porquanto o infante D. João era fronteiro-mór d'aquella comarca, disse a um seu tio, que diziam Martim Annes, que se chamasse infante D. João e que elles em tal conta o trariam, e fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem a mão como a seu senhor, e elle tal geito lhes mostrava, mandando soltar d'elles, por darem fama pela terra que elle era o infante D. João.

E foi assim de feito que os prisioneiros que deixavam ir juravam a quaesquer outros que aquelle era o infante D. João que levava aquella cavalgada, affirmando que lhe beijaram a mão. Os castelhanos que o ouviam, receando seu nome e poder, não ousavam de sahir a elles, e d'esta guisa veiu aquelle roubo a Portugal sem achar quem lhe fizesse nojo, e era a cavalgada tão grande que trazia mais d'uma legua em longo.

CAPITULO XXXVIII

Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveiu a cada uns d'elles.

Logo cêrca, veiu por fronteiro a Elvas Gonçalo Mendes de Vasconcellos, o qual rogou este Gil Fernandes que fossem correr contra Badajoz, e elle outhorgou de o fazer, mas disse que entendia que na cidade estavam tantos que se não podia escusar a peleja, e que levasse elle comsigo todos os da villa bem acaudellados, e elle com quarenta de cavallo iria correr contra Badajoz, até um logar que chamam a Torre das Palombas, e que os fidalgos que no logar estavam sahiriam logo a elle, e que assim os viria tirando até que houvesse de ser a peleja.

Ordenado por esta guisa, foi Gil Fernandes correr, e do logar sahiu muita gente, assim homens de cavallo como de pé, e vinham-se reffertando com elles, por os trazer onde pelejassem; e quando chegou a Gonçalo Mendes começou de dizer altas vo-

zes que se esforçassem todos, cá aquelle era o seu bom dia; e o cavallo de Gil Fernandes trazia já na testa um ferro de lança com um tração d'haste, e assim andou depois na peleja.

Chegaram os castelhanos e juntaram uns com outros, e foi tal sua ventura d'um cavalleiro de Badajoz que chamavam Fernão Sanchez, que era o fidalgo de mór estado que ahi havia, que um homem de pé, carniceiro de Lisboa, que chamavam Lourencinho, lhe deu com uma almarcova na mão do cavallo, o qual cahiu logo com elle, e Fernão Sanchez em terra, e outro cavalleiro de Toledo, e assim fizeram outros assás de bons, que ficaram logo ali mortos. As outras gentes fugiram para Badajoz, que era bem perto, e o encalço foi seguido até onde se fazer poude, e tornaram-se os portuguezes para Elvas mui ledos com esta victoria.

Isso mesmo, o infante D. João, que era fronteiro-mór d'aquella comarca, e D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, em sua companha, juntaram suas gentes, com alguns outros dos castellos de redor que se escusar podiam, e partiram de Extremoz, onde estavam, e foram a Badajoz depois d'aquelle aquécimento de Fernão Sanchez, pelo combater e tomar se podessem; e accommetteram o logar e do primeiro combate entraram a cêrca primeira, e as gentes do logar acolheram-se á cêrca velha e ali se defenderam de guisa que não foram entrados; e os portuguezes pozeram fogo ás casas da primeira cêrca e foram d'ellas muitas queimadas, e derribaram parte do muro, e tornou-se o infante com suas gentes e os outros para seus logares.

CAPITULO XXXIX

Dos logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma.

El-rei D. Fernando, como ouvistes, quando tornou da ida de Guimarães, mandou seus fronteiros aos logares que por elle tinham voz, entre os quaes ordenou de mandar Gomez Lourenço de Avellar a Ciudad Rodrigo, e que se viesse Affonso Gomes da Silva, que antes d'isto lá estava; e foram em sua companha Affonso Furtado e Estevão Vasques Philippe e João Rodrigues Porto Carreiro e outros bons que já dissemos, até duzentas lanças, e mandou-lhe el-rei fazer uma mui formosa bandeira de suas armas, que levaram quando partiram de Lisboa, que era no mez d'abril.

Gomez Lourenço chegou á cidade, e depois que foi de socego correu a terra de redor e filhou estes logares, a saber: Sam Fellizes dos Gallegos e o Reco Pardo e a Feolhosa e Carralvo; e poz por fronteiro, em Sam Fellizes, João Rodrigues Porto Carreiro, com vinte e quatro de cavallo.

João Rodrigues, estando no logar, veiu sobre elle o concelho de Ledesma, que eram bem oitenta de cavallo, e João Rodrigues sahiu da villa e pelejou com elles, e foram vencidos os de Ledesma, matando e prendendo muitos d'elles e isso mesmo dos homens de pé que ainda vinham á longa; e foi esta peleja muito soada, porque os poucos venceram muitos, e d'esta guisa que os portuguezes faziam é de cuidar que fariam os castelhanos, mas, porque nenhuma cousa que elles então fizessem achamos em escripto, não o podemos pôr em historia.

Mas sabei que n'esta sezão, em Lisboa, uma terça feira ao serão, se alçou fogo na Ferraria, da parte do mar, e arderam todas as casas d'aquella rua e mui grande parte da rua Nova, e foi grande queima e muito haver perdido e furtado, e durou o fogo por grande espaço.

Outrosim, no anno seguinte de quatrocentos e oito, vinte e tres dias do mez de fevereiro, desde a meia noite até sahinte de missas, fez mui grande tormenta; e tinha el-rei no porto de Lisboa certas naus, que armava para a guerra que havia com el-rei de Castella, e foi a tormenta tão grande que as mais d'ellas se perderam e quebraram em terra, e perdeu-se muita companha d'ellas e dos outros navios que n'este porto estavam; e era o vento tão grande que as telhas dos telhados, que eram cobertos com cal, assim as levava como se fosssem pennas, e o postigo da porta da Sé foi arrancado e a tranca da porta britada e isso mesmo o fecho, e muitas oliveiras foram arrancadas; e pesou muito d'isto a el-rei D. Fernando, que então estava n'essa cidade.

CAPITULO XL

Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cerco.

Passou o anno de quatro centos e sete e começou a era de quatrocentos e oito, no qual anno, estando el-rei D. Henrique na villa de Toro, soube como Gomez Lourenço do Avellar e as gentes que com elle estavam em Ciudad Rodrigo faziam grandes cavalgadas pela terra de redor, e muita perda e damno por toda aquella comarca que voz de Portugal não tinha; e tendo el-rei d'isto grande sentido ordenou de a vir cercar, e partiu da villa de Toro e veiu pôr arraial sobre ella, e fez-lhe atirar com engenhos e combatel-a de vontade.

Gomez Lourenço e as gentes que com elle estavam, desde ahi Martim Lopes de Cidade, que era o mais honrado cavalleiro que ahi havia, com Pero Mercham e outros do logar que tomaram voz por el-rei D. Fernando, defendiam-se todos de guisa que os do araial haviam bem que fazer.

Vendo el-rei D. Henrique que com engenhos e trons e força de béstaria não lhe podia empecer por combates, ordenou de lhe fazer uma cava, e começaram de a fazer junto com o mosteiro de S. Paio, que está arredado do logar.

Gomez Lourenço soube-o por inculcas que trazia fóra, e no direito onde entendeu que haviam de vir derribou casas dentro na cidade, e fez encher cubas de terra e pedra, e grande bastida de madeira com peitoris de portas das casas n'ella, apercebendo-se do damno que lhe recrescer podia.

Os de fóra acabaram sua cava e pozeram grande parte do muro em contos, e devisado o dia do combate deram fogo á cava e começaram a combater o logar por quatro partes, por não entenderem os de dentro por onde levavam a cava, crendo que por nenhuma guisa os da cidade podessem soffrer a força d'aquelle combate, o qual, durando por bom espaço, e cada uns mostrando suas forças, uns por se defender e outros por entrar, arderam os contos que tinham e cahiram d'elle bem dezoito braços todo em torrões grandes, uns sobre outros, da qual cousa os de fóra houveram grande prazer; e muitos da cidade houve ahi taes que, vendo aquillo, cuidaram por força serem entrados.

Os que combatiam trabalharam logo por subir por cima do muro que cahira, e pondo-o em obra viram os de dentro afortalezados d'aquella parte derribada, de guisa que matavam d'elles e feriam muitos, e maravilhando-se da sua força e avisamento affastaram-se a fóra, e foi ahi morto um cavalleiro que diziam *monse* Lemosim, irmão do senhor de Leberth.

El-rei D. Henrique, vendo que com tudo o que

lhe feito havia não a podia tomar, desde ahi pelas grandes chuvas que estorvavam a vinda dos mantimentos de que o arraial era já minguado, determinou de partir d'ali, havendo dois mezes e meio que jazia sobre ella, e foi-se para Medina del Campo no mez de março meado, e ali ordenou de fazer pagamento a *monse* Beltram e aos estrangeiros, de cento e vinte mil dobras que lhes devia de suas soldadas, e que se fossem para suas terras. E mais enviou Pero Manrique e Pero Ruiz Sarmento a Galliza, com gentes, porquanto soube que D. Fernando de Crasto andava n'aquella comarca com grande poder fazendo damno nos que sua parte tinham; e d'ali partiu para Toledo e veiu-se a Sevilha, para pôr recado na terra, que recebia damno dos de Carmona e isso mesmo dos mouros, que faziam cada dia entradas, e o peor de tudo isto, da frota das galés e naus de Portugal que jaziam no rio de Guadalquivir, de guisa que Sevilha não tinha o mar desembargado para d'elle haver proveito, como depois do seguinte capitulo ouvireis.

CAPITULO XLI

Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna, e mortos os filhos d'Affonso Lopez de Texeda.

TRABALHANDO-SE el-rei D. Henrique d'haver as villas e logares que sua voz não tinham, e vendo que por nenhuns commettimentos nem preitesias que trouxesse aos que eram alcaides d'elles lhe prestava para os haver por sua parte, cercava-os e combatia-os com todas artes e forças que para tal feito eram pertencentes, e os que tinham taes fortalezas não trabalhavam menos de se defender d'elle como se el-rei e os seus fossem mouros inimigos da fé que os houvessem de cobrar e haver a seu poder; e não sómente el-rei com suas gentes, mas ainda a rainha sua mulher, que para isto bastante coração havia, isso mesmo se trabalhava de cercar alguns d'elles, entre os quaes cercou Samora, que tinha Affonso Lopes de Texeda com seus irmãos e outros fidalgos com muitas gentes, mantendo voz por el-rei D. Fernando.

E foi o logar por dias assim aficado que se preitejou Affonso Lopes com a rainha que se a certos dias lhe não viesse acorro que o desse sem outra contenda. A rainha outhorgou a preitesia, com tal condição que Affonso Lopes lhe entregasse em refens, por segurança d'isto, dois seus filhos que tinha comsigo, os quaes por grado do pae lhe foram entregues.

Passou o termo entre elles divisado e não lhe veiu outro nenhum acorro, salvo se foi *mice* Gregorio de Campo Morto, que se lançou dentro do logar com sessenta homens d'armas, não embargando que a villa jazesse assim cercada, mas isto não prestou nenhuma cousa para se ella poder defender; e foi requerido Affonso Lopes que desse o logar, pois o termo já era passado, e elle se escuzou por taes palavras e com tal som que de o fazer havia pouca vontade, da qual cousa a rainha houve assim grande queixume que disse, affirmando por juramento, que se lhe Affonso Lopes não desse o logar como ficára com ella, pois o termo já era passado, que lhe mandaria degolar os filhos ante seus olhos, se os elle olhar quizesse, e assim lh'o mandou dizer.

Affonso Lopes, ouvindo aquesto, usou d'um modo mui extranho, o qual não é de louvar como virtude, mas façanha sem proveito, comprida de toda crueldade; e disse áquelles que lhe isto disseram que, se a rainha, por esta rasão, lhe mandasse degolar seus filhos, que ainda elle tinha a forja e o martello com que fizera aquelles, e assim faria outros.

Os que esta resposta ouviram, posto que Affonso Lopes afoitamente n'ello falasse, não poderam crêr que dois seus filhos assim ázados para amar dei-

xasse morrer d'aquella maneira, como assim seja que na morte do filho nenhum póde sentir mór dôr que o pae, mórmente de tal geito.

E foi assim que os trouxeram em vista do muro, frontando e requerendo Affonso Lopes que desse o logar, como ficára, se não que os matariam logo em sua presença, e elle respondeu que os matassem se quizessem. Bradavam os filhos chorando ao pae que os não deixasse matar e se amerceasse d'elles, dizendo:

—«Oh! pae, por Deus e por mercê, havei de nós dó e não nos deixeis assim matar. Oh! pae senhor, dae esse logar, pois vos não veiu acorro, e não morramos assim sem porque.»

Estas e outras doridas razões, que não minguava quem lhes ensinar dos que presentes eram, bradavam os filhos ao pae que lhes acorresse, e não sómente elles, mas todos os que estavam cerca isso mesmo bradavam que se amerceasse d'elles. E durando isto por grande espaço, detendo-se aquelles que de os matar tinham cargo, ácima nenhumas palavras nem brados dos filhos nem de muitos que se chegaram a vêr o demover poderam de sua intenção, e os filhos foram mortos áquella hora, por fallecer do que promettido tinha, e elle não poude manter o logar e depois o houve el-rei D. Henrique por preitesia.

CAPITULO XLII

Da frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram.

El-rei D. Fernando, no começo d'esta guerra, mandou armar grande frota de galés e naus, a saber vinte e oito galés suas, e quatro a soldadas de *mice* Reinel de Guirimaldo, e trinta naus de seu reino e das que se vieram para elle da costa do mar; e ia por almirante nas galés *mice* Lançarote Peçanho, e por capitão João Focim, um d'aquelles cavalleiros que se vieram de Castella para el-rei D. Fernando, o qual se partiu primeiro, com seis galés e duas galeotas, aos quinze dias de junho, e depois partiu o almirante com toda a frota.

E a intenção d'el-rei era que esta frota jouvesse á entrada do rio de Sevilha, para embargar que nenhum navio podesse ir nem vir com mercadorias nem outros mantimentos para a dita cidade, e empachado longamente aquelle porto por esta guisa que Castella recebia tão grande perda e damno por

esta rasão que seria a elle mui grande vantagem para cumprir sua vontade. Além d'isto, parte das galés e navios correriam andando a costa e ganhando de seus inimigos o que haver podessem, dariam sempre volta sobre a foz do rio, e ali jariam de socego com as outras quando vissem que cumpria, e que d'isto se não podia seguir salvo mui grande proveito.

Partiram as naus e galés juntamente, no mez de maio, d'ante o porto de Lisboa, com grande parte de gentes do reino, qne era formosa companha de vêr, e iam nas galés, por patrões, *mice* Badasal d'Espinola e Brancalleom, genovezes, e João de Mendonça e Gonçalo Durães de Lisboa e Gomes Lourenço de Carnide e outros cujos nomes não fazem mingua, posto que se aqui não escrevam, e chegaram a um logar que chamam Barrameda, que é á entrada do rio de Sevilha, e ali ancoraram todas.

Os castelhanos, quando os ali viram, não lhes prouve de sua visinhança, e diziam contra elles, por modo d'escarneo, «que não foram ajudar el rei D. Pedro emquanto era vivo e que então lhe iam ajudar os ossos depois da morte.»

Jouve ali a frota por espaço de tempo, e destruiu toda a ilha de Cadez e fez muito damno por aquella comarca, assim no mar como por terra, porém que não achamos que mais tomassem, logo como chegaram primeiro, que um baixel carregado d'azeites, com seis quintaes d'alácar, e uma galé a que pozeram nome a *Bem ganhada*. E agastava-se muito a cidade de Sevilha, por azo da servidão do rio, que d'esta guisa estava embargada.

Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e

morriam alguns e soterravam-n'os em terra, e d'ali os dessoterravam os lobos e comiam-n'os; e, posto que lhe el-rei mandasse navios com biscoito, que se fazia no Algarve e em Lisboa, e outros mantimentos e cousas que lhe mister faziam, não era a abundancia tanta que lhe satisfazer podesse, em guisa que, por frio e fome e comer desacostumadas viandas, vieram muitos a morte e fraqueza e continuadas dôres; e, se alguns por morte ou fugimento falleciam da frota, logo era cumprido o conto d'outros tantos que novamente traziam a ella, e isso mesmo mudavam os patrões que serviam um tempo e mandavam outros que servissem nas galés.

E mandava el-rei lá muito burel e pannos de linho e de côr, e vestires feitos para alguns que andavam mal vestidos, e descontavam-lh'os no soldo, quando lhes levavam os dinheiros de que lhes faziam pagamento.

Se el-rei, por rasão d'embaixadas ou por outra alguma cousa, havia mister d'estas naus e galés para enviar a outra parte, tomava aquellas que lhe prazia e mandava-as fornecer e pagar seu soldo; e depois que vinham d'onde eram enviadas tornavam-se para a frota d'onde antes partiram.

Parte das naus e galés vinham ao Algarve e a Lisboa, e n'estes logares lhes pagavam ás vezes seu soldo, e tomavam refresco e mantimento, e tornavam-se logo para a outra frota; mas não embargando isto, o mui longo tempo que continuadamente ali jouveram, que foi um anno e onze mezes, passando muita fome e frio e outras dôres, fez que se perdeu muita gente d'ella, ca lhe cahiam os dentes e os dedos dos pés e das mãos, e outras attribulações que passavam, que seria longo de dizer.

CAPITULO XLIII

Razões sobre as treguas que alguns disseram que el-rei de Granada fizera com os castelhanos.

Alguns, que primeiro que nós escreveram, affirmam, dizendo em suas historias, que el-rei D. Henrique, quando partiu de Medina del Campo para Sevilha, como tendes já ouvido, que antes que chegasse á cidade soube no caminho como o mestre de S. Thiago, D. Gonçalo Mexia, e o mestre d'Alcantara, D. Pero Moniz, haviam feito tregua com el-rei de Granada, de que dizem que lhe muito prouve; e não falam por quanto tempo, nem com que condições esta tregua foi feita. E isto nos parece contradizer muito á verdade, por algumas certas rasões; e deixada a primeira que deveram de dizer, a saber a razão por que foi feita, e com quaes preitesias e por que tempo, tomemos a segunda, dizendo assim que o rei mouro, requerido no começo d'esta guerra, por el-rei D. Henrique, que lhe desse tregua, por nenhuma guisa lh'a quiz

outhorgar, tendo que elle indignamente occupava os reinos de Castella, que por herança direita convinham ás filhas d'el-rei D. Pedro, seu irmão, a saber a D. Beatriz, que se finara em Bayonna de Gasconha, e dês-ahi a D. Constança, casada com o duque d'Alencastre, e que porém firmou então el-rei de Granada treguas com el-rei D. Fernando, e não com elle; e um dos capitulos n'ellas conteudo era, segundo tendes ouvido, que el-rei de Granada não fizesse paz nem tregua com el-rei D. Henrique, mas todavia continuasse guerra contra elle.

E se alguem disser que o mouro, não embargando isto, podia quebrar a tregua e juramento que feito havia, segundo sua crença, e ser amigo d'el-rei D. Henrique, responde-se que isto não parece d'outhorgar, ca, se assim fôra, não era a tregua cousa que se encobrir podesse, segundo as entradas que os mouros faziam a miude em Castella, nem el-rei de Granada não enviara pedir, n'esta sesão, a el-rei D. Fernando que lhe enviasse de sua terra algumas cousas em que lhe faria prazer, assim como enviou, ca el-rei D. Fernando, a seu requerimento, lhe enviou então em prezente seis alãos e seis sobujos, todos com collares brollados e fuzis de prata dourados e as trêllas d'elles d'ouro fiado, e trinta azarmas, todas com contas e anguadas de prata douradas, que levavam quarenta e seis marcos de prata em guarnimento; e levaram-lhe este presente, que apodavam a seiscentas dobras, sete moços do monte, d'el-rei D. Fernando, o qual presente, posto que pequeno fosse, lhe não fôra enviado se el-rei de Granada quebrantara a tregua que com elle feita tinha.

Nem nós não achamos que el-rei D. Henrique mandasse vir da fronteira dos mouros as gentes

que lá tinha enviadas por guarda da terra, demais que sendo depois Carmona cercada, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, vinha el-rei de Granada em sua ajuda com muitas gentes, como adeante ouvireis, o que não fizera se tivera tregua com elle; e por estas razões nos parece não darmos fé aos que fallaram do britamento d'esta tregua d'el-rei de Granada.

CAPITULO XLIV

Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Portugal e não tiveram geito, e por que azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha.

Quando el-rei D. Henrique chegou a Sevilha, viu como a cidade estava mui agastada e apertada, por azo da frota de Portugal, que lhe tinha empachada a entrada do rio; e dizem alguns que não estavam então ahi mais, de toda a frota, que dezesseis galés e vinte e quatro naus, mas não assignam quaes nem quaes não, nem quem eram os patrões d'ellas.

El-rei fez logo lançar vinte galés na agua, mas não podiam haver remos que as forneccessem, porquanto el-rei D. Pedro fizera levar muitos remos de Sevilha para Carmona, quando a fazia abastecer, assim que se não podiam armar de todo, e porem repartiram cem remos a cada galé e minguavam-lhe oitenta, entendendo que estes bastavam sómente para chegar á frota de Portugal e pelejar com ella; mas taes havia ahi dos mareantes que eram

muito contrarios a isto, dizendo que as galés, por esta guisa, iam em muito grande perigo, porque quando viesse a jusante da maré lançal-as-hia em poder da frota de Portugal, que tinha naus armadas em sua ajuda, e podiam-se desordenar e ser desbaratadas.

El-rei, não embargando isto, fez entrar nas galés muitos cavalleiros e homens d'armas e bésteiros e outras gentes, e partiram pelo rio a fundo, e el-rei por terra com muitas companhas; e, chegando as galés a Coira sobre Guadalquivir, souberam os portuguezes como vinham armados de muito boa gente, para pelejar com elles, e el-rei por terra com grandes companhas, para seu acorrimento se lhes mister fosse. E vendo como todos vinham gente folgada e fresca, demais em presença e vista d'el-rei, que lhes daria dobrado esforço para pelejar com grande acorro que tinham muito prestes, e elles por contrario cansados e fracos e muitos doentes, houveram conselho de se lançar a largo no mar, onde, querendo pelejar com elles, teriam vantagem das galés de Castella, as quaes não poderiam ser acorridas assim no mar como no rio; e foi assim de feito que se pozeram as naus e galés todas dentro no mar.

N'outro dia, chegaram as galés de Castella ás Forcadas, e souberam como a frota de Portugal se lançara no mar largo, e as galés de Castella chegaram até S. Lucar de Barrameda e não ousaram ir mais por deante, por os poucos remos que tinham, e não se atreviam entrar no mar, especialmente pelo acorro que haver não podiam.

El-rei chegou ahi esse dia com suas companhas, e quando viu a frota de Portugal andar no mar al-

to, e que a sua não podia bem lá ir a seu salvo, houve accordo que d'aquellas vinte galés armasse sete para enviar a Biscaya por remos, e isso mesmo armar naus para vir pelejar com a frota de Portugal. E foram logo fornecidas sete galés de tudo o que lhes cumpria, e com ellas *mice* Ambrosio Bocca Negra, seu almirante, e partiram de noite, por as não vêr a frota de Portugal, e el-rei tornou-se a Sevilha e as trez galés suas que ficaram, e as naus e galés dos portuguezes tornaram-se a deitar na entrada do rio, onde primeiramente estavam; e a isto não poude el-rei pôr remedio salvo esperar estas sete galés com as naus que mandava armar em Santander e em Castro Dardialles e outros logares da costa, as quaes, como foram armadas, encaminharam logo para Sevilha.

E aconteceu que uma nau d'el-rei D. Fernando, de que era mestre Nicolao Annes Estorninho, ia para Barrameda e levava cem mil libras para pagar soldo á frota de Portugal, e atravez do cabo de Santa Maria de Faro chegaram a ella as galés de Castella e mataram o mestre com outros, e d'elles captivaram e queimaram a nau e tomaram os dinheiros.

As galés de Portugal eram então todas pelo rio acima, cá das naus não fazem menção as historias, e quando as galés deram volta e tornaram para onde antes jaziam viram as naus e galés de Castella ordenadas de guisa que tinham tomada a entrada da foz, que nenhum navio podia por ali passar sem primeiro haver contenda; e não se atrevendo a pelejar com elles foram em grande cuidado de sua sahida. Então pozeram fogo a dois navios que tomaram, carregados d'azeite, e deixaram-n'os ir

pelo rio afundo; o fogo era grande e cada vez maior, e quando chegaram ardendo ás naus e galés de Castella foi-lhes forçado de lhes dar logar e desordenarem-se de como estavam amarradas, por não receberem damno. As galés de Portugal, por onde os navios do fogo passaram, sahiram umas depois outras quanto mais podiam, antes que se as naus e galés de Castella tornassem a carregar como da primeira, e assim sahiram todas sem mais pelejar umas com as outras.

E alguns em suas historias, que d'este feito escreveram, dizem que ficaram no rio dentro trez galés de Portugal que não poderam sahir tão azinha, e que foram tomadas pelas de Castella; outros desvairam d'isto, os quaes contam que não ficou nenhuma, e provam-n'o por uma forçada rasão, dizendo que se assim fôra que algumas naus ou galés de Portugal foram então filhadas, segundo estes auctores escreveram como lhes prouve, que na paz que no seguinte anno os reis entre si pozeram, fizera d'aquesto menção, cá, pois um dos capitulos n'ella conteudos é que os reis possam tirar dos logares que d'entregar houveram quaesquer açalmamentos que cada um n'elles tivesse postos, e isso mesmo que se entregasse quaesquer prisioneiros que tomados foram sem nenhuma rendição, muito mais razão era falar na entrega de taes galés ou navios com tantas gentes e armas e cousas n'ellas tomadas, que é maior cousa que o abastecimento d'um pequeno logar assim como Sam Fellizes e a Feolhosa e outros similhantes; e que pois taes pazes d'isto não falam que não devem dar fé a tal escriptura.

E tornando a falar nas naus e galés dos portu-

guezes, cuja estada havia feito muito damno não sómente a Sevilha mas áquella terra toda, depois que as outras de Castella vieram, ellas se partiram d'ali todas da maneira que ouvistes, salvo uma galé que lá se perdeu em Santa Maria del Puerto.

E mandou el-rei D. Fernando desarmar as naus e galés, nas quaes se perdeu muita gente, como dissemos, porque tiveram dois invernos n'ellas, que taes houve ahi, segundo diziam, que foram n'ellas mettidos sem barbas e que á tornada vieram cãos.

E el-rei gastava seus thesouros e perdia as gentes, com pouco accrescentamento de seu estado e honra.

CAPITULO XLV

Como os de Carmona mandaram dizer a el-rei D. Fernando que lhes acorresse, e da resposta que deu ao mensageiro.

Havendo já um anno e nove mezes que esta guerra durava, começando-se a era de quatrocentos e nove, estavam os de Carmona mui esforçados, com pouca vontade de dar a villa a el-rei D. Henrique, nem tomar sua voz, por o grande esforço que tinham em el-rei D. Fernando, que lhes promettera que, sendo cercados, os fosse descercar.

E foi assim que morto el-rei D. Pedro, como dissemos, estava Martim Lopez de Cordova, mestre de Calatrava, em Carmona, com muitas gentes comsigo, e quando os outros logares tomaram voz por el-rei D. Fernando foi esta villa de Carmona um d'elles, segundo ouvistes, e escreveram-lhe logo como estavam ali juntos e prestes para seu serviço, e que se acontecesse que os d'el rei D. Henrique

viessem cercar que lhe pediam por mercê que lhes acorresse como áquelles que de toda a vontade queriam ser seus.

El-rei foi ledo com aquestas novas, e disse que lh'o agradecia muito, e fez-lhes saber que fossem bem certos, se tal cousa aviesse de serem cercados, que elle lhes acorreria em toda guisa; e por mór segurança d'isto mandou-lhes um alvará assignado por sua mão. D'esta resposta foram elles mui contentes, e trabalharam-se d'açalmar e abastecer melhor o logar, que se lhe tal cousa aviesse o podessem bem defender.

Elles estando n'esta esperança, souberam como el-rei D. Henrique ordenava de os ir cercar, e enviarem á pressa um cavalleiro a el-rei D. Fernando, para lhe fazerem saber como el-rei de Castella juntava suas gentes para vir sobre elles, o qual chegou a el-rei e disse:

—«Senhor, o mestre D. Martim Lopez e aquelles nobres homens que estão na vossa villa de Carmona enviam mui humildosamente beijar vossas mãos e se encommendam muito em vossa mercê: á qual fazem saber que elles são bem certos que el-rei D. Henrique tem juntas suas gentes para os vir cercar, e penso, Senhor, disse elle, que já ora são cercados; e porém vos enviam pedir por mercê que vos praza de lhes accorrer de guisa que elles se não percam por mingua do vosso bom acorrimento, cá bem deveis, Senhor, d'entender que, sendo elles entrados por força ou por outro qualquer modo, o grão cajom e deshonra que lhes de tal feito podia vir.»

El-rei o recebeu mui bem e disse que haveria sobre elle seu conselho, e depois que o houve com

os de sua fala mandou-lhe dar a resposta por um seu privado, o qual lhe disse n'esta guisa:

— «Cavalleiro, vós dizei áquelles senhores que estão na villa de Carmona que elles trabalhem, como mui bons que são, por defender mui bem o logar, assim por suas honras como por fazerem grande e boa façanha; que sejam certos que El-rei, meu Senhor, por agora, tem tanto de fazer n'outras cousas que lhe muito cumprem que os do seu conselho lhe dizem que por nenhuma guisa pode encaminhar como lhes acorrer possa por o presente, e que porém lhes roga que lhe perdoem por ora isto não poder fazer, mas como houver logar e tempo azado de o pôr em obra que elle o fará muito de boamente.»

O cavalleiro foi d'isto mui triste, e não disse nenhuma cousa áquelle que lhe esta resposta deu; e aguardou um dia quando el-rei sahia da missa, e fincou os joelhos ante elle, e tendeu o alvará da promessa que el-rei havia mandado aos de Carmona, e disse, alta voz, perante todos:

— «Senhor, vós sabeis mui bem como promettestes áquelles nobres homens que estão em Carmona, e teem vossa voz, de lhes accorrerdes, se fossem cercados, tanto que vol-o fizessem saber, segundo é conteúdo n'este vosso alvará; e ora elles vol-o fizeram saber por mim, e vós me mandaste dar em resposta que os do vosso conselho vos dizem que o não podeis por ora fazer.

Eu, Senhor, a vós que sois rei não digo nada, ca a mim não cumpria de, a tão nobre senhor como vós, dizer nenhuma cousa sobre isto, mas digo a qualquer do vosso conselho, que vos isto diz e aconselha que elle é traidor e falso, e vos não acon-

selha bem, nem verdadeiramente, em vós deixardes perder tal logar como aquelle, com tantos nobres homens como n'elle estão para vosso serviço, e demais quebrantardes vosso promettimento, que lhe feito tendes, por nenhuma outra cousa que vós tenhaes de fazer; e porém eu sou prestes de fazer conhecer, a qualquer que seja, que o que eu digo é verdade e que elles mal e falsamente vos aconselham isto, ca, se elles souberam que lhe vós não havies d'accorrer, elles seguraram suas vidas por outra guisa, e não foram postos em perigo como são ora; mas elles pensando de serem por vós defesos, como era rasão, vos deram a villa e se offereceram a morrer por vosso serviço, não curando das avenças nem preitesias que lhe el-rei D. Henrique promettia com muito sua prol e honra, as quaes lhe agora de mui mámente faria, por a sanha que já d'elles tem.»

El-rei respondeu que, pois já determinado era em seu conselho por aquella guisa, que se não podia por então mais fazer. O cavalleiro se alçou e partiu d'ante elle, bradando e fazendo queixume d'isto a quantos o queriam ouvir; e não quiz tornar com este recado a Carmona, mas mandou á pressa, o mais escusamente que se fazer póde, tirar a mulher e os filhos do logar, antes que fosse cercado, e depois lhe mandou dizer a resposta a tempo que não prestou nada, porque já el-rei D. Henrique jazia sobre o logar.

CAPITULO XLVI

Como el-rei D. Henrique cercou Carmona e lh'a deu Martim Lopez por preitesia.

Nós dissémos já em alguns logares como el-rei D. Pedro, antes que morresse, se trabalhava muito de abastecer e afortalezar Carmona o mais que se fazer podia, receando de se vêr em algum perigo e ter ali acorrimento, e não dissemos porque abastecia este logar e afortalezava mais que nenhum dos outros de seu reino; e, por não ser havido por mingua na historia, contal-o-hemos da guisa que o alguns em seus livros escrevem, dizendo que el-rei D. Pedro, fazia muito por saber de seus astrologos a certidão das cousas que lhe haviam de vir, e não sómente pelos lettrados de sua terra mas ainda a Granada mandava perguntar Abenahatim, mouro, grande sabedor e philosopho, que lhe escrevesse a certidão das cousas que lhe podiam aquecer.

E dizem que por elles soube que havia de ser cercado em um logar que tinha uma torre a que chamavam Estrella, e porque em Carmona ha uma torre a que chamam por tal nome, pensou elle que este era o logar, e, não embargando que forte seja, por esta razão se trabalhou elle de o abastecer e afortalezar o mais que se fazer póde, e ali poz seus thesouros e filhos, como já dissémos.

E quando el-rei D. Henrique cercou em Montel soube elle como havia ali uma torre que chamavam Estrella, e foi muito anojado por ello, e por isso, e por outras razões que ouvistes, se trabalhou de sahir d'elle, como temos já contado.

Sobre este logar de Carmona se veiu el-rei D. Henrique lançar com muitas companhas, e posto arraial sobre ella cercou-a d'uma parte, ca se não podia cercar de todo, e mandou fazer uma bastida, e de noite escalaram uma vez a villa e subiram acima quarenta homens armados, que para aquillo foram escolheitos, e os da villa, que isto sentiram, acudiram ali rijamente e pelejaram com elles, de guisa que a alguns d'elles conveio por força soltarem muito contra seu grado, e outros que haviam cobrada uma torre, não podendo mais fazer, foram n'ella tomados por força, e chegou ahi D. Martim Lopez e fel-os matar todos, que não ficou nenhum, de cuja morte el-rei D. Henrique houve pesar e grão sentimento, e teve grande sanha de D. Martim Lopez porque os matara d'aquella maneira, tendo-os presos e podendo-lhes dar vida.

A' cima durando o cerco por espaço de tempo, e minguando as viandas aos da villa e vendo como lhes não vinha acorro de Portugal, nem de Granada, nem d'Inglaterra, pero soubessem que eram

cercados, foi forçado a D. Martim Lopez de se preitejar com el-rei, e foi na convença: que lhe desse a villa e tudo o que ficara do thesouro d'el-rei D. Pedro, e que lhe entregasse preso Matheus Fernandez de Caceres, que fôra chanceller d'el-rei D. Pedro, que estava com elle no logar, e que D. Martim Lopez fosse posto em salvo em outro reino, ou lhe fizesse el-rei D. Henrique mercê se com elle quizesse ficar; e estas avenças tratou o mestre de S. Thiago, D. Fernando Ossarez, fazendo sobre ello grandes juramentos que el-rei lhe guardaria este seguro.

D. Martim Lopez deu a villa a el-rei e cumpriu tudo o que ficou a fazer, e el-rei mandou-o logo prender e levaram elle e Matheus Fernandes a Sevilha, e mandou-os el-rei matar, e diziam todos que el-rei fizera mui grande mal n'isto, que por queixume que d'elle houvesse por a morte de seus creados, nem por outra nenhuma razão, quebrantasse a segurança que lhe promettida tinha; e pero se o mestre de S. Thiago muito queixasse a el-rei por ello, dizendo que elle o segurava de morte por seu mandado e lhe fizera sobre ello promessas e juramentos, não prestou seu arrazoado para o escapar de morte.

E d'esta guisa cobrou el-rei D. Henrique Carmona e muitas joias que ficaram d'el-rei D. Pedro, e mandou os filhos presos a Toledo, e elle tornou-se para Sevilha.

E dizem aqui alguns que, sabendo el-rei de Granada como os filhos d'el-rei D. Pedro estavam assim cercados, que vinha com muita gente de pé e de cavallo para lhes acorrer, e que vindo no extremo lhe disseram como era tomada Carmona e os filhos de

el-rei presos, e que então se tornou para Granada e não se fez sobre isto mais; e que o azo de sua vinda tão tarde foi certos recados que sobre ello enviou a el-rei D. Fernando, cujas respostas alongaram tanto e com taes razões que o rei mouro houve d'entender que de pôr em tal feito mão el-rei D. Fernando não havia vontade, e que então se fez prestes e vinha d'esta guisa que dizemos.

CAPITULO XLVII

Das razões que alguns disseram falando do casamento d'el-rei D. Fernando com a infante d'Aragão.

GRANDE mingua foi d'alguns auctores, que vontade houveram de fazer historias, em terem tal modo d'historiar qual tiveram, porque cousas necessarias de saber deixaram de todo, sem d'ellas fazer menção, outras tocando em breve falamento ficaram carregadas de grandes duvidas; e se certo e curto falaram algum louvor mereciam d'haver, mas pouco falando, desviados muito da verdade, melhor fôra não dizer taes cousas, mórmente quando por seu escrever fica má fama d'algumas pessoas, que muito é d'esquivar em taes falamentos; e, por não cuidardes que dizemos isto por nosso louvor e sua mingua d'elles, vejamos primeiro seu desvairado modo d'escrever, o qual bem roubado seria do sizo quem o crêsse, e lhe desse fé.

E digamos logo de Martim Affonso de Mello, na chronica que d'estes feitos compoz, o qual, falando

n'este passo do cazamento d'el-rei D. Fernando com a infante D. Leonor d'Aragão, diz que enviou el-rei lá o conde D. João Affonso Tello; e que levou dezoito quintaes d'ouro em pasta, para dar a el-rei d'Aragão por este casamento, e que se veiu sem firmar o casamento, e deixou este ouro na praia de Valencia e que ali jouve por grão tempo, e que isto fez o conde por casar el-rei depois com sua sobrinha, mulher de João Lourenço da Cunha, como de feito casou.

Outro grande historiador, que mais largo arrazoou que este, diz em um livro que el-rei D. Fernando, depois que foi esposado com esta infante d'Aragão, mandou lá duas galés, uma d'ellas muito bem corregida, em que ella havia de vir, com outras naus e galés que el-rei seu pae havia de mandar em sua companha; e que em uma das galés mandou el rei D. Fernando dezoito quintaes d'ouro e bem setenta quintaes de prata, o qual haver levou o conde D. João Affonso Tello, o qual era o mór privado que então el-rei havia; e que em guisando el-rei D. Fernando por mandar esta embaixada que se namorou de D. Leonor Telles, sobrinha d'este conde, filha de seu irmão Martim Affonso Tello, que fôra casada com João Lourenço da Cunha, e já quite então d'elle, a qual este conde tinha em sua casa sabendo bem parte do amor que lhe el-rei havia.

E que o conde chegou com este haver a Aragão, onde foi descarregado e bem guardado d'aquelles que d'elles levavam cargo; e que vista a infante pelo conde, e por aquelles que com elle iam, que todos disseram que nunca tão feia cousa viram, e mais que disseram alguns que antes perderiam to-

do aquelle haver e sete tantos mais além que casar com tal mulher como aquella.

E que o conde se metteu uma noite na galé, sem falar a el-rei, e amanheceu tão longe no mar que perdeu vista de terra; e que chegando a el-rei D. Fernando que lhe disse que el-rei d'Aragão o quizera prender, dizendo que lhe tinha dada uma sua sobrinha por barregã, e que ficasse lá preso em refens até que sua sobrinha fosse levada a Aragão ou entregue a seu marido; e que el-rei D. Fernando disse então que pois assim era que mais lhe prazia receber d'Aragão lá o haver que elle receber cá sua filha com o que lhe promettera, e que assim se passou este feito.

Estas e outras razões inimigas da verdade deixamos d'escrever, por não alongar, as quaes melhor fôra não serem escriptas que deixar aos homens vãs opiniões que creiam, e dos finados má fama por sempre.

CAPITULO XLVIII

Que moveu el-rei D. Fernando a juntar o ouro que mandou a Aragão e quanto era por todo.

Posto que já falassemos alguma cousa d'estes esposorios d'el-rei D. Fernando com a infante D. Leonor d'Aragão, convem que digamos o mais d'este feito que se depois seguiu, porque aquillo que confusamente é historiado venha á praça com mais clara certidão; dês-ahi, por desabafarmos esta historia, por alguns mal recontada, de tamanhas duvidas como d'ella nascem:

A primeira, que moveu el-rei mandar tanto ouro e prata a Aragão, e quanto era por todo; a segunda, a quem foi entregue em Aragão este haver, e que se fez lá d'elle; a terceira, porque não foi trazida a infante e se desfez este casamento; a quarta, se partiu o conde em sua graça d'el-rei d'Aragão, e porque veiu e porque guisa; a quinta, porque não tornou lá mais o conde, e se houve el-rei d'Aragão parte d'este haver contra vontade d'el-rei D. Fer-

nando; ás quaes, respondendo com muito trabalho, buscando a verdade de cada uma d'ellas, a certidão de todas foi por esta guisa:

El-rei D. Fernando, segundo dissemos, tratou de casar com a infante D. Leonor d'Aragão, por haver seu pae em ajuda contra el-rei D. Henrique, com que havia guerra; e foi esposado el-rei com ella por *monse* João de Vilaragut, que veiu procurador da infante, como já tendes ouvido. E, deixados os outros capitulos das convenças entre elles divisadas, um d'elles foi que el-rei d'Aragão fizesse guerra a el-rei D. Henrique dois annos continuados, na qual guerra el-rei D. Fernando havia de pagar á sua custa mil e quinhentas lanças; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria d'haver pagamento por moeda que se costumasse no reino d'Aragão, foi tratado n'esta preitesia que el-rei mandasse lá ouro e prata de que se fizesse moeda para paga do soldo que haviam de haver; e esta foi a razão porque el-rei juntou aquelle ouro que lá foi enviado, e não por levar á noiva em presente, nem o dar a seu pae por a casar com elle, segundo alguns rudemente falaram.

O ouro que el-rei lá mandou não foi em pasta, mas todo em moedas das que elle mandára fazer quando novamente começou de reinar, a saber: dobras das primeiras, que chamavam pé terra, e gentis primeiros, segundos e terceiros; e de dobras castelhanas e mouriscas e outras moedas francezas não seriam mais que até cem marcos. E foi todo junto em Lisboa por esta guisa: o thesoureiro da moeda e do seu thesouro deram umas cem mil peças, e mandou el-rei tomar do thesouro que estava na torre do castello da dita cidade outras cem mil

dobras d'aquellas primeiras que dissémos, que eram de peso de dobra cruzada; assim que seria todo o haver, quanto então foi junto até quatro mil marcos d'ouro, que eram pouco menos de dezoito quintaes; prata, nenhuma não foi lá levada, como alguns disseram, porque aquella que mister haviam para as moedas que depois lavraram toda foi comprada em Aragão.

E este ouro todo mandou el-rei que recebesse um honrado mercador de Lisboa que chamavam Affonso Domingues Baraceiro, ao qual mandou que toda a despeza que lhe o conde mandasse fazer d'elle que a fizesse presente o escrivão que lhe era dado, sem pôr mais outra duvida, e foi-lhe entregue no mez de março da era já nomeada de quatrocentos e oito.

CAPITULO XLIX

Como o conde partiu de Lisboa para Aragão, e como chegou lá com todo o haver que levava.

Este conde D. João Affonso, que dissémos, era então o mór privado d'el-rei D. Fernando, e de que móres cousas fiava, por sua discrição e sajeza, e seria de sessenta annos.

Este ordenou el-rei de mandar a Aragão por encaminhar seus feitos da guerra que se havia de fazer, e trazer logo a infante, segundo entender podemos, porque, não embargando que alguns digam que el-rei mandou não mais que duas galés a Aragão, a verdade é que lá foram sete, ca elle mandou vir de Barrameda a galé *Donzella* e outras cinco, e mais a galé real, que era uma grande e formosa galé, em que havia largas e espaçosas camaras, a qual el-rei mandou mui nobremente guarnecer d'estandarte e muitos pendões e tenda e apparelhos de cordas de seda, onde havia de vir a infante, e mandou pôr, por nobreza, muitos e grandes dentes de

porcos montezes encastoados ao longo da coxia d'ambas as partes da galé, e todos os remos pintados e outros logares por formosura.

Os galeotes eram todos vestidos d'uma maneira, e iam n'ella quarenta bésteiros assás de mancebos e homens de prol, todos vestidos d'outra libré e cintos cobertos de velludo preto, com as armas d'el-rei brolladas.

E bem parece de rasão que o conde houvera logo de trazer a infante, ca el-rei mandou tirar d'aquella Torre do Haver, que estava no castello da cidade, uma corôa d'ouro feita de macha-femeas, obrada com pedras de grande valor e grossos grãos d'aljofar ao redor, e relicarios e anneis d'ouro, e camafeus e outras joias de grão preço, afóra saias e cotas e cipres de dona e outras cousas que pertenciam a guarnimentos de mulher, as quaes levava o conde n'esta galé em que havia d'ir.

Havia el-rei mais outros seus privados e muito mettidos n'estes feitos, de que tambem muito fiava, a saber: um genovez que chamavam *mice* Badasal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos.

E mandou el rei levar todo aquelle ouro por terra até o Algarve, e iam em companha d'elle cincoenta bésteiros com outra gente, que o guardavam. E foi o conde prestes para se partir, muito acompanhado de bons fidalgos e escudeiros, e partiu de Lisboa aos quinze dias d'aquelle mez de março e chegou ao Algarve, onde foi posto todo aquelle ouro na galé em que elle ia; e fez o conde ahi armar outra galé, que levou em sua companha.

D'ali, seguiu sua viagem e chegou a Barcelona, cidade d'Aragão, onde el-rei então estava, de que foi mui bem recebido e todos os que com elle iam;

e mandando el-rei que o apozentassem mui bem, disse o conde que lhe não cumpria então outra pouzada senão a galé em que vinha, por o haver que trazia n'ella, até que fosse tudo posto em terra; então foram barcos á galé e descarregaram todas as arcas em que o ouro ia, e foi levado aos paços d'el-rei e posto em uma camara bem cerrada, e guardado do thesoureiro que o levava e d'aquelles que iam em sua companha e d'outras gentes assoldadas que com elle estavam costinuadamente; e d'esta guisa foi posta n'elle boa guarda, e não deixado na praia em desamparo, como alguns não bem informados n'isto disseram.

CAPITULO L

Do que o conde ordenou que se fizesse d'aquelle ouro que levava, e como começaram pagar soldo ás gentes que haviam de servir.

O conde, assim em Aragão, tratou com el-rei, por nova convença, outros capitulos da ordenança da guerra e paga do soldo que havia de ser feita, a saber: que a paga das mil e quinhentas lanças que el-rei D. Fernando havia de fazer por seis mezes se tornasse em pagamento de tres mil lanças pagadas por tres mezes, com condição que se el-rei D. Henrique, ao tempo que se começasse a guerra, fosse nas fronteiras d'Aragão, que el-rei fosse teudo d'ir por pessoa, ou enviar o duque, seu primogenito filho, por capitão das ditas tres mil lanças, e o mais com o seu poderio; e outras similhantes cousas que a nosso proposito mingua não fazem, posto que recontadas aqui não sejam.

Dês-ahi, trabalhou logo d'encaminhar com os fidalgos que maneira haviam de ter no proseguimento

da guerra e por que preço cada um, e mais como se logo lavrasse moeda para haverem paga de suas soldadas; e foram feitas escripturas d'avenças e obrigações como cada um havia de servir, e com quantas lanças e quanto havia d'haver por mez, a saber: trinta florins por lança do dia que começasse de servir.

Outrosim, houve licença e carta d'el-rei para fazer moeda d'ouro e prata ali em Barcelona, a saber: florins, taes como el-rei tinha usança de mandar fazer, e reaes de prata dos signaes e cunhos d'el-rei D. Pedro de Castella, de quatro maravedis cada um real. E começaram de lavrar na Casa da Moeda d'el-rei e fizeram logo até duzentos mil reaes de prata e uns noventa mil florins; fazendo logo pagamento de seis domaas a esses capitães, de seu soldo, assim como a *mosse* Rodrigo de Navarra e a *mosse* João de S. Martim, que haviam de servir com quatro lanças, e a D. Gil Garcia de Navarra, que havia de servir com duzentas, e assim a outros aragonezes e castelhanos, segundo as lanças que cada um tinha; e aos que não eram presentes mandaram-lhes o soldo aos logares onde estavam, assim como a Garcia Fernandes de Villa Odre, que estava no reino de Murcia, que havia de servir com quatrocentas lanças, e a Diego Lopez de Montoyo e a outros fidalgos, que seriam por todos os que então foram pagados até duas mil e duzentas lanças.

E pagaram mais soldo, a mil e quinhentas lanças das com que el-rei de Aragão havia de fazer sua guerra, d'outras seis domaas como aos outros, porque nos tratos era conteúdo que el-rei D. Fernando lhe emprestasse o soldo d'um anno para ellas, o

qual se havia de contar do dia que a guerra fosse começada em deante.

Dès-ahi, pagavam mantimentos a esses que os haviam de haver, assim como áquelle conde de Barcellos, D. João Affonso, onze florins por dia, e assim a cada um dos outros, segundo lhe era ordenado; e isso mesmo fizeram pagamento a vinte galés, das que estavam em Barrameda, de soldo que lhes era devido d'alguns mezes que tinham servido; e mais mandaram fazer pendões dos signaes d'el-rei, que haviam de levar na hoste, e mandaram recados a Medinacelli, por Lopo Lopez de Gamboa, escudeiro castelhano, e a Almançon e a outros logares, a falar com alguns cavalleiros e saber parte do estado da terra e onde era el-rei D. Henrique ou quem estava pela comarca de Castella por onde a hoste havia de passar.

E tornaram outra vez a fazer pagamento d'outras seis domaas áquelles capitães e suas companhas, assim que tambem todos elles, como as mil e quinhentas lanças d'el-rei, que dissemos, a todos já era feita paga de tres mezes.

N'isto gastava-se o tempo sem fazer cousa que serviço d'el-rei fosse, e dispendiam se os dinheiros em corregimentos e ordenanças que nunca sómente houveram começo.

CAPITULO LI

Como o conde D. João Affonso se partiu para Portugal e porque não foi trazida a infante a Portugal.

Segundo já d'antes havemos tocado, el-rei d'Aragão havia de haver segurança d'el-rei D. Fernando, por razão da guerra, que havia de começar contra el-rei D. Henrique, de guisa que, depois que fosse começada até dois annos seguintes, não desfallecesse soldo ás lanças que elle era teúdo de manter, as quaes haviam de ser pagadas de dois em dois mezes, e el-rei d'Aragão isso mesmo havia de fazer seguro el-rei D. Fernando de proseguir a guerra, não cessando d'ella até o tempo que devisado tinham; e a segurança da parte d'el-rei D. Fernando havia de ser que os ditos condes e *mice* Badasal e Martim Garcia haviam d'estar sempre em Aragão, por refens, até que a guerra fosse acabada, e feita cumpridamente paga a todos os que n'ella houvessem servido.

E por azo da innovação dos capitulos que o conde

de Barcellos innovara com el-rei, assim do mudamento das mil e quinhentas lanças e tres mil de pé, como d'outras cousas conteúdas nos tratos primeiros, as quaes el-rei D. Fernando havia d'approvar, ordenou o conde de vir a Portugal falar a el-rei sobre ello, e isto por licença de el-rei d'Aragão, assim que não se despediu d'elle por nenhuma desavença e desaccordo, mas com sua graça e pagamento, sem outro escandalo que ahi houvesse; ca se elle partira d'Aragão queixoso por alguma guisa, desamparando todo aquelle negocio como cousa finda, não deixara tal mandado a Affonso Dominguez, thesoureiro d'aquelle haver, qual lhe deixou por sua carta, nem se tratara mais nenhuma cousa sobre a ordenança da guerra, como se depois tratou, ca elle deixou mandado a Affonso Dominguez que, do haver que lhe então ficava em poder, e de todo outro que recebesse emquanto por mandado d'el-rei estivesse no reino d'Aragão, fizesse todas as despezas que lhe *mice* Badasal mandasse, assim como as depois fez que se o conde d'ella partiu.

E havendo já uns tres mezes que o conde lá era, no fim do mez de junho partiu para Portugal, e trouxe comsigo a corôa d'ouro e todas as outras joias que levara para dar á infante, as quaes el-rei mandou tornar á torre d'onde foram tiradas, porque, falando elle a el-rei por vezes no casamento de sua filha com el-rei D. Fernando, respondia el-rei que a não podia mandar por então, porquanto não tinha ainda dispensação do papa para poderem casar, mas que elle se trabalharia de a haver o mais cedo que podesse e que logo lh'a mandaria, segundo pertencia a sua honra.

E esta foi a razão porque a infante não veiu então, e não por cousa que o conde n'este feito maliciosamente obrasse, nem por ella ser tal como alguns historiando, feiamente pintaram, ca de corpo e gesto natureza lhe dera tão boa parte que nenhum senhor se descontentaria de a haver por mulher.

E, se ella tal não fôra, não fizera el-rei D. Henrique tanto depois por casar com ella o infante D. João, seu filho, que depois foi rei de Castella, e ella rainha com elle, enviando muitas vezes dizer a seu pae que lh'a desse para o infante seu filho, como fôra tratado quando eram moços, até mandar lhe rogar que lh'a desse todavia, e que não queria que lhe desse com ella nenhuma cousa de quanto lhe á primeira promettera; a qual cousa não é de cuidar que fizera se ella tão feia imagem fôra, como alguns maldizentes disseram.

Nem el-rei D. Fernando n'esta sezão, nem depois ainda por tempo, não tinha sentido de D. Leonor Telles, de que se depois namorou, nem lhe vinha por cuido nem penso o que se depois seguiu, segundo adeante claramente podereis vêr.

CAPITULO LII

Como os capitulos da guerra foram outra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu recado a el-rei D. Fernando.

Partido o conde, como dissémos, no mez de julho seguinte, aos vinte e quatro dias, na cidade de Barcelona, onde então el-rei estava, *mice* Badassal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos, procuradores que eram d'el-rei D. Fernando, ambos juntamente em companha da infante D. Maria, mulher que fôra do marquez, e irmã d'el-rei D. Fernando, por cujo conselho e accordo se trataram muitas cousas ácerca d'este negocio, chegaram a el-rei, a seus paços, fazendo-lhe recontamento dos capitulos e avenças firmadas sobre o preseguimento da guerra e paga do soldo que havia de ser feita; e que fosse sua mercê que dos dinheiros que Affonso Dominguez, thesoureiro do haver que ali estava, tinha em seu poder lhe deixasse receber dinheiros para soldo de mil e quinhentas lanças, porquanto eram muito necessarias

para fazer logo entrada pelo reino de Castella, pois que elle de presente não podia ser prestes para começar a dita guerra, por mingua de segurança e fremidões que ainda não recebera da parte d'el-rei D. Fernando, assim da paga do soldo que se havia de dar ao deante, como d'outras cousas que se haviam de fazer.

E, depois de muitas razões que sobre isto houveram faladas, accordaram que os capitulos que el-rei d'Aragão havia innovados, para preseguir a guerra com as tres mil lanças que dissémos, se tornassem em mil e quinhentas, segundo primeiro fôra devisado, com outras condições que não curamos de dizer.

E mandou logo el rei d'Aragão a Portugal, por embaixador, *mosse* Umberte de Fenoial, com poder de firmar com el-rei D. Fernando aquellas avenças que assim foram feitas, e especialmente para se obrigar e prometter, em nome d'el-rei d'Aragão, que tanto que houvesse dispensação do papa para a infante D. Leonor, sua filha, poder casar com el-rei D. Fernando, que seria muito cedo, que logo a enviasse a Portugal, como a sua honra cumpria; e que por segurança d'isto, se el-rei n'ello alguma cousa duvidava, lhe daria em prenda e refens o castello de Alicante, segundo antes fôra falado.

O qual mensageiro chegou a Santarem no mez d'outubro, aos paços de Vallada, onde então el-rei pousava, estando então ahi com elle D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e Ayres Gomes da Silva e outros senhores e fidalgos de seu conselho; e, aos vinte e um dias d'esse mez, el-rei D. Fernando approvou e houve por bem tudo aquillo que por seus procuradores fôra feito e ordenado, das

quaes cousas fizeram suas escripturas juradas e firmadas o mais firme que ser póde, sob pena de vinte mil marcos d'ouro, que pagasse á outra parte o que fallecesse do que entre elles era accordado.

E feito isto partiu-se o embaixador caminho de Aragão, levando bem recadado tudo aquillo por que viera.

CAPITULO LIII

Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições.

Durando a guerra entre Portugal e Castella da maneira que já tendes ouvido, e tratando-se assim estas cousas entre el-rei de Aragão e el-rei D. Fernando, havia já tempo que o Papa Gregorio XI havia enviado por embaixadores aos reis de Portugal e de Castella, para pôr entre elles paz, D. Beltram, bispo de Commercia, e D. Agapito, de Columpna, bispo de Brixa; e, ainda que nós antes d'isto não hajamos feita menção da vinda d'estes prelados, sabei porém que o anno passado antes que Carmona fosse filhada, chegaram elles a Sevilha, onde el-rei D. Henrique estava então, e falando com elle em razão de paz quanto era necessaria entre os reis, mostrando-lhe os damnos e males que se da guerra seguiam a elles e a seus reinos, e como por tal azo se enxalçaria a soberba dos inimigos da santa fé, authorgou el-rei por sua

parte de consentir na paz, com boas e aguisadas razões.

Depois, vindo elles a Portugal, e falando a el-rei D. Fernando sobre ello não menos razões das que a el-rei D. Henrique haviam ditas sobre este negocio, mas quantos bons conselhos e auctoridades se dizer podiam para o induzir a haver com elle paz e amorio, lhe foram por elles offerecidas e propostas, sobre as quaes el-rei D. Fernando, havido conselho, sem primeiro se despedir das avenças e preitesias que com el-rei d'Aragão havia tratadas, não sabemos qual razão determinou d'haver com elle paz.

E notificado isto a el-rei D. Henrique por elles, accordaram os reis d'enviar seus procuradores para estas avenças tratar em seu nome, a saber: el-rei D. Henrique, D. Affonso Perez de Gusman, aguazil-mór de Sevilha, e do seu conselho; e el-rei D. Fernando, D. João Affonso, conde de Barcellos, o qual estava já prestes para se tornar outra vez a Aragão, e recebidos quatro mil florins para o caminho, e el-rei mandou que cessasse d'aquella ida e fosse tratar esta paz e avença ante el-rei D. Henrique.

E feitas sobre isto, d'ambas as partes, firmes e bastantes procurações para pôrem perpetua paz e amor entre os reis, devisaram de ser todos jnntos, elles e os mensageiros do papa, em uma villa que dizem Alcoutim, bispado de Silves, no reino do Algarve; e juntos ali pessoalmente, salvo o bispo de Commercia, que era então em Aragão, firmaram paz e amorio em nome dos reis, recontada n'esta guisa brevemente:

Que elles fossem bons e verdadeiros amigos para sempre um do outro, e isso mesmo seus filhos e herdeiros e todos os povos a elles sujeitos; e que

um rei não fosse teúdo d'ajudar o outro contra alguma pessoa, posto que com alguma houvesse desvairo, mas que el-rei de Portugal fosse amigo d'el-rei D. Carlos de França, assim como el-rei de França era d'el-rei D. Henrique; e que el-rei de França enviasse seus mensageiros, até seis mezes, a firmar isto com el-rei D. Fernando, como depois enviou.

E por estas pazes serem mais firmes, e os bons dividos d'entre os reis serem sempre accrescentados, foi tratado n'estas avenças que el-rei D. Fernando casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, com a qual houvesse por doação em casamento Ciudad Rodrigo, e Valencia d'Alcantara, com todos seus termos, e Monte-rei, e Alhariz, com seus alfozes e fortalezas, os quaes logares fossem para sempre da corôa do reino de Portugal, e alguns escrevem que havia d'haver mais em dinheiro tres contos da moeda de Castella; e que el-rei D. Fernando desse á dita infante todos os logares que foram dados por el-rei D. Affonso, seu avô, á rainha D. Beatriz, em arrhas de seu casamento.

E havia de ser entregue a infante a el-rei, para a receber e haver por mulher, no extremo dos reinos, entre Talleiga e Figueira, do dia d'este trato firmado a cinco mezes primeiros, com condição promettida e jurada por el-rei, assim como cada um dos outros capitulos, que, do dia que lhe fosse entregue a sete mezes, não houvesse com ella ajuntamento carnal; e isto fazia el-rei seu pae porque ella era ainda muito moça, e dizia que lhe queria emtanto guisar mui honradamente tudo o que cumpria para a festa de suas bodas. E esta condição

foi a el-rei D. Fernando mui má d'outhorgar, porém ácima houve-o de fazer; e diziam-lhe alguns que juras de foder não eram para crêr,—que jurasse elle afoitamente este capitulo, ca não minguaria quem tomasse por elle o peccado d'este juramento sobre si. E foi por isto havida dispensação, por o divido que entre elles havia, e publicada na cidade de Sevilha pelo dito D. Agapito, mensageiro do Papa.

Foi mais firmado, entre os reis ambos, que el-rei D. Fernando abrisse mão e desamparasse todos os logares e terras que elle e aquelles que sua voz mantinham cobraram do senhorio de Castella, salvo dos que havia d'haver em casamento, e isso mesmo fizesse el-rei D. Henrique dos que cobrára de Portugal, tirados os abastecimentos e ouro e prata que cada um n'elles tinha posto; e perdoaram d'uma parte á outra, desde o caso maior até o menor, a todos que em serviço dos senhores andaram e se alçaram com villas e castellos e tomaram voz contra elles.

E ficaram os reis a entregar todos seus bens de raiz, salvo se foi aos de Carmona, que ainda n'este tempo tinham voz por Portugal, posto que já tenhamos escripto sua tomada d'ella, por os quaes el-rei D. Fernando fez muito por entrarem n'estes tratos, e nunca el-rei de Castella n'ello quiz consentir, dizendo, por escusa, que perdoar aos de Carmona era cousa por que se podia recrescer grão desvairo entre elle e el-rei D. Fernando, mas que a mulher do conde D. Fernando de Crasto, com seu filho e companha e cousas suas, se fosse a Portugal para seu marido ou onde lhe aprouvesse.

Outrosim, que todos os prisioneiros que n'esta guerra foram filhados fossem entregues d'uma parte

á outra sem rendição nenhuma, posto que avença tivessem feita com aquelles que os tinham em seu poder.

E assim pozeram outros capitulos, que por não alongar deixamos de dizer, porque se partiram geralmente de toda contenda que por qualquer guisa entre os reis até aquelle tempo podesse nascer, os quaes os ditos procuradores juraram aos Santos Evangelhos nas almas dos reis ambos, e fizeram preito e menagem, nas mãos do dito delegado, que elles guardem cumpridamente estas pazes e jurem outros taes juramentos por suas pessoas, submettendo os ditos reis e seus reinos a censura e sentença ecclesiastica indo contra isto por alguma guisa; e que fossem prestos, até primeiro dia de maio, certos castellos em refens, a saber: da parte d'el-rei D. Fernando, Olivença e Campo Maior e Noudal e Marvão, os quaes havia de ter D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital; e da parte d'el-rei D. Henrique, Albuquerque e Exarez e Badajoz e a Codesseira, que tivesse Affonso Perez de Gusman.

E foram tratadas e juradas estas pazes, com muitas mais firmezas e condições, no dito logar de Alcoutim, postumeiro dia de março da dita era de quatrocentos e nove annos, as quaes el-rei D. Fernando d'ahi a dois dias jurou na cidade de Evora, fazendo preito e menagem, nas mãos do dito delegado, de as ter e guardar cumpridamente, o que elle depois mui mal fez, segundo adeante ouvireis.

E d'ali enviou a Castella o doutor Gil Dosem e Affonso Gomes da Silva, para receberem d'el-rei D. Henrique similhavel firmeza e juramento; e depois foi a Castela Diogo Lopes Pacheco, receber da rainha D. Joanna e do infante D. João, e d'alguns

condes e prelados e ricos-homens que ainda não juraram, outhorgamento dos ditos tratos; e na villa de Toro, onde então el-rei era, no mosteiro de S. Francisco, ali juraram todos em mãos do dito delegado, que presente estava, aos dez dias d'agosto da dita era.

CAPITULO LIV

Como el-rei d'Aragão mandou tomar a Affonso Domingues Barateiro quanto ouro tinha em seu poder.

QUANDO el-rei d'Aragão soube esta alliança de amizade que el-rei D. Fernando com el-rei de Castella para sempre tratara, e como havia de casar com sua filha, bem é de cuidar quanto lhe desprazeria de fazer tal paz e amizade com seu inimigo que muito desamava, e mandou que tomassem logo a Affonso Domingues Barateiro quanto haver lhe fosse achado, e foram-lhe tomados dois mil e vinte e quatro marcos d'ouro, afóra cento e sete marcos que lhe foram emprestados logo á primeira, quando novamente chegaram; assim que, de quanto ouro lá foi enviado, não houve el-rei D. Fernando outro proveito, salvo de dois mil paus de romania que lhe lá compraram para o armazem de Lisboa, que custaram pouco mais de duzentos e sessenta gentis, e todo o ouro foi despezo de guisa que nunca se d'elle aproveitou; e el-rei d'Aragão

houve aquelles dois mil e cento e trinta marcos muito contra sua vontade, que nunca mais cobrou, pero se d'ello trabalhasse, como adeante diremos.

E mandou el-rei d'Aragão prender o thesoureiro e o escrivão que tinham aquelle haver, e tomar o livro da receita e despeza, e depois os mandou soltar e dar o treslado do livro, mas não conhecimento nem recado de como lh'o tomara; e assim se tornaram para o reino.

E não sómente mandou el-rei tomar aquelle haver, mas ainda uma arca com armas, que a infante D. Maria mandava a el-rei D. Fernando seu irmão, tudo foi tomado que lhe não deixaram trazer nenhuma cousa.

O *mice* Badasal e Affonso Fernandes escreveram uma carta a el-rei, de como fôra tomado aquelle ouro a Affonso Domingues, e por que maneira, e que lhe não pezasse muito porque lhe não deram d'ello recadação, que se o de cobrar havia tão bem o cobraria sem carta de conhecimento como com carta, e que tal tempo se vinha chegando cêrca por que poderia cobrar tudo aquillo e muito mais. Mas tudo foi nevoa quanto enviaram dizer, ca el-rei nunca houve nenhuma parte; e assim se passaram todas as cousas certamente sobre as duvidas que movemos no começo d'esta historia.

Mice Badasal não tornou mais para o reino, e a affeição longa que com a infante houve, gerador sempre de similhantes fructos, lhe fez que vendeu ella quantas rendas tinha em Aragão, e se foi com elle para Genova, e depois a deixou, e viveu minguadamente, morrendo mui affastada do que a sua honra pertencia.

CAPITULO LV

Das moedas que el-rei D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma.

Dois grandes males recebeu o reino por esta guerra que el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique começou, de que os povos depois tiveram grande sentido: o primeiro, gastamento, em grande quantidade, d'ouro e prata que antigamente pelos reis fôra enthesourado, do qual por azo d'ella, foi a Aragão levada mui gran somma d'ouro, como já tendes ouvido; o segundo, isso mesmo foi gasto de muita multidão de prata, por a mudança das moedas que el-rei fez, por satisfazer ás grandes despezas dos soldos e pagas das cousas necessarias á guerra, por cujo azo montaram as cousas depois em tamanhos e tão desarrazoados preços que conveiu a el-rei e foi forçado de pôr sobre todas almotaçaria, e mudar o valor que á primeira pozera em taes moedas.

Onde sabei que no tempo d'el-rei D. Diniz, seu bisavô d'el-rei D. Fernando, se corria geralmente

n'estes reinos uma moeda que chamavam dinheiros velhos, dos quaes doze d'elles faziam um soldo, e vinte soldos era uma libra, e vinte e sete soldos faziam um maravedi velho, que se costumava Além Douro, e quinze d'aquelles soldos era outro maravedi que usaram na Extremadura e pelas outras partes do reino; e cem maravedis, d'estes de quinze soldos, era contia d'um escudeiro vassallo d'el-rei, os quaes cem maravedis valiam setenta e cinco libras, que eram cerca de cinco marcos e meio de prata, porque em quatorze libras d'estes dinheiros velhos era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e tanto valia então de compra.

E valia d'aquella moeda um escudo de ouro de França tres libras, e aquelle escudo é menos que dobra cruzada e tem avantagem de corôa; e valia um franco de ouro de França duas libras e meia, ca por então não havia em França moeda de corôas nem de dobras.

E d'estes dinheiros velhos quem queria fazer moeda mais pequena cortava um dinheiro pela metade, com uma thesoura, ou o britava com os dentes, á metade d'aquelle dinheiro chamavam mealha ou pogeja, e compravam com elle uma mealha de mostarda, ou d'alfeloa, ou de tremoços e similhantes cousas; assim que as mealhas não eram moeda cunhada por si, mas era um dinheiro partido por meio, e estes dinheiros são os que uzam nas bençãos dos casamentos, posto que se com outros fazer possam, não deixando porém estes se os houver poderem, pelo costume da Egreja e honra da antiguidade.

Reinando depois el-rei D. Affonso, filho d'este rei D. Diniz, requereu os povos e a clerezia que lhe

consentissem mudar a moeda, a saber: que faria dinheiros que nove d'elles valessem doze dos outros, e sendo lhe outhorgado mandou-os lavrar; e chamaram a esta moeda dinheiros novos, em respeito dos outros velhos, e alguns lhes chamavam dinheiros affonsis, porque os fizera el-rei D. Affonso; e nove d'aquelles faziam um soldo, e vinte soldos uma libra, e vinte e sete soldos um maravedi d'Álem Douro, e quinze soldos um maravedi da Extremadura, assim como dos outros dinheiros velhos.

E em dezoito libras e quatorze soldos d'esta moeda era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e assim subiu logo por compra; e isso mesmo o escudo velho de ouro de França valia tres libras e meia, e o franco de ouro tres libras.

E por tal lavramento ganhava el-rei em cada marco de prata quatro libras e quatorze soldos, e d'aqui pagavam os custos.

E dizem que foi então convença, entre el-rei e os prelados e o povo do reino, que el-rei nunca mais mudasse moeda, mas que se mantivesse d'aquella guisa, sob certas condições e penas que nas escripturas que sobre ello foram feitas são postas, as quaes pozeram em Braga e em Alcobaça e em outros logares em guarda; e contam alguns que dizia el-rei D. Affonso que se lhe o seu povo consentira outra vez mudar a moeda que elle fôra um dos ricos reis do mundo.

Veio el-rei D. Pedro, filho d'este rei D. Affonso, e não mudou moeda por cobiça nem outro ganho, mas fel-a mui boa, d'ouro e de prata, como dissemos; mas foi em pouca quantidade.

Quando el-rei D. Fernando reinou e começou guerra com el-rei D. Henrique, sem prazimento dos

povos do reino, nem o fazendo saber a prelados, nem outro nenhum consentimento, mudou as moedas todas, assim d'ouro como de prata, e fez outras novas quejandas lhe prouve, a saber: dobras d'ouro que chamavam pé terra, as quaes mandou que valessem seis libras; e fez outra moeda d'ouro que chamavam gentis d'um ponto, e mandou que valessem quatro libras e meia; e fez depois de dois pontos outros gentis que eram de mais pequeno peso. e mandou que valessem quatro libras a peça; e depois fez outro terceiro, que valiam tres libras e meia; e depois d'estes lavrou gentis que foram os quartos, que valiam tres libras e cinco soldos. E mandou lavrar uma moeda que chamavam barbudas, e poz-lhe preço de vinte soldos; e eram de lei de tres dinheiros e havia no marco cincoenta e tres. E custava o marco de prata de lei de onze dinheiros, em moeda, vinte e sete libras, e fazia-se n'elle cento e noventa e cinco libras; e assim ganhava el-rei em cada marco cento e sessenta e oito libras, e d'aqui pagava os custos.

E era espanto da simplicidade das gentes, não sómente do povo miudo, mas dos privados d'el-rei e de seu conselho, que mandavam rogar com prata, á Moeda, que lh'a comprassem, entendendo que faziam muito de seu proveito, porque a compraram a dezoito libras de dinheiros affonsis e davam-lhe por ella vinte e sete libras, que eram vinte e sete barbudas, não parando mentes á fraqueza da moeda, mas á multiplicação das libras. E muitos mercadores, que haviam d'ir ao Algarve e a outras partes do reino, iam á Moeda e davam vinte e um soldo de dinheiros miudos pela barbuda, por levar seus dinheiros em mais pequeno logar, não sabendo

nem esguardando a gran perda que se lhe d'aquilb seguia

Mandou el-rei mais lavrar outra moeda que chamavam graves, e eram de lei de... dinheiros e de cento e vinte no marco, e valia cada um quinze soldos de dinheiros alfonsis: e custava o marco de prata de lei de onze dinheiros vinte e sete libras, e faziam-se n'elle trezentas e sete libras, e assim ganhou el-rei duzentas e oitenta libras.

Fez lavrar mais outra moeda que chamavam pilartes, que eram de dois dinheiros de lei, e havia no marco cento e noventa e oito, e cada pilarte valia cinco soldos; e de um marco de prata de lei de onze dinheiros, que custava vinte e sete libras, lavraram d'elle duzentas e trez libras, e assim ganhava em cada marco cento e setenta e seis, e dos ganhos pagaram os custos.

D'outras moedas que el-rei D. Fernando fez, assim como fortes de prata, que valiam dez soldos, e outros de vinte, e tornezes primeiros, d'oito soldos, e tornezes petites, e dinheiros novos avaliados a oito grãos e d'outras leis e preços desvairados, não curamos mais de fazer menção, por não alongarmos dês-ahi porque se lavrou pouca d'ella.

E não embargando as grandes gaanças que el-rei D. Fernando havia de taes moedas, segundo ouvistes compridamente, por azo da gran despeza da guerra começada assim por mar como por terra, tudo se gastava que não ficava nenhuma cousa para deposito, e mais todo o ouro e prata que elle achara enthesourado; assim que elle damnou muito sua terra com as mudanças das moedas e perdeu quanto ganhou n'ellas, e tornaram-se os logares a Castella cujos eram, e elle ficou sem nenhuma honra.

CAPITULO LVI

Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas.

Correndo estas moedas que tendes ouvido, e posto el-rei em paz como dissémos, aggravaram-se os povos a elle, dizendo que, por azo das muitas moedas de desvairadas leis e preços, que em sua terra havia feitas como lhe prouvera, eram as cousas postas em grandes e desordenados preços, muito mais do que guisadamente deviam valer; além d'isto, que as gentes simples eram muito enganadas com ellas, tomando umas moedas por outras, e muitos se afoitaram de as falsearem fóra de sua terra e as traziam depois ao reino, e andavam todas de mistura.

El-rei disse que, pelos grandes misteres e encargos que se lhe recresceram por azo da guerra que houvera com el-rei D. Henrique, lhe conviera mandar fazer moedas de desvairadas leis e preços, por melhor poder pagar as contias e soldos e as outras

despezas que lhe para tal guerra eram pertencentes; mas porém que, olhando elle n'isto serviço de Deus e desencarregamento de sua consciencia e prol de seu povo, pois a Deus aprouvera de o pôr em paz com seus contrarios, que elle teria n'ello maneira por que o valor das moedas fosse corrigido e as cousas tornassem a seus razoados preços,

Então mandou que as moedas que foram feitas em Lisboa e em Valença e no Porto valessem por esta guisa, a saber: os dinheiros que chamavam graves, que valiam quinze soldos dos dinheiros affonsis, que não valessem mais de sete, e as barbudas que valiam vinte soldos tornassem a valer quatorze; e os pilartes, que valiam cinco soldos, valessem tres e meio; e os reaes de prata oito soldos.

E não embargando tal mudança de valor como este, por as grandes perdas que os povos ainda recebiam, mandou el-rei fazer outro maior abaixamento, a saber: a barbuda, que de vinte soldos tornára em quatorze, que não valesse mais de dois soldos e quatro dinheiros; e o grave quatorze dinheiros, e o pilarte sete, e os fortes dez soldos; e assim corregeu as outras moedas de Samora e de Tuy e da Coruña e de Miranda, que eram de tal nome como estas, mas não de tão boa lei, até mandar que os dinheiros novos que elle mandára fazer durando a guerra não valessem mais que senhas mealhas.

E vendo el-rei que, não embargando este abaixamento das moedas, pelo costume que as gentes tinham de vender as cousas por preços desaguisados, olhando mais taes pessoas a propria prol que o bem

communal que todos devem desejar e querer, e que tarde ou nunca abaixariam d'elles, ordenou almotaçaria em todas as cousas. E mandou que no reino do Algarve não valesse o alqueire do trigo mais de cinco libras, e o da cevada cincoenta soldos; e Entre Tejo e Guadiana o alqueire do trigo tres libras, e a cevada e centeio trinta soldos; e na Extremadura o alqueire do trigo quarenta soldos, e o da cevada e centeio vinte; e na comarca da Beira e Entre Douro e Minho o alqueire do trigo vinte soldos; e no Porto trinta, e o da cevada e centeio e milho dez soldos; e na comarca de Traz-os-Montes o alqueire do trigo trinta soldos, e a cevada e centeio e milho quinze. E assim poz preços nos vinhos e carnes e azeites e pannos e em todas as outras mercadorias; e isso mesmo nos escrivães e tabelliães e nos outros officiaes.

E mandou a todas as villas e cidades de seu senhorio que logo os juizes e vereadores pozessem almotaçaria nas cousas em que a elle não pozera, segundo vissem que era bem e aguisado, e isso mesmo os preços que haviam de dar aos serviçaes; e que lhe enviassem o treslado de tudo, para vêr se o ordenaram segundo proveito commum, e lhes dar pena se o d'outra guisa fizessem.

E disse que, porquanto era direito escripto que cada um deve de ser constrangido para vender as cousas que tiver para uso e mantimento dos homens por preço aguisado em tempo de necessidade, que porém mandava que todo o pão dos rendeiros e dos outros, que o tivessem em celleiros e encovado, fosse vendido primeiramente, e depois que este fallecesse que então constrangesse mos que tivessem de sua colheita, se mister fizesse; e

se tal necessidade viesse que cumprisse de se repartir que então escolhessem dois homens-bons sem cobiça, um d'elles dos melhores do logar e o outro dos pequenos do povo, que fosse homem entendido e de boa condição, que o repartissem egualmente e não dessem d'elle parte áquelles que o tivessem de seu. E que para isto não fosse escusado o celleiro de pão de nenhum conde, nem fidalgo, nem d'arcebispos, nem abbades, nem d'outra nenhuma pessoa; e qualquer a que dessem juramento que pão tinha, e o negasse todo ou d'elle, que o perdesse, e mais os bens, para a corôa do reino.

Estas e outras muitas cousas ordenou então el-rei por proveito e bem do povo, as quaes mandou aos juizes e corregedores do reino que as fizessem cumprir, sem malicia, sob pena de lhes custar as cabeças.

CAPITULO LVII

Como el-rei D. Fernando se namorou de D. Leonor Telles e casou com ella escondidamente.

Em tempo d'el-rei D. Affonso o quarto e d'el-rei D. Pedro, seu filho, não havia em Portugal mais que um conde, o qual se chamava de Barcellos, e este condado deu o dito rei D. Pedro a D. João Affonso Tello, de que já é em cima feita menção. Este D. João Affonso houve um filho que foi conde de Vianna, e foi casado com uma filha de João Rodrigues Porto Carreiro, e houve d'ella um filho que chamaram o conde D. Pedro, que foi governador da cidade de Ceuta no tempo do mui nobre rei D. João, como adeante ouvireis. Este dito conde D. João Affonso Tello havia um irmão a que diziam Martim Affonso Tello, o qual houve dois filhos e tres filhas, a saber: D. João Affonso Tello, que foi conde de Barcellos, e o conde D. Gonçalo, que foi conde de Neyva e de Faria; e as filhas, uma, bastarda, houve nome D. Joanna, que foi cammendadeira de Santos e deixou a commenda, como o fazer podia, segundo sua ordem, e ca-

sou com João Affonso Pimentel; e a outra foi D. Maria Telles, casada com Lopo Dias de Sousa; e a outra chamaram D. Leonor Telles, mulher que foi de João Lourenço da Cunha, filho de Martim Lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeiro.

Ora assim, aveiu n'esta sezão que reinando el-rei D. Fernando, como dissemos, mancebo e ledo e homem de prol, trazia sua irmã D. Beatriz, filha que fôra de D. Ignez e d'el-rei D. Pedro seu pae, gran casa de donas e de donzellas, filhas d'algo e de linhagem, porque ahi não havia rainha nem outra infante, por então, a cuja mercê se houvessem de acostar; e por affeição mui continuada veiu nascer n'elle tal desejo de a haver por mulher que determinou em sua vontade casar com ella, cousa que até aquelle tempo similhante não fôra vista. Que cumpre de dizer mais sobre isto, proposto d'haver dispensação para casarem ambos, eram os jogos e falas entre elles tão a miude, misturados com beijos e abraços e outros desenfadamentos de similhante preço, que fazia a alguem ter deshonesta suspeita de sua virgindade ser por elle minguada.

N'isto veiu-se a tratar casamento entre el-rei D. Fernando e a infante d'Aragão, o qual não veiu a fim, segundo temos recontado. Depois, firmou el-rei D. Henrique pazes com elle, como dissemos, e foi posto que casasse el-rei D. Fernando com sua filha a infante D. Leonor, a qual lhe fosse entregue d'ahi a cinco mezes, como largamente já tendes ouvido; e tendo elle feito tal trato com el-rei D. Henrique, como cousa que havia de ser, estando el-rei D. Fernando em Lisboa, aconteceu de vir a sua côrte, da terra da Beira onde então estava, D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, que

já dissemos, por espaçar alguns dias com D. Maria sua irmã, que andava em casa da infante e sua morador.

El rei D. Fernando, como era muito costumado d'ir vêr a miude a infante sua irmã, quando viu D. Leonor em sua casa, louçã e aposta e de bom corpo, pero que a d'antes houvesse bem conhecida, por então mui aficadamente esguardou suas formosas feições e graça, emtanto que, deixava toda bemquerença e contentamento que d'outra mulher poderia haver, d'esta se começou de namorar maravilhosamente, e ferido assim do amor d'ella, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se accrescentava mais sua chaga, não descobrindo porém a nenhuma pessoa esta bemquerença tão grande que em seu coração novamente morava.

N'isto, não tardou muito que João Lourenço mandou recado a sua mulher que se fosse para elle; da qual já tinha um filho, que chamavam Alvaro da Cunha.

El-rei D. Fernando, quando ouviu que João Lourenço mandava por ella, foi muito annojado de tal embaixada, como aquelle de que se nunca partia desejo de cumprir seu pensamento, e sendo forçado de o descobrir falou em grão segredo com D. Maria sua irmã, dizendo-lhe que azasse de guisa como D. Leonor não partisse d'ali, fingindo-se ser ella muito doente, e que com tal recado se tornassem a seu marido os que por ella vieram; e, falando claramente seu desejo com D. Maria, disse que sua vontade era de a haver antes por mulher que quantas filhas de reis no mundo havia.

D. Maria era sizuda e corda, e foi muito turvada quando lhe isto ouviu dizer, e vendo que por tal azo el-rei queria desencaminhar seu casamento que feito tinha com a infante de Castella, mórmente

sendo sua irmã casada e mulher de bom fidalgo como era, e ser seu vassallo, começou de lh'o contradizer assás muito.

El-rei respondia a todos os seus ditos, e em razão do casamento d'ella disse que elle azaria como ella fosse quite de seu marido, e ella disse que, posto que descarada fosse, que não cuidasse elle que ella havia de ser a sua barregã; e el-rei, preso do amor d'ella jurou a D. Maria que antes que dormisse com ella depois do quitamento que antes a recebesse por mulher.

Sobre isto correram muitas razões, de guisa que quanto ella trabalhava por lhe desfazer seus amores e mudar de seu proposito nenhuma cousa aproveitava, antes lhe parecia que cada vez cresciam mais; então falou com ella tudo o que el-rei aviera, e uma com outra houveram accordo de o falarem com seu tio; e depois que ambas falaram com o conde falou elle sobre isto a el-rei, e nenhum bom conselho, que lhe dar podesse n'este feito, veiu a fim de o torvar do que em vontade tinha de fazer.

D'esta cousa parte a infante, a que todos tres diseram em grão segredo, e por conselho de todos por fazerem prazer a el rei, azaram como ella buscasse caminho de ser quite de seu marido por azo de cunhadia, que é ligeira d'achar entre os fidalgos, como quer que muitos affirmavam que João Lourenço houvera dispensação do Papa antes que com ella casasse; mas vendo que lhe não cumpria porfiar muito em tal feito deu á demanda logar que se vencesse cedo, e foi-se para Castella, por segurança de sua vida.

E certifica-se que antes que el-rei dormisse com ella primeiro a recebeu por mulher, prezente sua irmã e outros, que esta cousa traziam callada.

CAPITULO LVIII

Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha.

Feito isto assim escusamente, posto que o quitamento fosse de praça, viu el-rei que lhe cumpria ser partido do que promettera a el-rei D. Henrique em razão do casamento de sua filha com elle.

E estando el-rei de Castella em Toro, onde por então fazia côrtes, por abaixar os preços das moedas, que antes pozera mui altos, por razão da guerra e paga dos soldos, com que a terra era damnada, e mais por ordenar que os judeus e mouros de seu reino trouxessem signaes devisados porque fossem conhecidos, chegaram mensageiros d'el-rei D. Fernando, pelos quaes lhe fez saber que não houvesse por nojo de elle não poder casar com sua filha, porquanto elle era casado com uma dona de Portugal que chamavam D. Leonor Telles de Menezes, mas não embargando isto que sua vontade era de ficar

e ser seu amigo e lhe mandar entregar as villas e logares que de Castella tinha, segundo nos tratos era devisado.

El-rei D. Henrique houve melancolia e pezou-lhe muito com estas novas por deixar el-rei de casar com sua filha assim como fôra tratado entre elles, e casar-se d'aquella guisa com tal mulher, desfazendo muito em sua honra e estado; e ainda que por este britamento dos tratos elle podera tornar a ello por guerra justa ou d'outra maneira, pero tão desejoso era de haver paz e socego, que deu logar a isto, por el-rei D. Fernando ficar seu amigo e lhe entregar as villas e logares que tomaram saa voz.

E respondeu aos mensageiros que pois assim era, que el-rei não prazia de casar com sua filha, que não fazia d'ello conta, cá a ella não minguaria outro tão honrado casamento, e elle que lhe mantivesse todas as outras cousas que nos tratos era conteudo.

E com esta resposta se tornaram para Portugal e despediram d'elle.

CAPITULO LIX

Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim.

Partiu el-rei de Castella de Toro depois que as côrtes foram acabadas, e andou por seu reino e veiu á cidade de Tuy, sendo então el rei D. Fernando na sua cidade do Porto, e d'ali mandou por embaixadas a el-rei D. Henrique um ricohomem de sua casa, muito seu privado e de grande estado, e Affonso Domingues, cavalleiro de seu conselho, sobre algumas duvidas e contendas que entre elle e el-rei de Castella recresciam, assim por razão do casamento da infante D. Leonor, filha d'el-rei de Castella, com que el-rei D. Fernando houvera de casar, como dos logares de que se havia de fazer entrega de uma parte á outra, e isso mesmo dos refens que por guarda dos ditos tratos haviam de ser entregues, segundo nas pazes que dissémos feitas na villa d'Alcoutim fôra largamente devisado.

E chegando elles a el-rei de Castella, e proposta sua embaixada, firmaram outra composição e avença sobre algumas duvidas e contendas que por razão d'aquellas pazes novamente recresciam; e a primeira cousa que logo accordaram assim foi que el-rei D. Fernando fosse escusado de casar com a infante D. Leonor, e que a doação que lhe el-rei de Castella fizera, por razão de tal casamento com sua filha, de Ciudad Rodrigo e de Valencia d'Alcantara e de Monte-rei e de Alhariz, que a renunciasse de todo e qualquer direito e posse e propriedade que n'ellas já havia, e as entregasse ao dito rei de Castella até certo tempo, e isso mesmo outros castellos, que eram seus, que ainda tinham voz d'el-rei D. Fernando, assim como Arahujo e Cabreira e Alva de Lista e outros; e que el-rei D. Henrique entregasse a el-rei de Portugal a villa de Bragança, que tinha Garcia Alvarez d'Osorio, e o castello do outeiro de Miranda e outros quaesquer que fossem embargados pela sua parte depois que se a guerra começára entre elles.

E aquelle rico-homem havia de receber todos os logares d'ambos os reinos, e fazer menagem por elles para os entregar aos reis, e dar em refens a el-rei de Castella dois mui honrados escudeiros seus filhos; e el-rei D. Fernando havia mais de dar em refens, por guarda d'estas avenças, D. João, conde de Vianna, filho de D. João Affonso, conde de Ourem, e João Affonso Tello ou Gonçalo Telles, sobrinho do dito conde, irmãos de D. Leonor.

Outro sim, sobre algumas penhoras e tomadas d'haveres e navios, que se depois das pazes d'Alcoutim fizeram d'um reino ao outro, ordenaram certas maneiras como fossem entregues a seus do-

nos; e feito juramento por el rei de Castella por guarda d'estas cousas, e isso mesmo pelo conde D. Sancho, seu irmão, e pelo conde D. Pedro, seu sobrinho, e por outros fidalgos e prelados que dizer não curamos, partiram-se os embaixadores para Portugal.

E d'ahi a oito dias, sendo mez de maio, mandou el-rei D. Henrique á cidade do Porto, para receber em seu nome similhantes juras e menagens, D. João Garcia Manrique, bispo d'Orense, e João Gonçalvez de Baçom, cavalleiro; e nos paços do bispo, onde el-rei D. Fernando pouzava, lhe fizeram requerimento para outras taes juras e promettimentos como el-rei seu senhor havia feitos sobre as ditas avenças. Então el-rei, primeiramente, e dês-ahi o infante D. Diniz, seu irmão, e D. João Affonso, conde d'Ourem, e D. Affonso, bispo do Porto, e outros cujos nomes aqui não fazem mingua, fizeram aquellas juras e menagens que pelos embaixadores foram requeridas; e feitas de tudo bastantes escripturas despediram-se d'el-rei e foram-se seu caminho.

CAPITULO LX

Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu.

Da bemquerença e amores que el-rei D. Fernando tomou em Lisboa com D. Leonor Telles, como já dissémos, foi logo fama por todo o reino, affirmando que era sua mulher, com que já dormira, e que a tinha recebida a furto; e desprouve muito a todos os da terra, da maneira que el-rei n'isto teve, e não sómente aos grandes e fidalgos que amavam seu serviço e honra, mas ainda ao commum povo, que d'isto teve grão sentimento. E não prestou razões que lhe sobre isto falassem os de seu conselho, dizendo que não era bem casar com tal mulher como aquella, sendo mulher de seu vassallo, e deixar taes casamentos de infantes filhas de reis como achava, assim como d'el-rei d'Aragão e d'elrei de Castella, com tanta sua honra e accrescentamento do reino; e vendo que seu conselho não aproveitava cessavam de lhe falar mais n'ello.

Os povos do reino, arrazoando em taes novas, cada uns em seus logares, juntaram-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados d'el-rei e os grandes da terra que lh'o consentiam; e que pois lh'o elles não diziam, como cumpria, que era bem que se juntassem os povos e que lh'o fossem dizer. E entre os que se principalmente d'isto trabalharam foram os da cidade de Lisboa, onde el-rei então estava, os quaes falando n'isto foram tanto por seu feito em deante que se firmaram todos em conselho de lh'o dizer, elegendo logo por seu capitão e propodor por elles um alfaiate que chamavam Fernão Vasques, homem bem razoado e geitoso para o dizer; e juntaram-se um dia bem tres mil, entre mesteiraes de todos mesteres e bésteiros e homens de pé, e todos com armas se foram aos paços onde el-rei pouzava, fazendo grande ruido em falando sobre esta cousa.

El-rei, quando soube que aquellas gentes ali estavam, e a razão por que vinham, mandou-os perguntar, por um seu privado, que era o que lhes prazia e a que eram ali assim vindos; e Fernão Vasques respondeu em nome de todos, dizendo:

«Que elles eram ali vindos porquanto lhes era dito que el-rei seu senhor tomava por sua mulher Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, seu vassallo, e, porquanto isto não era sua honra, mas antes fazia grão nojo a Deus e a seus fidalgos e a todo o povo, que elles, como verdadeiros portuguezes, lhe vinham dizer que tomasse mulher filha de rei, qual convinha a seu estado, e que quando com filha de rei casar não quizesse que tomasse uma filha d'um fidalgo de seu reino, qual sua mercê fosse, de que houvesse filhos legitimos que reinassem de-

poz elle, e não tomasse mulher alheia, ca era cousa que lhe não haviam de consentir; nem elle não havia por que lhe ter isto a mal, ca não queriam perder um tão bom rei como elle por uma má mulher que o tinha enfeitiçado.»

A gente era muita que isto dizia por desvairadas maneiras, não embargando que Fernão Vasques propunha por todos; e el-rei lhes fez responder:

«Que lhes agradecia muito sua vinda e as razões que por seu serviço diziam; que no caso entendia que faziam como bons e leaes portuguezes, amadores de sua honra; e que ella não era sua mulher recebida, nem Deus não quizesse; mas que porquanto lhes elle por logo não podia responder como cumpria, a qual resposta havia mister de ser com bom conselho, segundo elles viam que era razão; que em outro dia fossem todos ao mosteiro de S. Domingos d'essa cidade e que ali lhes falaria sobre aquillo e haveria seu accordo com elles».

Fernão Vasques disse a todos que aquillo era mui bem dito, e que assim o fizessem em outro dia. Partiram-se então todos contentes da resposta, jurando e dizendo que se a el-rei partir de si não quizesse que elles lh'a tomariam por força, e fariam de guisa que nunca a el-rei mais visse; e que se muitos vieram então que muitos mais viriam em outro dia, armados.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

Pag.

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia 5

Capitulo I. — Como el-rei d'Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando..... 13

Capitulo II. — Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra..... 17

Capitulo III. — Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles, e ajuntaram suas gentes para entrar por Castella 19

Capitulo IV. — Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro..... 21

Capitulo V. — Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha... 23

Capitulo VI. — Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro..... 26

Capitulo VII. — Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das razões conteúdas n'ella..... 29

Capitulo VIII. — Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao principe por sua carta..... 32

Capitulo IX. — Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique..... 35

Capitulo X. — Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia morte, e como se livrou por juizo dos cavalleiros..... 39

Capitulo XI. — Das razões que el-rei D. Pedro houve com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.... 41

Capitulo XII. — Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha 43

Capitulo XIII. — Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal..... 48

Capitulo XIV. — Do que aveio a el-rei D. Henrique depois que fugiu da batalha, e á rainha sua mulher... 51
Capitulo XV. — Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França..... 54
Capitulo XVI. — Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella, e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino..... 57
Capitulo XVII. — Como el-rei D. Henrique entrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria..... 61
Capitulo XVIII. — Como el-rei D. Henrique cercou a cidade de Leão e mandou lavrar a moeda dos sessenes 63
Capitulo XIX. — Como el-rei D. Pedro fez vir el-rei de Granada em sua ajuda, e como se houvera de perder a cidade de Cordova..... 65
Capitulo XX. — Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro..... 69
Capitulo XXI. — Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro 72
Capitulo XXII. — Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com *monse* Beltram de Claquim, sobre o cêrco d'el-rei D. Pedro..... 75
Capitulo XXIII. — Como el rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar..... 78
Capitulo XXIV. — Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro era morto, e da maneira que el-rei D. Henrique teve em alguns logares..... 82
Capitulo XXV. — Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle..... 84
Capitulo XXVI. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada por fazerem guerra a el-rei D. Henrique..... 87
Capitulo XXVII. — Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram 89
Capitulo XXVIII. — Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castella que por elle tomaram voz..... 92
Capitulo XXIX. — Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão..... 94

Capitulo XXX. — Como el-rei D. Fernando foi a Gallisa e se lhe deu a Coruña 96
Capitulo XXXI. — Como foi tomado Monte-rei 99
Capitulo XXXII. — Como el-rei D. Fernando partiu da Coruña quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle 101
Capitulo XXXIII. — Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia 104
Catitulo XXXIV. — Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães, e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro 106
Capitulo XXXV. — Como el-rei D. Fernando partiu de Coimbra, por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou 109
Capitulo XXXVI. — Como se el-rei D. Fernando tornou, e dos fronteiros que poz em alguns logares 112
Capitulo XXXVII. — Como Gil Fernandez entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada 115
Capitulo XXXVIII. — Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveio a cada um d'elles 117
Capitulo XXXIX. — Dos logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma 119
Capitulo XL. — Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cêrco. 121
Capitulo XLI. — Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna, e mortos os filhos de Affonso Lopez de de Texeda 124
Capitulo XLII. — Da frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram 127
Capitulo XLIII. — Razões sobre as treguas que alguns disseram que el-rei de Granada fizera com os Castelhanos 130
Capitulo XLIV — Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Partugal e não tiveram geito, e porque azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha 133
Capitulo XLV. — Como os de Carmona mandaram dizer a el-rei D. Fernando que lhe escrevesse, e da resposta que deu ao mensageiro 138

Capitulo XLVI. — Como el-rei D. Henrique cercou Carmona e lh'a deu D. Martim Lopez por preitesia 142
Capitulo XLVII. — Das razões que alguns disseram falando do casamento d'el-rei D. Fernando com a infante d'Aragão 145
Capitulo XLVIII. — Que moveu el-rei D. Fernando a juntar o ouro que mandou a Aragão, e quanto era por todo 149
Capitulo XLIX. — Como o conde partiu de Lisboa para Aragão, e como chegou lá com todo o haver que levava 152
Capitulo L. — Do que o conde ordenou que se fizesse d'aquelle ouro que levava, e como começaram pagar soldo ás gentes que haviam de servir 155
Capitulo LI. — Como o conde D. João Affonso se partiu para Portugal, e porque não foi trazida a infante a Portugal 158
Capitulo LII. — Como os capitulos da guerra foram outra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu recado a el-rei D. Fernando 161
Capitulo LIII. — Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições 164
Capitulo LIV. — Como el-rei d'Aragão mandou tomar a Affonso Domingues Barateiro quanto ouro tinha em seu poder 170
Capitulo LV. — Das moedas que el-rei D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma 172
Capitulo LVI. — Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas 177
Capitulo LVII. — Como el-rei D. Fernando se namorou de D. Leonor Telles e casou com ella escondidamente 181
Capitulo LVIII. — Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha 186
Capitulo LIX. — Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim 188
Capitulo LX. — Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu 191

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume 400

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. I).... 400

EM PUBLICAÇÃO

VII — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. II).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1896

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

CAPITULO LXI

Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusamente da cidade.

Não duvideis que muito não prazia a todos os fidalgos e privados d'el-rei d'este ajuntamento que o povo fazia, porque viam que, amando seu serviço e honra, se moviam a fazer isto, e, pois el-rei nenhuma cousa curava de seu conselho d'elles, entendiam que por este caminho lhe era por força de a partir de si. E foram em outro dia muitas gentes juntas no alpendre d'aquelle mosteiro de S. Domingos, onde el-rei havia de vir ouvir, por parte do povo, as razões que lhe haviam de dizer a este casamento não ser bom, e entre os muitos que ahi vieram estavam ahi os do desembargo d'el-rei, todos; e Fernão Vasques, que havia de propôr, emquanto el-rei não vinha, começou de dizer contra elles:

— «Senhores, a mim deram carrego, estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas

a El-rei Nosso Senhor que entendem por sua honra e serviço, e porque é direito escripto que, sendo as partes principaes presentes, que o officio do procurador deve de cessar no que elles bem souberem dizer, vós outros, que sois principaes partes n'este feito e a que isto mais tange que nós, devieis dizer isto e eu não; porém, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros n'ello não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço d'El-rei Nosso Senhor.»

Aguardando elles todos ali, e falando muitas e desvairadas razões n'este feito, soube-o el-rei em seus paços onde estava, e vendo como todos estavam alvoraçados, e as razões que geralmente diziam a contradizer aquelle casamento, não quiz lá ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o mais escusamente que poude; e ia dizendo pelo caminho:

— «Olhae aquelles vilões traidores como se juntavam! Certamente, prender-me quizeram se lá fôra!»

Os que estavam no mosteiro aguardando, quando souberam que se el-rei partira d'aquella guisa, tiveram-se por escarnidos, cheios de melancholia e palavras deshonestas contra este casamento; e não sómente em Lisboa, mas em Santarem e em Alemquer e em Thomar e Abrantes e outros logares do reino, falando as gentes d'este casamento quanto lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor, a que d'este feito muito pesava, receiando-se que por azo de taes ajuntamentos e falas poderia ser que a deixaria el-rei, dizem que mandava saber, por inculcas, quaes eram os que

n'isto mais falavam contra ella, razoando mal de tal casamento, e havia com el-rei que os mandasse prender e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, aquelle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram decepados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e assim em alguns logares do reino. E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou el-rei depois, e não houveram pena.

CAPITULO LXII

Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor por mulher, e foi chamada rainha de Portugal.

Andou el-rei por seu reino folgando, trazendo comsigo D. Leonor, até que chegou Entre Douro e Minho, a um mosteiro que chamam Leça, que é da ordem do Hospital, e ali determinou el-rei de a receber de praça; e em um dia para isto assignado foi a todos proposto por sua parte, dizendo n'esta guisa:

— «Amigos, bem sabeis como a ordem do casamento é um dos nobres sacramentos que Deus n'este mundo ordenou, para não sómente os reis, mas ainda os outros homens, viverem em estado de salvação, e os reis haverem por lidima linhagem quem de poz elles succeda o reino e regimento real que lhes Deus deu. Porende, El-rei Nosso Senhor, querendo viver n'este estado, segundo a elle pertence, e considerando como a mui nobre D. Leonor Telles, filha de D. Martim Affonso Tello e de

D. Aldonça de Vasconcellos, descende de linhagem dos reis, dês-ahi como todos os grandes e móres fidalgos d'estes reinos teem com ella grande divido de parentesco, os quaes recebendo d'El-rei honra, como é aguisado, sejam por ello mais teudos de o ajudar a defender a terra; e olhando outrosim como a dita D. Leonor é mulher mui convinhavel para elle, pelas razões sobreditas, tem tratado com ella seu casamento, e porende a quer receber de praça por palavras de presente, como manda a Santa Egreja de Roma, e lhe entende de dar taes villas e logares de seu senhorio, por que ella possa manter honroso estado de rainha, como lhe pertence.»

Então a recebeu el-rei perante todos e foi notificado pelo reino como era sua mulher, de que os grandes e pequenos houveram mui grão pesar.

E deu-lhe el-rei logo Villa Viçosa e Abrantes e Almada e Cintra e Torres Vedras e Alemquer e A'touguia e Obidos e Aveiro, e os Reguengos de Sacavem e Friellas e Unhas, e terra de Merles, em Riba de Douro.

E d'ali em deante foi chamada rainha de Portugal, e beijaram-lhe a mão, por mandado d'el-rei, quantos grandes no reino havia, assim homens como mulheres, recebendo-a por senhora todas as villas e cidades de seu senhorio, afóra o infante D. Diniz, posto que menos fosse que o infante D. João, que nunca lh'a quiz beijar; por a qual razão el-rei D. Fernando lhe quizera dar com uma adaga, se não fôra Gil Vasques de Rezende, seu aio, e Ayres Gomes da Silva, aio d'el-rei D. Fernando, que desviaram el-rei de o fazer, dizendo el-rei sanhudamente contra elle:

— «Que não havia vergonha nenhuma beijarem a mão á rainha sua mulher, o infante D. João, que era maior que elle, e isso mesmo seu irmão, e todos os outros fidalgos do reino, e elle sómente dizer que lh'a não beijaria, mas que lh'a beijasse ella a elle.»

E d'esta guisa andava o infante D. Diniz assim como homiziado da côrte, e o infante D. João ficou com el-rei e com a rainha, muito amado e bemquisto, porque, sendo o maior no reino, se offerecera de bom grado de beijar a mão á rainha e fôra azo e caminho a outros muitos de grande estado. Porém, todos os do reino, de qualquer condição que fossem, eram d'isto mui mal contentes.

CAPITULO LXIII

Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando.

Quando foi sabido pelo reino como el-rei recebera de praça D. Leonor por sua mulher, e lhe beijaram a mão todos por rainha, foi o povo todo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira, porque antes d'isto, não embargando que o alguns suspeitassem, pelo grande e honroso geito que viam a el-rei ter com ella, não eram porém certos se era sua mulher ou não, e muitos, duvidando, cuidavam que se enfadaria el-rei d'ella e que depois casaria segundo pertencia a seu real estado.

E uns e os outros todos falavam desvairadas razões sobre isto, maravilhando-se muito d'el-rei não entender quanto desfazia em si por se contentar de tal casamento; e d'elles diziam que melhor fizera el-rei tel-a por tempo e dês-ahi casar com outra mulher, mas que isto era cousa que mui poucos ou

nenhum, posto que entendessem que tal amor lhe era damnoso, o deixavam depois e desamparavam, mórmente nos mancebos annos.

E deixadas as falas d'alguns simples que em favor d'elle rasoavam, dizendo que não era maravilha o que el-rei fizera, e que já a outros acontecera similhavel erro, havendo grande amor a algumas mulheres, dos ditos dos entendidos fundados em sizo alguma cousa digamos em breve, os quaes, falando n'isto o que lhes parecia, diziam que tal bemquerença era muito d'engeitar, mórmente nos reis e senhores, que mais que nenhuns dos outros desfaziam em si por alliança de taes amores; ca, pois que os antigos deram por doutrina que o rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma cousa, que aquelle que o contrario d'isto fazia não lhe vinha de bom sizo mas de sandice, salvo se usança dos homens em tal feito lhe emprestasse nome de sizudo. E pois que el-rei D. Fernando deixava filhas de tão altos reis, com que lhe davam grandes e honrosos casamentos, e tomava D. Leonor, que tantos contrarios tinha para o não ser, que bem devia de ser posto no conto de taes.

Outros diziam que isto era assim como dar, da qual ao homem prazia e não prazia, dizendo que todos os sabedores concordavam que todo homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é n'estes causa de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das outras potencias da alma ácêrca das cousas sensi-

veis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê tal qual elle é, mas tal qual a elle parece, ca elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser a elle proveitosa; e portanto todo juizo da razão é subvertido ácêrca de tal objecto, em tanto que qualquer outra cousa que lhe aconselhem podera bem receber, mas, quanto ácêrca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe e não cure d'ella, antes lhe faz um accrescentamento de dar que é fóra de todo bom juizo; de guisa que se é tal pessoa, o que o aconselhou, de que possa tomar vingança toma-a, assim como fez el-rei D. Fernando, que mandou fazer justiça em alguns do seu povo que o bem aconselhavam em similhante caso, segundo já tendes ouvido.

CAPITULO LXIV

Das razões que el-rei houve com um de seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor.

Trazendo el-rei D. Fernando D. Leonor comsigo antes que a recebesse de praça, como ouvistes, falava algumas vezes com alguns seus privados, dizendo como tinha em vontade de a receber por mulher, e que dissessem o que lhes parecia, por vêr se acharia alguns que lhe aconselhassem que o fizesse; e um dia falou com dois d'elles como sua vontade era de a tomar por rainha, porém antes que o pozesse em obra queria haver com elles conselho.

— «Senhor, disseram elles, a nós não convem falar n'isto, porque vos vêmos já liado com ella em tal maneira que entendemos que nunca outra mulher haveis d'haver senão ella, e ainda nos certificam alguns que a tendes já recebida por mulher; e quanto é por nosso conselho, nem d'outro nenhum que vosso serviço e honra deseje, não vos

aconselhára tal casamento, por muitas razões, mas se tendes em vontade de a todavia receber por mulher nenhum bom conselho presta n'isto.»

A cabo de poucos dias, a recebeu el-rei, como dissemos, e depois, logo cêrca, disse um dia a um de seu conselho como se reprehendia de ter casado com ella. O outro, respondendo, disse:

— «Isto foi por vossa culpa e por vós haverdes vontade de o fazer, mas não por vós não serdes aconselhado por muitos que o não fizesses.»

— «Verdade é, disse elle, que m'o desdisseram muitos, mas eu quizera que fizeram elles a mim, ainda que eu vontade houvesse, como fizeram os privados d'el-rei D. Affonso, meu avô, a elle.»

— «E como por isso, Senhor?»

— «Eu vos direi, disse el-rei. Meu avô, quando começou de reinar, tinha mais sentido nas cousas em que havia prazer, como homem novo que era, mas que n'aquillo que pertencia a regimento do reino; e estando todos os do conselho em Lisboa juntos, falando nas cousas que pertenciam a regimento do reino e prol do povo, elle deixou o conselho e foi-se á caça a termo de Cintra, e durou lá bem cerca de um mez. Os do conselho, quando viram que elle tão pouco sentido tinha, em começo de seu reinado, das cousas que havia d'ordenar por seu serviço e bem do povo, houveram-n'o por mau começo, e quando el-rei veio e foi ao conselho, depois que falaram na caça em que andára, disse-lhe um d'elles, por accordo dos outros:

— « Senhor, seja vossa mercê não terdes tal geito « como este que ora tivestes:— deixardes vosso con- « selho por tantos dias, onde tão necessario é d'es- « tardes, e irde-vos á caça ha já um mez, e nós es-

« tarmos aqui sem vós, com pouco vosso proveito « e serviço. Por mercê, tende outra maneira n'isto « d'aqui em deante, se não...

— « Como se não? disse elle.

— « A la fé, disseram, se não, buscaremos « nós outro que reine sobre nós, que tenha cuidado « de manter o povo em direito e em justiça, e não « deixe as cousas que tem de fazer de sua fazenda « por ir ao monte, e á caça andar um mez.

« El-rei houve d'isto grande melancolia, e disse, bradando:

— « E como os meus me hão a mim de dizer *se « não*... e elles me hão a mim de fazer isso.

— « Os vossos, disseram elles, quando vós fizer- « des o que não deveis.

« El-rei sahiu-se mui queixoso do conselho e foi-se, e depois cuidou n'ello e achou que lh'o diziam por seu serviço e perdeu queixume d'elles e houve-os por bons servidores. E eu assim quizera que vós outros do meu conselho fizereis a mim: pois que vieis que não era minha honra tal casamento não me consentisses que o fizesse.»

O privado, que entendeu que el-rei mais lhe dizia isto por vêr que resposta lhe daria que por ter em vontade o que lhe falava, respondeu e disse:

— « Senhor, vós o dizeis agora mui bem, mas podera ser que, se os do vosso conselho vol-o contradisseram d'essa guisa que vós dizeis, que houveram de vós peior resposta com obra da que houveram esses outros d'el-rei D. Affonso, vosso avô.»

E el-rei, dizendo que não mas que o houvera por bem feito, cessaram d'aquesto e falaram em al.

CAPITULO LXV

Como a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos do reino, e do accrescentamento que fez em outros de seu linhagem.

Esta rainha D. Leonor, ao tempo que a el-rei tomou por mulher, era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo; havia loução e gracioso gesto, e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma por então era a ella similhavel em bem parecer e dulcidão de fala, soffrendo-nos porém de a prasmar d'algumas cousas, em que não honesta e mui soltamente, houve grande e vivo entendimento por afortalezar seu estado, trazendo a seu amor e bemquerença assim as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todos leda conversação, com gráda prestança e muitas bemfeitorias.

E porquanto ella era certa de que não prazia ás gentes miudas de ella ser rainha, segundo se mostrára em Lisboa e em outros logares, e ainda d'al-

guns grandes duvidava muito, trabalhou-se de haver da sua parte todos os móres do reino, por casamentos e grandes officios e fortalezas de logares que lhes fez dar, como adeante ouvireis.

E fez ainda grande accrescentamento, especialmente nos de seu linhagem, porque dois seus irmãos, a saber, D. João Affonso Tello ázou como fosse almirante e Gonçalo Telles fez conde de Neiva e de Faria, que é Entre Douro e Minho; e dois filhos do conde D. João Affonso, seu tio, um fez fazer conde de Vianna, que chamavam D. João, e outro foi conde de Barcellos, a que diziam D. Affonso, e porque era mui moço deu-lhe por aio um cavalleiro que chamavam Vasco Peres de Camões; e fez fazer conde de Ceia D. Henrique Manoel, seu cunhado; e fez como fosse conde d'Arrayolos D. Alvaro Pires de Castro; e fez dar o mestrado de S. Thiago a D. Fernando Affonso d'Albuquerque, que era irmão das mulheres de seus irmãos; e fez dar o mestrado de Christo a um seu sobrinho, filho de sua irmã D. Maria, que chamavam D. Lopo Dias; e fez pôr todos os castellos e melhores fortalezas do reino nos que eram de seu linhagem.

E porque Lisboa é principal logar do reino, e quem a tiver por sua entende que tem todo o reino, fez ella dar depois o castello d'essa cidade ao conde D. João Affonso Tello, seu irmão, e fez que quantos grandes e bons havia na cidade que todos fossem seus vassallos: assim como Martim Affonso Valente, que tinha o castello por elle, Estevão Vasques Philippe, Affonso Annes Nogueira, Affonso Furtado Capitão, Affonso Esteves d'Azambuja, Antão Vasques. Estes cavalleiros e outrosim muitos escudeiros, que na cidade havia mui honrados e

mui bons, assim como Pero Vasques de Pedra Alçada e Pedro Annes Lobato e outros que não curamos de dizer, todos eram vassallos do conde.

Fez outro sim muitos e bons casamentos, ca ella casou sua irmã D. Joanna, que era bastarda e commendadeira de Santos, com João Affonso Pimentel, e fez-lhe dar Bragança de juro e de herdade; e casou uma donzella sua parenta que trazia em casa, que chamavam Ignez Dias Botelha, com Pedro Rodrigues d'Affonseca, e fez-lhe dar o castello d'Olivença; casou Martim Gonçalves de Athayde com Mecia Vasques Coutinho, e fez-lhe dar o castello de Chaves; e casou Fernão Gonçalves de Sousa com D. Thereza de Meira, e fez-lhe dar o castello de Portel; e casou Gonçalo Viegas d'Athayde com Beatriz Nunes, filha de Nuno Martins de Goes e de Branca do Avellar; casou Fernão Gonçalves de Meira com uma filha do arcebispo de Braga; e casou Paio Rodrigues Marinho com a mulher que foi de João Fernandes Logominho; casou outrosim Gonçalo Vasques Coutinho com uma filha de Gonçalo Vasques d'Azevedo, e casou um filho d'este Gonçalo Vasques, que chamavam Alvaro Gonçalves, com uma filha de João Fernandes d'Andeiro, que foi conde d'Ourem e por ella foi posto em estado.

E fez muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino, por lhe haver todos bom desejo e não cahir em sua malquerença, de guisa que não era nenhum que de sua bemfeitoria e accrescentamento não houvesse parte. Era mui gráda e liberal a quesquer que lhe pediam, em tanto que nunca a ella chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que d'ante ella partisse com vã

esperança. Era ainda de muita esmola e muito caridosa a todos, mas quanto fazia tudo damnava depois que conheceram n'ella que era lavrador de Venus e creada em sua côrte; e falando os maldizentes prasmavam-n'a, dizendo «que todas as creadas d'aquella senhora se fingem sempre muito amaviosas, por tanto que o manto da caridade que mostram seja cobertura de seus deshonestos feitos.»

CAPITULO LXVI

Como el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco.

N'este anno de quatro centos e dez, que el-rei D. Fernando recebeu D. Leonor por mulher, estando el-rei D. Henrique em Burgos, soube como alguns cavalleiros e escudeiros de Castella que andavam em Portugal, assim como Fernando Affonso de Samora e outros, haviam tomado um logar em Galliza, de seu reino, que chamaram Vianna, e lhe faziam guerra d'elle. Outrosim lhe fizeram saber mareantes da costa de Biscaya e das Asturias como el-rei D. Fernando lhes mandára tomar algumas náus no mar e isso mesmo ante o porto de Lisboa, e não sabiam porque; e mais lhe fizeram certo que el-rei D. Fernando fazia alliança com os inglezes, para entrar em seu reino com elles e lhe fazer guerra.

El-rei D. Henrique houve d'isto grão queixume, porquanto tinha pazes com el-rei D. Fernando, e

dava a entender por tal obra que lh'as não queria guardar de todo, assim em consentir aos que andavam em seu reino que lhe fizessem guerra, como nas náus que lhe mandára tomar sem razão; e por ser mais certo da amizade e alliança com el-rei de Portugal tinha, se havia vontade de lh'a guardar ou não, mandou a elle Diogo Lopes Pacheco, o qual n'esta sezão andava em Castella, e andára sempre com el-rei D. Henrique dês que fugira de Portugal por razão da morte de D. Ignez.

Diogo Lopes chegou a Portugal e falou a el-rei D. Fernando tudo o que lhe el-rei D. Henrique mandára e houve d'elle sua resposta, e quando foi falar ao infante D. Diniz contou-lhe o infante do casamento d'el-rei seu irmão, quanto lhe pesava de o fazer d'aquella guisa, e como andava d'elle muito desavindo, por não querer beijar a mão á rainha. Diogo Lopes respondeu como fôra falar a el-rei e que lhe pesára muito da mira que vira, porque lhe parecia que el-rei era de todo ponto em poder d'ella e que o trazia enfeitiçado, pois que não fazia mais que quanto ella queria; e o infante lhe perguntou que lhe parecia d'este feito:

— «Parece-me, Senhor, disse elle, mui mal, cá entendo que seus irmãos d'ella montaram no reino mais que vós nem vosso irmão, e ainda queira Deus que não seja peior, porque havendo d'ella filhos poderia ser que vos matariam com peçonha, por tirar suspeita da herança do reino; e posto que assim não seja toda a privança e estado ha de ser em poder de seu linhagem, porém me parece são conselho que vades para Castella. Eu falarei agora a el-rei quando fôr e entendo bem que lhe prazera com-

vosco, e a resposta que n'elle achar vos farei logo saber.»

E assim o fez Diogo Lopes de feito. Como chegou a el-rei D. Henrique, certificou-o que el-rei D. Fernando não era seu amigo de vontade, nem entendera n'elle que lhe prazia guardar as convenças entre elles firmadas; e disse-lhe mais como el-rei não estava bemavindo com os fidalgos e povos de sua terra por azo do casamento de D. Leonor, e que os tinha tão mal prestes para seu serviço e com tão desvairadas vontades que entendia, se entrasse pelo reino, que ligeiramente o podia cobrar, e que o infante D. Diniz e outros cavalleiros com elle se queriam partir do reino e vir para sua mercê.

E isso mesmo chegou ali a Samora, onde el-rei estava, um escudeiro que elle mandára a Portugal com recado sobre isto, o qual lhe certificou claramente que el-rei D. Fernando não era seu amigo, nem quizera desembargar as náus de Castella que foram filhadas no porto de Lisboa. Outrosim lhe vieram novas como o conde D. Affonso seu filho, que enviára a Galliza, havia cobrada a villa de Vianna e prendera alguns d'aquelles que n'ella estavam.

CAPITULO LXVII

Como el-rei D. Fernando e o duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão.

Assim era certo, como contaram a el-rei de Castella, que el-rei D. Fernando fazia alliança com os inglezes contra elle, não embargando os tratos e pazes que entre elles havia, segundo ouvistes; ca o duque de Lencastre, segundo filho d'el-rei d'Inglaterra, que se chamava rei de Castella por azo da infanta D. Constança sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro, segundo contamos, enviára, pouco havia, seus embaixadores a el-rei D. Fernando, a saber João Fernandes Andeiro, cavalleiro, e Roger Hoar, escudeiro outrosim do duque, os quaes chegaram no mez de julho cêrca de Braga, onde el-rei de Portugal então era, e mostrado bastante poder que para ello traziam firmaram suas avenças n'esta guisa:

Que el-rei e o duque fossem verdadeiros amigos por sempre um do outro, e que se ajudassem por

mar e por terra contra D. Henrique, rei que se chamava de Castella, e contra el-rei D. Pedro de Aragão, a saber: que vindo o duque fazer guerra a el-rei D. Henrique ou a el-rei d'Aragão, e estando no reino de Navarra começando de fazer guerra a cada um d'elles com as gentes que comsigo trouxesse, que el-rei D. Fernando fosse teudo de lhe fazer logo guerra; e, se o duque entrasse por seu corpo em cada um dos ditos reinos, que el-rei de Portugal fosse teudo de entrar com seu corpo por outra parte; e que estas ajudas e guerra que cada um fizesse fosse ás suas proprias despezas, e que toda cousa que el-rei D. Fernando tomasse do reino de Castella, que não fosse villa ou castello ou terra, que fosse sua sem outra contenda, e que toda cousa que fosse tomada do reino d'Aragão que fosse de aquelle que a tomasse.

Estes e outros capitulos, que por não alongar deixamos d'escrever, foram então firmados entre el-rei e o duque de Lencastre sobre esta guerra e ajudas que se haviam de fazer; e o dictado do duque, como se então chamava, era este:

«D. João, pela graça de Deus, rei de Castella e de Leão e de Toledo e de Galliza e de Sevilha e de Cordova e de Molina e de Jaen e do Algarve e d'Algecira, duque de Lencastre e senhor de Molina.»

E n'algumas escripturas enhadiam mais n'elle, dizendo:

«Reinante nos ditos reinos em um com a rainha D. Constança nossa mulher, filha primeira e herdeira do mui alto rei D. Pedro, que Deus perdoe.»

Depois d'estes tratos assim firmados, enviou el-rei D. Fernando, Vasco Domingues, chantre de Braga, a Inglaterra, para os o duque firmar e jurar, e foram firmados por elle nos paços de Saboya, terra de Londres, ficando d'esta vez el-rei e o duque postos em grande amizade.

CAPITULO LXVIII

Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse.

El-rei D. Henrique, não embargando o que lhe Diogo Lopes dissera e as outras novas que de Portugal houvera, como dissemos, não lhe prazia porém haver guerra com el-rei D. Fernando, antes lhe pesava muito de lhe assim quebrantar os tratos e amizade que com elle havia posta, e por mór abundancia, antes que se demovesse a entrar em Portugal, enviou por embaixador a el-rei D. Fernando um bispo, o qual dizem alguns que era D. João Manrique, bispo de Siguenza; e veio a Portugal e achou el-rei em um logar quatro leguas de Santarem que chamam Salvaterra de Magos. O bispo era homem entendido e bem razoado, e depois que deu a el-rei as suas encommendações, presente o conde D. João Affonso Tello e outros que com elle estavam, lhe disse n'esta guisa:

— «Senhor, El-rei D. Henrique, meu senhor, vendo os grandes dividos que entre vós e elle ha, e desejando haver paz e amorio comvosco, assim por proveito dos povos que cada um de vós ha de reger, como por especial amor e boa vontade que vos tem, quiz que fosses ambos em tal accordo que entre vós e elle não podesse vir nem recrescer nenhuma contenda, e isto o demoveu a fazer paz comvosco, a qual foi firmada com certas condições e juras, segundo bem sabem quantos aqui estão.

«E por mór firmeza d'ellas, e vossos bons dividos serem accrescentados, foi posto de vos dar sua filha por mulher, com algumas villas e logares de seu reino; e vós, Senhor, não sei por qual razão, o capitulo que mais devereis de guardar, que era casar com sua lidima filha, por ser a vós honroso casamento e accrescentardes em vosso reino os logares que vos com ella dava, e vós quebrantastelh'o d'ahi a poucos dias, deixando-a de receber e casando-vos com outrem, da qual cousa vos mandastes escusar a el-rei meu senhor como á vossa mercê prouve; e, posto que elle ahi podera tornar com aguisada razão e direito, soffreu-se de o fazer, por dar logar á paz que deseja haver comvosco.

«E hora depois d'isto mandastes aos do seu reino tomar certas náus, assim na costa do mar como ante o porto de Lisboa, e pero vos enviou requerer que lhes mandasses de tudo fazer entrega não foi vossa mercê de o pôr em obra, antes déstes tal resposta áquelles que acá enviou por que mostrastes que de guardar a paz que entre vós e elle foi firmada havieis mui pouca vontade; além d'isto, lhe fizeram alguns entender que vós fazieis liga com

os inglezes, para virem a vosso reino e serem em vossa ajuda contra elle.

«E porque todas estas cousas mostrava claramente que vós não tendes vontade de lhe guardar a paz que entre vós e elle foi firmada, vos envia dizer por mim, e vos requer da parte de Deus, que vós lhe guardeis cumpridamente as pazes que entre vós ambos são firmadas, e mandeis fazer entrega aos seus de todo o damno que hão recebido; e fazendo-o assim fareis n'ello razão e direito que sois teudo de fazer, e elle agradecer-vol-o-ha muito e terá em grande amizade.

«D'outra guisa, se vossa mercê é britardes as pazes que assim haveis em um, a elle é forçado que se defenda de vós, e então mostrará a Deus e ao mundo que não é mais teudo que vol-o requerer, e que Deus, que é justo juiz, terá justa razão de o ajudar contra vós.»

CAPITULO LXIX

Da resposta que el-rei D. Fernando deu ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi.

El-rei D. Fernando, que bem suspeitava as razões que lhe o bispo havia de dizer e as cousas em que o havia de culpar, como aquelle que d'ellas era bem sabedor, tinha já a resposta prestes para se escusar, e não pediu espaço para haver sobre ello conselho, mas respondeu logo, dizendo assim:

—« Eu, tudo o que fiz, tinha razão de o fazer, e que mais fizera nenhum m'o deve ter a mal, porque eu não lhe quebrei as pazes, mas elle as quebrantou a mim primeiro; e assim lh'o enviei dizer por Martim Peres, doutor em degredos, chanceller do infante D. João seu filho, quando a mim sobre isto veio da sua parte. Porque depois das pazes feitas, a cabo d'uns seis mezes, chegou a mim a Tentugal, onde eu então estava, aquelle doutor, e disse-me e requereu que bem sabia os tratos e avenças que por bem da paz entre mim e el-rei D. Henrique foram firma-

das, e como se depois prolongaram além do tempo, por certas razões da sua prol e minha, as quaes eram entrega de certos logares e prisioneiros d'uma parte á outra e mais o casamento da infante D. Leonor commigo.

«E eu lhe respondi que bem sabia el-rei de Castella que o que eu ficára por fazer já era da minha parte cumprido, deixando-lhe as villas e logares que tinha, e entregues todos os prisioneiros que em meu reino eram retidos; e que elle nunca me quizera entregar a villa de Bragança nem o castello de Miranda e outros logares. E porém que me entregasse elle primeiro os logares todos, como eu fizera a elle, e que bem me prazia casar com sua filha e lhe cumprir mais ainda outra cousa, se teudo era de a cumprir; assim que eu fiz tudo o que devia e elle não me teve aquillo que me poz, e porém casei com quem me prouve e fiz o que entendi por meu serviço.»

—«Senhor, disse o bispo, no casamento vos não falei senão por o trazer a meu proposito, e se el-rei meu senhor algumas cousas por cumprir tem, das que entre vós e elle foram firmadas, é mui bem que seja requerido que as cumpra, e sou certo que o fará de bom talante; d'outra guisa, não me parece que é bem ordenardes por onde entre vós e elle haja guerra e discordia. Lá, se os de sua terra furtaram em vosso reino o castello de Miranda, primeiro sahiram os de vossa terra a roubar na sua e lhe fazer guerra, tomando por força em Galliza o logar de Vianna, e d'ali faziam guerra a toda a comarca de redor, consentindo-o vós e não tornando a ello em guisa que houve elle ahi de mandar o conde D. Affonso, seu filho, com gentes, a pôr cobro n'isto; mas entre vós e elle tão pequenas cousas como

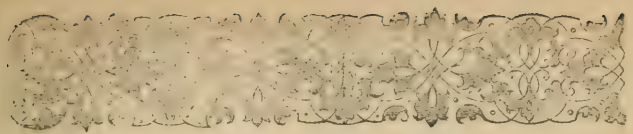
essas ligeiras são de concordar, por serdes em paz e amorio.

«Porém, Senhor, por mercê, esguardae bem primeiro o que quereis fazer, e conhecei que aquella é nobre e aventurada paz que é na vontade e não nas palavras, e que um dos cuidados melhores que haver podeis assim é de haver paz com vossos visinhos; nem pode nenhuma cousa mais dôce ser entre os reis e os povos que viverem em paz e socego, de guisa que onde é um dom de fé haja uma concordia de vida.»

El-rei D. Fernando tinha mandado Vasco Domingues, chantre de Braga, a Inglaterra, como ouvistes, por firmar o trato entre elle e o duque de Lencastre, dês-ahi por fazer vir gentes d'armas, e houvera já recado d'elle que tinha oitocentas lanças e outros tantos archeiros prestes; e quando lhe o bispo dizia estas e outras muitas razões que todavia houvesse paz, el-rei respondia por taes palavras e com tal doairo que bem mostrava que havia d'ello pouca vontade. E d'essa mesma guisa o dizia o conde D. João Affonso Tello, emtanto que o bispo lhe veio a dizer:

—«Conde, vós podeis aconselhar el-rei, que aqui está como vos prouver, mas se o vós aconselhaes que elle haja guerra antes que paz vós podeis dizer o que quizerdes, mas porém sei que não haveis vós de ser o primeiro que haveis de jogar as lançadas ante elle; e se eu fosse de seu conselho, como vós sois, eu lhe aconselharia antes que escolhesse a certa paz com el-rei meu senhor, que esperar a duvidosa victoria.

Sobre isto se seguiram outras muitas razões, pelas quaes o bispo entendeu que el-rei não havia vontade de haver paz; e despediu-se d'elle e foi-se seu caminho.



CAPITULO LXX

Como o bispo chegou a Castella e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal.

Tornou-se o bispo para Castella, e achou el-rei D. Henrique em Samora, e, posto el-rei de parte com os de seu conselho, para ouvir a resposta que o bispo trazia, elle ás primeiras novas que lhe deu disse-lhe que se percebesse de guerra; e contou-lhe tudo a que lhe aviera com el-rei D. Fernando, como entendia n'elle que não havia vontade de ser seu amigo, nem lhe guardar a paz que com elle pozera, e que assim lhe parecia que o aconselhavam alguns senhores dos que com elle eram. El-rei D. Henrique, ouvindo isto, disse então perante todos:

— «Deus sabe, que é sabedor de todas as cousas, que eu não hei vontade de haver com elle guerra, antes queria de mui boa mente haver com elle paz e ser seu amigo; mas, pois que assim é que eu hei de haver guerra, eu não a quero guar-

dar para mais longe, mas logo em ponto a quero começar, e diga cada um de vós o que lhe parece como se pode melhor fazer.»

Os do conselho, vista a resposta que o bispo trazia, e o desejo que el-rei n'isto mostrava, accordavam todos se fazer guerra, e que el-rei entrasse por Portugal com todo seu poder, mas que isto não fosse logo, por certas razões: á uma, por el-rei não ter as suas gentes prestes, e isso mesmo dinheiros para paga dos soldos e corregimentos que lhe eram necessarios, dês-ahi, pelo inverno que se seguia; assim que por isto, e por outras cousas que cada um mostrava a se não fazer, eram todos em accordo que el-rei espaçasse esta guerra até o verão que havia de vir, e que emtanto faria elle prestes tudo o que para ello era cumpridouro, e assim a poderia acabar com mais sua honra e serviço.

El-rei, quando viu que todos eram d'aquelle accordo e nenhum desviava d'elle, deu-lhes em resposta, dizendo:

— «Ou vós todos estaes bebedos ou sandeus, ou sois traidores.»

— «Não já eu, Senhor, disse o bispo, ca não sou ruivo.»

— «Ah! bispo, disse el-rei, por mim dizeis vós isso,» — porque el-rei era branco e ruivo.

— «Não, Senhor, disse elle, mas por este que aqui está,» — a saber Pero Fernandez de Vallasco, que estava junto com elle, que era um pouco como ruivo.

E rindo d'estas e d'outras razões, que entremettiam por tomar sabor, tornou el-rei a dizer contra elles:

— «Aqui não cumpre mais perlongas nem outro conselho quando se fará, mas antes que se nunca el-rei D. Fernando perceba, nem lhe venha ajuda d'inglezes nem d'outro nenhum de fóra do reino, antes eu quero que me elle ache comsigo; e ou lhe eu destruirei toda a terra, ou nós viremos a tal avença por que sempre sejamos d'accordo, e esta entendo que é bem justa guerra, pois que a faço por haver paz. E logo d'este logar entendo d'encaminhar para Portugal sem mais tornar atraz, e quem vontade tiver de me fazer serviço, elle me seguirá por onde quer que eu fôr.»

E n'este conselho dizem que se firmou muito Diogo Lopes Pacheco, dizendo que entrasse logo subitamente por Portugal, e que se fosse logo lançar sobre Lisboa, não curando d'outro logar nenhum, a qual podia tomar ligeiramente, e que cobrando esta cidade entendesse que tinha todo o reino cobrado e finda sua guerra.

Mandou el-rei logo cartas a todos seus vassallos que se juntassem á pressa onde quer que elle fosse, ca sua intenção era partir sem mais tardança e entrar em Portugal, e que elle os esperaria á entrada do reino. Outrosim, escreveu a *micer* Ambrosio Boccanegra, seu almirante, que armasse logo em Sevilha doze galés, e que tanto que fossem armadas que partissem logo n'ellas para a cidade de Lisboa.

CAPITULO LXXI

Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal e do recado que houve do cardeal delegado do papa.

Partiu el-rei D. Henrique, de Samora e andou seu caminho sem fazer detença, com as gentes que o seguir poderam, até que entrou por Portugal; e esta trigança trouxe, sem mais esperar ninguem, por os seus terem azo e se fazerem prestes de o mais cedo seguir; e foi sua partida em setembro meado, na era que dissemos de quatro centos e dez. E como chegou ao extremo dos reinos aguardou ali suas gentes, e cobrou, emtanto, estes logares: Almeida, Pinhel, Linhares, Celorico e a cidade de Vizeu, que lhe foi bem ligeira de haver, como logar sem nenhuma cerca.

E, estando el-rei n'aquella comarca, foi-se para elle o infante D. Diniz, irmão d'el-rei D. Fernando, segundo falará com Diogo Lopes quando viera a Portugal, e el-rei D. Henrique o recebeu mui bem e lhe deu de si grande gasalhado.

E antes que el-rei d'ali partisse soube como D. Guido de Bolonha, cardeal e delegado do papa, era vindo em Castella, por tratar avença e paz entre elle e el-rei de Portugal; e recebeu el-rei sua carta, em que lhe fez saber a rasão porque era chegado a sua terra, e que lhe enviasse dizer se viria onde elle estava, ou como lhe prazia que fizesse.

E el-rei lhe mandou sua resposta, em que lhe rogava que se fosse emtanto para a villa de Guadalfaiara, onde estava a rainha e os infantes seus filhos, e que elle, Deus querendo, mui azinha livraria o que haviam de fazer em Portugal, e tornaria a Castella e falaria com elle.

O cardeal, vista sua carta, entendeu que el-rei havia vontade de proseguir sua guerra, e portanto lhe enviava dizer isto por encaminhar de o vêr mais tarde; e, pensando n'ello, houve seu conselho que, pois que o papa o havia enviado para pôr paz e amorio entre os reis ambos, que lhe não cumpria pôr n'isto detença, mas trabalhar-se de vêr el-rei de Castella antes que se a guerra mais accendesse, e ordenou de partir de Ciudad Rodrigo, por ir falar a el-rei onde quer que o achasse.

CAPITULO LXXII

Como el-rei D. Fernando começou de se aperceber de guerra, e el-rei D. Henrique entrou pelo reino, e do que sobre ello aveio.

Como a guerra foi soada em Portugal e el-rei D. Fernando certo que el-rei D. Henrique queria entrar em seu reino, foi posto em grão pensamento, porque não cuidou que assim trigosamente se trabalhasse de fazer tal entrada, nem que elle fosse o primeiro que começasse a guerra; e poz logo suas frontarias pelas comarcas do reino e isso mesmo certos senhores e fidalgos nos logares por onde entendeu que el-rei de Castella havia de vir. El-rei D. Fernando estava então em Coimbra, e a rainha D. Leonor com elle e alguns fidalgos do reino; e mandou chamar muita gente de riba de Guadiana e isso mesmo da Extremadura, para lhe ter o caminho em seu grande e espaçoso campo, seis leguas de Coimbra contra Lisboa, onde chamam o Chão do Couce, onde se todos accordavam que era bem de o esperar. Depois accordaram

que era melhor esperal-o em Santarem e ali pelejar com elle, e que quanto mais entrasse pelo reino, alcançando-lhe os mantimentos, que tanto viriam mais desgarrados e melhores de desbaratar. Com esta intenção, partiu el-rei de Coimbra e deixou sua mulher ahi e alguns fidalgos com ella, e veiu-se a Santarem e ali começou de ordenar seu ajuntamento; e mandou a Lisboa e a outros logares que fizessem sua apuração de certos homens d'armas e peões e besteiros, e que se juntassem com elle todos em Santarem.

N'isto, partiu el-rei D. Henrique, de Vizeu, depois que chegaram aquellas companhas por que havia enviado que se viessem por elle, e sua tenção era que el-rei D. Fernando lhe havia de pôr batalha; e veiu-se caminho direito de Coimbra, e ali se juntaram com elle o mestre de S. Thiago e o mestre d'Alcantara e as companhas d'Andaluzia, que haviam entrado por aquella comarca.

A rainha estando em Coimbra, chegou el-rei D. Henrique e pousou em Tentugal, e o conde D. Sancho, seu irmão, nos paços de Santa Clara, e o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco e Lemosim no mosteiro de S. Francisco, e João Rodrigues de Castanheda em Sant'Anna e Pero Fernandez de Vellasco em Sernache; e assim os outros senhores e capitães pelos logares de redor.

Então tiveram geito de cercar a cidade, salvo como quem pousa de caminho, como quer que foi feita uma escaramuça na ponte, em que foram alguns portuguezes; e n'aquelles dias que el-rei de Castella por ali esteve pariu a rainha D. Leonor uma filha, que chamaram D. Beatriz, que depois foi rainha de Castella, como adeante ouvireis.

D'ali partiu el-rei D. Henrique sem desviar da estrada, como fizera depois que entrou em Portugal, e veiu-se caminho de Torres Novas, e ali soube como el-rei D. Fernando estava em Santarem, e que n'aquelle logar se haviam de juntar com elle seus ricos homens e fidalgos e o conselho de Lisboa e d'outros logares, para lhe pôr a praça; e elle esteve ali dois dias ordenando sua batalha, a qual pensava que se não escusasse. E era assim de feito que el-rei D. Fernando mandára a todos seus fidalgos e vassallos que estivessem prestes, que tanto que vissem seu recado se viessem para elle; e muitos lhe escreveram se se viriam logo como souberam que el-rei de Castella partira de Coimbra, e se lhe havia de ter o caminho; e elle lhes respondia por suas cartas que estivessem quedos e não viessem a elle até que lhes elle mandasse dizer como fizessem.

E a taes ahi houve, assim como Martim Affonso de Mello e Gomes Lourenço do Avellar e outros, que dos logares onde estavam por fronteiros tresnoitaram uma noite e vieram falar a el-rei; e elle, como os viu, mostrou-lhes bom gasalhado e perguntou-lhes a que vinham, e elles responderam « que elle lhes dissera que ali aguardaria el-rei de Castella para pelejar com elle, e que haviam novas que era já muito perto e que não cumpria tardar mais para tal feito, mas que sahisse a tomar o campo e fosse longe da villa antes que perto, e que lhe pediam por mercê que defendesse seu poleiro e não aguardasse mais gente, ca assaz haveria d'ella.» El-rei disse « que lh'o agradecia muito e que diziam muito bem, como bons fidalgos que eram, mas que se tornassem para onde estavam e se fizessem bem

prestes com as gentes que tinham e podessem haver, e que como vissem seu recado que logo se viessem, e por outrō modo não partissem sem mandado.»

E d'esta guisa que el-rei disse a estes assim enviou dizer a alguns que lhe isto mesmo mandaram requerer, assim como ao mestre d'Aviz, seu irmão, que estava em Torres Novas, que cada dia mandava saber que fazia el-rei, e se juntava algumas gentes, receando-se que se houvesse de haver batalha que não curaria d'elle, porque era moço; e porém rogava a um bom cavalleiro, que era seu aio, que por Deus fizesse de guisa que não errasse de ser n'ella, e elle o segurava que não temesse de ficar, se batalha ahi houvesse de haver, mas que via el-rei encaminhar seus feitos que duvidava muito de pôr o campo a el-rei de Castella. E d'aquella guisa aconteceu, ca elle mandou ao concelho de Lisboa, que já estava na Azumbuja, cinco leguas de Santarem, que se tornassem e não fossem mais por deante, e nenhum dos outros mandou chamar.

El-rei de Castella, quando isto soube, moveu com sua gente caminho de Santarem e chegou áquem do logar a uns paços que dizem Alcanhões, e ali foi certo que el-rei D. Fernando não queria pelejar com elle. Então partiu el-rei para Lisboa, a um sabbado dezenove dias de fevereiro, e foi por cima de Santarem, caminho dos Feijoaes e pelas Abitureiras, sem torvação que de nenhum recebesse; pero que dizem alguns que el-rei D. Fernando quizera sahir a elle com aquelles que comsigo tinha, vendo que o contrario lhe era gran mingua, e que sendo já armado em cima do cavallo, com muitos dos seus que ahi então eram, que o conde D. João

Affonso Tello e o prior do Hospital o fizeram descer e desarmar, dizendo «que não consentiriam que sahisse fóra a pelejar com elle, ca o não podia fazer como pertencia a sua honra, salvo tendo tres ou quatro mil de cavallo comsigo, e d'outra guisa não.»

E d'isto foram mui prasmados o prior e o conde e isso mesmo el-rei com elles, dizendo « que covardisse de coração lh'o fizera fazer, ca elles não lhe deveram de dar tal conselho, e elle, se boa vontade tivera para pelejar e dera d'esporas ao cavallo, todos os seus seguiram á ventura que lhe Deus dar quizera.» E entre os que isto depois mais largamente prasmaram foi João Sanches, cavalleiro de Santa Catharina, que era um dos que se vieram para el-rei D. Fernando depois da morte d'el-rei D. Pedro, dizendo « que el-rei mostrava muito grande mingua não sahir a pelejar com el-rei D. Henrique;» e falou n'isto tantas vezes e assim de praça que houve el-rei de saber, e disse aos que ahi estavam «que não curassem de seus ditos, ca era um villão e zombeiro, filho d'um azemel de seu pae.»

João Sanches era homem de mui bom corpo e de gran força e bem ardido, e quando lhe contaram que el-rei isto dissera houve mui gran melancolia, e um dia, estando el-rei de praça, lhe disse perante todos:

— «Senhor, a mim disseram que vós dizieis que eu sou filho d'um azemel de vosso pae. Em verdade, se o elle foi em algum tempo, eu não o sei, e que o fosse, foi-o de um mui nobre rei; mas porém sei eu tanto que se vós tivereis mil azemeis taes co-

mo eu, e de tal vontade, que vos não passara a vós el-rei D. Henrique per ante a porta, como passou, nem levara de vós tal honra.»

El-rei callou e não respondeu áquillo, e os outros disseram a João Sanches que não curasse d'aquellas razões; e riam-se do que contra el-rei dizia em modo de escarneo.

CAPITULO LXXIII

Como el-rei D. Henrique chegou sobre Lisboa, e da maneira que os da cidade tiveram em se recolher.

NENHUMAS gentes poderam pensar que el-rei D. Henrique entrasse pelo reino, da guisa que elle entrou, especialmente desde Coimbra para Lisboa, onde el-rei D. Fernando estava quando elle partiu de Vizeu, que elle muito primeiro lhe não sahisse ao caminho a embargar sua vinda, podendo-o mui bem fazer, ca elle tinha gentes assás de seus naturaes para lhe pôr a praça, e mais a ajuda dos fidalgos e senhores que se para elle vieram de Castella, por morte d'el-rei D. Pedro, segundo tendes ouvido. E porém nenhum podia crêr que el-rei D. Fernando soffresse sua vinda tão longe pelo reino; em tanto, que pelas villas e logares por onde el-rei D. Henrique vinha assim estavam as gentes desseguradas, por esta razão, que nenhuns se apercebiam de se guardar, nem pôr o seu em salvo, de guisa que achavam os homens folgan-

do e ceando sem terem nenhuma cousa guardada do seu, e já os inimigos andavam pelos termos da villa e ainda o não criam, e assim roubavam e captivavam muitos d'elles, sem achar tal que lh'o de todo embargar podesse.

Os de Lisboa, quando souberam como el-rei D. Henrique passara por Santarem, e que el-rei D. Fernando não sahira a elle nem lhe mandara embargar sua vinda, foram postos em muito cuidado, por a gran perda que de receber entendiam, porque a cidade era toda devassa e sem nenhum muro onde havia mais gente, e não tinha outra guarda nem defensão salvo a cêrca velha, que é desde a porta do Ferro até a porta d'Alfama e desde o chafariz d'El-rei até a porta de Martim Moniz, e toda a outra cidade era devassa na qual moravam muitas gentes abundadas de grandes riquezas e bens; e bem entendiam que elles e os do termo era por força de se acolherem a ella, e que não poderiam caber dentro, com todas suas cousas, sem grande pressa e angustura. E porém diziam alguns que era bem de se juntarem todos e ir pelejar com el-rei de Castella á ponte de Loures, e ali morrerem antes assumados que esperarem de soffrer tamanho mal como esperavam receber por sua vinda.

Outros diziam que era bem que palancassem todas as ruas que sahiam ao Rocio da cidade, e que por ali a defendessem que não entrassem os castelhanos n'ella; e que todos os frades e clerigos que na cidade havia tomassem armas e a ajudassem a defender. E tão mau lhes era de crêr que el-rei D. Henrique chegasse a Lisboa que já suas gentes eram no Lumiar, uma legua da cidade, e entraram

pelos olivaes e vinhas de redor, e ainda alguns duvidaram que a elle viesse cercar. E com este alvoroço e cuidado, começaram clerigos e frades de se ir ao almazem d'el-rei e armarem-se todos das armas que ahi achavam; outros trabalhavam de buscar madeira para palancar as ruas; e taes ahi havia que, desamparando o cuidado da defensão da cidade, não tinham sentido senão de guardar as cousas que em salvo podiam pôr.

E sendo todos assim empachados em desvairadas occupações, el-rei D. Henrique chegou muito de socego, com toda sua hoste, por cima de Santo Antão, dês-ahi por Valverde, para ir pousar no mosteiro de S. Francisco, e o infante D. Diniz com elle; como quer que alguns escrevem que elle trazia em vontade d'ir pousar ao mosteiro de Santos, que é arredado da cidade quanto será um quarto de legua, e os seus encaminharam por desvairadas partes direito para ella, e então ordenou de pousar em S. Francisco, que é logar alto, de que a toda bem podia vêr.

Os da cidade, vendo seu grande poderio, não se atreveram a pelejar com elle, e, deixado o cuidado que tinham de tomar armas, trabalharam todos de se pôr em salvo, e acolheram-se áquella parte da cidade que era cercada, o mais azinha que poderam, com as mulheres e filhos e cousas que levar podiam; e era a pressa tão grande dos que se acolhiam dentro á cêrca, assim christãos como judeus, que embargava a entrada das portas a espessura da gente, que era muita. Uns descarregavam seus hombros cansados das grandes trouxas que traziam, achando logo muito prestes quem de as receber tinha cuidado; outros, como chegavam ás por-

tas, lançavam dentro as cargas que levavam e deixavam-n'as sem nenhuma guarda, com trigança de tornar por outras.

Jaziam muitas cousas desamparadas além dos muros, sobre que depois haviam contenda, extremando cada um quaes eram suas. A segurança que os fez tardar de primeiro não começarem tal trabalho lhes deu azo de perderem grandes riquezas. Contavam uns aos outros, depois do recolhimento, como lhes aviera pondo o seu em salvo, e como o postumeiro temor lhes fazia desamparar e esquecer muitas cousas.

Os mouros forros do arrabalde foram-se todos, com seus gasalhados, para o Curral dos Coelhos, junto com a fortaleza dos paços d'el-rei, que é em um alto monte, e ali estavam em tendilhões acoutados por sua defensão.

E foi esta vinda d'el-rei D. Henrique, quando chegou sobre Lisboa, uma quarta feita, a hora de terça, vinte e tres dias do mez de fevereiro da era de quatrocentos e onze annos.

CAPITULO LXXIV

Como o almirante não quiz que as galés de Portugal pelejassem com as de Castella, e como por seu azo foram tomadas algumas naus de Portugal.

El-rei D. Fernando, quando viu que el-rei de Castella passava por Santarem e se ia lançar sobre Lisboa, ordenou de mandar gentes a ella por ajuda de sua defensão, e porquanto o conde D. Alvaro Peres de Castro era alcaide da cidade, mandou el-rei que se viesse para o castello, por segurança e guarda d'ella, e mandou derribar todas as casas que estavam juntas com o muro por se não acolherem os castelhanos dentro n'ellas e receberem por ali damno.

E mandou mais o almirante *mice* Lançarote e Vasco Martins de Mello e João Focim, capitão da frota, e alguns outros cavalleiros, assim dos que estavam com ello como dos que vieram em companha da rainha, quando partira de Coimbra e chegara a Santarem; e vieram em barcas e lançaram-se na cidade, porque a frota d'el-rei de Castella

não viera ainda, que os embargasse de não entrar n'ella.

E, havendo novas das galés de Castella que vinham armadas de Sevilha, accordaram que era bem de armar quatro galés que jaziam na agua ante a cidade, e algumas naus, e que lhes fossem sahir ao caminho e pelejar com ellas. E foi assim feito que se fizeram prestes e partiram d'ante a cidade, e, indo não mui longe d'ella, houveram vista d'algumas galés que vinham deante, e João Focim, capitão que ia n'uma nau, quizera que afferraram com ellas, certificando que os venceriam, porquanto as naus e galés iam bem armadas, e as de Castella não vinham assim. O almirante, com gran covardice e mingua de bom esforço, pero tinha a vantagem dos inimigos, nunca n'ello quiz consentir, mas disse que as viessem ladrando e que ante a cidade pelejariam com ellas, para todos verem o prazer do vencimento.

As galés de Castella que deante vinham, com grande receio e medo que traziam, como foram perto da cidade, fizeram muito por atravessar o rio. João Focim, quando viu que as galés remavam para terra e que o almirante não curava d'afferrar com ellas, desejoso de bem fazer, terreou tanto por dar n'uma galé antes que enseccasse, que se houvera de perder, e não lhe poude fazer nojo; e as galés de Castella pozeram as prôas ante as tercenas da cidade, e as naus e galés de Portugal além um pequeno espaço, onde chamam o Furadouro.

E como umas e as outras pousaram, começaram logo d'obrar por desvairadas vontades, ca os castelhanos á pressa trabalharam de se metter em suas galés e fornecel-as de gentes d'armas, para ir pele-

jar com as outras, e o almirante sahiu-se logo, e muitos com elle, e foi-se á camara da cidade pedir conselho que maneira se teria em razão d'aquella armada. E, pero lhe diziam alguns, que as viam, como se enchiam de gentes as galés de Castella, e que visse o que pertencia fazer em tal feito, não curava de pôr remedio como defendesse suas galés.

N'isto, encheram-se as galés de Castella de tantos homens que as faziam mais de pejadas que de ligeiras, e começaram de remar contra as naus e galés dos portuguezes. As naus e galés, como estavam sem gentes d'armas, porque sahiram com o almirante e depois com o capitão, cuidando mui pouco o que as galés de Castella queriam fazer, quando as viram vir assim tão poderosamente armadas, não as ousaram d'attender e remaram para a outra parte d'além, contra Ribatejo, e metteram-se em certas rias que ahi ha, onde não podiam receber nojo ainda que as galés dos inimigos as seguir quizeram.

As galés de Castella, vendo como se iam para aquella parte, onde lhe empecer não podiam, aferraram logo com as naus, e como n'ellas era pouca gente, pelejando, cobraram algumas, e ficou o mar então por elles.

O almirante, por esta razão, foi muito culpado e mal desdito, e tirou-lhe el-rei o almirantado e deu-o a D. João Affonso Tello, irmão da rainha, porquanto por sua culpa e azo não cobrara as galés de Castella, e mais perdera parte de suas náus, como quer que fossem das que el-rei tomara aos castelhanos.

CAPITULO LXXV

Como os da cidade pozeram suspeita em algumas pessoas moradores d'ella, e foram presos alguns e mortos dois homens.

Porquanto era commum fama, e assim o affirmavam todos, que Diogo Lopes Pacheco fôra o principal azador que fizera el-rei D. Henrique vir cercar Lisboa, fazendo-lhe entender que na cidade havia pessoas que por o seu dariam tal azo por que a elle cobrasse mui cedo, foi grande alvoroço na cidade por esta suspeita, dizendo o povo contra alguns moradores d'ella que eram da parte d'el-rei de Castella por azo de Diogo Lopes, cujos servidores e alliados eram, e que a cidade era vendida por elles; dos quaes foram Lourenço Martins da Praça, que creara o mestre d'Aviz D. João, e Martim Taveira e Affonso Collaço e Affonso Peres e outros dos bons que na cidade havia.

E porque alguns d'elles tinham chaves de certas portas, foram-lhes logo tomadas e elles todos presos, e como em similhantes feitos, muito de recear,

não se esguarda nenhuma desculpação nem espaço de saber a verdade, foram sem mais detença todos mettidos a tormento; e, sem confessar nenhuma cousa, disseram alguns que um homem de Lourenço Martins merecia de ser arrastado, e, sem mais curar de buscar besta que o houvesse de levar, ás mãos o arrastaram pela cidade e o fizeram em postas, e assim morreu.

Outro tomaram e pozeram-n'o na funda d'um engenho que estava armado ante a porta da sé, e quando desfechou lançou em cima d'essa egreja, entre duas torres dos sinos que ahi ha; e quando cahiu acharam-n'o vivo, e tomaram-n'o outra vez e pozeram-n'o na funda do engenho, e deitou-o contra o mar, onde elles desejavam, e assim acabou sua vida.

Os outros nomeados, que foram presos e feridos, soltaram-n'os sem outra pena que houvessem, mas não fiaram mais d'elles, e d'ahi em deante pozeram em si grande guarda e regimento, velando a cidade de noite e de dia, tendo cautella e avisamento grande em todos seus feitos e defensão.

N'isto, soube el-rei D. Henrique como os frades do mosteiro de S. Francisco, onde elle pousava, tomaram armas para ir pelejar contra elle, quando na cidade fôra sabido que elle vinha; e disse que pois assim era, que se armaram contra elle, que não estava em razão de elle pousar entre seus inimigos. Então mandou tomar duas barcas e metter os frades todos n'ellas, sem barqueiros, e que se passassem além do rio; e os frades, remando, pozeram-se além do rio em salvo, porquanto não é mais de uma legua.

Os seus, quando viram que elle isto mandava fazer aos frades, quizeram roubar a sachristia, e el-rei soube-o e defendeu que o não fizessem; e assim foi guardada em poder d'um homem bom frade, que era sachristão d'aquelle mosteiro.

CAPITULO LXXVI

Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasques, seu filho, foram presos em uma escaramuça.

As gentes d'el-rei de Castella pousavam nos mosteiros e pela cidade, como lhes prazia, como aquelles que achavam todas as casas desamparadas, com muitos bens e alfaias n'ellas, ca seus donos não houveram espaco, quando se acolheram á cêrca velha, de tudo guardar e levar comsigo, salvo essas cousas que mais ligeiramente apanhar poderam, como dissemos. E muitos christãos e judeus deitaram de seus haveres, os que levar não podiam, dentro nos poços; e, sabendo os castelhanos d'isto parte, buscavam-n'os depois com fateixas e cobraram tudo a seu poder, com outras muitas cousas que depois levaram quando se foram.

E porque todas as gentes pousavam muito perto dos muros da cidade, escaramuçavam a miude uns com outros, e havia ahi feridos e presos ás vezes d'uma parte e da outra; assim como foi preso Vas-

co Martins de Mello, cuja era a guarda da porta do Mar, que sahiu um dia a escaramuçar com João Duque, que tinha logo cerca a guarda dos açougues. E, cuidando Vasco Martins que iam com elle todos os da sua parte, falleceram-lhe d'elles áquella hora, e João Duque sahiu a elle bem acompanhado, e Vasco Martins em se defendendo, foi ferido e derribado em terra. N'isto, chegou Gonçalo Vasques, seu filho, por defender que o não matassem, e estiveram tanto defendendo-se que foram ambos feridos e presos, e levou-os João Duque por prisioneiros para sua pousada.

N'outro dia, veiu-o vêr Diogo Lopes Pacheco, e houveram ambos mui más palavras, dizendo Vasco Martins contra elle que por seu azo e induzimento fazia el-rei D. Henrique esta guerra e se viera lançar sobre Lisboa, e outras desmesuradas razões que por então houve entre elles.

El-rei D. Fernando, sabendo como Vasco Martins e seu filho eram presos d'aquella guisa, mandou a Sines por Pero Fernandes Cabeça de Vacca, que fôra pilhado n'aquelle logar em uma das galés de Castella que viera ali á costa por tormenta, quando por ali passava, e deram-n'o por Vasco Martins e por seu filho, e assim foram livres e soltos.

CAPITULO LXXVII

Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça.

Sendo assim costume de escaramuçar os da cidade com os de fóra, tambem á porta do Ferro, como áquella porta do mar que dissemos, sahiram um dia de dentro da cêrca alguns portuguezes, por escaramuçar com os inimigos, e em se entremettendo de os accometter cresceu-lhes tal força e ardimento que deram com elles pela rua Nova bem até metade da rua.

El-rei D. Henrique olhava do miradouro de S. Francisco, onde pousava, tudo o que se fazia muito a seu salvo, e, louvando presente os seus a ardideza d'aquelles portuguezes que d'aquella guisa faziam, recresceram tantos dos seus em ajuda d'aquella escaramuça que por força fizeram recolher os da cidade dentro, não sem grão perigo dos que escaparam; e foi ali preso Garcia Rodriguez, meirinho-mór d'el-rei D. Fernando, sem mais prisão

d'outra pessoa, nem morte d'algum d'uma parte nem da outra. E dos que assim prendiam davam uns por outros, e ás vezes por rendição, como se acertava.

N'isto, foi o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, com quatrocentas lanças, sobre um logar cercado que chamam Cascaes, que é muito junto com o mar, cinco leguas da cidade, e as poucas gentes d'elle, que o defender não podiam, deram-lh'o logo, sem outra peleja que ahi houvesse; e elles prenderam os que quizeram, e roubaram o logar de mui grande roubo, e tornaram-se com elle para a cidade. E por esta guisa os capitães que com el-rei D. Henrique vinham estendiam-se pelos termos da cidade a forreiar, sem torva que de nenhum houvessem, e traziam grandes roubos de muitas e desvairadas cousas, e cortavam vinhas e olivaes e outras arvores, pondo fogo a muitas quintas, que de todo então destruiram; assim que os castelhanos d'um cabo e as gentes d'el-rei D. Fernando do outro era dobrado fogo que gastava e destruia a terra.

E porquanto das casas que eram mais cêrca do muro recibiam os da cidade damno, atirando-lhes por vezes dentro ás béstas, ordenaram todos de lhes pôr fogo, por se não esconderem ali os inimigos. Os castellianos, quando isto viram, começaram de roubar toda a cidade, e depois que a tiveram roubada disseram que, pois elles começaram de lhe pôr fogo, elles lh'a ajudariam a queimar de verdade. Então lhe pozeram fogo em muitas partes, e ardeu toda a rua Nova e a freguezia da Magdalena e de S. Julião e toda a judiaria, a melhor parte da cidade. E diziam depois os caste-

lhanos que, se os portuguezes não começaram primeiro de pôr o fogo da sua parte, elles nunca o pozeram da sua.

E tomaram, para levar por memoria á ida, quando se foram, umas mui formosas portas da alfandega d'essa cidade, e assim quizeram levar os cavallos d'arame por que cae a agua na fonte dos Cavallos, e foram primeiramente guardados antes que se percebessem de os tomar.

CAPITULO LXXVIII

Como Henrique Manuel pelejou com Pedro Sarmento, e foram vencidos os portuguezes.

Jazendo Lisboa d'esta guisa cercada, entrou Entre Douro e Minho Pero Rodriguez Sarmento, adeantado em Galliza, e João Rodriguez de Bema e outros fidalgos d'aquella terra, e chegaram até Barcellos, e gentes de Portugal, d'aquella comarca, se juntaram para pelejar com elles, assim como D. Henrique Manuel, tio d'el-rei D. Fernando, irmão de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro, e João Lourenço Bubal, cavalleiro, e Fernão Gonçalves de Meira e Nuno Végas o Velho e outros fidalgos, e o conselho do Porto e de Guimarães.

Quando os castelhanos isto souberam, ordenaram de os attender, e lançaram uma grossa cillada de muita gente em um logar escuso, de que os portuguezes não souberam parte; e, começada a peleja, levavam os de Portugal a melhor de seus

inimigos. N'isto, sahiu João Rodriguez de Bema da cillada onde jazia, e fez grande som como eram muitos, e começou logo de fugir a cavallo um escudeiro, com a bandeira de Henrique Manuel, e os seus começaram de bradar contra elle, dizendo:

— « Vae-se a bandeira, vae-se a bandeira! »

— « Amigos, disse elle, não cureis da bandeira que é um pouco de panno que se vae, mas curae do meu corpo, que aqui está, em que deveis ter mór esforço que n'ella; porém, pelejemos todavia por vencer, e não cureis da bandeira. »

Então, pelejaram até que se venceram e foram de todo desbaratados.

Nuno Gonçalves, que tinha o castello de Faria, quando viu ir os portuguezes para esta peleja, sahiu do logar com alguns dos que tinha, cuidando de dar de suspeita nos inimigos, e que uns d'uma parte outros de outra que os colhessem na metade: e os castelhanos, que tinham já vencidos os primeiros, voltaram sobre ello, e foi vencido e preso,

E foi ali morto João Lourenço Bubal, e preso Nuno Végas e Fernão Gonçalves de Meira, e Henrique Manuel fugiu para Ponte de Lima; e foram presos d'homens d'armas e de pé, até cento; e mais alguns cidadãos do Porto, entre os quaes foi preso Domingos Peres das Eiras, que era um dos honrados do logar, e pagou por si, de rendição, dez mil francos d'ouro, e n'aquella semana que foi solto chegou uma sua nau de Flandres que em frete e mercadorias trouxe dez mil francos para seu dono. E assim houveram os castelhanos muitas rendições d'outros alguns que ahi foram presos.

CAPITULO LXXIX

Como Nuno Gonçalves de Faria foi morto, porque não quiz dar o castello a Pedro Rodriguez Sarmento.

O bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso n'esta peleja que ouvistes, tendo grão sentido do castello de Faria, que deixara encommendado a seu filho, cuidou aquillo que arrazoadamente era de presumir, a saber: que aquelles que o tomaram o levariam ante o logar e, dando-lhe alguns tormentos ou ameaça d'elles, que o filho vendo-o, haveria piedade d'elle e seria demovido a lhes dar o castello. E porque não tinha maneira como o d'isto podesse perceber disse a Pero Rodriguez Sarmento que o mandasse levar ao castello, e que elle diria a seu filho, que n'elle ficara, que lh'o entregasse.

Pero Rodriguez foi d'isto mui ledo e mandou que o levassem logo, e elle, chegando ao pé do logar, chamou pelo filho, o qual veiu á pressa, e elle, em vez de dizer que désse o castello áquelles que o levavam, disse ao filho n'esta guisa:

— « Filho, bem sabes como esse castello me foi dado por el-rei D. Fernando, meu senhor, que o tivesse por elle, e lhe fiz por elle menagem; e, por minha desventura, eu sahi d'elle cuidando de o servir, e sou ora preso em poder de seus inimigos, os quaes me trazem aqui para te mandar que lh'o entregues; e porque isso é cousa que eu fazer não devo guardando minha lealdade, porém te mando, sob pena de minha benção, que o não faças, nem o dês a nenhuma pessoa senão a el-rei, meu senhor, que m'o deu, ca por te perceber d'isto me fiz aqui trazer; e por tormentos e morte que me vejas dar não o entregues a outrem senão a el-rei, meu senhor, ou a quem t'o elle mandar entregar por seu certo recado.»

Os que o preso levavam, quando isto ouviram, ficaram espantados de suas razões, e perguntaram-lhe se dizia aquillo de jogo ou se o tinha assim na vontade; e elle respondeu que para o perceber d'isto se fizera ali trazer, e que assim lh'o mandava, sob pena da sua benção. Elles, tendo-se por escarmidos, com queixume d'isto, em presença do filho o mataram n'essa hora, de crueis feridas, e não cobraram porém o castello.

E porque aquella terra é muito povoada não podiam todos caber no castello, e acolhiam-se d'elles entre o muro e a barbacan, em choças cobertas de colmo que ali fizeram; e, ventando então um vento suão, tomou um d'aquelles que estavam fóra um colmeiro acceso, posto em uma lança, e deitou-o dentro em cima das choças, e começaram d'arder.

Os do castello, muito anojados pela morte de Nuno Gonçalves, que lhe assim viram dar, não ti-

veram mentes no fogo que deitaram. estando muito espantados das razões que dissera ao filho.

O fogo era grande, por azo do vento, a que se remedio não podia pôr, e arderam todas as choças, com quanto n'ellas sija, e muita gente n'ellas; e o filho de Nuno Gonçalves manteve o castello, como lhe seu pae mandou, e depois lhe deu el-rei um mui honrado beneficio, porquanto lhe prouve escolher vida de clerigo.

CAPITULO LXXX

Das razões que el-rei D. Henrique houve com Diogo Lopes Pacheco sobre o cerco de Lisboa.

Sendo Lisboa cercada, como ouvistes, dizem que el-rei D. Henrique se começou de anojar, porque a tomar não podia em tão pequeno espaço como lhe alguns disseram e como elle entendia que a tomasse, dos quaes escrevem alguns auctores que foi o principal Diogo Lopes Pacheco; e contam que queixando-se el-rei contra elle, lhe disse por esta guisa:

— «Diogo Lopes, vós me dissestes por vezes que, se eu viesse cercar esta cidade, em breves dias a poderia pilhar, ca n'ella não havia gente que a defender podesse, e, posto que se defendesse, não havia poder de se ter muito tempo, e que, tomada esta cidade, todo o outro reino ligeiro me seria de haver, e por isto sómente me demovi de a vir cercar. E ora me parece, segundo o começo que vejo, que não será assim ligeira de tomar, como vós di-

zeis, posto que cercada toda não seja, ca nós não lhe enpecemos até aqui senão no que achámos desamparado fóra da cêrca; dês-ahi, os que dentro são parece-me que hão vontade de a bem defender, e ella é forte de muros e torres em tal maneira que nossa estada por esta guisa será muito mais tempo do que cuidava, no qual não penso que lhe muito damno possamos fazer.»

Diogo Lopes dizem que respondeu e disse:

— «Senhor, eu vos aconselhei n'isto o mais sãmente que eu pude, e ainda agora assim vol-o aconselho; e maravilho-me de vos anojardes por a não cobrar em tão breves dias, ca vós bem vêdes que os tendes cerrados como ovelhas em curral; dês-ahi, sois seguro que a el-rei D. Fernando venha descercar nem vos dar batalha, ca não é para ello, nem tem gentes com que o fazer possa, e, que as tivesse, não é para tanto, pois vós assás de mantimentos haveis que vos não hão de minguar, e elles, pelo contrario, que se gastam cada dia, por força é que lhes pes que vos venham beijar a mão e vos dêem a cidade antes que morrer de fome; assim que d'uma guisa ou d'outra é por força de a cobrardes d'aqui a pouco tempo. E, cobrada Lisboa, tendes cobrado todo o reino, e porém sobre este logar deveis principalmente trabalhar, d'outra guisa dir-vos-hiam que lhe viestes pôr medo e que vos tornastes cedo para casa; e porém inverno e verão deveis continuar sobre ello, ca assim o fizeram os famosos guerreiros sobre os cercos dos logares que tomar queriam, que a perseverança lh'os deu nas mãos, ca d'outra guisa nunca os cobraram.»

El-rei D. Henrique, ouvindo estas e outras razões que Diogo Lopes disse, pareceu-lhe o conse-

lho bom, e determinou de assessegar no cêrco; e ordenou de mandar pôr quatro engenhos que atirassem dentro a pedra perdida, e, porque as gentes eram muitas dentro, que matariam tantas d'ellas que com isto e com a mingua dos mantimentos era por força de a tomar cedo.

E sem duvida d'esta guisa fôra, se Deus, por outro modo mais á pressa, não dera fim a esta guerra, ca as gentes eram tantas dentro, assim da cidade como do termo, que parecia multidão de muito gado em pequeno curral, de guisa que seccavam da agua o chafariz d'El-rei, que é uma mui grande e mui formosa fonte, abastada de grande abundancia d'agua, que continuamente corre, e até sahiam fóra, quando viam tempo azado, a buscar agua n'outras fontes, posto que fosse com grande seu perigo.

CAPITULO LXXXI

Que homem era Diogo Lopes Pacheco, e por que azo se foi para Castella.

Não sandiamente, mas bem com razão, póde demandar qualquer avisado que por este livro lêr: pois que Diogo Lopes Pacheco era portuguez e tão grão privado d'el-rei D. Fernando, como algumas historias contam, que o demoveu ir para Castella e fazer vir el-rei D. Henrique contra o reino de que natural era, e por cuja vinda tanto mal e damno houve recebido? E não sómente a discreta cuidação póde isto imaginar, mas ainda póde inquirir que homem era, e de que linhagem, e que honra e estado tinha, pois seu conselho, em tamanhos feitos, assim era crido e tanto obrava.

E tocando muito breve estas cousas, seu linhagem vem de D. Fernando Jeremias, que foi casado com D. Mór Soares, filha de Soeiro Viegas, o que fez o mosteiro de Ferreira; e de D. Ruy Pe-

res de Ferreira, que era bisneto de D. Jeremias, e de D. Thereza Peres de Cambar, nasceu o mui bom cavalleiro Fernão Rodrigues Pacheco, que teve o castello de Celorico quando o infante D. Affonso, conde de Bolonha, veiu por regedor d'este reino, segundo contámos em seu logar; e foi o primeiro que se por este appellido chamou.

E de Diogo Lopes Pacheco, bisneto de Fernão Rodrigues e de D. Joanna Vasques, filha de D. Vasco Pereira, sua mulher, nasceu Lopo Fernandes Pacheco, que foi rico-homem e muito honrado no tempo d'el-rei D. Affonso o quarto, e d'este Lopo Fernandes e de D. Maria Villa Lobos, sua mulher, nasceu este Diogo Lopes, de que aqui se faz menção.

Sua honra e estado foi mui grande, assim no tempo d'aquelle rei D. Affonso, de cujo conselho elle então era, como depois, em casa dos outros réis em cuja mercê e terra viveu. E andando elle assim em Castella, por azo da morte de D. Ignez, segundo já tendes ouvido, e vivendo com el-rei D. Henrique, com quem havia grande affeição, por azo das guerras em que com elle andara, assim nas companhias de França como na guerra de Aragão com Castella, posto que muita mercê e honra d'elle recebesse, tanto que el-rei D. Pedro morreu, desejo da terra onde nascera, dês-ahi havendo gran fiuza em el-rei D. Fernando, ordenou como se viesse para elle.

E, havendo pouco mais de dois mezes que el-rei D. Fernando reinava, chegou elle a Santarem, e, falando a el-rei, foi d'elle mui bem recebido e fez-lhe grande gasalhado. A poucos dias, falou Diogo Lopes a el-rei em seu feito, e propoz estas razões, dizendo:

— «Senhor, bem sabeis a razão porque eu fui fóra d'este reino, no tempo d'el-rei D. Affonso, vosso avô, sendo vós então moço bem pequeno; e isso mesmo o aspero geito que el-rei D. Pedro, vosso pae, contra mim teve, e como me mandou tomar todos meus bens, sem razão e sem porque, e ainda me mandava matar se podera ser filhado, por a qual razão andei desterrado até agora, sem ousar de vir a este reino.

E, pois que a Deus prouve de o levar d'este mundo, eu vos peço, Senhor, por mercê, que sejaes lembrado dos serviços que eu e meu pae fizemos a el-rei D. Affonso, vosso avô, e aos reis que antes vós foram, e isso mesmo dos bons e grandes dividos que na vossa mercê tinham aquelles d'onde eu descendo; porque sabereis de certo que el-rei vosso pae, ao tempo do seu finamento, por descarregar sua consciencia, me perdoou todo o rancor e queixume que de mim havia, posto que o eu merecido não tivesse, e mandou que me entregassem todos os meus bens, assim compridamente como os eu d'antes havia.

«E ainda sabereis mais, por certa informação d'aquelles que então presente ahi eram e hão razão de o saber, que, vendo elle como eu não era culpado n'aquillo em que me elle á primeira muito culpou, sua vontade era, se Deus o deixara viver, de se servir de mim e me mandar vir para sua terra, alçando-me a sentença que contra mim passou, e me restituir toda a minha boa fama e honra; e pois que elle isto tinha em vontade de fazer, se o Deus tão cedo não levara, eu vos peço por mercê que vós o queiraes pôr assim em obra, por fazer a mim mercê, e desencarregamento de sua alma.»

El-rei, ouvindo isto e outras razões que lhe sobre seu feito largamente falou, disse «que bem havia informação de tudo, e que lhe prazia de o fazer. «Então lhe mandou entregar todos seus bens, onde quer que os havia, e o restituiu a toda sua boa fama e honra o mais compridamente que ser podia, dando-lhe de tudo sua firme carta; e fel-o rico-homem e de seu conselho, fiando d'elle muito e mandando-o a Castella em mensagem, por lhe recadar seus feitos, quando cumpria.» E chamava-se em seu ditado: D. Diogo Lopes, rico-homem, senhor de Ferreira.

Ora aqui são duas opiniões desvairadas, de que o ledor escolha qual lhe mais aprouver.

Uns dizem que, indo elle assim por vezes a Castella, por embaixador, em vez d'arrecadar o que lhe encommendavam, contou a el-rei D. Henrique o grão desvairo em que el-rei D. Fernando era com os povos e alguns outros do reino, por azo do casamento que com D. Leonor fizera, e que com estas e outras razões que lhe disse o demoveu e aconselhou a entrar no reino. Mas d'esta não vemos proveito que se lhe seguisse, antes nos parece sem arrazoado fundamento.

A outra, em que se mais accordam, é esta: que elle foi um dos que muito contradisse a el-rei D. Fernando que não casasse com D. Leonor, e, porque ella era muito seitosa e tinha mortal odio áquelles que foram em estorvo de tal casamento, que elle, receando-se do que lhe avir depois podia, como homem sages e muito apercebido, então se partiu e foi para Castella com seus filhos, por viver com el-rei D. Henrique, seguro em cuja mercê elle antes andava.

Ora pois elle vivia com el-rei de Castella e era seu privado, e lhe el-rei D. Fernando quebrantava as pazes que prometidas tinha, como já compridamente ouvistes, de o elle aconselhar que entrasse no reino, pois tempo azado tinha e com sua vantagem: se n'isto faria bem, ou por contrario, julgue-o vossa discreção como vos aprouver.

CAPITULO LXXXII

Como foram feitas pazes entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que condições.

D. Guido, cardeal de Bolonha, bispo do Porto e delegado da Sé Apostolica, o qual o papa mandara em Hespanha para pôr paz entre estes reis ambos, segundo antes havemos contado, partira de Ciudad Rodrigo para vir falar a el-rei D. Henrique, e, porquanto elle já estava sobre Lisboa, não poude o bispo entrar por aquella comarca que primeiro não achasse el-rei de Portugal; e chegou a Santarem uma terça feira, dia de Entrudo, primeiro dia de março, não havendo mais de nove dias que el-rei D. Henrique por ali passara, e falou com el-rei D. Fernando, dizendo «como o padre santo, tendo grão sentido da guerra e discordia que o inimigo da humanal linhagem a miude se trabalhava de pôr entre os reis filhos da Egreja, mórmente entre aquelles cêrca dos quaes as barbaras nações dos infieis, por azo de tal odio e mal-

querenças, podessem haver entrado a destruir a religião christã, que porém, vigiando sobre isto com grão cuidado lhe convinha trabalhar de pôr paz entre aquelles em que o maligno espirito semeara tal departimento; e, pois elle e el-rei D. Henrique eram na Hespanha dois fieis defensores da fé, que não quizessem tão a miude arder em guerra, por seguimento de não justas vontades, mas ordenassem entre si bemquerença e paz, por amor d'Aquelle que a tão aficadamente encommendara antes que d'este mundo partisse; dês-ahi, por seus reinos e gentes não serem gastados por espargimento de sangue.»

E, ditas estas e outras admoestações que sagesmente ante elle propoz, respondeu el-rei que haveria seu conselho; e havido sobre isto accordo, porquanto tinha perdida esperança das gentes que haviam de vir d'Inglaterra, porque fôra Vasco Domingues, segundo ouvistes, as quaes havia bem cinco mezes que eram prestes e por mingua de tempo não vinham, dês-ahi seu reino não bem encaminhado para haver de proseguir a guerra, outhorgou por sua parte consentir na paz, como elle visse que era razão, sem desfallecimento de sua honra.

O cardeal, ouvindo isto, foi muito ledo de sua resposta, e partiu em outro dia para Lisboa, e falou a el-rei D. Henrique similhantes razões das que dissera a el-rei D. Fernando, e achou n'elle vontade de haver paz, sendo accordados em certas condições que lhe pelo miudo fez declarar.

Tornou-se então o cardeal a Santarem e falou a el-rei D. Fernando a resposta que em el-rei D. Henrique achara. Então ordenou el-rei por seus pro-

curadores D. Affonso, bispo da Guarda, Ayres Gomes da Silva, cavalleiro, os quaes partiram para Lisboa com o cardeal. E de tal guisa andou tratando entre os reis ambos que prouve ao mui alto Deus, amador e auctor de paz, que aos dezenove dias de março, no castello de Santarem, presente el-rei D. Fernando, com accordo dos de seu conselho, foram tratadas pazes e avenças entre elle e el-rei de Castella, n'esta seguinte maneira:

«Primeiramente, que entre elles e seus filhos e descendentes fosse sempre boa e verdadeira paz, sem nenhuma malicia n'ella tocada, e por essa mesma guisa o fosse com el-rei de França e seus successores. E que el-rei D. Fernando e todos seus herdeiros fossem sempre em uma alliança, com os reis de França e de Castella, contra el-rei d'Inglaterra e contra o duque de Lencastre e suas gentes. E que el-rei D. Fernando fosse teudo de o ajudar, por tres annos, com duas galés armadas, porém á custa d'el-rei de Castella, e isto quantas vezes elle armasse seis galés, ou mais, contra os inglezes; e passados os ditos tres annos, que se haviam de começar no mez de maio seguinte, que d'ahi em deante el-rei D. Fernando não fosse mais teudo de lh'as fazer prestes.»

E quem escreve que esta ajuda havia de ser cinco galés, á custa d'el-rei D. Fernando, erra muito em seu arrazoar, ca não foi posta tal cousa em seus tratos.

«E, acontecendo que gentes d'inglezes viessem aos portos do reino de Portugal, que el-rei D. Fernando, nem os seus, lhes não ministrassem viandas, nem armas, nem lhes dessem favor nem conselho, mas que os lançassem de seus reinos e ter-

ras, como seus capitaes inimigos, e quando o com seu poderio fazer não podessem, que então fosse requerido el-rei de Castella a vir por pessoa, ou mandar seu poder, para os deitar fóra.

«Outrosim, que, do dia d'esta paz firmada até trinta dias seguintes, el-rei D. Fernando lançasse fóra de seu reino, das pessoas que se para elle vieram de Castella, estas aqui nomeadas, a saber: D. Fernando de Castro, Soeiro Annes de Parada, Fernando Affonso de Samora; os filhos d'Alvaro Rodrigues d'Aça, a saber, Fernão Rodrigues e Alvaro Rodrigues e Lopo Rodrigues; Fernão Gutterres Tello, Diogo Affonso do Carvalhal, Diogo Sanches de Torres, Pedro Affonso Giron, João Affonso de Beça, Gonçalo Martins, e Alvaro Mendes de Caceres, Garcia Peres do Campo, Garcia Mal Feito; Gregorio e Fillipote, inglezes; Pay de Meira, deão de Cordova, Martim Garcia d'Algecira, Martim Lopes de Cidade, Nuno Garcia seu irmão, Gomes de Foyos, João do Campo, Bernardo Annes seu irmão, João Fernandes d'Andeiro, João Focim, Fernão Peres, e Affonso Gomes Churrichãos.»

Estas vinte e oito pessoas, e mais não, nomeou el-rei de Castella que fossem lançadas fóra de Portugal, segurando-as por mar e por terra até serem postas em salvo. E, se o d'outra guisa alguns em seus livros escrevem, não deis fé a tal escriptura.

«Foi mais outhorgado que el-rei D. Fernando perdoasse ao infante D. Diniz, seu irmão, e a Diogo Lopes Pacheco e a quaesquer outros, que em graça e favor d'el-rei D. Henrique eram, toda sanha e pena e sentenças por qualquer modo contra elles passadas, e lhes tornasse seus bens e heran

ças; e isso mesmo perdoasse a todas as villas e logares que o por senhor receberam.

«Trataram mais estas avenças que D. Beatriz, irmã d'el-rei D. Fernando, filha d'el-rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro, casasse com D. Sancho d'Albuquerque, irmão d'el-rei D. Henrique, filho d'el-rei D. Affonso seu pae, e de D. Leonor Nunez de Gusman, sua mãe.»

E quem mais casamentos n'estes tratos assigna erra em seu historiar. Outros capitulos, que descrever não curamos, foram devisados entre os reis, os quaes foram por elles jurados e firmados, e por todos os senhores e fidalgos e prelados, e por vinte cidades e villas, quaes os reis quizeram nomear.

«E que qualquer d'elles por quem estas pazes fossem quebrantadas pagasse trinta mil marcos d'ouro, e, mais, que elle e todos seus cavalleiros cahissem em taes penas, assim ecclesiasticas como seculares, que maiores não podiam ser postas em escriptura á vista de lettrados. E pozeram e consentiram que qualquer que fosse requerido para jurar e fazer as menagens que sobre isto foram devisadas, e o fazer não quizesse, que perdesse a mercê do rei cujo vassallo fosse, e que o deitasse do reino como seu inimigo capital.»

E porque el-rei D. Henrique, não embargando as juras e menagens que el-rei D. Fernando e os seus por estas pazes faziam, ainda duvidava que ih'as não guardaria compridamente como entre elles eram firmadas, e isto pelo que lhe aviera, com elle nas outras pazes d'Alcoutim, pediu em refens certas pessoas e logares, por tres annos, a saber: Vizeu e Miranda e Pinhel e Aimeida e Celorico e Linhares e Segura; e as pessoas foram João Affonso

Tello, irmão da rainha, e D. João, conde de Vianna, filho de D. João Affonso, conde d'Ourem, Nuno Freire, Rodrigo Alvares, filho do prior do Crato, o almirante *mice* Lançarote; mas este dizem que pediu por mercê a el-rei D. Henrique que o pedisse em refens com os outros, pelo grão queixume que el-rei D. Fernando d'elle havia, da mingua que mostrara na peleja das galés de Castella, segundo antes dissemos.

Estas e outras pessoas requereu el-rei de Castella que lhe dessem, e mais seis filhos de cidadãos de Lisboa, quaes elle demandou e escolheu, e quatro do Porto, e de Santarem outros quatro, os quaes levou comsigo; como quer que D. João Affonso Tello ficou em Portugal por seu prazimento, e foi fóra do conto dos refens. E foram postas em fieldade, em mão do delegado, as ditas villas, e as pessoas entregues a el-rei, com certas condições que dizer não curamos, antes que partisse do cêrco de Lisboa, no qual jouve trinta dias cumpridos, e mais não, contados do dia que chegou até que as pazes foram apregoadas em Santarem, quinta-feira vinte e quatro dias de março.

CAPITULO LXXXIII

Como os reis falaram ambos no rio Tejo e firmaram outra vez suas avenças.

Firmadas as pazes, como haveis ouvido, foi ordenado que os reis se vissem no rio do Tejo, em bateis, por falarem algumas cousas e firmarem outra vez suas avenças, segundo já por elles eram outhorgadas. Então partiu el-rei D. Henrique de Lisboa, com toda sua hoste, caminho de Santarem, porém que muitos seus se foram nas galés, em que levaram muitas alfaias do roubo da cidade e as portas da alfandega que dissemos; e quando el-rei D. Henrique chegou a Santarem pousou em uns paços que chamam Vallada, em um espaçoso campo junto com o rio, meia legua do logar.

E o cardeal fez fazer prestes tres barcas pequenas: duas em que fossem os reis com certos que comsigo haviam de levar, sem nenhumas armas, e outra em que elle fosse, que havia de ser fiel entre elles, e os notarios, para darem fé de tudo o que se ali passasse.

E antes que el-rei de Castella viesse para entrar na barca em que havia d'ir, teve conselho se falaria primeiro a el-rei D. Fernando, como se vissem nos bateis, ou se attenderia que lhe falasse el-rei D. Fernando primeiro, e os do conselho disseram que attendesse que lhe falasse el-rei D. Fernando primeiro, porque elle era mais honrado rei que elle, por ser elle rei de Castella e o outro de Portugal; de mais, por estar em sua terra com seu poderio e hoste, e que porém não lhe falasse primeiro. El-Rei D. Henrique era muito mesurado e de boa condição, e perguntou aos de seu conselho se por elle falar primeiro a el-rei de Portugal por ahi perdia sua honra, se a tinha; e elles disseram que a não perdia, mas que o não devia fazer, pelo que dito era, El-rei respondeu a isto e disse:

— «Pois que eu de minha honra não perco nada, não faço força de lhe falar primeiro, por usar de mesura.»

Então partiu el-rei dos paços de Vallada, com muitas gentes d'armas comsigo, em guisa que gran parte do campo era cheio, assim por defensão e guarda d'el-rei, como por verem como os reis falavam. Isso mesmo partiu el-rei D. Fernando dos paços de Santarem, que são no castello, acompanhado de muita gente d'armas, e veiu-se á Ribeira, onde chamam Alfange; e entre aquelles que haviam d'ir com elle no barco havia de ser um o infante D. João, seu irmão, e o mestre de S. Thiago e D. João Affonso, conde d'Ourem, e Ayres Gomes da Silva e poucos mais.

E o cardeal, que tinha cargo de buscar aquelles que haviam d'ir com os reis que não levassem armas, achou que o infante D. João levava uma ada-

ga, e disse-lhe que a não levasse, que bem sabia que tal era a ordenança entre os reis, e o infante deixou-a então e não a levou; e buscou o cardeal os que iam com el-rei de Castella e não lhes achou arma nenhuma.

Então moveram os bateis com os reis em direito do cubello que está na agua em Alfange, e como foram juntos disse el-rei D. Henrique a el-rei D. Fernando:

— «Mantenha-vos Deus, Senhor. Muito me praz de vos vêr, porque esta foi uma das cousas que eu muito desejei, de vos vêr como ora vejo.»

E el-rei D. Fernando respondeu a el-rei de Castella por similhantes razões e bem mesuradas. E o batel do cardeal estava em meio, entre os bateis dos reis, prazendo-lhe muito da boa avença que via entre elles. E jurados ali os tratos pelos reis, os quaes já tendes ouvido, e, faladas todas as cousas que lhes cumpriam, despediram se um do outro, e remaram os bateis cada um para onde partira.

E quando el-rei D. Fernando chegou a terra, entre os seus, disse com gesto ledo contra elles: «Quanto eu *henricado* venho!» E isto dizia elle porque a todos os que tinham com el-rei D. Henrique chamavam *henricados*, e elle achara tantas boas razões e mesuras n'elle que queria dar a entender que tinha da sua parte.

E foram estas vistas e falas que os reis fizeram áquella hora sete dias do mez de abril da era em cima nomeada de quatrocentos e onze.

CAPITULO LXXXIV

Como casou o conde D. Sancho com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu para seu reino.

Isto assim feito e os reis d'accordo mutuo, ordenaram de fazer bodas á infanta D. Beatriz, irmã d'el-rei Fernando, com D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, segundo nos tratos era posto; e aos dois dias seguintes lhe foram feitas grandes festas e justas e ella entregue a seu marido, nas quaes justou o dito conde D. Sancho com Martim Affonso de Mello, e encontrou-o Martim Affonso de guisa que deu com elle e com o cavallo em terra Outros encontros assás se deram de grandes, n'ellas, por bons cavalleiros, de que porém, mercês a Deus, nenhum recebeu cajom.

Ali se tratou então outro casamento, a saber: D. Isabel, filha bastarda d'el-rei D. Fernando, que houvera antes que casasse, com o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, sendo ella então de idade de oito annos e andava em nove, e elle ha-

veria até dezoito. E foram esposados por palavras de presente, em mãos do dito delegado, e feita mui gran festa, qual convinha a taes pessoas; mas este recebimento que o conde fez com ella não foi por seu grado d'elle, mas com prema e constrangimento que lhe el-rei seu pae fez, mandando-lhe todavia que a recebesse, segundo contou algum em segredo, antes que os esposassem, e disse depois de praça, sendo alongados de Santarem.

E levou el-rei comsigo, quando partiu de Portugal para seu reino, esta D. Isabel, e foram com ella honrados cavalleiros, que el-rei mandou em sua companha. E chegou el-rei de Castella a uma sua cidade que chamam S. Domingos da Calzada, e, havendo já uns tres mezes que estava ali, teve seu conselho com D. Gomez Manrique, arcebispo de Toledo, e com D. Affonso, bispo de Salamanca, e com Pero Fernandez de Vallasco e Fernão Sanchez de Thoar, e com outros prelados e cavalleiros que nomear não curamos, e disse presente todos.

«Que bem sabiam como aos vinte e dois dias do mez de março passado fôra firmada paz e bom amorio entre elle e el-rei de Portugal, e que entre as cousas juradas dos tratos da aliança fôra devisado um capitulo em que el-rei D. Fernando fosse teudo de lançar fóra de seu senhorio, depois da paz firmada até trinta dias, a D. Fernando de Castro e outros castelhanos e pessoas nomeadas; no qual termo o dito D. Fernando nem os outros não sahiram do reino de Portugal, antes estiveram no castello d'Ourem outros muitos dias; e ainda depois d'outro termo de vinte dias, que lhes foram dados pelo bispo de Coimbra, da nossa parte, não se quizeram partir.

«E porquanto nos ditos tratos se contem que, não lançando el-rei D. Fernando os sobreditos fóra, antes dos trinta dias, seu reino seja interdicto e excommungado e cahia em pena de trinta mil marcos d'ouro, e que perca os refens das pessoas e a cidade de Vizeu, com outros sete castellos dados em refens; e, mais, que desse o filho de Gomes Lourenço do Avellar antes dos vinte dias, senão que cahisse em todas as penas sobreditas;

«E porquanto eu sei que el-rei D. Fernando fez todo seu poder por os lançar fóra no dito termo, e não pôde, porquanto se elles alçaram no castello d'Ourem contra sua vontade, e alçaram-se quanto poderam por se defender ali, e o filho de Gomes Lourenço lhe foi escondido;

«Porém, temos e crêmos, e é assim, que elle não cahiu nas ditas penas nem em alguma d'ellas, e posto que n'ellas cahisse, disse el-rei, que elle de sua vontade, por si e por todos seus successores, lh'as quitava todas, por juramento que sobre ello fez, remunerando todo o direito de que se ajudar podesse, rogando-lhe, por suas cartas ao cardeal, que absolvesse elle e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto, se n'ello haviam cahido, ficando em sua firmeza todas as cousas conteudas nos tratos.»

E o cardeal assim o fez; e porque Gomes Lourenço do Avellar não quiz dar seu filho para estar em refens, segundo el-rei D. Fernando promettera a el-rei de Castella fóra dos tratos, nem quiz jurar a paz como os outros, foi lançado fóra do reino e havido por inimigo dos reis ambos, como no trato arrazoava.

E deu el-rei de Castella licença, antes que passassem os trinta dias, que ficassem em serviço d'el-rei D. Fernando, Soeiro Annes de Parada e Gonçalo Martins e Alvaro Mendes de Caceres e Nuno Garcia de Cidade e Martim Garcia d'Algecira e Gregorio Lombardo e Garcia Peres do Campo; e de tudo isto houve el-rei D. Fernando escripturas, por sua guarda e segurança.

CAPILULO LXXXV

Como el-rei de Navarra falou com el-rei D. Henrique algumas cousas em que se accordar não poderam.

Estando el-rei D. Henrique n'aquella cidade, enviou dizer a el-rei de Navarra que lhe desse as villas de Victoria e de Logroño, que eram suas, senão que lhe faria guerra; e el-rei de Navarra disse que punha este feito na mão do cardeal de Bolonha, que era então em Castella. E posto em seu juizo, ordenaram que as villas se tornassem a el-rei D. Henrique, e que o infante D. Carlos, filho primogenito d'el-rei de Navarra, casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, que houvera de ser mulher d'el-rei D. Fernando, segundo nas pazes d'Alcoutim fôra divisado entre os reis.

E viu-se el-rei de Castella com el-rei de Navarra em uma villa que chamam Briones, e ficaram muito amigos, e contou-lhe el-rei de Navarra que el-rei de Inglaterra e o principe de Galles queriam ser seus amigos, com tanto que se partisse da liga de França,

e, mais, que desse ao principe alguma somma de dinheiros em parte de pago da divida que lhe devia el-rei D. Pedro, seu irmão, das gajas e soldo de quando elle andára na guerra, com outros senhores que pagára á sua custa; e que por esta guisa se partira el-rei e o principe das outras demandas de Castella, e isso mesmo o duque de Lencastre, que era casado com D. Constança, filha d'el-rei D. Pedro.

El-rei D. Henrique disse a el-rei de Navarra que lhe agradecia sua boa vontade, mas que por nenhuma guisa não se partiria da liga de França; pero que, fazendo-se paz entre el-rei de França e el-rei d'Inglaterra, elle contentaria o principe e o duque por somma d'alguma quantia, de guisa que deixassem a demanda que queriam fazer por parte d'el-rei D. Pedro.

E el-rei de Navarra disse que a paz de França e d'Inglaterra era ainda por tratar e que havia n'ella muitas duvidas e debates, que não sabia se poderia vir a fim.

Então se partiu el-rei D. Henrique para Andaluzia, e el-rei de Navarra para seu reino, sem mais accordo que sobre isto houvessem, antes se trabalhou el-rei D. Henrique d'armar logo quinze galés, em ajuda d'el-rei de França contra el-rei d'Inglaterra; e n'este anno lh'as enviou, e Fernão Sanchez de Thoar, seu almirante, com ellas, e mais as duas que em ajuda havia d'haver de Portugal, segundo nos tratos era posto.

CAPITULO LXXXVI

Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fóra do seu reino, e como se partiram de Portugal.

Partido el-rei D. Henrique da villa de Santarem, como dissemos, ficou el-rei D. Fernando obrigado de mandar a certos dias, fóra do seu reino, todos os fidalgos que el-rei de Castella nomeara nos tratos; e, estando n'aquelle logar, mandou chamar o conde D. Fernando de Castro e muitos dos outros que haviam d'ir com elle, e disse como nas pazes que entre elle e el-rei D. Henrique foram firmadas era posto que elle e certos fidalgos fossem lancados fóra do reino.

— «E ainda, disse el-rei, que vós tivesseis tenção de vos defender no castello d'Ourem, a que vós todos acolhestes como defensão, isto foi cousa feita não como bom accordo e que vos manter não podieis. Dês-ahi, fazieis a mim meu reino cahir em grandes penas, assim d'excommunhão como de certa quantia d'ouro, por vossa partida ser tão

tarde feita, posto que por meu grado não fosse, em guisa que até eu houve d'escrever a el-rei D. Henrique sobre ello, e, sendo elle certo que por meu consentimento não era, teve n'ello aquelle geito que em tal caso com razão devia ter.

«E ainda mais vos digo que eu não fui bem avisado em tal feito, nem isso mesmo os do meu conselho, em commetter tal guerra qual foi começar; porque se eu á primeira bem cuidara como se o duque de Lencastre chamava rei de Castella e sua mulher rainha, dissera a vós outros que vos foreis todos para elle, e que elle viesse demandar o reino, se lhe por direito pertencia; e n'isto fizera melhor sizo que gastar meus reinos e gente como gastei, e comprar omezio de que me não veiu proveito, mas mui grande perda.»

A estas e outras razões que lhes el-rei disse, respondeu o conde e alguns dos outros o que cada um por sua honra entendia. Em fim das razões, vendo todos como se mais não podia fazer, outhorgaram de se partir, e el-rei disse que os mandaria honradamente, como cumpria a suas honras, e lhes faria muitas mercês; e assim o fez, ca mandou logo armar duas galés e certas naus, as quaes prestes em Lisboa se foram todos metter n'ellas; e muitos dos outros que nomeados não eram partiram então em sua companha, sentindo o por mais seu proveito que ficar no reino, aos quaes chamavam perjurados, porque tinham da parte d'el-rei D. Pedro.

Partidas as naus e galés com estas gentes, chegaram a Gibraltar, que estava então cercado d'el-rei Mafomede, de Granada, que fôra vasallo d'el-rei D. Pedro; e a villa era d'el-rei de Bellamarim, e jaziam quatorze galés suas. E seis galés d'el-rei

de Granada estavam encalhadas em secco, com medo das de Bellamarim, e houveram conhecimento das naus que eram de Portugual por algumas pinaças que iam adeante e juntaram-se todos e foram sobre as galés de Bellamarim, e fizeram-n'as tanto encalhar em terra que as defendiam os mouros de cima do muro.

Dês-ahi, sahiram e pousaram no arraial com el-rei de Granada, de quem receberam muita honra e gasalhado, e estiveram ahi uns quinze dias. Depois partiram e desembarcaram em Valencia, cidade d'Aragão; e tornaram-se as naus e galés para Portugal, e trouxeram comsigo D. Martinho Castelhano, que era bispo do Algarve.

CAPITULO LXXXVII

Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bem de seu reino, e que armas mandou tivessem então.

Não seguiu el-rei D. Fernando, depois que teve esta paz firmada por sempre, o dito do propheta Isaias n'aquelle logar onde disse que fariam das espadas fachos e das lanças podadeiras, e que não alçaria gente contra gente espada, nem usariam de lidar; mas como quem novamente espera d'haver guerra grande, logo como foram despachadas estas cousas que haveis ouvidas, estando elle na cidade d'Evora, mandou por todo seu reino fazer novas apurações de todos os moradores n'elle, e mudar as armas que d'antes tinham por outra nova maneira que se então começou de costumar.

Primeiramente, elle mandou que nenhum fidalgo, que o houvesse de servir com certas lanças, não filhasse por seu nenhum acontiado dos vizinhos e moradores do logar, porque tomando taes homens

por seus, ficavam poucas gentes do concelho para servir, e elles eram teudos de servir com outros que não fossem acontiados.

Item. Mandou pôr em escripto quantos mancebos azados e de bons corpos houvesse em cada villa e logar, posto que vivessem por soldada com outrem, para taes como estes pelejarem pé terra, armados com as armas dos acontiados pousados.

E se alguns acontiados em armas e cavallos eram pertencentes para pelejar, mas não se podiam bem armar e encavalgar sem grão damno de sua fazenda, a estes taes mandava el-rei dar ajuda, estimando quanto havia mister para perfazimento de se bem armar e encavalgar, com o que elle tinhá; e esta contia mandava el-rei lançar por todos os moradores das villas e logares onde taes acontiados eram achados, na qual pagavam viuvas e orphãos e frades de terceira ordem e mancebos de soldada e jornaleiros e mancebas do mundo e mouros e judeus e besteiros e quaesquer outras pessoas priviligeadas, cada um segundo merecia de pagar, salvo clerigos e homens e mulheres fidalgos e genovezes e outros estantes estrangeiros. E por esta guisa, por muito pouco que estes pagavam, eram os outros bem armados e encavalgados sem damnamento de suas fazendas.

E aos que eram fidalgos, e não tinham por onde haver boas armas e cavallos, a estes fazia el-rei mercê por onde as pudessem haver, e isso mesmo áquelles que sem sua culpa desfalleceram das contias que haviam. E dizia, pois que todos os que haviam bens em sua terra era razão de ajudar e defender, que os tutores dos orphãos tivessem por

elles armas, segundo os bens de cada um, mas não cavallos; e os filhos a quem ficavam bens de suas mães, e estavam em poder dos paes, não os constrangiam para nenhuma cousa.

E ordenou que, como elle mandasse aperceber suas gentes para algum mister, se lhe aviesse, nenhum não se partisse d'aquelle com quem vivia por se ir para outrem, mas vivesse com elle e o servisse n'aquella guerra, ca desaguisado seria mantel-o e dar-lhe do seu no tempo da paz e desamparal-o depois no tempo do mister; assim que se fosse villão o que tal cousa fizesse fosse açoitado e, mais, vivesse com seu amo, e o fidalgo tornasse o que lhe dera aquelle com quem vivia, e então se fosse para quem quizesse, e não se podesse partir até que o entregasse.

As armas mandou el-rei mudar a esta guisa: do cambais mandou que fizessem jaque, e da loriga cota, e da capelina barbuda com camalhão; e os que eram bem armados haviam de ter barbuda com seu camalho, e estofa e cota e jaque e coxotes e canelleiras francezas e luvas e estoque e grave. Os homens de pé, de vinte annos acima, haviam de ter funda e lança e dois dardos, por ser escusado do paço, pois trazia azcuma ou lança, de não trazer dardos. Outros homens de pé havia ahi, fundeiros, que havia cada um de ter duas fundas fustes, que chamavam de manguella, e outras duas fundas de mão.

Das cavalgadas e do seu quinto mandava el-rei que tomasse o dizimo e mais um dia de soldo de todos os que em algum mister fossem, para paga dos cavallos dos acontiados que emmanquecessem ou morressem.

Muitas ordenações outras ordenou el-rei n'este anno, por defensão e apercebimento de seu reino, como se logo houvesse de entrar em guerra, de que não fazemos aqui menção, por não fazer longa escriptura de similhantes cousas.

CAPITULO LXXXVIII

Como el-rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa.

ORDENANDO el-rei estas cousas que haveis ouvido, partiu d'Evora e veiu-se a Lisboa, e começou de cuidar no mal e damno que o povo da cidade havia recebido por duas vezes dos castelhanos, e como especialmente houveram gran perda os moradores de fóra da cêrca, em grandes e formosas casas e muitas alfaias e outras riquezas que levar não poderam comsigo, quando el-rei de Castella veiu sobre ella; e isto porque muitas das mais ricas gentes moravam todas fóra, em um grande e espaçoso arrebalde que havia ao redor da cidade, desde a porta de Ferro até á porta de Santa Catharina e desde a torre d'Alfama até á porta da Cruz.

E vendo el-rei como esta só cidade era a melhor e mais poderosa de sua terra, e que n'ella principalmente estava a perda e defensão de seu reino,

dês-ahi como fôra damnificada dos inimigos por fogo e outros males que havia recebido, de que elle tinha grande sentido, determinou em sua vontade de a cercar toda, ao redor, de boa e defensavel cêrca, de guisa que nenhum rei lhe podesse empecer, salvo com grande multidão de gente e fortes artificios de guerra.

E, falando esta cousa com algnns de seu conselho, bem se mostrava que prazia a poucos, achando tantas contradicções a se não poder fazer, por a obra ser grande, dês-ahi as gentes muito minguadas da guerra passada, que mais parecia cousa não para falar que áquelle tempo em tal feito pôr mão; e porém se gerava na vontade de todos, posto que grão desejo d'isto houvessem, uma tal contradicção que nenhum pensava ser cousa para acabar, posto que começada fosse, e quasi impossivel de ser.

Mas porque não ha cousa, por grande e alta que seja, que a vontade do poderoso homem não traga a execução se n'ello puzer boa femença, pareceu a el-rei D. Fernando que isto, com a ajuda de Deus e seu bom encaminhamento, era cousa para mui cedo vir a fim; e aos da cidade bem lhes prazia de a cercarem, pelo damno que recebido haviam, não lhes pesando, mas maravilhavam-se, porque todas as novas cousas parecem mui asperas e duras de fazer antes do seu primeiro começo.

Então el-rei, sendo presente, deixando todas as contrarias razões que cada um dizer podia, ordenou por onde houvesse de ser cercada, devisando o modo como fosse feita e a maneira que se em tudo houvesse de ter, e mandou que servissem n'ella por corpos ou por dinheiro, para ser depressa cercada, estes seguintes logares, a saber: da parte do mar,

Almada, Cezimbra, Palmella, e Setubal, Coina e Benevente e Samora Corrêa e todo o Riba-Tejo, e da parte da terra, Cintra, Cascaes e Torres Vedras e Alemquer e a Arruda e a Athouguia e a Lourinhã, Tilheiros e Mafra, Povos e Carnagoa e Aldeia Gallega, assim os moradores dos logares como dos termos; e uns serviam por adua e outros davam certas fornadas de cal a qual traziam á sua custa á cidade, em barcas. E deu el-rei, para ajuda de taes despezas, todos os residios da cidade e seu termo.

E foi logo accordado que começassem de cercar, primeiramente, da porta de Martim Moniz vindo para a porta de Santo André, dês-ahi por Santo Agostinho e por S. Vicente de Fóra e assim pela Ribeira até a torre de S. Pedro; e a razão porque houveram accordo de cercar primeiro d'aquella parte foi porque disseram que a gente d'aquella comarca era mais pobre que a que morava da parte da rua Nova, e que emquanto ahi havia avondo das cousas que para ello cumpriam e as gentes no começo serviam com prazer e de boamente que emtanto cercassem aquella parte, porque depois que fosse cercada, se as gentes se enfadassem, os que moravam da parte da rua Nova, que eram gentes muito mais ricas, trabalhariam muito por se cercar toda e não lhes vir, por mingua de cerca, similhante perda da que já houveram.

E começaram de lavrar o muro d'ella postumeiro dia de setembro da era em cima escripta de quatrocentos e onze annos, e deu el-rei cargo para a mandar fazer a Gomes Martins, corregedor na dita cidade.

Cêrca do logar onde lavravam, havia praças de pão e de vinho e d'outros mantimentos, e ali faziam

audiencia a todos os que andavam servindo que demandados eram por quaesquer cousas, por não serem torvados da serventia. E por esta guisa, com a ajuda de Deus, foi de todo mui cedo cercada, ca ella começada em quatrocentos e onze, acabou-se em quatrocentos e treze, assim que ainda não durou tres annos em se cercar.

Do a quantos sentidos e orelhas d'homens aborreceu á primeira ouvir que Lisboa havia de ser cercada, que depois, dando a Deus muitas graças, diziam que por azo de seu cêrco, como era verdade, na seguinte guerra se ganhára todo o Portugal. Muitos á primeira maldiziam o rei que tal obra mandava fazer, que depois, maravilhando-se como fôra feita tão azinha, o louvaram muito, tendo-lh'o em grande mercê.

Muito grão bemfeitor foi este rei D. Fernando, assim em reparar villas e castellos, de que se seguiu grão bem ao reino, como em mandar cercar outras de novo, ca elle, como Lisboa foi cercada, mandou logo reparar a Alcaçova de Santarem de boa e formosa cêrca, com que foi mui defensavel, e assim outros logares pelo reino que não curamos de dizer.

CAPITULO LXXXIX

Como el-rei D. Fernando ordenou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas.

Ainda que el-rei visse n'esta sazão que o reino tinha muitos azos de ser minguado de mantimentos e d'outras cousas necessarias pelo que dito havemos, pero tão extranho lhe pareceu essa mingua em respeito da abundancia que n'elle sabia de haver que com aficado desejo começou de cuidar como e por que maneira tal mingua de mantimentos podia ser recobrada, e mais não poder vir tal desfallecimento; e posto que lhe tal cousa parecesse muito convenhavel, e de todo em todo determinar-se de a pôr em obra, pero por que maneira isto poderia vir a bom fim, entendeu que lhe cumpria tomar conselho. E porque era cousa que pertencia a todo o reino, fez chamar condes e prelados e mestres e outros fidalgos e cidadãos de sua terra, e feito um dia ajuntamento de todos, para ouvir por que eram chamados, propoz um por sua parte, dizendo:

«Que entre todas as obras da policia e regimento do mundo não fôra achada nenhuma arte melhor, nem mais proveitosa, para mantimento e vida dos homens que era a agricultura; e não sómente, disse elle, para os homens, e alimarias que o Senhor Deus creou para serviço d'elles, mas ainda para ganhar algo a boa fama sem peccado esta é a mais segura.

«Ora assim é que El-Rei Nosso Senhor, que aqui está, considerando como por todas as partes de seu reino ha grão fallecimento de trigo e cevada e outros mantimentos, de que, entre todas as terras do mundo, elle sabia de ser mais abastado, e esse pouco mantimento que ahi ha é posto em tanta carestia que aquelles que hão de manter fazenda e estado não podem chegar a haver essas cousas sem grão desbarato d'aquillo que hão;

«E vendo e esguardando que, entre as razões por que este falamento vem, a mais especial é por mingua das lavras, que os homens deixam e desamparam, lançando-se a outros misteres que não são tão proveitosos ao bem commum, por cujo azo as terras que são convenhaveis para dar fructos são lançadas em ressios bravos e montes maninhos;

«Porém, elle, considerando que, sendo a isto posto remedio, a terra tornaria a seu grande abundamento, como sohia, que é uma das bemaventuranças que o reino pode haver, propoz de vos chamar todos para, vos notificar o que n'este feito entende de fazer, e com vosso bom accordo e conselho ordenar como melhor e mais proveitosamente se possa dar a execução.»

Isto assim proposto, louvaram todos seu bom desejo, e depois de muitas razões que sobre ello faladas foram, com seu conselho e accordo d'elles, ordenou el-rei que se fizesse por esta guisa:

Mandou que todos os que tivessem herdades suas proprias, e emprazadas, ou por outro qualquer titulo, que fossem constrangidos para as lavrar e semear, e se o senhor das herdades as não podesse lavrar, por serem muitas ou em desvairadas partes, que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse, e as outras fizesse lavrar por outrem ou désse a lavrador por sua parte, de guisa que todas as herdades que eram para dar pão todas fossem semeadas de trigo e cevada e milho.

E que fossem constrangidos cada uns que tivessem tantos bois quantos cumpriam para as herdades que tinham, com as cousas que á lavoura pertencem; e, se aquelles que houvessem de ter estes bois não os podessem haver senão por mui grandes preços, mandava que lh'os fizessem dar as justiças, por arrazoados preços, segundo o estado da terra.

E que fosse assignado tempo aguisado, aos que houvessem de lavrar, para começarem d'aproveitar as terras, sob certas penas; e, quando os donos das herdades as não aproveitassem ou dessem a aproveitar, que as justiças as dessem, por certa cousa, a quem as lavrasse por sua ração, a qual seu dono não houvesse, mas fosse despeza em proveito commum, onde essas herdades fossem.

E que todos os que eram ou sabiam ser lavradores, e isso mesmo os filhos e netos dos lavradores, e quaesquer outros que em villas e cidades ou fóra d'ellas morassem, usando de officio que não fosse tão proveitoso ao bem commum como era o officio da lavra, que taes como estes fossem constrangidos para lavrar, salvo se houvessem de seu valor de quinhentas libras, que seriam umas cem dobras; e, se não tivessem herdades suas, que lhes fizessem dar

das outras, para as aproveitarem, ou que vivessem por soldadas com os que houvessem de lavrar, por soldada arrazoada.

E porquanto para lavrar a terra são muito necessarios mancebos que sirvam assim em guarda do gado como para as outras necessidades da lavoura, os quaes haver não poderiam por se lançarem muitos a pedir, não querendo fazer serviço senão buscar azo para viver ociosos sem affan; dês-ahi, pois, que a esmola não era devida salvo áquelles que o ganhar não podem, nem por serviço de seu corpo podem merecer por que vivam; e, segundo ainda dito dos santos, mais justa cousa é castigar o pedinte sem necessidade que lhe dar esmola, que é devida a envergonhados e pobres que não podem fazer serviço: porém, mandou el-rei que quaesquer homens ou mulheres que andassem alrrotando e pedindo, e não usassem de mister, que taes como estes fossem vistos e catados pelas justiças de cada um logar; e se achassem que eram de taes corpos e edades que podiam servir em algum mister ou obra de serviço, posto que em algumas partes do corpo fossem minguados, pero com toda essa mingua poderiam fazer slgum serviço, que fossem constrangidos para servir n'aquellas obras que o podessem fazer, por suas soldadas e mantimentos, segundo lhes fossem taxados assim no mister da lavra como em outra qualquer cousa.

Outrosim mandava que quaesquer que achassem andar vadios, chamando-se escudeiros e moços d'el-rei ou da rainha e dos infantes e de quaesquer outros senhores, e não fossem notoriamente conhecidos por seus ou mostrarem certidão como andavam por serviço d'aquelles cujo se chamavam, que fos-

sem logo presos e recadados pelas justiças dos logares onde andassem, e constrangidos para servir na lavoura ou em outra cousa.

Ainda mais mandava que quaesquer que andassem em habito d'ermitães pedindo pela terra, sem trabalhar por suas mãos em cousa por que vivessem, que lhes mandassem e fossem constrangidos que usassem do mister da lavoura ou servissem os lavradores; e se o estes fazer não quizessem, ou os pedintes a que mandado fosse, e isso mesmo os que se chamassem d'el-rei ou da rainha e o não fossem, que os açoitassem pela primeira vez e constrangessem-n'os todavia que lavrassem ou servissem, e se o d'ahi em deante fazer não quizessem que os açoitassem outra vez publicamente com pregão e deitassem fóra do reino, dizendo el-rei que não queria que nenhum em seu senhorio fosse achado que vivesse sem mister ou serviço.

Aos fracos e velhos e doentes, que nenhuma cousa podiam fazer, mandava que déssem alvarás por que podessem seguramente pedir, e qualquer que alvará não trazia havia a pena sobredita.

Assim que quantos na terra havia, e os que viessem de fóra do reino, todos haviam de ser sabidos, pelas vinteneiras, que homens eram e que geito tinham de viver, e dito logo ás justiças e portos todos em escripto; e qualquer pessoa, por poderosa que fosse, que se trabalhasse de defender alguns dos que assim fossem constrangidos, se fosse fidalgo que pagasse quinhentas libras e fosse degredado do logar onde vivesse e d'onde el-rei estivesse, a seis leguas, e se fidalgo não era pagasse trezentas e mais outro tal degredo, encarregando muito as justiças que logo isto dessem á execução.

Nos logares onde se costuma de haver ganhadeiros que se escusar não podem, mandava deixar por numero certo os que se escusar não podessem, e os outros constrangiam para servir.

E em cada uma cidade e villa ou logar havia d'haver dois homens-bons que vissem as herdades para dar pão, e as fizessem aproveitar por grado ou constrangimento, taxando entre o dono d'ellas e o lavrador o que razoado fosse de lhes dar; e quando o senhor da herdade não quizesse convir em cousa que arrazoada fosse que a perdesse por sempre, e a renda d'ella fosse para o commum onde jouvesse.

Na creação e trazimento dos gados, mandava que nenhum não trouxesse gados seus nem alheios, salvo se fosse lavrador ou mancebo de lavrador que morasse com elles; e se os outrem quizesse trazer havia-se de obrigar de lavrar certa terra, d'outra guisa perdia o gado, para proveito commum dos logares onde era filhado.

Estas e outras cousas, por se manter esta ordenança, mandava el-rei assim guardar, que nenhum era assim ousado passar seu mandado, por cujo azo a terra começou de ser mui aproveitada e crescer em abundancia de mantimentos.

CAPITULO XC

Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naus.

Vendo o mui nobre rei D. Fernando como não sómente d'esta santa e proveitosa ordenação que assim fizera se seguia grão proveito a elle e a todo o povo do reino, mas ainda das mercadorias muitas que d'elle eram levadas, e trazidas outras, havia grandes e mui grossas dizimas, e que o proveito que haviam dos fretes os navios estrangeiros era melhor para os seus naturaes, dêsahi muito maior honra da terra havendo n'ella muitas naves, as quaes o rei podia ter mais prestes, quando cumprissem a seu serviço, que as das provincias d'elle alongadas, ordenou, para os homens haverem mór vontade de as fazer de novo ou comprar feitas, qual mais sentissem por seu proveito, que aquelles que fizessem naus de cem toneis a cima podessem talhar e trazer para a cidade, de quaesquer mattas que d'el-rei fossem,

quanta madeira e mastros para ellas houvessem mister, sem pagar nenhuma cousa por ella; e mais que não dessem dizima de ferro, nem de fullame, nem d'outras cousas que de fóra do reino trouxessem para ellas, e quitava todo o direito que havia d'haver aos que as compravam e vendiam feitas.

Outrosim, dava aos senhores dos ditos navios, da primeira viagem que partiam de seu reino carregados, todos os direitos das mercadorias que levavam, assim de sal como de quaesquer outras cousas, tambem de portagem como de siza como d'outras imposições, assim das mercadorias que seus donos das naus carregassem como das outras mercadorias.

Dava mais aos donos das naus metade da dizima de todos os pannos e de quaesquer outras mercadorias que da primeira viagem trouxessem de Flandres ou d'outros logares, assim das cousas que elles carregassem como das que outros carregassem n'ellas.

Alem d'isto, mandava que não tivessem cavallos, nem servissem por mar nem por terra, com concelho nem sem elle, salvo com seu corpo, e que não pagassem em fintas, nem talhas, nem cizas que fossem lançadas, para elle nem para o concelho, nem em outra nenhuma cousa, salvo nas obras dos muros onde fossem moradores, e das herdades que ahi tivessem, e d'outras nenhumas não.

E, acontecendo que os navios assim feitos ou comprados perecessem da primeira viagem, mandava que estes privilegios durassem aos que os perdessem tres annos seguintes, fazendo ou comprando outros, e assim por quantas vezes os fizessem ou comprassem; e se dois em companhia faziam ou compravam alguma nau ambos haviam estas mesmas graças.

CAPITULO XCI

Como el-rei D. Fernando ordenou companhia das naus, e da maneira que mandou que se n'ello tivesse.

TRABALHANDO-SE muitos de fazerem naus e outros de as comprarem, por azo de taes privilegios, e vendo el-rei como por esta cousa sua terra era melhor manteuda e mais honrada, e os naturaes d'ella mais ricos e abastados, por azo das muitas carregações que se faziam; e querendo prover com algum remedio de cada vez ser mais accrescentado o conto de taes navios, e os desvairados cajões do mar não deitarem em perdição aquelles que suas naus de tal guisa perdessem, ordenou com conselho de uma companhia de todas, pela qual se remediasse todo contrario, por que seus donos não cahissem em aspera pobreza, publicando a todos que fosse por esta guisa:

Mandou que se escrevessem, por homens idoneos e pertencentes, todos os navios tilhados que em seu reino houvesse, desde cincoenta toneis para cima,

assim os que ahi então havia como os outros que depois houvesse, e isto em Lisboa e no Porto e nos outros logares onde os houvesse; e posto assim em livros o dia e preço por que foram comprados ou feitos de novo, e a valia d'elles e quando foram deitados á agua, tudo aquillo que esses navios ganhassem fosse de seus donos e dos mareantes, como se sempre usou.

E de tudo quanto esses navios percalçassem de idas e vindas, assim de fretes como de quaesquer outras cousas, pagassem para a bolsa d'essa companhia duas corôas por cento; e que fossem duas bolsas, uma em Lisboa e outra no Porto, e terem cargo de ter estas bolsas aquelles a quem el-rei dava cargo de taes estimações e avaliamento, para do dinheiro d'ellas se comprarem outros navios em logar d'aquelles que se perdessem, e para outros quaesquer encargos que cumprissem para prol de todos.

E quando acontecesse que algum ou alguns navios perecessem por tormenta ou por outro cajão, e isto em portas ou seguindo suas viagens, ou sendo tomados por inimigos, indo ou vindo em acto de mercadorias, que esta perda dos ditos navios que assim perecessem se repartisse por todos os senhores dos outros navios, por esta guisa: vêr-se a valia de todos os navios que áquelle tempo ahi houvesse, e outrosim o valor d'aquelle navio ou navios que se perdessem ou fossem tomados, e contar-se tudo quanto montasse soldo por libra, aos milheiros ou centos, que cada um navio valesse, tanto pagar cada um senhor de cada navio, quando na bolsa não houvesse por que se podesse pagar; e que aquillo fosse visto e estimado por

aquelles homens-bons que por elle, ou pelos reis que apoz elle viessem, fossem postos por executores d'esta ordenação. E mandou que nenhum podesse appellar nem aggravar do alvidro e estimação que elles fizessem, mas que logo fizesse execução nos bens d'aquelles que pagar não quizessem o que lhes montasse, para o darem ás pessoas que perderam os navios, para fazerem ou comprarem outros.

E se por ventura algum navio, por fortuna de tormenta ou por outro algum cajão, seguindo acto de mercadoria, abrisse ou peiorasse, chegando a logar onde se podesse correger por menos o terço d'aquillo que valeria depois que fosse adubado, que o senhor do navio fosse teudo de o adubar ás suas despezas, e não o querendo assim fazer que os outros senhores dos navios não fossem teudos de lh'o adubar, nem pagar outro. E acontecendo que fosse n'esse navio tamanho damno feito que se não podesse emendar senão por mais do que valeria depois que adubada fosse, ou por tanto, e acontecendo este cajão sem culpa dos mareantes d'elle e sem outra malicia, que então os senhores cobrassem d'elle e dos apparelhos aquillo que podessem haver á boa fé e sem malicia, e então que se visse o que aquelle navio valia ao tempo que lhe aconteceu aquelle cajão, e fosse logo pago a seu dono, para comprar ou fazer outro, descontando-lhe o que houvesse do navio e apparelhos que salvasse; e os adubios, se se houvessem de fazer, fossem vistos por mestres que houvessem d'ello conhecimento.

E se alguns mestres ou senhores dos navios fretassem para terra de inimigos sem receber primei-

ro segurança, e sendo tomados por elles ou perecendo em taes viagens, que seus donos dos outros navios não fossem teudos de lh'os pagar. Mandava mais que, se alguns mestres e senhores de navios fizessem alguns damnos ou erros a algumas outras naves, ou em villas e logares, ou os culpassem n'elles, e por tal razão lhes fosse feita penhora e tomada em seus navios, que os outros não fossem teudos de lh'os pagar, nem quitar de penhora, nem d'outra nenhuma cousa que lhes acontecesse, salvo se provassem e fizessem certo que aquillo de que os culpavam fizeram seguindo viagem de mercadorias, e em seu defendimento ou por serviço d'el-rei e prol de sua terra.

E porque alguns mestres e senhores dos navios, sob esperança que lhes haviam de ser pagos, ainda que se perdessem, não curariam de os fornecer d'ancoras e cabos e outros fullames, e isso mesmo n'armas e gentes e d'outras cousas que pertencem para defensão do mar e dos inimigos, mandava el-rei que os vedores e escrivão chegassem ás naus e que se escrevessem todos os apparelhos e gentes que levavam, para se vêr se se perdiam por mingua das cousas que lhes eram cumpridoiras para seguirem sua viagem, e assim lhes serem pagas ou não.

E, quando se perdiam tantas naus que os senhores dos outros navios não podiam logo tudo pagar sem seu desfazimento, pagavam logo metade, e pela outra lhes davam certo tempo a que pagassem tudo.

E acontecendo de el-rei haver guerra com reis seus visinhos ou com outras gentes, e armando cada unsd'aquelles navios para sua defeza e ajuda, e

perecendo d'elles em taes armadas, sendo feitas por prol communal, que fossem pagos dos bens communs de seu senhorio e fossem primeiro pagos do seu thesouro, para seus donos fazerem logo outros ou os comprarem; e quando os navios fossem com mercadorias e houvessem alguns percalços, assim d'inimigos como por outra qualquer guisa, que taes percalços fossem entregues aos senhores e mareantes dos navios que os assim ganhassem, e elles houvessem seu direito, como era costume: e do que acontecesse aos senhores dos navios houvessem elles metade, e a outra fosse posta na bolsa para prol de todos, ficando resguardado a el-rei seu real direito que havia de haver.

E mandou el-rei que as suas naus, que eram doze, entrassem n'esta companhia, e que não fossem de maior condição que os outros navios de seu senhorio, mas que nos fretamentos e mareantes e nos apparelhos e em todas as outras cousas fossem julgadas como se todas fossem de pessoa d'uma condição; e não o querendo el-rei assim fazer e indo contra ello, que a companhia não valesse nada quanto aos navios d'el-rei, e a companhia dos outros navios ficasse firme para todo sempre.

E outhorgou que todos aquelles que tinham navios e entrassem n'esta companhia, e os que os d'ali em deante houvessem e entrassem n'ella, que houvessem todos os privilegios e graças que outhorgadas tinha aos que comprassem navios ou fizessem de novo, como já tendes ouvido; e quitava a chancellaria aos que tiravam a carta de tal ordenança.

E mandou que os executores d'esta ordenança dessem mareantes aos navios, segundo lhes cum-

prisse, e que o que fosse mestre d'um navio não o podesse deixar, salvo depois que fosse tal que não fosse para servir.

E fez em Lisboa executores d'esta companhia Lopo Martins e Gonçalo Peres Canellas, e deu-lhe escrivão que escrevesse a receita e despeza e todas as outras cousas que a isto pertencessem, e que tivessem a bolsa n'uma arca de tres chaves, de que cada um tivesse sua; e cada anno davam conta, presente dois homens-bons sem suspeita, de toda a receita e despeza que faziam dos ditos dinheiros. E o escrivão havia d'haver trinta libras por anno, e os executores cada um cincoenta, dos dinheiros da dita bolsa.

Mandou el-rei a todas as justiças que trigosamente dessem a execução toda cousa que por elles fosse ordenada, pondo mui grandes penas aos que o contrario fizessem, e assim se costumou d'ahi em deante em seu reino.

CAPITULO XCII

Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições.

CESSANDO mais de falar d'isto e tornando ao feito dos reis, vós ouvistes em seu logar, lendo o capitulo da fugida d'el-rei D. Henrique quando a batalha de Najara foi perdida, como el-rei D. Pedro e o principe de Galles trataram suas amizades com el-rei d'Aragão, por el-rei D. Henrique não haver acolhimento em sua terra; pela qual cousa lhe el-rei de Aragão enviou depois dizer, quando ordenava de tornar para Castella, que não passasse por seu reino, senão que era por força de lh'o embargar, de que el-rei D. Henrique ficou mui mal contente, pero que passou, segundo contamos.

E desde então até este tempo não achamos avenças de paz que entre elles fossem firmadas, antes nos parece que estiveram sempre em desvairo, porque, n'este anno de quatrocentos e doze, o infante de Maiorca, sobrinho d'el-rei de Aragão, filho de

sua irmã, que era então rei de Napoles por razão da rainha D. Joanna, com quem cazara, fazia guerra a Aragão por azo do reinado de Maiorca, que lhe pertencia por morte d'el-rei D. Jayme, que d'elle fôra rei e privado d'elle por este rei D. Pedro de Aragão, que de presente reinava; e el-rei D. Henrique, por queixume que havia d'elle, sabia que entravam os seus por algumas partes d'Aragão, em ajuda d'el-rei de Napoles, e não lh'o extranhava, dizendo que o faziam de sua vontade e não por seu mandado, em que parece que lhe não tinha bom desejo.

D'outra parte, el-rei D. Fernando de Portugal era mui queixoso d'el-rei d'Aragão, pelos damnos e semrazões que d'elle havia recebidos até então, como quer que claramente outros não achemos escriptos, salvo a tomada do ouro que lhe por elle foi feita, segundo tendes ouvido. E porende, estando el-rei D. Henrique em Sevilha, mandou Fernão Fernandez d'Estobar a Portugal, para firmar novas avenças com el-rei D. Fernando, além d'aquellas que nas pazes que dissemos eram conteudas, e foram d'esta guisa:

Que os reis ambos se ajudassem contra el-rei d'Aragão e seus herdeiros e ajudadores, e que el-rei de Castella começasse de fazer guerra a el-rei d'Aragão, por mar e por terra, desde o dia que quatro galés d'el-rei de Portugal chegassem em ajuda d'el-rei de Castella e entrassem pelo rio de Guadalquivir, até trinta dias primeiros seguintes, não havendo el-rei D. Henrique primeiro feita paz ou trégua com el-rei d'Aragão; e que não alçasse mão da dita guerra, salvo se lhe aviesse tal necessidade por que lhe fosse cumpridouro deixar fronteiras contra esse reino.

Nas quaes galés el-rei D. Fernando havia de mandar o seu capitão-mór do mar; e, se antes que estas quatro galés chegassem elle não houvesse feita paz com el rei d'Aragão, que a não podesse depois fazer sem consentimento d'el-rei D. Fernando, nem el-rei D. Fernando sem seu consentimento d'elle.

E que, n'aquelle primeiro anno que el-rei de Castella começasse esta guerra, el-rei D. Fernando o ajudasse com dez galés bem armadas á sua custa, por tres mezes pagas, desde aquelle dia que chegassem ao rio de Sevilha; e, durando a guerra mais d'aquelle anno, que el-rei D. Fernando o ajudasse com seis galés bem armadas, á sua custa, por tres mezes, e passados os tres mezes, e havendo-as el-rei de Castella mais mister, que d'ahi em deante désse de soldo a cada uma galé, por mez, mil dobras cruzadas, pagando-as no começo d'elle.

E, no tempo que el-rei de Portugal pagasse as suas galés, que qualquer cousa que ellas ganhassem sem companhia d'outras fosse tudo para elle, e quando em companhia d'outras repartido por todas egualmente, e, quando fossem pagas á custa d'el-rei de Castella, que quanto ganhassem fosse d'elle.

E se el-rei D. Henrique não quizesse fazer guerra a el-rei de Aragão senão por terra, e el-rei D. Fernando lh'a quizesse fazer por mar, que el-rei de Castella lhe fizesse outra tal ajuda de galés, com similhantes condições.

E, armando el-rei d'Aragão tão grande frota que as galés de Castella com as de Portugal não ousaram de pelejar com ella, que então cada um dos reis que houvesse de ajudar o outro armasse tama-

nha frota que com sua melhoria podesse pelejar com ella.

Estas e outras condições, que não curamos de dizer, foram postas n'estas novas avenças que el-rei D. Fernando enviou commetter a el-rei D. Henrique.

CAPITULO XCIII

Do recado que el-rei D. Henrique enviou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometteu ajuda de cinco galés.

El-rei D. Henrique, segundo parece, não embargando estas avenças que dissemos, mudou a vontade de fazer guerra a Aragão, e isto entendemos que foi por duas razões: uma, por grande armada que este anno ordenou de fazer em ajuda d'el-rei de França contra os inglezes; outra, porque determinou de mandar dizer a el-rei d'Aragão que lhe désse sua filha a infante D. Leonor, com quem houvera de casar el-rei D. Fernando, para mulher do infante D. João, seu primogenito filho, que já fôra esposada com elle, sendo mais moços.

E, porém, enviou dizer a el-rei D. Fernando que lhe rogava e pedia que, em caso que lhe houvesse feita paz ou trégua com el-rei d'Aragão antes que as suas galés chegassem ao rio de Sevilha, elle o não houvesse por mal, porque seu talante era fazer que el-rei d'Aragão lhe emendasse alguns erros, se

os d'elle havia recebidos; e que enviasse elle a elle seus procuradores abundosos, para sobre isto poderem firmar o que cumpridoiro fosse, ca sua tenção era fazer sobre ello tanto como por seu feito proprio; e que o ajudasse contra os inglezes com dez galés ou ao menos com seis.

El-rei D. Fernando, quando viu este recado, respondeu áquelles que lh'o trouxeram, e disse:

— «Bem sabe el-rei D. Henrique, meu irmão e amigo, como el-rei de Granada tem tomados navios e haveres e gentes captivas de minha terra, pela qual razão eu hei com elle guerra; e durando esta discordia entre mim e elle, seria grão perigo a meu reino enviar tão longe minhas galés, e ficar a costa de minha terra desamparada. Pero, por mostrar o bom desejo e vontade que lhe temos, dizei que nos praz de o ajudar com cinco galés armadas, por tres mezes, á nossa custa, ca as outras haveremos mister para defensão da nossa terra e guerra dos mouros; nas quaes o nosso capitão do mar irá e fará tudo o que o seu almirante mandar, segundo nos manda requerer.

«E quanto é ao que nos dizer envia,—que nos praza que, d'aquillo que havemos de dar á infante D. Beatriz, nossa irmã, de seu dote, paguemos o soldo a estas nossas cinco galés do tempo que lhes é teudo de pagar, a saber, d'oito mil e setecentas e cincoenta dobras cruzadas, ou cincoenta e duas mil e quinhentas libras de nossa moeda em preço d'ellas, a seis libras por dobra, como ora valem,—dizei que nos praz, por sua honra, de o fazermos assim, e que nos mande quitação d'isto.»

Partiram-se os mensageiros com esta resposta, e el-rei D. Fernando enviou logo a Castella, para tra-

tar os feitos de Aragão, Gonçalo Vasques d'Azevedo e Lourenço Annes Fogaça, seus privados.

E mandou fazer as cinco galés prestes para irem com armada das naus e galés de Castella, que era mui grande, de que era almirante Fernão Sanches de Thoar; e passaram em Inglaterra á ilha Doyoche e fizeram grão damno por toda aquella costa. E a ajuda e armada d'estas cinco galés, e das outras que haveis ouvido, fez el-rei D. Fernando a el-rei de Castella na maneira que dissemos, e não como alguns auctores, ignorantes da verdade, pozeram em seus livros, dizendo que eram dadas por obrigação a que el-rei D. Fernando ficára teudo nas pazes que foram feitas sobre o cêrco de Lisboa.

CAPITULO XCIV

Como el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho.

Assim como dissemos n'este capitulo, era desavença entre el-rei D. Henrique e el-rei de Aragão, por tal guisa, que, não embargando que lhe el-rei D. Henrique enviasse requerer por vezes que fosse seu amigo, nunca poderam haver d'elle boa resposta aquelles que sobre ello lá enviou, mas tinha-lhe tomada a villa de Molliana e fazia-lhe cercar o castello de Requena.

Mas, com tudo isto, el-rei D. Henrique lhe enviou dizer que bem sabia que estando elle em Aragão quando *mosse* Beltram e outros cavalleiros vieram em sua ajuda para entrar em Castella, foram certos tratos firmados entre elles, entre os quaes fôra posto que o infante D. João, seu filho, casasse com a infante D. Leonor, sua filha, e que a trouxesse em sua casa por tempo; e que, depois que a batalha de Najara fôra perdida, tomara elle sua filha

e dissera que não era sua vontade que se fizesse aquelle casamento, e que, pero lh'o depois enviára por vezes requerer, não quizera consentir n'ello; e que ora novamente lhe rogava que lhe prouvesse de se fazer.

El-rei d'Aragão respondeu a isto, por muitas razões, que o não devia fazer, e houve por ello muitos debates e sanhas entre ambos; ácima, accordou el-rei d'Aragão de lhe dar sua filha, não embargando que á rainha sua mulher, filha d'el-rei de Sicilia, não prazia que se fizesse e torvava n'ello quanto podia.

N'isto, enviou el-rei d'Aragão a Almaçom, onde o infante D. João estava, seus embaixadores, e concordaram com elle o casamento seu e da infante, e que el-rei d'Aragão deixasse os castellos de Molliana e de Requena e todas as outras cousas que elle demandava, e que el-rei D. Henrique lhe desse, pelas despezas que elle faria em mandar sua filha a Castella, e por alguns lavores e cousas que mandára fazer nos ditos castellos, oitenta mil francos d'oiro; e d'esta guisa ficaram os reis muito amigos e postos em paz e accordo.

Os embaixadores tornados, ordenou el-rei d'Aragão d'enviar a infante, para fazer suas bodas, segundo tinham ordenado, e no anno seguinte, de quatrocentos e treze, a enviou seu pae mui honradamente á cidade de Soria, onde el-rei D. Henrique, com todos os senhores do reino, foram presentes a seu casamento.

E, mais foram ahi feitas as bodas de D. Carlos, filho d'el-rei de Navarra, com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, a que houvera de ser mulher d'el-rei D. Fernando de Portugal, com a

qual el-rei deu ao dito infante cem mil dobras em casamento; e foram estas bodas feitas com mui grandes festas e alegrias, e duraram todo o mez de maio.

CAPITULO XCV

Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando.

O não honesto e forçoso poderio faz ás vezes, por cumprir vontade, casamento d'algumas pessoas, em que muito condemna sua consciencia, fazendo-lhes outhorgar a taes cousa contraria a seu desejo, quando um no outro, recebendo-o por tal modo, livremente nunca consente; assim que quanto a Deus nunca são casados, posto que ambos longamente vivam. E d'esta guisa aveio ao conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, com D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando, a qual recebeu em Santarem, como ouvistes, porque no começo e logo depois, não lhe prazendo de taes esposarios, sempre mostrou por gesto e palavras que sua vontade não era contente; ca elle, pelo caminho e depois em Castella, nunca lhe falou, nem chamou esposa, nem lhe deu sómente uma joia; e assim andou ella em casa d'el-rei até que cumpriu os annos para poder casar.

Então, disse el-rei ao conde que a recebesse publicamente e fizesse suas bodas segundo lhe cumpria, e elle o contradisse e o não quiz fazer, e por este azo se recresceram tão asperas palavras entre el-rei e o conde seu filho que elle, receando-se de prisão ou deshonra, fugiu do reino e andou em França e em Avinhão, querelando-se a el-rei de França e ao papa Gregorio como el-rei seu pae o constrangia que casasse com aquella filha d'el-rei de Portugal, com quem vontade nunca houvera.

El-rei, vendo o talante que seu filho em tal feito mostrava, mandou-lhe tomar as rendas e terras que havia, e deu-se algumas d'ellas ao duque seu irmão; e isso mesmo mandou tomar os bens a alguns dos que se foram com elle para fóra do reino.

A condessa, vendo tudo isto, estando el-rei em Valladolid, no mez de fevereiro, um dia á tarde, em um logar que chamam Paraizo, presente a rainha D. Joanna e outros muitos que dizer não curamos, reclamou os esponsorios e casamento que havia feito com o conde, dizendo que, se lhe a elle não prazia de casar com ella, tão pouco prazia a ella de casar com elle; e tomou d'elle assim instrumentos.

El-rei havia d'isto grande queixume, e, depois que houve feitas estas bodas que dissemos, mandou dizer ao conde que viesse todavia para receber sua esposa, se não que o desherdaria de todo e deixaria em seu testamento maldição ao infante seu filho, sem nunca lhe perdoar, nem lhe dar cousa alguma das que lhe elle havia tomadas. Então veiu o conde a Burgos no mez de novembro, onde el-rei seu pae era, mais com receio e temor d'elle que com vontade de casar com ella.

E foi assim que o dia que os houveram de receber no castello d'aquella cidade, estando el-rei e a rainha presente e o infante seu filho e outros muitos senhores fidalgos, o arcebispo de Sant'Iago, que os de receber havia, perguntou ao conde se queria receber por sua mulher D. Isabel, que presente estava, e o conde não respondeu nada, até que lhe el-rei sanhudamente mandou que dissesse sim, e elle então com receio do pae disse que sim, pero que o disse de tal guisa que muitos dos que ahi estavam entenderam bem n'elle que de tal casamento era pouco contente; porém foram suas bodas feitas mui honradamente, e isso mesmo a D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, com D. Joanna, filha outrosim d'el-rei D. Henrique.

Ora sabei, sem duvida nenhuma, posto que vos pareça cousa extranha, que, como foi serão, o conde se foi para a condessa, por receio que houve d'el-rei se o d'outra guisa fizera, e, jazendo ambos n'uma cama, usou elle de tudo o contrario que a condessa arrazoadamente devia d'esperar áquelle tempo, privando elle então assim seus sentidos que nenhum deixou usar de seu officio qual cumpria, antes lhe foram todos tão escassos que elle nunca a abraçou, nem beijou, nem se chegou a ella pouco nem muito, nem a tocou com o pé nem com a mão, nem lhe falou tão só uma fala n'aquella noite nem pela manhã, nem ella a elle isso mesmo; nem nunca lhe chamou condessa em jogo nem em sizo, nem comeu com ella a uma meza; mas vinha-se cada dia ao serão dormir com ella, tendo tal geito em todas as noites como tivera na noite primeira.

E esta vida continuou com ella, de que el-rei não sabia parte, emquanto esteve em Burgos e em Pa-

lença, que seriam até dois mezes, e, depois que el-rei partiu d'aquelle logar, o conde não curou mais d'ella, mas foi-se a outras partes onde a vêr não podesse; e assim andou até que el-rei seu pae morreu e foi d'ella quite por sentença, como adeante diremos.

CAPITULO XCVI

Como a infante D. Beatriz de Portugal esposou com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella, e com que condições.

FEITAS assim estas bodas que dissemos, logo no anno seguinte de quatrocentos e quatorze foi tratado outro casamento entre el-rei D. Henrique e el-rei de Portugal a saber: que D. Fradarique, duque de Benavente, filho de el-rei D. Henrique e d'uma dona que chamavam D. Beatriz Ponce, casasse com a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando e da rainha D. Leonor.

E firmado sobre isto tudo o que cumpria, ordenou el-rei D. Fernando de fazer côrtes, por se fazerem estes esposorios, e foram feitos na villa de Leiria, no mez de novembro, sendo presentes o infante D. João e D. João, mestre da cavallaria da ordem d'Aviz, seus irmãos, e condes e ricos-homens, e prelados e cavalleiros e escudeiros e muita outra gente dos concelhos, todos chamados especialmente para estes esposorios da infante, e para recebe-

rem por rainha e senhora dos reinos de Portugal e do Algarve e lhe fazerem por ello menagem.

As gentes assim juntas, ordenou el-rei que aos vinte e quatro dias do dito mez se fizessem os recebimentos, e foi assim de feito que Fernão Perez d'Andrade, como procurador d'el-rei D. Henrique e de D. Fradarique, seu filho, recebeu por palavras de presente, como manda a Santa Egreja, a dita infante D. Beatriz por mulher do dito D. Fradarique, e ella recebeu elle por seu marido, nas mãos d'este seu procurador.

Em outro dia, todos os senhores e gentes que ahi eram, a que isto cumpria de fazer, fizeram preito e menagem nas mãos de D. Frei Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e de Henrique Manuel Vilhena, senhor de Cascaes, curadores da dita infante, e em mãos do dito Fernão Perez: que morrendo o dito rei e não deixando filho lidimo tomassem por rainha a dita infante e por rei o dito seu marido, havendo com ella cumprido aquelle honesto ajuntamento que se faz entre os casados, salvo se el-rei D. Fernando morresse ficando a rainha D. Leonor prenhe e parindo filho varão; e morrendo el-rei D. Fernando antes que elles fossem de tamanha edade que cumprir podessem o natural divido, que a rainha D. Leonor regesse em tanto o reino, ou quem el-rei D. Fernando ordenasse em seu testamento; e que desde o dia de S. João Baptista seguinte lhe dessem casa em Portugal; e qualquer dos reis por que isto fallecesse de ser cumprido pagasse ao outro dez mil marcos d'ouro.

Feitos os esposorios com estas e outras condições que deixamos de dizer enviou el-rei D. Fernando a Castella D. Pedro Tenorio, bispo de Coim-

bra, e Ayres Gomes da Silva, do seu conselho, e seu alferes-mór. E chegaram a el-rei D. Henrique, á cidade de Cordova, onde então estava, e, recontados todos os capitulos que conteudos eram nos tratos d'estes esposorios, elle os jurou a cumprir e manter aos dezenove dias do mez de janeiro de quatrocentos e quinze annos; e mais que houvesse dispensação do papa, porquanto eram parentes no quarto gráo; e mais que el-rei D. Fernando houvesse as rendas dos logares de que fizera doação á dita sua filha, por bem de tal casamento, até que fizesse suas bodas e fosse entregue a seu marido.

CAPITULO XCVII

Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão.

Nós não achamos que Gonçalo Vasques de Azevedo, nem Lourenço Annes Fogaça, que foram enviados a Castella para tratar os feitos d'Aragão, como ouvistes, tratassem sobre ello nenhuma cousa de que el-rei D. Fernando fosse contente, antes nos parece que foi por contrario, porque, tanto que estes esposorios e avenças que dissemos foram ordenados, tendo el-rei grão sentimento do ouro que lhe tomára el-rei d'Aragão, e a não boa maneira que tivera n'aquelle feito, muito contraria do que elle cuidava, e para haver de tudo emenda, tratou amizade com D. Luiz, duque d'Anjou filho d'el-rei de França, que fossem ambos d'um accordo em fazer guerra a el-rei d'Aragão.

E foi assim que enviou o duque a elle seus embaixadores, a saber, Ruberte de Noyers, bacharel

em leis, e Yvo de Gernal, de seu conselho, os quaes chegaram a Tentugal no mez d'abril, onde então el-rei estava, e concordadas suas avenças em muitas cousas, ficando porém certos pontos por determinar, os quaes cumpria de o duque primeiramente saber, ordenou el-rei de enviar seus embaixadores a França, com os mensageiros do duque; e foram lá Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór e João Gonçalves, seu secretario e do seu conselho, e em uns paços d'el-rei de França, cerca de Paris, no mez de junho seguinte, firmaram suas allianças n'esta guisa:

Que o duque fizesse guerra contra el-rei d'Aragão, assim por mar como por terra, e que a guerra por terra se fizesse á despeza do duque, e na guerra que se fizesse por mar el-rei D. Fernando pozesse a terça parte das fustas, com tanto que não passasse conto de quinze galés; e segundo a despeza que cada um fizesse houvesse proveito dos bens moveis e de raiz que tomados fossem ao reino d'Aragão, reservando porém seu direito aos capitães, segundo seu costume de guerra;

E que todas as cidades, castellos e fortalezas que fossem tomadas ao reino de Maiorca e nas ilhas de Minorca e de Iviça e no condado de Roussillon e terras de redor fossem entregues ao dito duque;

E que, se el-rei de Castella quizesse ser n'esta liga, fazendo guerra ao reino d'Aragão, assim por mar como por terra, segundo já tinha outhorgado ao duque, as fortalezas que se tomassem em Murcia e em terra de Mollina, em que el-rei de Castella dizia que tinha direito, isso mesmo lhe fossem entregues;

E que de quaesquer outros logares que fossem tomados, afóra estes que ditos são, el-rei D. Fernando fosse primeiro entregue, sem nenhuma custa, de duzentas e cincoenta mil dobras, em que dizia que lhe el-rei d'Aragão era obrigado; e, depois que elle fosse pago, que todos os outros logares fossem partidos entre elles, segundo a despeza que cada um fizesse.

E estes e outros capitulos que dizer não curamos foram postos n'aquellas avênças que el-rei D. Fernando tratou com o duque, mas se esta guerra houve algum começo, ou que se fez sobre este negocio, nós, por livros nem escripturas, nenhuma cousa podémos achar que mais pozessemos em escripto; mas porém entendemos que não faz mingua. (*)

(*) Em Angers foram ultimamente descobertos os interessantes documentos d'estas «avenças» que, com a historia d'ellas, publiquei sob o titulo: *O thesouro do Rei Fernando* (no Bol. da Soc. de Geogr. e em tiragem avulsa, 1895).

L. C.

CAPITULO XCVIII

Das manhas e condições do infante D. João de Portugal.

Cessando dos feitos d'el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique e isso mesmo com el-rei d'Aragão, pois cousa nenhuma mais achar não podemos que d'historiar necessaria seja, convém que digamos d'outras cousas pertencentes a nosso falamento, segundo aquillo que promettido temos no reinado d'el-rei D. Pedro, onde dissémos que falariamos dos infantes D. João e D. Diniz quando conviesse arrazoar dos seus feitos; mas, por abreviar, deixando de todo o infante D. Diniz, que já é em Castella, digamos qual foi o azo por que se o infante D. João depois partiu de Portugal e se foi para lá; e antes que d'isto façamos menção não se aggravem vossas orelhas d'ouvir em breve recontamento algum pouco de seus geitos e manhas, sequer por honra de sua pessoa.

Este infante D. João era muito egual homem em corpo e em gesto, bem composto em parecer e feições, e comprido de muito boas manhas, muito mesurado e páção, agasalhador de muitos fidalgos do reino e estrangeiros, e muito grado e prestador a qualquer que n'elle catasse cobro, dando-lhes cavallos e mulas e armas e vestidos e dinheiros e aves e alãos e quaesquar outras cousas que em seu poder fosse de dar.

Foi muito amigo de seu irmão D. João, mestre d'Aviz, de guisa que, como el-rei D. Pedro ordenára que sempre acompanhassem ambos quando eram na côrte, assim nunca eram partidos de monte e de caça e comer e dormir e das outras conversações usadas d'aquelles que se bem amam, em tanto, que sendo elle mui doente uma vez em Evora, d'um grande accidente que lhe dera, tendo elle cargo, com o mestre seu irmão, de manter a tavola em umas grandes justas que el-rei D. Fernando fazia a uma festa que ordenou o conde de Vianna, filho do conde velho, em um ruido que se levantou n'ellas entre Vasco Porcalho, commendador-mór d'Aviz, e Fernando Alvares de Queiroz, que era da parte dos condes, não podia Affonso Gomes da Silva e outros fidalgos ter o infante que se não levantasse da cama, por ir ajudar seu irmão o mestre, quando lhe disseram que andava em cima d'um cavallo, com um tração de pau na mão, por desviar de cajão o Vasco Porcalho que não recebesse damno dos outros; o qual ruido prouve a Deus que foi amansado sem perda de nenhum d'elles.

Elle foi homem de toda a Hespanha que melhor e mais aposto desenvolvia um cavallo, de guisa que suas manhas más nem braveza lhe prestar podia

que o não amansasse; grande justador e torneador, e lançava muito atavolado.

Era muito usado de saltar e correr e remessar a cavallo e a pé, soffredor de grandes trabalhos a monte e a caça e similhantes desenfadamentos, e a elle por dias e noites nunca perdia afan, levantando-se duas e tres horas ante-manhã, aprasando de noite por invernos e calmas, dês-ahi cavalgar e correr fragas e montes espessos, e saltar regatos e corregos de grandes cajões, cahindo n'elles e os cavallos sobre elle.

Em tanto era querençoso de montes, que nunca receava porco nem urso com que se encontrasse, a pé nem a cavallo; e de muitos perigos em similhantes feitos o quiz Deus guardar, que contados por miudo seriam assás saborosos de ouvir, mas receando de vos fazer fastio não ousaremos de contar mais d'um ou dois de taes aquécimentos.

CAPITULO XCIX

Do que aveio ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte.

El-rei D. Fernando era mui querençoso de caça e monte, onde quer que sabia que os havia bons, filhando n'ello grande prazer e desenfadamento; e, porque o certificaram que em terra da Beira e por riba de lôa havia bons montes d'ursos e porcos em grande abundancia, fez-se prestes com toda sua casa e da rainha, e muitos monteiros com sabujos e alãos, e levou caminho d'aquella comarca.

E, fazendo n'elles grande matança, aconteceu um dia que o infante se encontrou com um mui grande urso, e juntou-se tanto a elle, por o ferir a mão tenente, que o urso firmou bem seus pés e levantou os braços, por o arrebatar da sella. O infante, quando isto viu, empicotou-se tanto sobre a sella que foi de todo sobre o arção deanteiro, e o urso, estendendo as pontas das mãos, por o filhar,

alcançou o arção derradeiro da sella tavarenha, segundo então usavam, e arrancou o arção com uma grande aljava da anca do cavallo. E o infante por tudo isto não o deixou, e assim sem arção e com o cavallo ferido, voltou sobre elle, por o remessar, e nunca se d'elle quitou até que sobrevieram outros e lh'o ajudaram a filhar nas azcumas.

Outra vez lhe aquéceu que aprazou um porco mui grande, o qual achou com grão trabalho, fazendo-o andar longa terra entre dia e noite, de que ficou mui cansado, e depois que o houve cercado mandou a um seu pagem, que lhe levava a azcuma, que fosse depressa chamar os de cavallo e os monteiros a toda a vozaria, e que lhe trouxessem dois alãos os quaes amava tanto que os lançava de noite comsigo na cama e elle no meio d'elles; um havia nome *Bravor*, que lhe dera seu irmão mestre d'Aviz, outro chamavam *Rabez*, que lhe enviára Fernão Peres d'Andrade, tio de Ruy Freire de Andrade, de Galliza.

Quando a companha foi toda junta, fez-se muito tarde, porque vinham de longe, e depois que o infante partiu as armadas ficou elle em uma d'ellas e mandou pôr os cães a achar, e postos não acharam nada, porque o porco se levantara emtanto e não estava n'aquelle logar; e durou isto tão grande espaço que o infante, enfadado de quebranto, não se poude soffrer que não dormisse.

O pagem seu que tinha os alãos, similhavelmente forçando-o o somno, teve-lhe companha e adormeceu; e antes que adormecesse, porquanto não sentia vozes de monteiros, nem ladridos de cães no monte, cuidou de dormir de seu vagar, e atou as trellas dos alãos uma na perna e outra de re-

dor de si, pela cintura. N'este comenos, sobreveiu o grão porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d'alãos, exudrado pela gran calma que fazia; e veiu nascer pela bicada d'um monte, junto com a armada onde jazia o infante e seu pagem dormindo.

Ora deveis de saber que aquelle bom alão de *Bravor*, comprido d'ardimento e de bondades, segundo sua natureza, era assim acostumado que, sem trella, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavallo podesse andar, e porco nem urso, nem outra alimaria com que se encontrasse não havia de travar n'ella, a menos de lh'o mandarem fazer.

E quando o porco assim nasceu, o outro alão *Rabez* deu uma arrancada, e o *Bravor* teve-se quedo; e quando *Rabez* viu que se o porco sahia e que o não desatrellavam fez uma grande arrancada por um mesto matto, levando apoz si o pagem e o outro alão.

Ao som d'isto, accordou o infante, e, quando viu o moço e os alãos ir d'esta guisa, e o porco que se punha em salvo, houve tão gran sanha que maior ser não podia, e foi-se rijo com um cutello de caça fóra da bainha e cortou as trellas que iam atadas ao pagem. Os alãos, com as trellas cortadas, foram pilhar o porco em um espesso arvoredo, e chegando o infante a elle o porco se queria espedir dos alãos, que eram empeçados em umas curtas carvalheiras, e sahindo-se o porco, não querendo aguardar de justa, o infante o remessou; e então foi feita a mais formosa azcumada de seu braço que até ali fôra vista nem ouvida entre monteiros, porque as cutellas da azcuma entraram pelos polpões da coxa e cortaram os ossos e as juntas, e sahiram as cutellas

com toda a haste pelo conto da azcuma, da outra parte da calluga da espalda.

E muitas outras boas andanças, e d'ellas contrarias, lhe aquéceram em seus montes, que seriam longas de contar, de que não curamos fazer menção. E, assim como era grande monteiro, d'essa guisa era caçador de todas as maneiras d'aves, assim d'açores como falcões e gaviões, galgos de lebres e raposas e podengos de mostra; e elle mesmo trabalhava com elles a lhes tirar, em tanto que todos haviam por muito o trabalho e afan que em similhantes feitos levava.

CAPITULO C

Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente.

Vivendo o infante d'esta guisa, ledo e a seu prazer, veiu a pôr sua vontade em uma dona que chamavam D. Maria, irmã da rainha D. Leonor. Esta D. Maria fôra mulher de Alvaro Dias de Souza, grão fidalgo de linhagem dos reis e bom cavalleiro e muito honrado; e, segundo alguns affirmam em suas historias, el-rei D. Pedro de Portugal havia afazimento com uma dona com a qual Alvaro Dias foi culpado que dormia, e, receando-se que a gran sanha que el rei D. Pedro por esta razão havia quizesse dar alguma deshonrada e perigosa execução, foi-se fóra do reino, e andando assim por tempo morreu de sua natural morte.

E ficou D. Maria viuva assás em boa edade de mancebia, formosa e aposta e muito graciosa, achegada de muitos fidalgos seus parentes e de quaesquer outros que bons fossem, honrando-os muito,

segundo cada um merecia, dando-lhes dês-ahi grande gasalhado. Era de gran casa de donas e donzellas e camarareiras e outra gente miuda, dês-ahi escudeiros e muitos officiaes, e gráda e prestador a todos. Havia coração e abastança para o fazer, porque o mestrado de Chrisio lhe fôra dado para D. Lopo Dias, seu filho, e as rendas eram postas em seu poder, afóra muitos herdamentos moveis e de raiz e muito bem-fazer da rainha sua irmã.

O infante, que a via a miude, femençando sua formosura e estado e assim graciosa, que a juizo de todos enhadia muito n'ella, começou de a amar de vontade, e, revolvendo-se a miude n'este pensamento, secretariamente lhe enviou descobrir seu amor; mas a cumprir seu desejo como elle queria lhe eram muitas cousas contrarias, porque a dona era muito sizuda e corda e discreta e bem guardada, e enviou-se-lhe defender com boas e mesuradas razões.

O infante, que sua vontade gastava por continuada imaginação de tal bemquerença, foi-lhe forçado de a seguir a miude, em tanto que ella, afficada d'elle, cuidou de lhe requerer cousa que em outra guisa não fôra ousada de lhe commetter, e enviou-lhe dizer por uma Margarida Lourenço, sua camareira do infante, que, pois elle dizia que a amava tanto, ella lhe enviaria um tal embaixador qual convinha ser meeiro entre elles, e que elle o cresse do que lhe da sua parte dissesse, e assim podia cumprir sua vontade, mas d'outra guisa não.

Então falou ella com um bom fidalgo que chamavam Alvaro Pereira, a quem o infante queria grande bem, e isso mesmo era mui chegado a D. Maria, e contando-lhe tudo o que lhe o infante

por vezes mandara dizer e tudo o que se até ali passara n'aquelle feito, dizendo que lhe dissesse da sua parte que, pois que a tanto amava de palavra, o pozesse assim em obra: que casasse com ella e a recebesse por mulher, e que leda era de fazer todo seu mandado; e a bem sabia elle que mais em razão estava de elle casar com ella que el-rei D. Fernando com sua irmã, e que, se outro modo com ella queria ter, alhur buscasse sua ventura; nem lhe falasse nenhum mais em tal historia, que lh'o não consentiria, nem lhe tornaria a ello resposta que boa fosse.

E, sem mais perlonga, dizem alguns que, ouvindo isto o infante, foram em grão segredo recebidos escusamente; mas um outro auctor, cujas razões não são d'enjeitar, enhade n'isto dizendo assim:

Que D. Maria, sendo bem sizuda, pela commum regra por que os homeus em similhantes feitos cahem, entendeu que escorregaria o infante D. João, e que encaminhar por aquella estrada por que el-rei D. Fernando encaminhara com sua irmã era muito azado e pequena maravilha; e guisou como uma noite a fosse vêr o infante escondidamente não levando comsigo mais d'um escudeiro, e, além d'ella ser assás de formosa e para cobiçar, ella corregeu si e sua camara assim nobremente para tal tempo que a nenhum homem seria ligeiro postar com seu sizo que se partisse d'ali cedo.

E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu ella e seus corrigimentos assim dispostos para o receber por hospede, que parecia que cada um corregimento o rogava que ficasse ali aquella noite, a qual cousa

enhadeu áquella hora dobrado azo em sua bemquerença e amor; e depois das primeiras razões como elle chegou, falou ella então e disse:

— «Senhor, eu me maravilho muito de vós mandardes-me commetter vossa bemquerença e amor do geito que mandastes, o qual devera ser para casar commigo e d'outra guisa não, que bem vêdes vós que eu sou irmã da rainha, de pae e de mãe, assim dos Tellos como dos Menezes, que veem do linhagem dos reis; dês-ahi, sabeis que fui casada com Alvaro Dias de Souza, que foi mui honrado cavalleiro e do linhagem dos reis, de quem tenho um filho, que é mestre de Christo, como vêdes que é um dos honrados senhores de Portugal.

« Pois, senhor, razão vos parecia a vós, uma dona tal como eu, quererdel-a vós deshonrar d'esta guisa, como se fosse uma mulher refece?! Em verdade, senhor, parece-me que sómente pelo divido que eu hei com a infante vossa sobrinha o não devêreis vós de commetter; e sabei que eu sou de vós muito queixosa por isto, e portanto vos fiz aqui vir por vol-o dizer á minha vontade, ca me parece, se vol-o por outrem mandara dizer, que não fôra minha vontade desabafada, ca assás d'empacho houvereis vós d'haver, mandardes-me demandar, como se eu fosse uma dona de mui má fama?

E, razoando n'isto, mostrava queixume e que queria chorar, que ás mulheres é ligeiro de fazer, dizendo que se fosse muito em boa hora por onde viera, que pero lhe parecesse que estava só, acompanhava sija mais perto do que elle cuidava.

O infante, cercado de querer e vontade d'aquelle desejo que todo sizo e estado põem de parte, outhorgava quanto ella dizia, escusando-se, porém,

que demandada por elle não era a ella nenhuma deshonra; e, querendo com ella entrar em razões outras mais chegadas a seu proposito, ella disse que mais palavras lhe não escutaria, mas que lhe pedia por mercê que se fosse a boa ventura. A mulher que o pozera dentro, acabadas estas razões, disse então ao infante:

— «Senhor, bem vos diz minha senhora, recebei-a vós, pois aqui estaes, ca vos não é prasmo nenhum, ca bem vêdes vós que el-rei vosso irmão tomou sua irmã por mulher, e a fez rainha, e tem d'ella filhos que entendem de herdar o reino. Pois quem vos ha de ter a mal casardes vós com ella, que está bem manceba e mulher de prol, e vem de tal linhagem, como todos sabem? Demais, que a rainha sua irmã vos fará tanto accrescentar em terras e estado por que podeis viver mui honradamente; e vosso pae, el-rei D. Pedro, d'esta guisa tomou D. Ignez, vossa mãe, e a recebeu a furto, e depois de sua morte jurou que era sua mulher, por vós ficardes lidimo e vosso irmão. Pois não vejo razão por que o deixeis de fazer, salvo por não haver vontade.»

O infante, preso por imaginação e posto mui firme sob juizo do amor, por congeitura das cousas que via, tinha em grão preço e desejava muito as que não appareciam, em tanto que o fogo da bemquerença, acceso em dobrada quantidade, lhe fazia assimilhar aquelle pouco espaço que falavam uma mui prolongada noite. Então, querendo acabar o ázo o que a vontade começara, concordaram seus apraziveis desejos, outhorgando elle que a recebia e havia por sua mulher; e foi assim de feito que a recebeu logo, presente Alvaro Dantes e outros de que

muito fiavam, os quaes se logo foram, e elle ficou ahi. E, satisfazendo um ao desejo do outro, elle se partiu ledo, sem ella ficar triste, muito cedo, ante-manhã, o mais afastado de fama que se fazer póde.

CAPITULO CI

Como a rainha falou com o conde D. João Affonso sua fazenda, e das razões que disse ao infante D. João.

Andou esta cousa muito encoberta, e o uso a miude por tempo, porque á puridade passava de dois, foi forçado que nascesse voz e fama que o infante dormia com D. Maria, e que era sua mulher recebida, a qual se alargou tanto de uma pessoa em outra que o houve de saber el-rei e a rainha, e desprouve muito d'ello a ambos, especialmente á rainha, dizendo que antes a quizera vêr casada com um simples cavalleiro que com elle; e el-rei disse que, pois se elles contentavam ambos, não pezasse a ella, ca elle pouco lhe pesava.

E o azo porque á rainha desprazia d'isto muito era porquanto via sua irmã bemquista de todos, e o infante D. João amado dos povos e dos fidalgos, tanto como el-rei; e pensava de se poder azar de tal guisa que reinaria o infante D. João e sua irmã seria rainha, e ficaria ella fóra do senhorio e reina-

do, mórmente não sendo el-rei bem são, e mais geitoso para durar pouco que viver prolongadamente. Assim que por estas e outras razões, vendo seu estado azado para montar altamente, não poude carecer de peçonha da inveja, e começou de mostrar á irmã peior talante do que sohia, nem o infante não havia tal gasalhado d'el-rei como antes tinha em costume de lhe fazer; e não sómente a elles, mas ao mestre d'Aviz, seu irmão, não mostrava el-rei e a rainha bom semblante, pelo grande amor e affeição que lhes viam ter com o infante D. João.

E, durando assim por tempos, a rainha não perdia cuidado da fazenda do infante e de sua irmã, pensando todavia que por tal casamento se lhe poderia seguir desfazimento de sua honra e estado; e, para desviar isto de todo ponto, ázou de fazer entender ao infante que lhe prazeria de o vêr casado com a infante D. Beatriz, sua filha, e falou de todo seu cuidado com D. João Affonso Tello, seu irmão, que lhe era muito obdiente, por muitas mercês que d'ella recebia, que encaminhasse como o infante houvesse d'isto algum conhecimento.

O conde, induzido assim pela rainha, começou d'haver mór conversação com o infante do que sohia, e mostrar ser muito mais seu amigo do que antes era, e um dia, falando ambos em cousas de segredo, contou-lhe o conde como era certo da rainha que, desejando seu accrescentamento e honra, cobiçava muito de o vêr casado com a infante D. Beatriz, sua filha, dizendo que, pois a Deus prazia de não haver filho que herdasse o reino depois da morte d'el-rei seu senhor, antes queria a infante sua filha vêr casada com elle que com o duque de Be-

navente, que era castelhano; ca mais razão era herdarem o reino que fôra de seu pae e de seus avós os filhos seus e de sua filha a infante que não os de linhagem de el-rei D. Henrique, de que Portugal tanto mal e damno havia recebido. Mas que lhe pesava muito da torva que n'isto via, porquanto se rugia por algumas pessoas que D. Maria, sua irmã, era casada com elle, e que portanto se não poderia cumprir isto que ella muito desejava.

Ouvidas as doces palavras do conde, que largamente n'iste falou, dispostas a gerar damnoso fructo, logo o infante ligeiramente creu isto, que lhe foi mui aprazivel, representando a seu entendimento todas as honras e grandes vantagens que se lhe de tal feito podiam seguir. Dês-ahi, como vêdes, que desejo de reinar é cousa que não receia de commetter obras contra razão e direito, não podia o infante pensar n'outra cousa, salvo como havia de casar com a infante e ser quite de D. Maria por morte.

E andando n'este cuidado, antes que o a outrem dissesse, falaram mais a rainha e o conde com Diogo Affonso de Figueiredo, vedor do infante, e com Garcia Affonso, commendador d'Elvas, que era então de seu conselho; e d'entre todos, não se sabe quem, se da parte do infante se da parte dos outros, foi levantada uma mui falsa mentira, que seu coração d'ella nunca pensára, dizendo que bem a poderia matar sem pasmo, porque era fama que dormia com outrem sendo sua mulher recebida. E por azo de taes conselhos já mais o infante não perdeu cuidado de casar com sua sobrinha, e descazar-se de D. Maria por morte.

E se cumpriu aqui o exemplo que dizem: que quem seu cão quer matar, raiva lhe põem nome; ca, tanto que elles tal testemunho entre si levantaram, logo o infante determinou em sua vontade de cedo a privar da presente vida.

CAPITULO CII

Como o infante chegou a Alcanhões, onde el-rei estava, e do recado que D. Maria houve de sua ida d'elle.

Partiu o infante com este proposito firmado de todo em seu coração, e foi-se caminho d'Alcanhões, onde el-rei e a rainha eram então com toda sua casa, e vieram-n'o receber o conde de Barcellos e outros senhores e fidalgos que andavam na côrte, e foi aquelle dia convidado do conde ao jantar.

Em outro dia, o convidou D. Isabel, sua prima co-irmã, filha do conde D. Alvaro Peres de Castro, e teve-o bem viçoso ao jantar e pela sésta, em umas casas cêrca dos paços onde ella pousava, como moradora que era da rainha. A'quella sésta, veiu o conde de Barcellos mui brioso, ledo e namorado, segundo fama, d'esta D. Isabel de Castro, e foram ali juntos muitos da côrte e alguns estrangeiros, tanto por mirar a formosura d'ella como por acompanhar o infante.

N'aquelle dia, á tarde, depois que dançaram e houveram vinho e fructa, mandou o conde por uma cóta muito louçã e um bulhão bem guarnido, a guisa de basalarte, e por uma faca mui formosa, que lhe trouxeram d'Inglaterra, e deu tudo ao infante. Dês-ahi, partiram para o paço com o infante muitos cavalleiros e escudeiros, e com D. Isabel muitas donas e donzellas, e assim chegaram ao paço onde el-rei e a rainha estavam, de quem foram mui bem recebidos. A'quella hora foram apartados com a rainha o infante e o conde, todos tres falando de parte por mui longo espaço; dês-ahi, despediram-se d'ella e isso mesmo d'el-rei e dos da côrte, e dormiu o infante aquella noite com o conde, para partir no seguinte dia.

Como foi manhã, partiu o infante caminho de Thomar, e como quer que o mestre, filho de D. Maria, ahi não era, mandou requerer o infante que fosse sua mercê de ser seu convidado, e que logo se viria para elle. O infante, que pouco tinha em vontade de lhe prestar seu jantar, não quiz receber seu convite. O mestre, que já dias havia que tinha sentido d'algumas razões, que lhe fizeram saber da casa do infante, quando viu que não queria tomar seu convite, logo receou aquella ida, e mandou a gran pressa fazer saber á mãe como o infante passara por Thomar, e o requerera de convite e não quizera ser seu convidado, e que porém se avisasse sobre ello.

D. Maria havia já antes d'isto recebidas novas d'alguns de casa d'el-rei, assim parentes como creados, uns d'ouvida outros de presumpção, do trasfego que se começava d'ordenar entre ella e o infante, apercebendo-a que se avisasse; e, sendo tor-

vada por taes razões, então o foi muito mais quando viu o recado do filho. Porém não perdeu bom esforço, como dona d'alta linhagem e de gran cordura e sizo, e deu em resposta, a isto que ouvia, que todas as cousas eram em poder de Deus, e que aquillo que a Elle prouvesse e fosse sua mercê isso seria e mais não, e, quanto montava aos feitos d'este mundo, que ella havia tão gran fiança na mercê do infante seu senhor que não consentiria em nenhuma guisa sua deshonra nem desfazimento. E com este proposito se deixou estar, sem fazer nenhuma mudança.

CAPITULO CIII

Como o infante chegou a Coimbra, por matar D. Maria, e das razões que houve com ella antes que a matasse.

Aquelle dia que o infante de Thomar fez partida foi dormir a um logar que chamam o Espinhal, e como foi meia noite cavalgou com os seus para Foz d'Arouce, dês-ahi a Almalaguez, comarca de Coimbra, e chegou aos olivaes da cidade e desceu ao Mondego, áquem do mosteiro de Sant'Anna, que é junto com a gran ponte. E n'aquelle logar chamou o infante todos aquelles que achou comsigo, e fel-os estar quedos, e apartou-se d'elles, a falar com Diogo Affonso e Garcia Affonso do Sobrado; e acabado de fallar com estes fez chegar os outros a si e começou de lhes dizer:

— «Vós todos, assim como estaes juntos, sois meus vassalos e creados e isso mesmo de meu pae, e hei de vós gran fiança, porque descendeis de boa creação e linhagens, e não devo de fazer cousa que vos não faça primeiro saber, e ainda

que até hora vos encobrisse algumas cousas de minha fazenda não me deveis pôr culpa, porque conveio de se fazer assim, E hora vos faço saber que a mim é dito que D. Maria, irmã da rainha, não cessa de publicar e dizer que é minha mulher e eu seu marido, e que tem escripturas e fidalgos por testemunhas d'ello, e esta cousa ou é assim ou não; e, posto que assim fosse, cumpria ser guardado em grão segredo, por sua honra e minha. E ora que por parte sua se levantou e descobriu cousa de que se a mim recrescia grão perigo e cajão, e a ella outro-sim, eu vou aonde ella está, a falar e fazer com ella o que cumpre a minha honra e estado.»

A isto, cada um e todos responderam que eram prestes e apparelhados, não só para aquillo, que era nada, mas para mais alta cousa que lhe avir podesse; e elle lh'o agradeceu muito.

Então, começaram d'andar, e passada a ponte, chegando á Couraça, chamou o infante um dos seus e disse:

— «Vós sabeis esta cidade e as entradas e sahidas d'ella melhor que outro que aqui vá, porque estivestes já aqui no estudo. D. Maria pousa nas casas d'Alvaro Fernandes de Carvalho; encaminhae por tal logar por onde possamos ir a ellas mais depressa e fóra de praça que ser puder.»

E elle respondeu que assim o faria, e então os levou á egreja de S. Bartholomeu, d'onde nasce uma estreita rua que direitamente vae sahir ás portas d'aquellas casas; e elles ali, esteve a guia queda, e disse contra o infante:

— «Estas são as casas que vós demandaes.»

N'isto, a alva começava d'esclarecer e trigava-se a manhã para vir.

Ora assim aveiu, como suas tristes fadas mandaram, que o infante, com os seus á porta, e uma mulher que havia de lavar roupa destrancou as portas e abriu-as de todo. E assim como foram abertas logo os do infante subiram acima, a uma sala onde jaziam algumas mulheres dormindo, e assi a entrada da sala, ande se fazia um vergel de larangeiras e outras arvores, apartaram o infante Diogo Affonso e Garcia Affonso, e falando com elle o detiveram por espaço; e desde que falaram vieram-se para onde estavam os outros todos, e o infante perguntou por D. Maria, a qual jazia em sua camara cerrada, segundo lhe mostraram as que dormiam de fóra, e em outra camara detraz d'aquella jazia uma ama e camareiras, com um seu filho. O infante perguntou então se havia áquellas torres alguma outra entrada, e foi-lhe respondido que não, e as portas eram muito fortes e bem trancadas; e o infante mandou logo que quem mais podesse quebrar mais quebrasse, e cada um se trabalhou, com paus e pedras, de guisa que depressa foram quebradas.

Ella, accordando subitamente, quando se viu entrar por aquella maneira, alçou-se do leito tão espantada e temerosa que ádur se podia ter em si, e quando se levantou nenhum vestido nem manto teve accordo nem tempo para deitar sobre si, nem quem lh'o désse, porque as que eram dentro com ella, de sob o leito, se não podiam compor de medo e terror; e, sendo a ella cuidado de cobrir as vergonhosas partes, não teve outro accorrimento senão uma branca colcha, em que envolveu todo seu corpo, e acostou-se assim a uma parede, cêrca do leito. E logo, assim como entrou o infante, ella o

conheceu no rosto e fala, e quando o viu cobrou já quanto d'esforço e ousança, e disse:

— « O' senhor, que vinda é esta tão desacostumada ?! »

— « Boa dona, disse elle, agora o sabereis. Vós andastes dizendo que eu era vosso marido e vós minha mulher, e enxemprastes o reino todo, até que o soube el-rei e a rainha e toda sua côrte, que era azo de me mandarem matar ou pôr em prisão por sempre; e vós devêreis d'encobrir tal razão contra todos os do mundo, e, se vós minha mulher sois, portanto mercieis vós melhor a morte, por me pordes as cornas, dormindo com outrem.»

E dizendo isto lançou mão n'ella. D. Maria, vendo taes razões, respondeu ao infante e disse:

— « Oh! Senhor! Eu entendo bem que vós vindes mal aconselhado, e perdôe Deus a quem vos tal conselho deu, e se prouver á vossa mercê de vos apartardes commigo um pouco n'esta camara, ou se façam estes afóra, eu vos entendo de mostrar mais proveitoso conselho do que vos deram contra mim; e por mercê vós ouvi-me, e tempo tendes para fazer o que vos prouver.

E elle não lhe quiz ouvir suas razões, nem lhe dar espaço para se escusar do erro que não fizera, mas disse:

— « Não vim eu aqui para estar comvosco em palavras.»

Então deu uma gran tirada pela ponta da colcha e derribou-a em terra, e parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista dos que eram presentes, em tanto que os mais d'elles em que mesura e boa vergonha havia se alongaram de tal vista, que lhes era dorosa de vêr, e não se podiam ter de lagrimas e soluços, como se fosse mãe de cada

um d'elles. E, n'aquelle derribar que o infante fez, lhe deu com o bulhão que lhe dera seu irmão d'ella, por entre o hombro e os peitos, cerca do coração; e ella deu umas altas vozes mui doridas, dizendo: Mãe de Deus, accorre-me e havei mercê d'esta minha alma.» E tirando o bulhão d'ella lhe deu outra ferida pelas verilhas, e ella levantou outra voz e disse: «Jesus, filho da Virgem, accorre-me;» e esta foi sua postumeira palavra, dando o espirito e bofando muito sangue d'ella.

Ó piedade do mui alto Deus, se então fôra tua mercê de embotares aquelle cruel cutello, não damnara o seu alvo corpo, innocente de tão torpe culpa!

Foi a casa logo cheia de brados e choros d'homens e de mulheres, depennando-se sobre ella, fazendo grande e dorido pranto; o som dos gritos era ouvido por toda a cidade, e foi gran turbação em muitos, que não sabiam que cousa era. Ao grande arruido e volta, veiu Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que era seu parente d'ella, e quando achou tal obra feita, e os seus faziam por ella tal dó, e com tão doridas palavras, que o povo que de redor estava olhando, não podiam reter suas lagrimas.

O infante como acabou aquillo porque viera, cavalgou com os seus e tomou pela ponte, e não quedou d'andar, sem fazer detença, até que chegou a S. Paio, que são d'alli algumas leguas. E pela jornada, que era grande, e fraqueza das bestas, não chegaram com elle mais de seis, e alli os esperou todos, até que foram depois juntos. E d'aquelle logar partiram caminho da Beira, baratando cada um armas o melhor que podia, e não perdiam o uso d'ellas em monte e em caça; e assim duraram por espaço de tempo, por onde quer que andavam.

CAPITULO CIV

Como o infante D. João foi perdoado, e como veiu vêr el-rei e a rainha.

Foi esta cousa sabida pelo reino, e pesou a muitos d'esta morte, mórmente quando souberam que fôra d'aquella guisa, sem sua culpa d'ella; e a rainha, quando o ouviu, mostrou que lhe pesava muito, pondo por ella dó, porém, dizia a el-rei que não curasse d'aquillo, nem tomasse por ello nojo, ca cousas eram que aconteciam pelo mundo.

E depois que esta cousa foi arrefecendo, andando o infante na Beira e por Riba de Côa, cêrca dos extremos, fez saber a el-rei e á rainha que lhe não cumpria viver em sua terra sem sua graça e contra seu talante; e se sua mercê fosse de lhe perdoar a elle e aos seus, se não que se trabalharia de ir buscar cobro a outro reino, onde vivesse sem temor de nenhum.

N'isto, não quedavam embaixadores em idas e vindas: ora lhe traziam novas de ledice, ora con-

tavam outras de tristezas, dizendo que o mestre de Christo e o conde D. João Affonso e D. Gonçalo e o conde de Vianna, todos primos, se juntavam para o ir buscar, elle e os seus. Assim que de todas partes se temiam, salvo do conde D. Alvaro Peres, seu tio do infante, que tratava com o conde velho como o infante fosse perdoado; e por elles e pelo prior do Hospital, D. Fr. Alvaro Gonçalves, e por Ayres Gomes da Silva, a quem el-rei queria grão bem, dês-ahi pela rainha, cuja voz valia mais que todos, foi o infante perdoado e todos os que eram com elle.

E vistas as cartas de perdão, que lhe el-rei e a rainha sobre isto mandaram, partiu o infante, seguro, para vir á côrte, e chegou a Santarem com cento e cincoenta de cavallo, e d'ali mandou dizer a el-rei, que era em Salvaterra de Magos, que são espaço de quatro leguas, se o iria vêr assim como ia de caminho ou com certas pessoas e mais não; e el-rei lhe enviou dizer que viesse muito em boa hora com quantos trazia e mais, se mais quizesse trazer.

Então chegou o infante, e foi elle e os seus todos bem recebidos d'el-rei e da rainha e dos condes seus irmãos, que estavam ahi e o acompanharam e o foram receber até junto de Santarem, quando veiu. O infante esteve ahi com el-rei uns dias, andando ao monte e á caça com elle, e ás vezes com os seus; e d'ali os mandou cada um para sua terra, e ficou elle com os que lhe prouve, andando grão privado d'el-rei e da rainha, muito á sua vontade. E mandou-lhe el-rei pagar as contias trespassadas e as presentes, e muitos dinheiros de graça.

E, vendo elle a boa maneira que el-rei e a rainha

tinham com elle, teve mentes de lhe ser feito aquillo que o conde com elle falára, em razão do casamento de sua sobrinha, esperando cada dia de se pôr em obra.

E a rainha havia d'isto mui pouca vontade, não embargando que a irmã fosse já morta, porque a ella era grande empacho viver o infante em Portugal, vendo el-rei cada dia mais adórado; e temia-se que, fallecendo por morte, fosse o infante logo levantado por rei e tomar tal mulher que seria rainha, e ella desfeita de sua honra e estado. E, por esquivar de todo ponto este azo, havia desejo de ter sua filha casada em Castella, da guisa que o era, ou melhor, se ser podesse, por ficar ella regedora se el-rei D. Fernando morresse, como nos tratos do duque de Benavente era conteúdo; e que assim livremente se assenhoriaria do reino, e que o infante não buscaria cobro senão em Castella, onde lhe ella depois ázaria prisão ou morte, por que ficasse segura.

Ora n'este tempo são alguns que escrevem, não sómente razões de que nenhuma cousa nos ajudar podemos, mas ainda seus ditos nos desprazem muito, e de todo em todo são para enjeitar: dizendo que o infante foi esposado com a infante D. Beatriz, como lhe fôra promettido; e uns contam que foi em Vallada, sendo el-rei doente; outros dizem que foi em Portalegre, em muito grande segredo;—escrevendo isto por largos falamentos, que resumir não curamos, E, posto que umas palavras sejam contra as outras e todas em summa contradigam á verdade, nós porém crêmos que suas erradas razões não foi por malicia dos auctores, mas por ignorancia da verdade, a qual sabei que foi d'esta guisa.

CAPITULO CV

Como se o infante partiu nojoso da côrte, e se foi para entre Douro e Minho.

El-rei partiu d'aquelle logar onde estava e foi-se para terra do Alemtejo; e, antes que d'ahi partisse e depois, o infante falava em feito de seu casamento com a rainha e com aquelles com quem tinha razão de o falar. E ella, como quem não havia vontade, dês-ahi os outros, segundo sabiam seu desejo, faziam entender ao infante que isto se não podia fazer tão depressa como elle queria, porquanto cumpria ser a infante primeiro descasada do duque de Benavente, com quem o era com tão grandes firmezas, como elle bem sabia; e que depois d'isto era necessario haver dispensação para seu casamento ser firme e feito como devia, e que isto se não podia fazer logo assim de presente, mas por ordenança e tempo, como convinha a tal feito.

E com estas e outras razões foram-lhe pondo o

feito pela armada, untando lhe os beiços com doces palavras de boa esperança, de guisa que elle entendeu em seus geitos e falas que isto era cousa para nunca vir a fim ou tarde; e, anojado com taes razões de detença, partiu-se da côrte, d'um logar que chamam Vimeiro, e levou caminho do Porto e foi-se para Entre Douro e Minho, e ali andou por tempo, dês-ahi foi-se á Beira. E andando por esta guisa conheceu bem que era escarnido, e começou d'entristecer e andar muito nojoso, em tanto que, assim como elle na morte de D. Maria se partiu aprazivel, vingador da culpa não commettida, assim depois se apartava a chorar a miude, fazendo pranto por sua morte, reprehendendo-se muito do mal que fizera.

Assim que elle vivia nojosa vida, e os seus isso mesmo passaram mui mal, ca d'el-rei lhe vinham poucos e maus desembargos de suas tenças e moradias, de guisa que empenharam as armas e os vestidos, e já não tinham que empenhar senão alãos e sabujos; e com esta pobreza se passou o infante a Riba de Côa, e ali faziam sua gostada vida.

N'isto chegaram-lhe novas que o conde D. Gonçalo e o mestre de Christo iam sobre elle, para vingar a morte da irmã e da mãe, e el-rei e a rainha logo cêrca, e o conde de Barcellos com elles; e era assim de feito que elles iam contra aquella comarca com esta voz, e a tenção era mais pelo desterrar que pelo matar; e, assim como se elles iam chegando, assim se arredava o infante com os seus, até que o pozeram em um logar que dizem Villar Maior. N'aquelle castello assocegou o infante, crendo que d'ahi em deante o não seguissem mais, e os seus partiram-se para umas aldeias que são de parte

de Castella, e elle ficou com Garcia Affonso e Diogo Affonso; e á meia noite chegaram-lhe inculcas e guias, que as traziam, que lhe disseram que os condes e mestre seriam antes da alva com elle, a prendel-o ou matal-o, com grão poder que traziam.

O infante, quando se assim viu aficado e só, demandou conselho áquelles com que se achou, e elles aconselharam-n'o a que se partisse; e assim desacompanhado se partiu de noite e foi amanhecer em San Felizes dos Gallegos, senhorio de Castella, que são d'ali oito leguas, sem levar mais em sua companhia que Garcia Affonso e Diogo Affonso, e quatro moços que iam de besta. E assim sem mais gente chegou a casa da infante D. Beatriz, sua irmã, mulher do conde D. Sancho, áquelle logar de San Felizes, onde foi bem recebido e feito grande acorrimento.

CAPITULO CVI

Como se o infante partiu com temor para Castella, e do que se seguiu em sua ida.

Os desaventurados dos vasalos do infante, que se espalharam pelas aldeias de redor d'aquelle logar onde elle ficara, por serem melhor aposentados, quando veiu na alva da manhã começaram de guisar suas fracas fazendas, por encaminhar para onde deixaram o infante; e, elles indo pelo caminho, acharam um Fernão Gallego, seu manteeiro, que lhes disse como o infante era partido e de que guisa, o qual lhes mandava dizer que, se o amavam, o não fossem mais buscar, mas que se tornassem todos, cada um para onde melhor entendesse, e isto por espaço d'um pouco de tempo, ca não tardaria muito que cedo d'elle não soubessem novas, e que então, quem lhe bom desejo tivesse, o seguisse onde quer que elle fosse.

Esta mensagem foi ouvida com grande dôr e lastima, e a resposta dada com taes razões e pranto

que não havia homem que os ouvisse que d'elles não houvesse piedade. Os brados e chóros eram muitos, depennando-se, e dando grandes punhadas no rosto, e fazendo suas faces taes que todas eram tornadas em sangue. Durou isto por grande espaço, como quem não tinha que os estorvasse, e cansaço e mingua de fala os fez cessar de suas dóridas vozes.

Duas grandes pressas os moviam a fazer isto: a primeira, saudade e bemquerença que haviam de seu senhor, por lhes ser grádo e liberal e muito aprazivel companheiro, a outra, quando elle fugia com tal receio de ser preso ou morto, que é de cuidar que fariam elles, ou que esperança teriam de sua vida. Então se confortaram uns com outros, e foram todos arramados cada um a sua parte, como a frota das naves no mar, quando é perseguida de grande tormenta.

O infante esteve com sua irmã, por tempo, n'aquelle logar de San Felizes, até que por seu bom azo e encaminhamento houve recado e segurança d'el-rei de Castella que lhe prazia de o filhar em sua guarda e mercê, e foi-se para elle, de quem foi bem recebido e dos senhores da côrte; e poz-lhe el-rei grande poymento de dinheiros, e deu-lhe terras e fortalezas, e encaminhou-lhe sua vida assás honradamente.

Então, mandou o infante a Portugal requerer os seus que se fossem para elle, e d'elles o fizeram como viram seu recado; outros não curaram d'ello, tendo já acceitado outros modos de viver.

CAPITULO CVII

Como morreu o papa Gregorio e foi elegido em seu logo D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto.

Pois que já contámos o azo da ida do infante D. João para Castella, ora convém que tratemos do feito da schisma que se n'este tempo levantou na Egreja, não sómente por necessidade da historia, que nos constrange falar d'ello, segundo adeante podereis vêr, mas por não mostrarmos mingua em nossa obra, pois qne os famosos historiadores, em suas chronicas, fazem d'ella menção. Assim que nós, em breve arrazoado, mais claro porém que elles, vos contaremos por ordem seu começo e fim, qual foi e quanto tempo depois durou; onde sabei que seu feio nascimento, muito d'aborrecer, houve principio n'este modo.

Sendo Gregorio papa undecimo, e estando em Avinhão com sua côrte, veiu por certo recontamento a suas orelhas que algumas cidades e castellos de Italia, sujeitos a elle no temporal e espiritual, lhe

rebellavam de todo, de guisa que a seu mandado nem de seus mensageiros queriam obedecer, e a causa d'esta rebellação, segundo diziam, era porque o papa e todos os seus cardeaes, que pela maior parte eram francezes, lhes impunham taes encargos e sujeições que os não podiam mais supportar. Pela qual razão, o dito senhor papa, aos quatorze dias do mez de setembro da era de mil quatrocentos e quinze, partiu d'aquella cidade d'Avinhão e foi-se a Marselha, com seus cardeaes, e d'ahi embarcou em galés de Genova e foi-se a Roma, para subjugar aquelles que lhe assim rebellavam; e no mez de março, aos vinte e sete dias, da era seguinte de mil quatrocentos e dezeseis, morreu este papa Gregorio em Roma.

Elle morto, ficaram em Roma dezeseis cardeaes, a saber, doze ultramontanos e os outros italicos, aos quaes pertencia o direito de eleger; e juntaram-se estes cardeaes em alguns logares, falando apartadamente, e ás vezes juntos, qual d'elles succederia em seu logo, e não concordavam em eleger pessoa ultramontana, a saber, de França ou d'Inglaterra ou das Hespanhas.

E faziam os ultramontanos de si duas partes. Uma era dos cardeaes de Lemonicense, que é em França, a saber, o bispo Prenestino e o cardeal de Agrifollio e outros; estes queriam haver por papa o cardeal de Pictavia ou sequer o cardeal de Biveiro, que é em França, que era da sua parte d'elles. A outra parte era dos francezes, da qual era o cardeal de Genebra e o cardeal Pero de Luna e o senhor dos Ursins e outros. E alguns italicos estavam em si mesmos, sem ter a uma parte nem á outra.

Os francezes contendiam de haver por papa o

cardeal de Santo Estacio, o qual disse uma vez ao maior senhor de Lemonicense: «Eu vos digo que declarado é d'esta vez que não haja ahi papa da vossa terra de Lemonicia, porque dizem que todo o mundo se aggrava de seu senhorio.» E d'ahi em deante foi sua discordia mais declarada, para tratar sua parte pelos italicos, e cresceram entre elles muitas palavras, por azo da qual divisão se offereceu aos italicos, dizendo que antes queriam papa italico que da nação de Lemonicia.

E, sabendo isto, os de Lemonicia logo cataram um caminho de enganar os francezes, vendo que suas vozes eram tão poucas que não podiam eleger papa francez; e concordaram entre si de eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e isto por entenderem que a outra parte seria em seu favor. E este segredo que os cardeaes entre si traziam de eleger não foi porém tanto guardado que o cardeal de Grifollio, antes por dias que entrassem ao conclave, não dissesse um dia a este D. Bartholomeu que cedo poria sobre seus hombros um mui grande cargo; e isso mesmo disseram em grão segredo os cardeaes procuradores da rainha de Apulia a D. Tomé, seu procurador, que então era em côrte, como queriam eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e elle assim o escreveu á rainha sua senhora, antes da entrada do conclave.

Sendo já andados oito dias d'abril, entraram os cardeaes pela manhã, segundo fórma de direito, no conclave, para elegerem, como é seu costume, e o cardeal de Agrifollio e o de Pictavia inquiriram depois da entrada as intenções e desejos do cardeal de S. Pedro e d'outros, e acharam que seu desejo e intenção era de eleger o arcebispo do Bairre; e

contando as vozes que eram por sua parte acharam que havia ahi que abundasse para o confirmar em papa.

N'isto, o povo romano começaram de se alvoraçar, d'elles armados e outros sem armas, como algumas vezes sóem de fazer, e foram-se ao paço onde estavam os cardeaes, bradando com grande arruido que lhes dessem papa romano ou ao menos italico.

Então o cardeal de Sabina disse aos outros cardeaes:

—«Senhores, sejamos logo, que creio, com a ajuda e graça de Deus, concordaremos cedo e elegeremos papa.»

—«Não assim, disse o cardeal de Ursins, mas espacemos esta eleição e enganemos estes romanos, que pedem papa natural de Roma, e finjamos que já elegemos um frade de S. Francisco, que vos eu nomearei, e vistamos-lhe a capa e a mitra, depois, quando quizermos, faremos a eleição.»

O cardeal de Prenestina e outros disseram que este não era bom conselho, porque por tal caminho traziam o povo christão a seguir em idolatria.

—«Mas venhamos á eleição, disse elle, emquanto nos ninguem não torva, e não curemos do clamor do povo, do qual por ora não devemos de curar.»

Passado isto, começaram de tratar da eleição, e disseram que falasse logo o cardeal de Florença, que por direito tinha a primeira voz, e sua intenção foi de guiar os cardeaes a eleger o cardeal de S. Pedro, e lhe deu então sua voz; os outros disseram que aquelle cardeal era desázado e não apto para os trabalhos do papado, por muitas razões, e não falaram mais n'elle. Isto dito, guiaram todos

os d'aquella parte suas vozes em D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e outros alguns d'Italia, e acharam que concordaram com elle mais que as duas partes das vozes.

N'isto, crescendo o arruido e volta das gentes cada vez mais, cuidando os cardeaes que vinham para os constranger que fizessem papa contra sua vontade, apartaram-se na capella do conclave, e disseram que fingissem que era eleito o cardeal de S. Pedro, e lhe fizessem reverencia e obediencia como a eleito; mas muitos d'elles não consentiram n'isto, entre os quaes foi o cardeal Pero de Luna, que disse que antes queria morrer que fazer reverencia a não verdadeiro papa, dizendo:

— «Não farei bezerro que adore o povo, nem abaixarei os joelhos ante o idolo Baal; um deve ser verdadeiro papa, e não dois.»

Pero comtudo isto disseram os cardeaes ao povo que o cardeal de S. Pedro era eleito, mas não queria consentir na eleição; então os romanos foram trigosamente a elle e tomaram-n'o, para o assentar na séda, e, pero elle dizia e bradava: «Deixae-me, que não sou papa, ca o arcebispo de Bairre haveis por papa», com aquelle alvoroço em que andavam não curaram d'isso, mas assentaram-n'o sobre a séda como papa, não lhe fazendo porém reverencia nem mais outra cousa; então se partiram d'ali aquellas gentes, e ficaram os cardeaes no conclave.

Celebrada esta eleição do arcebispo de Bairre, tiveram os cardeaes conselho se era bem de a publicarem, e concluiram que não, porquanto não cuidavam de satisfazer ao povo por tal eleição do dito arcebispo; e, não a publicando por signal nem por feito, enviaram por elle, e mandaram-lhe dizer

que viesse com outros prelados e fingisse que os mandava chamar para haver com elles conselho. Veiu elle com outros, e estando assim, era já hora de comer, e disseram os cardeaes que comessem, e comeram os cardeaes a uma parte e os prelados a outra; e depois que comeram tornaram-se outra vez, á eleição, e propozeram alguns, dizendo:

—« Senhores, bem sabeis como hoje pela manhã elegemos o arcebispo de Bairre, e porque alguns duvidavam na eleição, por razão do arruido dos romanos, agora não póde nenhum allegar clamor nem torvação, porque todas as cousas pelo presente são em paz, porém vejamos o que quereis fazer.»

Então, mais que as duas partes outra vez elegeram o dito arcebispo de Bairre, dizendo que aquelle fosse verdadeiro papa.

Depois d'aquelle fingimento e encoberta que fizeram, partiram-se quatro cardeaes da cidade, para alguns logares de que confiavam, e seis d'elles entraram no castello de Sant'Angelo, porque era forte, e outros seis ficaram em suas casas, os quaes, passada uma semana depois da eleição, chegaram ao paço onde estava o papa assim como escondido; e os officiaes da cidade informaram o povo que o cardeal de S. Pedro não era eleito, por não ser tal que supportasse os encargos do papado, mas que o era o arcebispo de Bairre, homem de boa vida, lettrado em theologia, e discreto e mui prudente nos feitos da côrte, e bem azádo para ser papa, como outro ahi não havia. E assim pacificaram o povo.

E, sabendo isto os seis cardeaes que estavam no castello de Sant'Angelo, vieram-se para o papa, e assim todos doze vieram á capella do paço e o cha-

maram papa, e assim como verdadeiramente eleito o receberam entre si e lhe mostraram a eleição, demandando-lhe que consentisse n'ella; e, elle recebendo a eleição, pozeram o dito arcebispo na cadeira, chamando-lhe Urbano Sexto, e assim o publicaram ao povo, fazendo-lhe gran solemnidade em sua coroação.

CAPITULO CVIII

Como se alguns cardeaes partiram do papa Urbano e elegeram outro, que chamaram Clemente Septimo.

Estando o papa Urbano em Roma, de socego com seus cardeaes, escreveu aos reis e principes christãos, e enviou seus embaixadores a alguns, fazendo-lhes saber como depois da morte do papa Gregorio elle fôra elegido por pastor da Egreja e que lh'o notificava, como era de razão. E mais lhes fazia saber que sua vontade era tratar, quanto podesse, para pôr paz em todos os reis christãos, ainda que por seu corpo cumprisse e fosse necessario trabalhar n'ello; e que seu desejo era mais ordenar que elle e os cardeaes seguissem boa e honesta vida, n'aquella maneira que os direitos mandam e que elles eram teudos de fazer; outrosim, que todos os reis e rainhas christãos e seus primogenitos filhos fossem cada um anno vestidos de sua libré, que era côr vermelha; e logo, por começo d'isto, enviou a alguns certas peças d'escarlata,

para cada um sua, dizendo em suas cartas que isto lhes não enviava por tal cousa ser grande dom, mas por signal de grande amor, e que seu talante era de dar as dignidades e beneficios aos naturaes de cada um reino, e não aos estrangeiros.

E pero estas cousas fossem boas e honestas que o papa Urbano ordenava, tiveram-lhe porém grão damno, porque as tão cedo começou de publicar e pôr em obra, ca elle começou de ser contra os cardeaes e aspero, reprehendendo-os algumas vezes que vivessem pobres e honestos, como teudos eram; e elles receiando, segundo affirma a commum fama, que o papa ao deante mais rijo procedesse contra elles do que então começava, passados quatro mezes e mais que com elle estavam, deixaram-n'o treze cardeaes, cujos nomes e dignidades não curamos de dizer, e foram-se para um logar que chamam Anavia, do condado de Fundis, e d'ali lhe escreveram uma carta, cuja conclusão era esta:

«Que elles em Roma, por morte do papa Gregorio, entrando no conclave para eleger, viera sobre elles o povo armado, dizendo que elegessem papa romano ou italico, senão que por suas mãos haveriam morte; e que elles, por seu afficamento e contra sua vontade, por escapar á sanha de tanta multidão, de praça o elegeram, cuidando, segundo presumiam de sua vida e consciencia, que elle não acceitaria tal honra e dignidade, posto que elegido fosse, e que, cessando o arruido, não acceitado por elle a alteza de tal estado, então elegeriam quem lhes provesse. Mas que ora em cima de seus dias, posto atraz seu desprezamento do mundo que antes mostrara, acceitara a eleição que lhe fôra feita, sendo coroado e solemnisado por papa como não de-

via, querendo seguir a vangloria do mundo, sem curar da saude de sua alma nem do povo christão; e que porém o admoestavam que deixasse a honra e dignidade que occupava como não devia, e haveriam com elle misericordia, d'outra guisa procederiam contra elle, não havendo d'elle depois piedade posto que requeresse perdão.»

O papa, quando viu sua fugida d'elles e a carta que lhe mandavam, fel-os citar por suas lettras, e nenhum não foi perante elle, pela qual razão os excommungou da maior excommunhão, e os privou dos cardealados, e fez outros cardeaes de novo, dando-os por schismaticos e membros talhados da Egreja; outhorgando a todos aquelles que lhes fizessem guerra aquelles privilegios e perdoanças que o direito outhorga a todos os que vão contra os inimigos da fé, em ajuda de tomar a Casa Santa.

Os cardeaes, outro sim, privaram elle d'algum direito, se o no papado tinha, e elegeram logo por papa D. Roberte, cardeal de Genebra, parente d'el-rei de França, e chamaram-n'o Clemente Septimo; pela qual cousa, schisma e gran divisão foi gerada na Egreja de Deus, por cujo azo muitas mortes e batalhas, guerras e grandes discordias foram depois geradas entre os christãos, de que nenhuns dos sobreditos pouco cuidado tiveram.

N'isto, os cardeaes, com aquelle papa que elegido tinham, não sendo seguros do poder dos romanos n'aquelle logar de Anania, onde eram, partiram-se para a cidade de Napoles, havendo primeiro salvo-conducto de D. Joanna, rainha então d'aquella provincia; na qual, estando por pouco tempo, Pero Bernaldez, corsario de Aragão, chegou ahi com

galés armadas, e foi-lhe dada certa quantia, que os trouxesse á cidade d'Avinhão, aonde foram trazidos, sem torva de nenhum, e estiveram depois por tempo.

CAPITULO CIX

Escusação d'estes cardeaes porque elegeram papa, e resposta a duas razões mais fortes das suas.

De tal divisão e sofisma como esta foram mui espantados quantos o ouviram, e, falando n'ello, não sem razão diziam:

«Qual é o christão que haja fé, posto que seja pequena, que se não espante de tal feito como este? Homens tão lettrados e assim discretos perverterem seu bom juizo, de guisa que levantaram tal error na Egreja de Deus, partiram-se dos outros cardeaes seus irmãos e por seu só sizo fizeram outra eleição, creando outro papa além do primeiro, mostrando-se sem culpa por duas razões de fraco fundamento: a uma, dizendo que, por escapar de morte, elegeram em papa este D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre; a outra, cuidando que elle era de tal condição e assim devoto que, mais pensando na morte que ser papa, não acceitaria tal eleição, quando lhe notificada fosse!»

Mas nenhum homem de são conselho era contento de taes escusas, dizendo que se elles, com medo e por escapar de morte, elegeram papa, como diziam, elegeram-n'o depressa e á vontade dos romanos, natural de Roma ou italico, como lhes por elles era pedido; mas elegeram por processo de grande espaço uma vez e depois outra, inquirindo da melhor pessoa e mais certa nos negocios da côrte, e acharam que este D. Bartholomeu era então conhecido por mais proveitoso para a Egreja de Deus que outro nenhum de todos elles.

De mais, que direitamente medo não é, salvo quando é feito por tal guisa que se não póde encobrir por nenhumas razões, assim como se elles foram tomados pelas capas forçosamente, e com prema e por grão medo os trouxessem a tal cuidação que, não fazendo o que lhes requeriam, não havia n'elles al senão morte; e isto foi muito pelo contrario, ca a elles nunca lhes disseram nem mandaram dizer palavra d'ameaça nem medrosa, antes, fazendo-lhes reverencia, entraram no conclave, dizendo lhes que entendiam por prol da Egreja ser por aquella vez feito papa romano ou italico, e que, porquanto lhes disseram que elles queriam fugir da cidade e ir eleger a outra parte, portanto se juntara assim aquelle povo e entraram d'aquella guisa, para lhes dizer que de todo em todo elegessem, e não partissem d'ali até que lhes dessem papa.

E, se por medo fôra elegido, quem os forçou depois a se virem n'outro dia para elle, e lhe vestirem vestiduras de papa, fazendo-lhe reverencia e mostrando-lhe obediencia qual deviam a seu prelado, e escrevendo suas cartas ao imperador e reis e prin-

cipes christãos, como este D. Bartholomeu haviam elegido e creado canonicamente em papa, por verdadeiro pastor da Egreja?

E, se o por medo elegeram e não haviam por verdadeiro papa, quem os constrangeu a ganhar d'elle graças e beneficios, para si e para seus servidores e amigos, e lhe apresentarem rotulos e supplicações, impetrando d'elle graças na forma que se costuma demandar, chamando-lhe n'ellas «santissimo e mui alto pastor da Egreja», offerecendo-lh'as com aquella ordenada reverencia que teem em costume fazer a seu senhor, ganhando d'elle que podessem eleger confessor que os cumpridamente absolvesse, havendo d'isto lettras bulla das deque uzaram em fôro de consciencia, indo ao consistorio em sua companhia e servindo-o em seus officios quando dizia missa, conversando com elle como verdadeiro papa, da guisa que sempre foi costume de se fazer em todas as cousas?

E, depois de quatro mezes que isto assim fizeram se partiram d'elle e se foram para aquelle logar que ouvistes, e elegeram outro papa á sua vontade, deixando as consciencias dos christãos em infindas duvidas e desvairadas cuidações! posto que muitos doutores grandes letrados, por certas e fortes razões provassem assás claramente, em seus tratados que sobre isto fizeram, este Urbano ser verdadeiro papa e não outro, assim como João de Liniano e Bartholomeu de Saliceto e outros, que, longamente arguindo sobre isto, determinaram a verdade, das quaes o modo de historiar não consente nenhuma d'ellas ser aqui posta.

CAPITULO CX

Da guerra que se começou entre Castella e Navarra e da morte d'el-rei D. Henrique.

DEIXANDO mais falar de taes feitos, cujo processo seria mui longo, ao feito dos reis que deixámos, tornemos nosso arrazoado, e, posto que entre el-rei de Castella e el-rei de Portugal nenhuma cousa mais aviesse do que antes tendes ouvido, da morte d'el-rei D. Henrique queremos dizer, por saberdes de que guisa foi.

Onde aveiu que el-rei de Navarra quizera tratar com os inglezes de ser em sua ajuda contra el-rei de França, não embargando o divido que com elle havia, ca estava el-rei de Navarra casado com sua irmã; e soube-o el-rei de França e percebeu-se d'ello, e enviou rogar a el-rei D. Henrique, que n'esta sazão estava em Sevilha, que tivesse d'isto sentido, pela amizade que ambos haviam; e el-rei D. Henrique houve queixume d'el-rei de Navarra e propoz logo de lhe fazer guerra.

Ora foi assim que, antes d'isto, el-rei de Navarra commettia Pero Manrique, adeantado-mór de Castella, que lhe désse a villa de Logroño, de que era alcaide, e que lhe daria vinte mil dobras; e el-rei D. Henrique sabia d'isto parte, e quando viu aquelle recado de França mandou dizer a Pero Manrique que dissesse a el-rei de Navarra que lhe queria dar a villa, e que houvesse as dobras d'elle, e que fizesse muito por o tomar dentro. Pero Manrique fez saber a el-rei de Navarra que havia cuidado no que lhe commetter mandara, e que lhe prazia de lhe entregar a villa, dando-lhe algumas dobras das que lhe mandara prometter.

A el-rei prouve muito, e juntou quatrocentas lanças e chegou com ellas cêrca de Logroño e mandou-lhe por um seu parte das dobras que lhe promettidas havia. Pero Manrique tinha assás de gentes no logar, e mais seiscentas lanças que estavam em Navarrete, duas leguas d'ahi, de que era capitão Pero Gonçalves de Mendonça, fazendo mostrança que estavam contra Pero Manrique. El-rei de Navarra, pero tinha gran cubiça de cobrar o logar, duvidava se lhe faziam isto por arte, e chegou até a ponte de Logroño e fez entrar suas gentes dentro, e Pero Manrique os acolheu mui bem e lhes fez dar pousadas, e sahiu fóra a el-rei, pedindo por mercê que entrasse. El-rei de Navarra, não se fiando d'esta cavalgada, pensou que, pois os seus já eram dentro, logo pareceria se n'este feito havia alguma burla, e não quiz então entrar, antes se arredou da ponte, dizendo que n'outro dia viriam para entrar dentro. Pero Manrique, quando viu que el-rei duvidava de entrar, tornou-se depressa para a villa,

e como entrou fez prender e roubar todas as gentes d'el-rei de Navarra, e foi a guerra por aqui descoberta.

El-rei D. Henrique mandou logo o infante D. João, seu filho, com muitas gentes, que entrassem por Navarra, e levava quatro mil lanças e muita gente de pé e bésteiros; e houve el-rei de Navarra seiscentas lanças d'inglezes a soldo, que entravam por Castella com os navarrezes. E o infante D. João, depois que tomou alguns logares em Navarra, tornou-se, por razão do inverno, que era grande, ca era isto no mez de dezembro, e chegou a Toledo, onde el-rei D. Henrique estava; e d'ali partiu el-rei e foi-se para Burgos, e ali fez outra vegada juntar suas gentes, para o infante entrar por Navarra. E el-rei soube d'isto parte e enviou dizer a el-rei D. Henrique que queria com elle haver paz; e vieram por embaixadores D. Ramiro Sanchez d'Arellano e um prior de Roncesvalles.

A el-rei D. Henrique prouve com elles e trataram suas amisades, a saber: que el-rei de Navarra enviasse os capitães inglezes fóra da sua terra, e que el-rei D. Henrique lhe emprestasse vinte mil dobras para pagar do soldo que lhes devia; e assim outras condições que não curamos dizer. D'ali se partiu el-rei D. Henrique para uma sua cidade, que chamam San Domingos de la Calzada, e ali veiu el-rei de Navarra, que foi d'elle bem recebido, e ratificaram seus tratos e amizades; e esteve ahi seis dias e tornou-se para seu reino.

E el-rei, depois de sua partida; começou de se sentir mal, e afficou-o a dôr de tal guisa que uma segunda feira, aos vinte e nove dias de maio, requereu o sacramento e a uncção, e depois assentou-

se na cama, acostado, vestido em pannos d'ouro, e disse presente os que ahi estavam:

— «Dizei a meu filho o infante D. João que, em razão do schisma da Egreja, haja bom conselho como deve fazer, porquanto é caso mui perigoso. Outrosim, que lhe rogo que sempre seja amigo da casa de França, de que eu recebi muita ajuda, e que lhe mando que todos os prisioneiros inglezes e portuguezes e d'outra qualquer nação sejam soltos.»

N'isto, afficando-se a alma para partir do corpo, vestiram-lhe um habito da ordem de S. Domingos, e sendo já duas horas andadas do dia acabou sua vida e deu o espirito, havendo quarenta e seis annos e cinco mezes de sua edade, e treze annos e dois mezes que fôra alçado por rei em Calahorra; e morreu na era de mil e quatrocentos e dezeseis annos.

E porquanto n'este mez que elle morreu, treze dias antes que finasse, aos dezeseis do dito mez, foi um grande eclipse depois do meio dia, que parecia a todos que era noite, de guisa que fugiam as gentes fóra dos muros dos logares onde viviam, disseram muitos que se fizera por sua morte; mas os entendidos mostravam que os eclipses se fazem por obra de natureza em certos tempos, e que aquelle eclipse não fôra feito por azo de sua morte, mas que elle acertara de se finar n'aquelle tempo que o eclipse havia de ser.

CAPITULO CXI

Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique.

Finado el-rei D. Henrique, foi alçado por rei, na cidade de S. Domingos da Calçada, o infante D. João, seu primogenito filho, n'aquella segunda feira que seu pae morreu; e foi este rei D. João o primeiro que houve assim nome, dos reis que reinaram em Castella. E começou de reinar em edade de vinte e sete annos e dois mezes e meio, e no mez de julho seguinte, em dia de S. Thiago, se coroou, cerca de Burgos, em um mosteiro de donas que chamam as Olgas, e fez n'esse dia coroar a rainha D. Leonor, sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro d'Aragão; e armou cem cavallleiros, filhos de ricos-homens e fidalgos de seu reino, e foram esse dia feitas grandes festas dentro na cidade de Burgos.

Ora sabei que, n'esta sazão que el-rei D. Henrique seu pae, morreu, tinha armadas oito galés e cinco que lhe el-rei D. Fernando de Portugal dava

em ajuda, e estavam todas treze em Santander, para irem em ajuda d'el-rei Carlos de França, que havia então desvairo com el-rei d'Inglaterra, sobre cousas que dizer não curamos. E, quando as galés de Portugal souberam como el-rei D. Henrique era morto, partiram-se da companhia das outras e vieram-se para Lisboa.

O capitão das galés de Castella, quando isto viu, enviou dizer a el-rei seu senhor como as galés de Portugal eram tornadas, e como era sua mercê de fazer; e elle lhe mandou que com as suas oito fosse em ajuda d'el-rei de França. E foram lá e tomaram quatro barchas d'inglezes, que andavam d'armada, e fizeram alguns outros nojos; e agradeceu-lhe muito el-rei de França esta ajuda, e firmaram seus preitos e avenças, ficando muito amigos e alliados n'um.

E nasceu n'este anno, a el-rei D. João, de sua mulher, um filho que houve nome D. Henrique, o qual natureza apresentou a este mundo na cidade de Burgos, quatro dias do mez de outubro, e foi depois rei de Castella, como adeante ouvireis.

CAPITULO CXII

Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el-rei de Castella.

No anno seguinte de quatro centos e dezoito, estando el-rei de Castella em Sevilha, depois que houve armadas vinte galés para mandar em ajuda d'el-rei de França, e com ellas por capitão Fernão Sanchez de Thoar, das quaes armava el-rei de França dez á sua custa, segundo os tratos que havia entre elles, partiu el-rei d'aquella cidade no mez de maio; e andando por seu reino chegaram á villa de Caceres, do bispado de Coyra, onde elle por então estava, D. João Affonso Tello, conde d'Ourem, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, senhor de Lourinhã, embaixadores d'el-rei de Portugal, para tratarem casamento entre a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, e o infante D. Henrique, seu primogenito filho, dizendo que, por serviço de Deus e bem de paz e de concordia, se desfizessem os esposorios da dita in-

fante com D. Fradarique, duque de Benavente, seu irmão, com quem estava esposada, segundo antes tendes ouvido, e que casasse com este seu filho, pois que a infante ainda era menor de edade e o podia bem fazer.

A el-rei de Castella prouve d'ello e trataram suas avenças em razão d'estes esposorios, e outras cousas, sobre as quaes esse rei de Castella enviou logo seus embaixadores a el-rei de Portugal, a saber D. João Garcia Manrique, bispo de Siguenza, chanceller-mór d'el-rei, e Pero Gonçalves de Mendonça, seu camareiro-mór, e Inhego Ortiz d'Estunheda, sua maior guarda. E chegaram á villa de Portalegre, onde el-rei Fernando era então, e trataram e firmaram com elle:

Que, quando o infante D. Henrique chegasse a edade de sete annos, el-rei seu pae fizesse de guisa que esposasse com a infante sua filha por palavras de presente, e quando viesse a edade de quatorze fizesse suas bodas com ella de praça; e que el-rei de Castella, no mez de setembro, ordenasse côrtes em seu reino, nas quaes fizesse receber por rei e por rainha, depois de sua morte, o dito seu filho e a dita infante; e que houvesse dispensação do papa para poderem casar; e que daria logo ao infante seu filho Lara e Biscaya, com seus condados; e a a infante, vindo a ser rainha, havia de haver todas as villas e cidades que as rainhas de Castella costumavam de haver; e acontecendo morrer o dito infante, tendo já havido com ella ajuntamento, que ella houvesse por honra de seu corpo Medina del Campo e Calhar e Madrigal e Olmedo e Arevollo; e morrendo o dito infante sem haver d'ella filho, ou não se fazendo o casamento, sem azo e culpa

d'ella, e morrendo el-rei D. Fernando e não deixando filho herdeiro, que el-rei de Castella ajudasse a cobrar o reino á dita infante e manter em sua honra.

E porquanto el-rei de Castella e el-rei de Portugal eram primos, filhos de irmãos, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro de Portugal, e el rei D. João filho da rainha D. Joanna, mulher que fôra d'el-rei D. Henrique seu pae, as quaes foram ambas irmãs, filhas de D. João Manuel, por isso ordenaram os reis entre si, pois um do outro era mais chegado parente que cada um havia, sendo de parte dos paes no terceiro grau e da parte das mães primas co-irmãs, que, avindo caso que de nenhum d'elles fosse achado por linha direita descendente varão ou femea lidimamente nado, então el-rei de Castella podesse herdar os reinos de Portugal, ou el-rei de Portugal os reinos de Castella.

E por estas e outras cousas, que entre os reis foram divisadas, serem mais firmes, posto que bastantes escripturas sobre tudo fossem feitas, ordenaram que antes do mez de maio seguinte se vissem ambos pessoalmente, para falar e approvar mais firmemente todas as cousas que por seus procuradores eram feitas e determinadas, pondo el-rei de Portugal em refens, por segurança d'estas vistas, o castello de Portalegre e d'Olivença, os quaes tivesse o dito conde e Gonçalo Vasques, e el-rei de Castella Albuquerque e Valencia d'Alcantara, que tivesse Pero Gonçalves de Mendoça e Inhego Ortiz d'Estunheda.

Depois d'isto, no mez seguinte d'agosto, chegaram á cidade de Soria D. Affonso, bispo da Guar-

da, e Henrique Manuel de Vilhena, senhor de Cascaes, e o doutor Gil Dossem, e Ruy Lourenço, deão de Coimbra; e disseram a el-rei de Castella que, segundo os tratos que entre elle e el-rei D. Fernando seu senhor havia, elle devia de fazer côrtes até primeiro dia de setembro, nas quaes todos os senhores e fidalgos e cidades e villas de seu reino haviam de fazer menagem para guardarem aquelles tratos na maneira que foram devisados, e que prouvesse á sua real alteza de o mandar assim fazer. El-rei disse logo que lhe prazia e que, sendo já d'isto avisado, o notificára por todo seu reino e dera por procuradores ao infante D. Henrique, seu filho, para em seu nome receberem taes menagens, Pero Gonçalves de Mendoça e Pero Lopez d'Ayalla, seu alferes-mór.

Então foram ali feitas côrtes, presente todos os prelados e senhores e fidalgos, por si e por seus procuradores, e isso mesmo das villas e cidades de todo o reino; e todos fizeram preito e menagem de guardarem cumpridamente todas as cousas n'aquelle trato conteudas. E, feitas d'isto e d'outras cousas publicas e bastantes escripturas, ordenou el-rei de mandar a Portugal, para receberem outras taes menagens em similhantes côrtes, D. Gonçalo Inhego Ortiz d'Arelano e Fernando Affonso, doutor em degredos.

E nasceu a el-rei D. João de Castella outro filho n'este anno, que chamaram o infante D. Fernando, que foi senhor de Lara e duque de Penafiel.

CAPITULO CXIII

Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente, e lhe deram a obediencia.

A ordenança de bem historiar nos requer tornamos dar fim ao feito do schisma, que começado temos, posto que brevemente seja contado, pelo muito que temos de dizer das seguintes historias.

Onde sabei que, feitos no mundo aquelles dois papas, a saber Urbano e Clemente, que ouvistes, foram os reis em suas provincias mui contorvados de tal feito, duvidando muito qual a parte teriam, entre os quaes foi um el-rei D. João de Castella e el-rei D. Fernando de Portugal. E, posto que cada uns em suas terras e senhorios se trabalhassem, com maduro conselho, saber qual d'aquelles era seu certo pastor, allianças e affeições, que lev amo direito a qual das partes querem, fizeram divisão na Egreja de Deus, ca el-rei de França, que havia gran liga com el-rei de Castella, enviou a elle seus

embaixadores, dizendo que o eleito chamado Clemente era verdadeiro papa, o qual alguns diziam que era seu parente; e que por esta guisa diziam que el-rei D. João mandára rogar a el-rei D. Fernando que declarasse por aquelle papa Clemente.

E el-rei de Portugal, posto que primeiro houvesse accordo com os lettrados de seu reino, contra vontade do mais conselho e contra desejo de povo, seguindo mais a affeição da carne que o juizo da razão, declarou na cidade d'Evora, onde então estava, o dito Clemente ser verdadeiro papa, e não Urbano Sexto, em cima nomeado, a qual declaração, como dizemos, entenderam a mór parte dos de seu conselho que fôra por rogo do dito rei de Castella e por conselho de D. Martinho Castelhano, bispo então de Silves, que era muito seu privado.

Depois d'isto, el-rei de Castella, na cidade de Salamanca, similhavelmente declarou ter a parte d'aquelle Clemente, que se chamava papa septimo, escrevendo uma mui grande carta, por todos seus reinos e a outras partes, por quaes razões se movera a tal declaração, como quer que a fama commum era que el-rei de Castella não fizera isto, salvo por conselho e amor d'el-rei de França, pela amizade que ambos haviam contra a casa d'Inglaterra, que tinha com Urbano Sexto.

E posto que estes reis ambos de Portugal e Castella fizessem taes declarações, mostrando ao povo sua intenção, muitos houve ahi que lhes prouvera, o dia que assim declaravam, que disseram umas razões de protestação que el-rei de França disse quando declarou pelo papa Clemente, dizendo n'esta guisa:

« Nós, Carlos Quinto, rei de França, protestamos e somos sempre prestes d'estar obediente á declaração do conselho geral, e de nos não partir por nenhum modo da unidade da Santa e Apostolica Egreja; em pero parando mentes ás relações que nos trouxeram alguns nossos mensageiros, que enviamos em Italia e em outras alongadas partes, e o juramento, feito sobre este caso, de tres cardeaes que a nós vieram; e vista sobre o dito juramento sua informação das palavras que nos disseram pela parte de cada um dos ditos eleitos, salva sempre nossa consciencia, quanto é de presente, não nos ousamos partir da obediencia de nosso senhor o papa Clemente, o qual temos por verdadeiro até aqui, antes lhe obedeceremos como verdadeiro pastor, vigario de Jesus Christo, salvo se formos em outra devida maneira informado.»

E diziam alguns, que estas palavras viram, que el-rei de França, se sua mercê fôra, devera de dizer fazendo protestação especial, ca assim o disseram outros reis e principes que tiveram com qualquer d'estas partes; outros afirmavam que fôra muito melhor nenhum rei nem principe não declarar por algum d'elles, ca, se os senhores todos se tiveram sem fazer nenhuma declaração, não durara tanto o schisma na Egreja, como ouvireis que durou. Mas cada uns andando a escolher, tiveram com Urbano o imperador e os seus isso mesmo e el-rei d'Inglaterra e outros reis e senhores, e com Clemente el-rei de França e el-rei de Castella e el-rei de Portugal e el-rei d'Aragão; e d'esta guisa, por nossos pecados, foi então o corpo mystico da Egreja feito com duas cabeças, assim como o corpo monstro, que era feia cousa de vêr.

CAPITULO CXIV

Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus privados de que guisa poderia fazer guerra e el-rei de Castella, e da resposta que sobre ello deram.

Ainda que o trabalho e usança das armas crie os fidalgos corações e lhes dê gran melhoria para supportar os affans e asperezas que lhes avir podem, não foi a intenção d'el-rei na seguinte guerra, que se por isto demovesse a ella, mas por se vingar das injurias e grandes vantagens que el-rei D. Henrique contra elle mostrara, assim em lhe queimar Lisboa como em outras cousas, de que mais tocado não cumpre aqui ser, pois já compridamente são escriptas cada uma em seu logar; e, porém, sempre trazia sua fala com os inglezes, o mais encobertamente que podia, entendendo que em algum tempo lhe cumpria sua ajuda.

E tendo elle sentido que, mais por fortuna e constellação que por sua ardideza e esforço, el-rei D. Henrique acabava taes feitos, posto que assás de bom e ardido cavalleiro fosse, determinou, não embargando as avenças que com elle, em sua vida, e

depois com el-rei D. João, seu filho, fizera de commetter guerra contra elle, crendo que porventura lhe seria fortuna esquerda, e não em sua ajuda, como fôra a el-rei seu pae; e fez chamar os de seu conselho, para falar com elles esta cousa, e todos juntos na villa de Santarem, onde el-rei D. Fernando então estava, propoz el-rei, um dia perante todos, dizendo n'esta guisa:

— «Eu vos fiz aqui vir para falar comvosco cousas que em vontade tenho de fazer; por me aconselhardes que vos sobre isto parece bem. Vós sabeis os nojos e damnos que de el-rei D. Henrique hei recebidos, os quaes me nunca fugiram da vontade, tendo sempre desejo de os vingar, vindo-me tempo á mão de o bem poder fazer; e, posto que com elle paz e avenças fizesse, mais foi por força de desventura que por talante de as eu fazer, porque me parecia que este homem, mais por constellação e fortuna que por vantagens de cavallaria, nascera em planeta de se honrar de todos seus visinhos. E porque sempre tive coração de haver d'isto vingança, como visse tempo azado agora, que me parece que o melhor posso fazer que em outra sazão, pois que elle é morto, tenho vontade de o pôr por obra; ca, posto que seu filho herde o reino por sua morte, não herdará a ventura dos bons aquecimentos que seu pae havia, ca muitas vezes de bemaventurado pae acontece de sahir mui desaventurado filho, e eu haver-me-hia por mui contente se podesse vingar no filho os nojos e damnos que me o pae fez. Porém, lançando de mim todo o empacho das cousas passadas, quero logo haver com elle guerra, e rogo-vos que me deis conselho de que guisa vos parece que se isto melhor pode fazer.»

Os que eram presentes, quando isto ouviram, foram mui espantados de el-rei querer commetter tal cousa, e isto pelas grandes juras e promettimentos que nos tratos entre elle e el-rei D. Henrique feitos foram firmados, segundo ouvistes; dês-ahi, porque não viam geito como el-rei, com sua honra, tal cousa podesse commetter. E disseram:

— «Senhor, isto que vós dizeis é mui grande cousa, e tange a vossa honra e estado de todo o reino, e, assim como perda commum e dôr em todo o corpo, se deve n'ello haver conselho, e porém seja vossa mercê que nos deis espaço para cuidar n'ello e vos darmos respostas segundo nos parecer.»

El-rei respondeu que lhe prazia, dizendo que tomassem d'espaço tres dias; e elles se juntaram todos no mosteiro de S. Domingos, e, havido seu conselho, deram logar ao conde velho que dissesse a el-rei tudo o que accordaram. E sua resposta foi d'esta maneira:

— «Senhor, vós sabeis bem como já por vezes houvestes guerra com Castella, e, vistos os males e perdas que se de taes guerras seguiram a vós e a vosso reino, porque ella é mui grande e abundada de muitas gentes e armas e do al tudo que lhe faz mister, e o vosso reino é pelo contrario; e ora pois a Deus prouve de vos pôr com el-rei D. Henrique em paz, e elle é já morto e vossa terra está de socego, parece-nos que não é razão nem direito que vos demovaes a fazer tal guerra, mórmente com taes juramentos e promessas quaes vós e nós todos sobre ello temos feitas. Quanto é aos nojos e deshonras que seu pae dizeis que vos fez, já outros senhores mais poderosos que vós as receberam móres d'alguns reis seus visinhos, e fizeram paz com elles

muito em peior maneira da que vós fizestes; e, porém, nos parece que deveis cessar de tal cousa, pois nenhum arrazoado fundamento tem para o haverdes de começar.»

El-rei, ouvindo isto, filhou-se de sorrir, e disse contra o conde:

— «Parece-me, conde, que vós outros não aprendestes bem a maneira como vos eu isto disse, ca eu não vos pedia conselho se era bem de haver guerra ou não, ca eu quero-a haver em toda guisa, não embargando todas vossas razões e outras mais que possaes dizer, mas demandava-vos conselho de que geito a poderia melhor fazer e mais a meu salvo; mas pois que o vós assim dizeis eu haverei a guerra todavia, e Deus me dará conselho e maneira como a possa fazer e acabar com minha honra.»

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDEX

Pag.

Capitulo LXI. — Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusadamente da cidade 5

Capitulo LXII. — Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor, por mulher, e foi chamada rainha de Portugal 8

Capitulo LXIII. — Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando 11

Capitulo LXIV. — Das razões que el-rei houve com um do seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor 14

Capitulo LXV. — Como a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos do reino, e do accrescentamento que fez em outros de seu linhagem 17

Capitulo LXVI. — Como el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco 21

Capitulo LXVII. — Como el-rei D. Fernando e o Duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão 24

Capitulo LXVIII. — Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse 27

Capitulo LXIX. — Da resposta que el-rei D Fernando deu ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi 30

Capitulo LXX. — Como o bispo chegou a Castella, e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal 33

Capitulo LXXI. — Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal, e do recado que houve do cardeal delegado do papa 36

Pag.

Capitulo LXXII. — Como el-rei D. Fernando começou de se aperceber de guerra, e el-rei D. Henrique entrou pelo reino, e do que sobre ello aveio..... 38
Capitulo LXXIII. — Como el-rei D. Henrique chegou sobre Lisboa, e da maneira que os da cidade tiveram em se recolher..... 44
Capitulo LXXIV. — Como o almirante não quiz que as galés de Portugal pelejassem com as de Castella, e como por seu azo foram tomadas algumas naus de Portugal..... 48
Capitulo LXXV. — Como os da cidade pozeram suspeita em algumas pessoas moradores d'ella, e foram presos alguns e mortos dois homens..... 51
Capitulo LXXVI. — Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasques, seu filho, foram presos em uma escaramuça..... 54
Capitulo LXXVII. — Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça..... 56
Capitulo LXXVIII. — Como Henrique Manuel pelejou com Pedro Sarmento e foram vencidos os Portuguezes..... 59
Capitulo LXXIX. — Como Nuno Gonçalves de Faria foi morto, porque não quiz dar o castello a Pero Rodriguez Sarmento..... 61
Capitulo LXXX. — Das razões que el-rei D. Henrique houve com Diogo Lopes Pacheco sobre o cerco de Lisboa..... 64
Capitulo LXXXI. — Que homem era Diogo Lopes Pacheco, e por que azo se foi para Castella..... 67
Capitulo LXXXII. — Como foram feitas pazes entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que condições..... 72
Capitulo LXXXIII. — Como os reis falaram ambos no rio do Tejo e firmaram outra vez suas avenças..... 78
Capitulo LXXXIV. — Como casou o conde D. Sancho com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu para seu reino..... 81
Capitulo LXXXV. — Como el-rei de Navarra falou com el-rei D. Henrique algumas cousas em que se accordar não poderam..... 85

PAG.

CAPITULO LXXXVI. — Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fóra do seu reino, e como se partiram de Portugal 87
CAPITULO LXXXVII. — Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bem de seu reino, e que armas mandou tivessem então 90
CAPITULO LXXXVIII. — Como el-rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa 94
CAPITULO LXXXIX. — Como el-rei D. Fernando ordenou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas 98
CAPITULO XC. — Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naus 104
CAPITULO XCI. — Como el-rei D. Fernando ordenou companhia das naus e da maneira que mandou que se n'ello tivesse 106
CAPITULO XCII. — Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições 112
CAPITULO XCIII. — Do recado que el-rei D. Henrique enviou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometteu ajuda de cinco galés 116
CAPITULO XCIV. — Como el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho 119
CAPITULO XCV. — Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha de el-rei D. Fernando 122
CAPITULO XCVI. — Como a infante D. Beatriz de Portugal esposou com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella, e com que condições 126
CAPITULO XCVII. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão 129
CAPITULO XCVIII. — Das manhas e condições do infante D. João de Portugal 132
CAPITULO XCIX. — Do que aveio ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte 135
CAPITULO C. — Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente 139

Pag.

Capitulo CI. — Como a rainha falon com o conde D. João Affonso sua fazenda, e das razões que disse ao infante D. João 145
Capitulo CII. — Como o infante chegou a Alcanhões, onde el-rei estava, e do racado que D. Maria houve de sua ida d'elle..... 149
Capitulo CIII. — Como o infante chegou a Coimbra, por matar D. Maria, e das razões que houve com ella antes que a matasse 152
Capitulo CIV. — Como o infante D. João foi perdoado, e como veiu vêr el-rei e a rainha 157
Capitulo CV. — Como se o infante partiu nojoso da côrte, e se foi para Entre Douro e Minho..... 160
Capitulo CVI. — Como se o infante partiu com temor para Castella, e do que se seguiu em sua ida..... 163
Capitulo CVII. — Como morreu o papa Gregorio, e foi eleito em seu logo D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto 165
Capitulo CVIII. — Como se alguns cardeaes partiram do papa Urbano, e elegeram outro, que chamaram Clemente Septimo..... 172
Capitulo CIX. — Escusação d'estes cardeaes porque elegeram papa, e resposta a duas razões mais fortes das suas..... 176
Capitulo CX. — Da guerra que se começou entre Castella e Navarra, e da morte d'el-rei D. Henrique.... 179
Capitulo CXI. — Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique 183
Capitulo CXII. — Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el rei de Castella..... 185
Capitulo CXIII — Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente e lhe deram a obediencia..... 189
Capitulo CXIV. — Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus privados de que guisa poderia fazer guerra a el-rei de Castella, e da resposta que lhe sobre ello deram 192

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume 400

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. I e II) 800

EM PUBLICAÇÃO

VII — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. III).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1896

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1896

CAPITULO CXV

Como João Fernandes Andeiro veiu falar a el-rei sobre a vinda dos inglezes, e da maneira que el-rei com elle teve.

QUANDO el-rei firmou em sua vontade de mover guerra contra el-rei de Castella, antes por tempo que demandasse este fingido conselho que tendes ouvido, logo concebeu em seu entendimento que a maneira como se isto melhor podia fazer, e com mais sua honra e vantagem, assim era haver gentes d'inglezes em sua ajuda.

Ora assim aveiu que nos tratos das pazes que el-rei D. Henrique fez, sendo vivo, com el-rei D. Fernando, quando veiu cercar Lisboa, foi posto um capitulo, que el-rei de Portugal lançasse fóra de seu reino, dos senhores fidalgos que se para elle vieram depois da morte d'el-rei D. Pedro, vinte e oito pessoas, quaes elle quiz nomear, como largamente já temos contado; e d'estes nomeados que el-rei lançou fóra foi um d'elles João Fernandes d'Andeiro,

natural da Coruña, que se viera para elle quando el-rei D. Fernando fôra á Galliza. E indo-se assim do reino foi pela Coruña e roubou-a, e metteu-se em naves e foi-se para Inglaterra; e andando lá soube el-rei como elle era mui entrado em casa d'el-rei e de seus filhos, o duque de Lencastre e o conde de Cambridge, e bemquisto d'elles todos, e então lhe escreveu suas cartas secretamente que tratasse com o duque as avenças que já tendes ouvidas, como quer que não achamos nenhuma cousa que d'ellas viesse a peito; e quando entendeu outra vez de mover esta guerra lhe escreveu que falasse com o duque e com seu irmão, em tal guisa que, se lhe cumprisse sua ajuda, havendo guerra com Castella, o viesse ajudar por seu corpo e gentes, com certas condições entre elles devisadas.

João Fernandes foi mui ledo de lhe ser requerido por el-rei que tomasse tal encargo, assim da primeira vez como d'esta, e falou com o duque e conde o melhor que sobre isto poude, de guisa que acertou taes avenças de que el-rei e o conde foram contentes; e, ordenada a maneira como havia de vir e com quaes gentes, partiu-se João Fernandes, d'Inglaterra, e chegou ao Porto e desembarcou o mais encobertamente que poude, por não ser visto e descoberto, e serem por tal azo quebrados os tratos que entre Portugal e Castella havia; e d'ali se foi a Extremoz, onde el-rei D. Fernando estava, e chegou por tal guisa e assim caladamente que nenhum por então soube parte de sua vinda. E el-rei foi mui ledo com elle, e muito mais das novas que lhe trazia.

E, por razão dos tratos que com Castella tinha firmados, não ousava el-rei que sua vinda fosse des-

coberta, nem que João Fernandes fosse visto, e teve-o escondido em uma camara d'uma grande torre que ha no castello d'aquelle logar, onde el-rei costumava deter com a rainha a sesta, para quando lá fosse de dia poder com elle mais encobertamente falar tudo o que lhe prouvesse; e depois que se todos iam vinha João Fernandes d'outra casa que ha na torre, e falava com elle, presente a rainha, quaesquer cousas que lhes cumpriam; e algumas vezes se sahia depois que dormia, e ficava a rainha só, e vinha-se João Fernandes para ella depois que se el-rei partia, e falavam no que lhes mais era prazivel, sabendo-o porém el-rei e não havendo nenhuma suspeita, como homem de são coração. E, por taes falas e estadas a miude, houve João Fernandes com ella tal affeição que alguns que d'ello parte sabiam cuidavam d'elles não boa suspeita, e cada um se calava do que presumia, vendo que de taes pessoas e em tal cousa não cumpria a nenhum de falar. E foi esta affeição d'ambos tão grande que tudo o que se depois seguiu, que adeante ouvireis, d'aqui houve seu primeiro começo.

Depois que el-rei teve falado com João Fernandes tudo o que lhe cumpria, porque se temeu de lhe ser sabido que viera a seu reino d'esta guisa que dissemos, fel-o tornar encobertamente; assim como viera, até cerca de Leiria; e falou com elle que ali se descobrisse e se mostrasse como que vinha de caminho, e que elle, como lhe taes novas dissessem sanhudamente o mandaria prender, por tudo mais encobertamente ser feito; e elle fel-o assim. E, como el rei fez que o novamente sabia, mandou logo a gran pressa Gonçalo Vasques d'Azevedo, grande seu privado, que o fosse prender, falando com elle a

maneira que tivesse; e elle chegou a Leiria a horas que o achou na cama, e tomou-o preso e levou-o ao castello d'esse logar, e ali o deixou e tornou-se; e quando se d'elle houve de partir deu-lhe João Fernandes um gomil de crystal, obrado d'ouro, que désse á rainha sua senhora, e que o encommendasse muito em sua mercê. A poucos dias fingiu el-rei que o mandava soltar, e que logo se fosse fóra de seu reino, sob pena de morrer porém; e elle partiu-se e foi-se á pressa, mostrando que se tornava por aquella razão.

E porquanto el-rei D. Fernando tinha já acertado de aquelle conde de Cambridge, com certos fidalgos e gentes d'inglezes, vir em sua ajuda, para a guerra que contra el-rei D. João queria commetter, portanto falou assim affoito contra os do seu conselho, não recebendo nenhumas razões boas que lhe por elles sobre isto fossem dadas; ca elle não lhes propoz o que fazer queria para haver por elles conselho, mas por lhe não dizerem depois que commettera tal guerra sem lh'o fazer saber primeiro.

CAPITULO CXVI

Como el-rei de Castella soube que el-rei D. Fernando queria fazer guerra, e da maneira que n'ello teve.

Acabando aquelle conselho que antes d'este capitulo haveis ouvido, começou soar fama pelo reino que el-rei D. Fernando queria commetter guerra contra os castelhanos, e falava-se isto por muitas pessoas não o affirmando porém certamente.

E el-rei D. João estava então em Medina del Campo, quando se isto começou de dizer; e elle chegou-se mais para Portugal e veiu se a Salamanca, e ali finou a rainha D. Joanna, sua mãe, havendo de sua edade quarenta e dois annos. E logo a pouco tempo lhe chegou recado como o conde *mosse* Aymon se fazia prestes para passar a Portugal, em ajuda d'el-rei D. Fernando contra elle, com mil homens d'armas e mil frecheiros, e que trazia voz e demanda do duque de Lencastre, seu irmão, dizendo que havia direito no reino de Castella, por

parte de D. Constança, sua mulher, filha que fôra d'el-rei D. Pedro de Castella. E, falando-se isto em sua côrte, sobrevieram-lhe mais por certas novas que el-rei D. Fernando em toda guisa se percebia de lhe fazer guerra, fazendo-se prestes d'armar galés e pagar soldo e perceber suas gentes e pôr fronteiros pelas comarcas.

E era assim, de feito, que el-rei D. Fernando se percebia d'armar muitas galés e tinha já postos fronteiros entre Tejo e Guadiana, a saber: seu irmão, o mestre d'Aviz, em Olivença, e Aronches e Campo Maior; e em Elvas o conde D. Alvaro Peres de Castro; e em Portalegre o prior do Crato, D. Pedro Alvares; e em Beja o mestre de S. Thiago, D. Estevão Gonçalves; e em Villa Viçosa o conde de Vianna e Fernão Gonçalves de Sousa; e assim nos outros logares d'aquella comarca, segundo cumpria por guarda da terra.

E el-rei de Castella, como d'isto foi certo, mandou áquella parte, á cidade de Badajoz, o mestre de S. Thiago, D. Fernand'Osorez, com muitas companhas comsigo, e isso mesmo mandou logo a Sevilha armar as mais galés que podessem; e partiu-se logo de Salamanca e foi-se a Paredes de Nayva, que era do conde D. Affonso, seu irmão, por quanto lhe disseram que estava ali e tratava suas preitesias com el-rei D. Fernando. E o conde foi percebido primeiro, e quando el-rei chegou não foi achado no logar, ca se partira para as Asturias, e d'ali tratou suas avenças com el-rei e veiu-se para sua mercê; e el-rei foi-se para Samora, sendo já a guerra publicada a todos e apregoada, por mandado dos reis, no mez de maio d'este presente anno.

CAPITULO CXVII

Como o mestre de S. Thiago de Castella entrou por Portugal, e levou grão roubo e se tornou em salvo.

Como a guerra foi apregoada, e as gentes certas que não haviam paz, trabalharam-se todos, nas villas e logares dos extremos, de guardarem todas suas cousas e colherem os mantimentos para as cêrcas, por não serem achados de seus inimigos e com elles se supportarem em longo cerco sobre elles; e tiravam as portas ás casas e lançavam os vinhos a longe, que de nenhuma cousa se podessem prestar.

E, vindo el-rei D. Fernando a Evora, Vasco Rodrigues Façanha e Lopo Rodrigues, seu irmão, disseram a el-rei que lhes parecia bem de mandar derribar a cêrca velha, mostrando que todos os que n'ella moravam tinham da parte do infante D. João, que andava em Castella, e que vindo os inimigos sobre a cidade, a cerca velha se poderia defender, e a nova não; e este conselho lhe davam elles por-

que moravam fóra da cerca velha. E el-rei, crendo-os, mandou-a derribar, e durou o derribar d'ella bem tres annos; e todos os do reino lh'o tiveram a mal, por derribar tal cêrca, e assim afortalezada de muros e de torres, como outra tal em sua terra não havia.

N'isto, o mestre de S. Thiago de Castella, que estava por fronteiro em Badajoz, como dissemos, e D. Mem Soares, mestre d'Alcantara, com elle, e muitas gentes em sua companha, entraram por Portugal, e eram por todos muita gente de pé e de cavallo. E chegaram a Elvas uma quinta feira e pozeram suas tendas nos olivaes, e d'ali partiram em outro dia e foram-se a Veiros, e combateram a dita villa de guisa que pozeram fogo ás portas da barbacan; e dormiram ahi essa noite, da parte além da ribeira, e partiram ao sabbado pela manhã e foram-se por Souzel e pelo Cano; e correndo por aquella terra apanharam muito gado que por aquella comarca andava, e tornaram-se e vieram dormir á Ribeira do Freixo. E assim tornando por suas jornadas, havendo já oito dias que andavam por Portugal, vieram dormir a Rio Torto, termo d'Elvas, e outro dia á quarta feira mandaram toda a sua presa de gado e prisioneiros para Badajoz, e os mestres com sua companha, partiram para as Broças, por ter o caminho ao prior do Crato e ao Craveiro, que lhes era dito que as tinham cercadas, e queimaram o arrabalde de Valença e não os encontraram, e tornaram-se para Badajoz.

CAPITULO CXVIII

Como o conde D. Alvaro Peres sahiu a correr contra Badajoz, e do que lhe aveiu com os do logar.

Não achamos cousa, que contar seja, que os fronteiros portuguezes que estavam n'aquella comarca fizessem emquanto os mestres entraram por Portugal, salvo que o conde D. Alvaro Peres de Castro, que por fronteiro estava em Elvas, ordenou d'ir correr contra Badajoz, e disse a Gil Fernandes, morador n'aquelle logar, de que já havemos feita menção na guerra d'el-rei D. Henrique, que lhe rogava que fosse em sua companha e lhe prometesse que se não partisse d'elle; e Gil Fernandes lh'o prometteu. Então se fizeram prestes e foram correr cerca da cidade, e foram os da corredura deante e o conde ficou em cilada, com Gil Fernandes e com parte das gentes.

O logar estava bem fornido de defensores, de que logo sahiram tantos após os portuguezes que lhes começavam de fazer mau jogo. Gil Fernandes,

quando os d'aquella guisa viu vir, disse ao conde mui trigosamente:

— «Senhor, não cumpre mais supportar aquelle damno que os da corredura veem soffrendo, mas acorrei-lhes depressa, antes que mais seja.»

O conde começou de pôr o feito em vagar, e Gil Fernandes cavalgou logo, com vinte de cavallo que o seguir quizeram, e disse contra um escudeiro que chamavam Gil Vasques Barbudo, com quem houvera palavras perante o conde:

— «Andae para aqui, Gil Vasques, ca agora eu quero vêr como se extrema o macho da femea.»

E o conde, quando isto viu, disse contra Gil Fernandes:

— «Parece que mal vos lembra o que me promettestes, que dissestes que vos não partireis de mim.»

— «Senhor, disse elle, não é tempo para ter tal promessa, pois que vemos os nossos passar mal, e nós estarmos olhando.»

Então se partiu a todo correr e chegou aos corredores esforçando-os quanto podia, e de tal guisa o fizeram todos que deram volta os castelhanos, contra sua vontade, e por força lhes fizeram passar o vau do Guadiana e na passagem houve assás de muitos feridos; e assim os metteram dentro pelas portas da villa, e tornaram-se para Elvas.

CAPITULO CXIX

Como el-rei D. Fernando mandou aos fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana que fossem pelejar com o mestre de S. Thiago de Castella.

El-rei D. Fernando estava em Santarem esperando novas, quando lhe disseram que o mestre de S. Thiago de Castella queria entrar a correr em seu reino, como ouvistes, crendo, o que todos cuidavam, que lhe poriam a praça aquelles senhores e gentes que estavam pelas fronteiras.

E dizem aqui alguns que o mestre D. Fernand' Osorez, que era mui bom cavalleiro, quando houve de fazer aquella entrada, mandou dizer a todos os que estavam por fronteiros n'aquella comarca que se percebessem, ca elle queria entrar a certo dia; e que elles todos houveram seu conselho, e uns disseram que lhe pozessem a praça e outros accordaram que não, e n'isto entrou elle, da guisa que temos contado.

E quando el-rei ouviu que elle entrara e que os seus corriam a terra e roubavam, pezou-lhe muito

de os deixarem assim entrar, pero tinha fiuza que á tornada pelejassem com elle; e quando soube que se o mestre tornara em salvo com tamanho roubo de sua terra houve grande nojo por isto, e mandou a todos os senhores e cavalleiros que estavam n'aquella pontura que se juntassem todos e fossem contra Badajoz, pelejar com o mestre Fernand'O sorez; e enviou Gonçalo Vasques d'Azevedo, seu grande privado, que se fosse para elles e ser de compañha n'aquella obra.

E a fama era que o mandava por capitão de todos, e que por elle se regessem, mas isto era mal dizer e não verdade, ca não era razão nem cousa aguisada que tal homem como elle, posto que bom e grande fosse, tivesse cargo da capitania de taes senhores e fidalgos como ali estavam; porém a fama soava assim d'aquella cousa que aquelles que o criam eram muito anojados.

Pero, sem embargo d'isto, todos os fronteiros foram juntos em Villa Viçosa, e Gonçalo Vasques d'Azevedo com elles, um domingo, sete dias do mez de julho; e seriam por todos até mil lanças de boa gente e muitos bésteiros e homens de pé.

CAPITULO CXX

Como os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se juntaram para pelejar com o mestre, e por qual razão se não fez.

Antes d'este ajuntamento, estando assim os fronteiros cada um em seu logar, mandou el-rei D. Fernando chamar Nuno Alvares, irmão do prior do Hospital, D. Pedro Alvares, que estava Entre Douro e Minho, fazendo-lhe saber por sua carta que elle, por seu serviço, ordenara de pôr fronteiro Entre Tejo e Guadiana, e mandara estar em Portalegre o prior D. Pedro Alvares e seus irmãos, e que porém lhe mandava que se fosse logo para elles.

Nuno Alvares, tanto que viu o recado d'el-rei, sem outra tardança se guizou do que lhe cumpria, e levou comsigo vinte e cinco homens d'armas e trinta homens de pé escudados, todos bons e para feito, e chegou a Portalegre, onde foi bem recebido dos irmãos e d'outros, a que prouve com sua vinda. Este Nuno Alvares era filho do prior D. Alvaro

Gonçalves Pereira, de cuja geração e obras mais adeante entendemos tratar, quando nos convier escrever os grandes e altos feitos do mestre d'Aviz, que depois foi rei de Portugal, em que lhe este Nuno Alvares foi mui notavel e maravilhoso companheiro.

E, estanto assim Nuno Alvares com estes senhores, ordenaram sua ida n'esta guisa: repartiram certos capitães que levassem a vanguarda e com elles Gonçalo Vasques d'Azevedo; e porque entenderam que ainda podiam ir, sem empacho dos inimigos, até Elvas, ordenaram que todos os homens de pé e carriagem fossem pelo caminho direito ante a vanguarda, regidos e concertados para qualquer cousa que lhes aviesse. E assim partiram á segunda feira, e indo assim pelo caminho, chegando a um sobral que é entre Villa Viçosa e Elvas, áquem do campo onde jaz Villa Boim, Nuno Alvares se sahiu do caminho, a cuidar no que lhe prazia por aquelle sobral; e indo assim cuidando olhou por deante pelo caminho contra umas aldeias altas que são cerca de Villa Boim, e viu nas ladeiras a carriagem e homens de pé, que iam ordenados como cumpria, e o sol sahia então, porque era bem pela manhã, e dava nas lanças aos homens de pé, de guisa que seu reluzir os fazia parecer homens d'armas postos em azes, como muita gente em batalha.

Nuno Alvares, como isto viu de suspeita, não se lembrando da carriagem que ia deante, deixou o cuidar em que ia pensando, e pelo desejo que levava na batalha, de que havia gran vontade, outhorgou-se-lhe o coração que aquelle era o mestre de S. Thiago de Castella, que já vinha com suas gentes prestes, e como isto concebeu em sua vontade vol-

tou a gran pressa, dizendo aos que vinham na vanguarda:

—«Boas Novas, senhores.»

E elles abalaram para elle dizendo:

—«E que novas são essas, Nuno Alvares?»

—«Senhores, disse elle, digo-vos que vós tendes aqui o mestre de S. Thiago de Castella, o qual vem prestes para vos pôr a batalha, assim que escusado é vosso trabalho de o mais irdes buscar.»

E elles todos ledamente responderam que de taes novas lhe prazia muito, dando muitas graças a Deus no qual esperavam que os ajudaria contra elle.

Nuno Alvares, como isto falou com elles, sem mais detença se foi rijamente á reguarda onde vinha Gonçalo Vasques d'Azevedo, e deu lhe aquellas mesmas novas; e Gonçalo Vasques, como as assim ouviu, não poude tão ledo ser que não dissesse estas palavras, as quaes a mór parte dos que eram presentes ouviram: «Bem sabia eu, que muito hora má cá viemos, pero antes lh'o eu disse.» E perguntou a Nuno Alvares se era verdade o que dizia, e elle, crendo que era da guisa que cuidara, respondeu que sim, pero que viu que Gonçalo Vasques de taes novas era pouco contente houve vergonha e não lh'as quizera ter ditas, e assim como viera rijo se tornou para a vanguarda onde havia d'ir e indo todos por deante n'aquella ordenança acharam que não era nada do que Nuno Alvares dissera, da qual causa a muitos prouve, e chegaram assim até Elvas

E elles ali, para haverem conselho da maneira que haviam de ter, veiu-lhes certo recado como o infante D. João, que andava em Castella, vinha

com muita gente de cavallo e de pé, em ajuda de D. Fernand'Osorez, que elles iam buscar. Então, houveram accordo que não fossem mais por deante e que se tornassem para suas fronteiras, do qual conselho Nuno Alvares foi muito anojado, e bem mostrava que se o poder n'elle fôra d'outra guisa ordenaram seu feito.

E partidos elles á quinta feira, ao sabbado seguinte, que eram treze dias do dito mez, chegou o infante D. João com o mestre de S. Thiago e d'Alcantara, com muitas gentes comsigo, e cercaram a villa d'Elvas e jouveram sobre ella vinte e cinco dias, e levantaram seu arraial e foram-se.

CAPITULO CXXI

Como Nuno Alvares mandou requestar Juan d'Osorez, filho do mestre de S. Thiago, e a razão porque se demoveu.

QUANDO Nuno Alvares viu que aquelle ajuntamento se desfazia, e que cada uns capitães se tornavam a suas fronteiras, foi mui anojado, como dissemos, e como homem novo de grão coração, que muito desejava servir el-rei que o creara, dês-ahi ser conhecido e haver nome de bom, cuidou, sem falar com outro nenhum, a gran creação que el-rei n'elle fizera e as muitas mercês que seu linhagem havia d'elle recebidas, e deu á memoria os desserviços que lhe o mestre D. Fernand'Osorez fizera em seu reino. E como elle não era poderoso de tantas gentes que tornasse a ello, como lhe seu coração mandava, pensou que um filho que o mestre muito amava, que chamavam João d'Osorez, o mandasse requestar para se matar com elle dez por dez; tendo que se a Deus prouvesse de o matar faria grão nojo ao mestre, pois lh'o

d'outra guisa não podia fazer, e acontecendo de ser o contrario que elle haveria por bem empregado aquelle aviamento que lhe Deus dar quizesse, pois era por serviço de seu senhor, el-rei.

E logo sem mais detença poz em obra seu pensamento e mandou requestar Juan d'Osorez, que estava em Badajoz com seu pae, declarando-lhe em sua carta, por palavras quaes em tal caso cumpriam, que se queria matar com elle dez por dez.

Juan d'Osorez era bom cavalleiro e de grão coração, e ledamente recebeu sua requesta, mostrando que de lhe ser feita lhe prazia muito, escolhendo logo para ello aquelles que com elle haviam de ser.

Nuno Alvares, tanto que houve seu recado que lhe prazia d'entrarem em campo, foi d'ello tão ledo que mais d'outra cousa não podia ser, e trabalhou-se logo de haver nove companheiros, e com elle haviam de ser dez, e houve-os de sua creação e vontade, a saber: Martim Annes de Barbudo, que então era commendador de Pedroso, e depois em Castella mestre d'Alcantara; Gonçalo Annes d'Abreu, que então era senhor de Castello de Vide; Vasco Fernandes, Affonso Peres, Vasco Martins do Outeiro e outros, por todos, nove. E com estes partiu elle gradamente do que havia, de guisa que foram contentes, e muito mais o eram pelo grande amor que lhe haviam.

Nuno Alvares, como os teve prestes, querendo que esta obra não se prolongasse, mandou logo a Castella pedir salvo-conducto, assim do infante D. João, que na comarca estava, como do mestre D Fernand'Osorez, perante o qual a requesta era assignada; e d'ambos os senhores lhe veiu salvo-conducto qual cumpria para tal feito

CAPITULO CXXII

Como el-rei D. Fernando soube parte da requesta de Nuno Alvares, e mandou a seu irmão que lh'o não consentisse.

Fazendo-se Nuno Alvares prestes para dar fim a sua requesta, parecia-lhe o dia tarde que havia de ser acabada, e, tendo já para ello prestes seus companheiros e concertado tudo o que mister havia, falou com o prior seu irmão, dizendo n'esta guisa:

— «Irmão senhor, bem sabeis a obra que hei começada, e como, a Deus graças, d'aquillo que me faz mister nenhuma cousa fallece; e porém vos peço, por mercê, que me deis licença para me, com a ajuda de Deus, haver d'ella de desembargar.»

E o prior, rindo com ledo semblante, lhe respondeu d'esta maneira:

— «Irmão, bem vejo vossa vontade que é boa, mas eu com razão vos posso dizer aquillo que se costuma dizer em exemplo, dizendo que *al cuida el baio e al cuida quem o sella*, e isto vos digo, por-

tanto. Vós sêde certo que El-rei Meu Senhor, soube parte da obra em que andaveis, e, segundo parece pelo que me escreveu, a elle não praz que tremettaes d'ello, e mandou a mim, que vos não desse logar, e em caso que o fazer quizesseis que vol-o não consentisse; porém, vos rogo que d'isso não cureis mais e que vos façaes prestes para vos ir commigo, porque El-rei manda que chegue logo aonde elle está, e iremos ambos de companhia.»

Nuno Alvares, quando isto ouvio, pesou-lhe muito de vontade, e bem deu a entender ao prior seu irmão que não cria que lhe el-rei tal recado mandasse, mas que elle lh'o dizia de seu, por o desviar do que fazer queria. O prior, pelo fazer certo, lhe mostrou então carta que lhe el-rei sobre ello mandara. Nuno Alvares, quando a viu, creu o que lhe seu irmão dizia; então, disse que, pois assim era, elle não sahiria de mandado d'el-rei, posto que fosse muito contra sua vontade, e que lhe prazia muito de se ir com elle a casa d'el-rei. E logo se o prior fez prestes e partiram ambos de companhia.

CAPITULO CXXIII

Do que el-rei disse a Nuno Alvares em feito de sua requesta, e das razões que lhe respondeu.

O prior e Nuno Alvares chegaram a Lisboa, onde el-rei estava, e, tanto que el-rei viu Nuno Alvares, perguntou lhe como estava sua obra, que havia começada com Juan d'Osorez, filho do mestre de S. Thiago de Castella.

— «Senhor, disse Nuno Alvares, a vossa mercê o sabe tão bem e melhor que eu.»

Então, falou el-rei e disse:

— «De verdade, fazieis isto que assim começastes?

— «Por Deus, Senhor, de verdade, disse elle, e com bom desejo.»

E el-rei lhe perguntou qual era a razão porque se a ello movia. Respondeu Nuno Alvares e disse:

— «Senhor, a vossa mercê saiba que por eu ser vosso creado, dês-ahi pelas muitas mercês que meu pae e meu linhagem e eu isso mesmo de Vós have-

mos recebidas e entendo receber mais ao deante, hei grande vontade de vos servir em cousa que vos houvesseis de mim por bem servido. E considerando eu como o mestre de S. Thiago de Castella vos ha feitos alguns desserviços n'esta guerra, e como eu não sou em estado de tantas gentes nem em tal maneira, que lh'o por ora de presente d'outra guisa possa vedar; e, vendo como Juan d'Osorez, seu filho, é mui bom cavalleiro e que elle muito ama, cuidei de o requestar, como de feito fiz, para me matar com elle dez por dez, como a vossa mercê bem sabe. E isto por duas razões: a primeira, se a Deus prouvesse de eu d'elle levar a melhor, fazer nojo e grão desprazer a seu pae, em emenda do damno que vos elle em vossa terra fez, pois que por ora meu poder a mais não abrange; a segunda, posto que eu ahi fallecesse, entendo que fallecia bem, pois era com minha honra e por vosso serviço. Porém, Senhor, vos peço por mercê que todavia vos praza d'ello, e que haja de Vós logar e licença para n'isto cumprir meu desejo.»

El-rei escutou com vontade as palavras que lhe Nuno Alvares disse, e, tendo-lhe a bem, no fim d'ellas respondeu assim:

— «Nuno Alvares, eu vejo bem vossa intenção, que foi e é boa, n'isto que fazer quereis, o que vos eu muito agradeço e tenho em serviço, e bem sou certo que de tão bom creado como eu em vós fiz não podia sahir senão tal obra e outras melhores, e esta fiuza houve sempre em vós e hei. Mas quero que saibaes que a mim não praz de vós serdes em tal feito, porque eu para mais vos tenho, e para maior cousa de vossa honra, que de entrardes em tal requesta, de que se vos podia seguir perigo e

não mui grande honra, o que eu não queria; ca vós e outros taes tempo e logar havereis, prazendo a Deus, para ante mim, em uma batalha ou em outros grandes feitos, provardes vossa ardideza e vontade, onde sei que não fallecereis. E quando isto fôr terei eu mais razão e azo de vos fazer mercês e accrescentar, como é meu desejo, e porém de pordes mão em tal requesta não me praz, antes, vos mando que o não façais, nem cureis mais d'ello.»

Nuno Alvares, quando viu a tenção d'el-rei, desprove-lhe d'ello e ficou muito quebrantado; e assim houve fim sua requesta, porque mais não poude fazer.

CAPITULO CXXIV

Como as galés de Portugal foram buscar as de Castella, e como as acharam no porto de Saltes.

Como em cima havemos tocado, cada um dos reis, no começo d'esta guerra, se trabalhou de fazer armada de galés, e foram as mais que cada um então poude armar, cá el-rei de Castella armou dezesete em Sevilha, e el-rei de Portugal armou vinte e uma em Lisboa, e uma galeota e mais quatro naus que iam com ellas. E, porquanto para estas galés que el-rei D. Fernando armava não havia abastança de galeotes, mandava el-rei trazer dos outros logares do reino muitos homens presos para ellas, e traziam os baraços cheios d'elles e entregavam-n'os aos alcaides das galés; e d'esta guisa foram em breve tempo armadas, como quer que todos haviam por grão mal tomarem os lavradores e as outras pobres gentes, e metterem-n'as nas galés d'esta guisa, porém foi assim feito como el-rei mandou, e ellas prestes de tudo o que cumpr.ia

Almirante era d'esta frota o conde D. João Affonso Tello, irmão da rainha, e ia na galé que chamavam a Real, e cincoenta homens d'armas comsigo; por capitão, ia Gonçalo Tenreiro, em outra galé mui bem corregida; e por patrões, cada um de sua, iam Estevam Vaz Philippe, Gonçalo Vasques de Mello, Ayres Peres de Camões, João Alvares, commendador, irmão de Nuno Alvares, Affonso Esteves d'Azambuja, Affonso Annes, das leis, Gil Esteves Phariseu, Ruy Freire d'Andrade, Alvaro Soares, Fernão de Meira e outros que não curamos de dizer.

As galés e naus, prestes de tudo o que lhes cumpria, partiram de Restello no mez de junho, onze dias andados d'elle, e chegaram ao Algarve, costa de Portugal, em busca das galés de Castella, que já bem sabiam andavam pelo mar, dias havia.

Das galés que em Sevilha foram armadas era capitão Fernão Sanchez de Thoar, e chegou com ellas até o Algarve, e quando houve novas que as de Portugal iam para lá, não embargando que fosse assás de bom e ardido cavalleiro, pero receando como era razão, a vantagem das mais cinco galés e quatro naus que as de Portugal levavam comsigo, não quiz ali attender e tornou-se.

Os portuguezes, quando chegaram, iam já algumas galés minguadas d'agua, e porque souberam novas que pouco tempo havia que as galés de Castella partiram, por temor que houveram d'ellas, disseram que se não detivessem mais em a tomar, mas quem agua levasse partisse com as outras que a não tinham, e logo as seguissem sem fazer mais detença. E isto foi assim trigosamente feito, que não curaram de falar como haviam de fazer, nem pôr avisamento nem ordenança de peleja, porque já

lhes parecia que ás mãos os tinham tomados, sem defensão que os outros por si tivessem, e este foi o primeiro azo da desventura que haviam d'haver.

E indo ellas assim ás vellas, com minguado vento, que todas haviam por fortuna encaminhar o que d'ellas ordenado tinha, deu então tão gran vista a alguns pescadores, que a duas e tres leguas viram boias de rêdes que no mar jaziam, e sem mais falar nem pedir licença desceram os treus tomando os remos e partiram-se da companhia oito galés, que remaram para lá. As outras, seguindo viagem com escasso vento, começaram de ficar duas, que eram pesadas e mui más de vella, a saber, a de Gil Lourenço do Porto e a Gonçalo Vasques de Mello; assim que as doze iam sós deante, sem mais companhia de naus nem galés.

Indo elles assim d'esta guisa, sendo já horas de meio dia, viram os mastros das galés de Castella, que jaziam longe arvorados, em um logar que chamam Saltes, e disse Affonso Annes das leis, que as primeiro viu: «Senhor, boas novas, ca aqui tendes a frota de Castella que vimos buscar». Elle amainou logo, e todas as outras galés calaram as vellas; as gentes começaram de ferver na galé do conde, trabalhando cada um de se armar e fazer prestes.

—«Senhor, disse Affonso Annes, não vos trigueis para pelejar; mandae chamar aquellas galés por esta galeota, e dae de beber á companha, ca tempo tereis para vos armar e ganhar honra, como desejaes».

O almirante não curando d'isto, armavam-se todos quanto mais podiam, Affonso Annes e os outros, quando aquillo viram, trabalharam todos de se armar como elle fazia, pesando-lhe muito, porém, do geito que em tal feito queria ter,

CAPITULO CXXV

Como as galés de Portugal pelejaram com as de Castella e foram vencidas as de Portugal.

QUANDO as galés de Castella viram que estas doze que iam deante faziam mostrança de pelejar com ellas, foram mui ledos de os vir receber, vendo a vantagem que os portuguezes por si tinham d'antes ficava a elles por tal peleja; ca, onde á primeira eram tantas por tantas e mais cinco de recosso, que as de Portugal tinham, ficaram então todas eguaes e cinco de melhoria aos castelhanos.

Mas quem se não espantara de tal novidade de ardideza, a qualquer sisudo muito de pasmar; ter o conde sua melhoria e ajuda tão prestes das outras galés, e por affoiteza desordenada, com cobiçá de ganhar honra, dar a vantagem, que tinha por si, em ajuda de seus inimigos! E já não é de negar que, pelejando tantas por tantas, cada uns haveriam que fazer por sua honra, mórmente azar que co-

brassem os outros tal melhoria sobre elles, isto certamente não foi affoiteza, mas foi sandia presumpção, como homem que nunca se em outra tal vira, nem presava avisamentos nem conselho de nenhum.

E d'esta guisa, sem mais ordenança, nem outro regimento bom que tivesse, remou a galé do conde contra as de Castella, dizendo ás outras que fizessem assim como elle.

O almirante de Castella Fernan Sanchez, mais avisado e sages em tal obra, como aquelle que já fôra em similhantes feitos, trazia as galés todas em escala, eguaes em batalha, e elle na metade; e como chegaram umas ás outras aferrou cada uma com sua, e duas de cada parte, e afastaram-se de recosso, e onde cumpria mostravam sua ajuda. E ferindo-se de boamente, cada uns como melhor podiam, pela regra de dois a um, começaram de se vencer as galés de Portugal, porém que taes houve ahi que tres vezes foram entradas e tres vezes deitaram os inimigos; e como uma era vencida deixavam-n'a sobre a ancora e remavam rijamente contra outra, e assim as desbarataram todas. As outras galés que alçavam as redes, quando as viram pelejar d'esta guisa, remaram contra ellas, por as ajudar, e quando chegaram eram já as outras cerca todas vencidas; e foram estas oito melhores de vencer que as doze primeiras, com que já pelejaram.

E começou-se esta peleja a horas de vespera e durou até cêrca da noite, na qual foram d'uma parte e d'outra muitos feridos e poucos mortos, e as galés de Portugal desbaratadas todas, salvo a galé em que ia Gil Lourenço do Porto, que não quiz

chegar quando isto viu, e fugiu para Lisboa, dando novas ás naus qne d'isto parte não sabiam que se tornassem e não fossem lá. E foi esta batalha uma terça feira, dia de Santa Justa, desesete dias do dito mez.

A frota de Castella fez saber a Sevilha como levavam as galés de Portugal tomadas, e sahiam as donas, e quantos podiam haver barcas e bateis, a vêr como as levavam, com os pendões arrastados pela agua, como é costume; e foram as gentes entregues no curral das tercenas de Sevilha, lançando a todos ferros, posto que muitos fossem, salvo ao conde e a Gonçalo Tenreiro, que foram levados a casa d'el-rei.

CAPITULO CXXVI

Como el-rei D. Fernando soube novas que a sua frota era perdida.

Chegou a galé que fugiu, e não se foi logo direito á cidade, mas pousou muito perto d'Almada, lançando a ancora sem sahir fóra; e os que a viram vir d'esta maneira logo suspeitaram seu mau aquecimento, porém aguardavam que galé poderia ser, ca ainda não eram bem certos se era de Portugal se era de Castella, e elles, como pousaram, começaram de se depennar todos, e com altas vozes faziam grão dó.

As gentes da cidade, e quantos isto viram, bem entenderam logo como era verdade que a frota era de todo perdida, e começaram a fazer grão pranto, assim homens como mulheres, cada um por aquelle a que bem queriam. Então se metteram em barcas e bateis e foram saber que novas trazia, e foi-lhes recontado, pelo miudo, da guisa que fôra seu triste aquecimento.

O dó foi mui grande, não sómente na cidade, mas em todos os logares d'onde gentes n'ella foram enviadas, cuidando que quantos n'ella iam todos eram mortos, posto que lh'os da galé dissessem que não eram, salvo captivos.

El-rei D. Fernando estava em Santarem quando lhe em outro dia chegou tal recado, e elle, que esperava, estando mui ledo, que a sua frota lhe havia de trazer tomadas as galés de Castella, soube então por certas novas, como as suas, com as gentes, eram todas filhadas, salvo aquella que fugira, que não fôra na peleja; e houve el-rei por ello tão grão nojo quanto bem podeis entender que por tal razão devia filhar.

Muito tinha el-rei gran razão de tomar destemperado nojo por tal contrario aquécimento: primeiramente, pela gran deshonra que em tal feito recebia, sendo elle commettedor da guerra, crendo haver vingança dos nojos passados; além d'isto, a perda de tantas gentes, que lhe faziam mingua, pela guerra que começada tinha; ca eram bem seis mil pessoas, entre cavalheiros, escudeiros, mareantes e outras gentes; dês-ahi, perda de setenta mil dobras, que valiam as galés com suas esquipações.

Assim que, pondo estas cousas e outras em peso, era seu nojo cada vez mais dobrado. A rainha, que o assim viu triste, como era ousada e muito faladora, disse um dia contra el-rei n'esta guisa:

— «Porque vos anojaes assim, Senhor, pela perda de vossa frota? E como outras novas esperaveis vós d'ella senão estas que vos vieram? Digo vos, Senhor, que nunca eu outras novas esperei d'ella em minha vontade, salvo estas que agora ouço, porque, como eu vi que Vós mandaveis trazer os baraços cheios

de lavradores e de mesteiraes e os mandaveis metter n'ellas, com outros aggravos que fazieis ao povo, sempre eu cuidei em minha vontade que tal mandado vos havia de vir d'ella, como vos veiu.»

El-rei callou-se, não dando a isto resposta, e muitos falavam entre si, dizendo que a rainha dissera mui bem.

CAPITULO CXXVII

Como o infante D. João falou com alguns portuguezes que lhe dessem Lisboa, e não se cumpriu como elle quizera.

El-rei de Castella, n'este comenos, havia entrado por Portugal, e cercara um castello que chamam Almeida; e, tendo ainda o cerco sobre elle, chegaram-lhe novas como a sua frota desbaratara a de Portugal, e que trouxeram as galés e toda a gente d'ellas captivos a Sevilha. El-rei houve grão prazer com tal recado, assim pela honra e vencimento que houvera, como entendendo que tinha o mar por si e que os inglezes não se atreveriam de vir em ajuda d'el-rei D. Fernando, pois a frota de Portugal era perdida.

O infante D. João, que então fazia guerra pela comarca de Riba de Guadiana, como soube a perda da frota de Portugal, foi-se depressa a el-rei de Castella, dizendo que o deixasse vir a Sevilha, por falar com alguns d'aquelles portuguezes que foram tomados, porquanto entendia que entre elles vinham al-

guns taes que lhe dariam Lisboa, se com elles sobre isto falasse, porque eram naturaes da cidade e os móres e melhores dos que ahi viviam. A el-rei prouve d'isto muito, e deu-lhe cartas quaes elle demandou.

A poucos dias, chegou o infante a Sevilha, e mostrou cartas por que armassem as galés que elle dissesse, e lhe entregassem os patrões que elle nomeasse, e foram armadas seis galés a seu requerimento, e entregues, dos patrões das galés de Portugal, estes seguintes, e outros que nomeou, a saber: Estevão Vaz Philippe, Gonçalo Vasques de Mello, Affonso Annes das leis, Giral Martins, Affonso Esteves d'Azambuja, Gil Esteves Phariseu, e outros.

Com estes falou o infante, dizendo que bem certo era, se elles quizessem, que por seus creados e amigos elle poderia cobrar Lisboa, e que d'isto se seguiria a cada um d'elles grandes accrescentamentos e vantagens, que lhes fazia entender por muitas razões proveitosas, com assaz de juras sobre isto feitas, dês-ahi, liviamento da prisão em que eram, sem rendição nenhuma, com outras muitas próes que a cada um por razão mostrava que era por força de se lhe seguirem.

Elles disseram que fazer tal cousa não era em nenhum d'elles, nem haviam poder de o pôr em obra, escusando-se com muitas razões, que o infante desfazia com outras; pero a cima, por seu affiçamento, entraram nas galés e vieram com elle.

O infante com as galés ante Lisboa, como os da cidade conheceram que eram de Castella, começaram de lhes atirar aos trons e virotões, e quizeram armar sobre ellas, e o infante, quando isto viu, tornou-se para Sevilha e levou os patrões comsigo,

salvo Affonso Annes das leis, que lhe fugiu em Almada, dizendo que o pozessem em terra um pouco, porque lhe fazia o mar grão nojo; e elle prometteu, a um escudeiro que o levava em guarda, que o casaria com uma sua irmã e lhe daria tal casamento por que vivesse honradamente, e elle, consentindo n'isto, fugiram ambos, e assim foi livre da prisão.

CAPITULO CXXVIII

Do recado que el-rei houve da frota dos inglezes, e como chegou a Lisboa.

El-rei D. Fernando, depois da partida de João Fernandes Andeiro, quando veiu a Extremoz com recado dos inglezes, segundo contamos em seu logar, mandou a Inglaterra Lourenço Annes Fogaça, homem avisado e de boa auctoridade, seu chanceller-mór e do seu conselho, e isto para encaminhar e firmar seus tratos segundo o accordo que por João Fernandes enviara; o qual era que o conde viesse em sua ajuda com as mais gentes que podesse juntar, e que trouxesse comsigo um filho que tinha de sua mulher, neto d'el-rei D. Pedro de Castella, o que mataram em Montel, para casar sua filha, D. Beatriz com elle, para serem ambos herdeiros e senhores do reino depois da sua morte.

E estando el-rei assim annojado, pela gran perda da frota que havia recebida, um escudeiro que chamavam Ruy Cravo, que fôra em companha de Lou-

renço Annes a Inglaterra, chegou a Buarcos em uma barcha, e sahiu em terra, por levar novas a el-rei de como os inglezes vinham em sua ajuda; porque tão grande era o prazer que elles entendiam que el-rei haveria de sua vinda que não viam o dia que lh'o fizessem saber, por haver d'elle grande alviçara e lhe dar boas novas. E foi assim de feito que chegou Ruy Cravo a Santarem, e deu a el-rei novas como a frota dos inglezes partira de Preamua e vinha pelo mar e que muito cedo seria em Lisboa, contando lhe que gentes eram e quaes senhores, e de que guisa e como vinham corregidos, e com que vontade.

El-rei houve grão prazer com estas novas, não embargando o nojo que de presente tinha, pela perda da frota, em guisa que tanto e muito mór foi o prazer que então tomou que o nojo que antes houvera, quando lhe primeiro vieram novas d'ella; e não sómente el-rei e os da sua casa, mas todos os do reino, foram ledos de sua vinda, não embargando o nojo que tinham, esperando por elles de cobrar emenda do damno que dos castelhanos haviam recebido.

Estando el-rei n'esta ledice, chegou-lhe em outro dia recado de Buarcos que já a frota apparecia no mar, e el-rei foi com isto muito mais ledo. Então, ordenou de se partir para Lisboa, e antes que partisse, como lhe chegou recado dos moradores do logar que os inglezes pousaram ante a cidade, partiu logo depressa em um batel e veiu-se a Lisboa; e, depois que ordenou as cousas que cumpriam, foi-se á nau do conde, que estava mui nobremente apostada, e falaram ambos no que lhes prouve, mostrando lhe el-rei de si boa graça, e isso mesmo

á condessa e aos senhores e fidalgos que com elle vinham, os quaes eram estes:

Primeiramente, nomeêmos este *mosse* Edmundo, conde de Cambridge, filho lidimo d'el-rei Eduardo d'Inglaterra, o velho, o qual trazia sua mulher, D. Isabel, filha d'el-rei D. Pedro, rei que fôra de Castella, bem acompanhada de donas e donzellas, e um seu filho pequeno, que havia nome Eduardo, como seu avô, moço d'edade até seis annos. E vinha ahi um filho d'el-rei de Inglaterra, bastardo, e *mosse* Guilhem Beocap, condestavel de toda a frota, e o senhor de Botarcos, e *mosse* Mau de Gornai, que era marichal, e sob o duque de Latram, e Thomaz Simon, alferes do duque de Lencastre, que trazia sua bandeira, e o bispo Dacres, e *mosse* Canom, ordenador das batalhas, e *mosse* Thomaz Frechete, e o Garro, e *mosse* João Destingues, e Chico Novel, e Maao Borni, e o senhor de Castelnovo, que era gascão, e outros capitães que dizer não curamos.

E traziam comsigo, de gentes d'armas e frecheiros, até tres mil, bem prestes para pelejar, assás de formosa gente e bem corregidos.

E vinham ahi mais alguns cavalleiros dos que se partiram de Portugal quando el-rei D. Fernando tratou as pazes com el-rei D. Henrique, assim como João Fernandes Andeiro, e João Affonso de Beça, e Fernão Rodrigues d'Aça, e Martim Paulo e Bernaldão, e João Sanches, cavalleiro de Santa Catharina, e outros.

E chegaram estas gentes todas a Lisboa em quarenta e oito velas, entre naus e barchas, aos dezenove dias de julho da era já em cima escripta, de quatrocentos e dezenove annos.

CAPITLO CXXIX

Como o conde e outros capitães foram aposentados na cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.

Depois que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mulher, e esses senhores e fidalgos e donas e donzellas e muita d'outra gente que com elles vinham; e como foram na Ribeira, os da cidade os receberam mui honradamente, segundo el-rei deixava ordenado, e tomou el-rei a condessa de braço e foram todos a pé até a egreja cathedral, onde jaz o corpo de S. Vicente. E como fizeram sua oração e sahiram da sé, estavam já prestes, para o conde e sua mulher e para outras honradas pessoas, bestas bem corrigidas, como cumpria; e levou el-rei de redea a condessa até o mosteiro de S. Domingos, onde ordenou que pousassem, e o condestavel e o marichal em S. Francisco, e o senhor de Botarcos em Santo Agostinho, e os outros senhores e fidalgos pela ci-

dade, cada um segundo cumpria, salvo na cêrca velha.

E dizem que, falando el-rei ao conde na perda da sua frota, e da guisa que aviera, respondeu elle e disse «que por Deus não forçasse por aquella perda, que quem houvesse a terra haveria as galés e o mar.»

A rainha D. Leonor, a mui poucos dias, partiu de Santarem com a infante sua filha, e os d'el-rei e todos os da cidade a sahiram a receber; e ella, antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Santa Maria de Escada, que é no mosteiro onde pousava o conde, e a condessa de Cambridge lhe veiu falar e abraçaram-se ambas; e despediu-se a rainha e foi-se para seus paços, e a condessa ficou no mosteiro onde pousava.

N'isto, convidou el-rei o conde e todos os capitães que com elle vinham, e a rainha a condessa e as donas e donzellas de sua companha, e este convite foi nos paços d'el-rei, do castello, onde a todos foi feita sala mui honradamente; e em fim da meza foi apresentado ao conde e aos outros senhores muitos pannos de sirgo com ouro de desvairadas maneiras, segundo por el-rei era ordenado, e isso mesmo deu a rainha á condessa e mulheres de sua casa pannos e joias, de que foram contentes. E por outras vezes convidava el-rei o conde e os outros capitães, e o ia vêr onde pousava elle e a rainha sua mulher, partindo com o conde mui grádamente, e com cada um dos outros, segundo seus estados.

E porquanto nos capitulos entre el-rei e o conde divisados, um d'elles era que el-rei désse cavalgaduras a todos, sendo a cada um descontado, do soldo que havia de haver, o preço da besta que houvesse,

mandou el-rei chamar os fidalgos e concelhos de seu reino e fez côrtes com elles; e acabadas as côrtes mandou el-rei por todos os cavallos dos acontiados de seu reino, e por quaesquer outras bestas que fossem achadas, assim muares como cavallares, para dar aos inglezes. E por esta guisa foram todos encavalgados, e tomadas a seus donos as melhores que ahi havia, sob esperança de serem pagas, a qual paga nunca depois houveram.

Ao conde, mandou el-rei um dia doze mulas, para a condessa, as melhores que se escolher poderam, selladas e enfreadas assás nobremente, e doze cavallos para elle, por essa mesma guisa, entre os quaes ia um grande e formoso cavallo, que el-rei D. Henrique, sendo vivo, mandara em presente a el-rei D. Fernando, que era o melhor que então diziam que havia na Hespanha.

E estas bestas escolheitas que deram aos inglezes muitas d'ellas havia taes que ádur podia um inglez levar uma d'ellas á agua, e como foram em seu poder tratavam-n'as de tal guisa que um levava depois vinte e trinta ante si, como manada de manso gado.

CAPITULO CXXX

Como el-rei se declarou pelo papa de Roma, e esposou sua filha com o conde de Cambridge.

SEGUNDO ouvistes em seu logar, el-rei D. Fernando tinha declarado por aquelle que se chamava Clemente Septimo, cuja parte favorisava el-rei de França e el-rei de Castella e alguns outros senhores, e quando os inglezes vieram, porque tinham como papa de Roma Urbano Sexto, não ouviam missa de nenhum padre nem clerigo portuguez. Então, disse o conde a el-rei que elle vinha para o servir e ajudar em sua guerra contra el rei de Castella, que era schismatico, tendo com um papa que estava em Avinhão, e que se elle queria que o Deus ajudasse em sua guerra que désse a obediencia ao padre santo de Roma, e que d'esta guisa lh'o enviava el-rei seu senhor dizer, e todo o conselho d'Inglaterra, porquanto eram certos que aquelle era verdadeiro papa e outro não; e elle disse que lhe prazia, e outhorgou de o fazer assim.

E quando veiu aos desenove dias do mez d'agosto, na festa da Degolação de S. João Baptista, el-rei D. Fernando havendo maduro conselho com o arcebispo de Braga e outros lettrados homens de seu reino, ajuramentados sobre uma ostia sagrada na sé cathedral da dita cidade, publicamente presente todo o povo, declarou Urbano Sexto ser verdadeiro papa e outro não, e isto presente os inglezes e muito outro povo.

E logo n'esse dia, a hora de terça, esposou el-rei sua filha, a infante D. Beatriz, por palavras de presente, com Eduardo, filho do conde de Cambridge, moços muito pequenos; e foram ambos lançados em uma grande cama e bem corrigida, na camara nova dos paços d'el-rei, e o bispo Dacres e o de Lisboa e outros prelados rezaram sobre elles, segundo costume d'Inglaterra, e os benzeram. A cama era bem paramentada e a cubricama d'um tapete preto com duas grandes figuras de rei e de rainha na metade, todas d'aljofar grádo e meão, segundo requeria onde era posto: a bordadura de redor era toda d'archetes d'aljofar, e dentro eguaes figuras d'aljofar, brolladas das linhagens de todos os fidalgos de Portugal, com suas armas cêrca de si. E este corregimento de cama foi depois dado a el-rei D. João de Castella, quando casou com esta infante D. Beatriz, segundo adeante ouvireis, e era havida em Castella por mui rica obra, qual outra ahi não havia.

E foram estes esposorios feitos com esta condição; que morrendo el-rei D. Fernando sem haver filho de sua mulher, este Eduardo e sua esposa succedessem no reino depois de sua morte, outhorgando isto todos os fidalgos, e fazendo-lhe mena-

gem por todas as villas e cidades e fortalezas do reino.

E depois d'isto, no mez de setembro, aos oito dias d'elle, foi publicada, presente el-rei e o conde e muitos senhores e prelados, uma lettra do papa Urbano, em que privava de todo bem e honra ecclesiastica Roberte, que se chamava Clemente Septimo, e isso mesmo todos os cardeaes e pessoas leigas que lhe davam conselho e favor e ajuda, assim publicamente como em escondido, excommungando-os que não podessem ser absoltos senão pelo papa, salvo se fosse em artigo de morte, dando seus bens e elles por servos áquelles que os tomassem, outhorgando-lhe ainda aquelles privilegios que dão áquelles que vão em ajuda da Terra Santa.

CAPITULO CXXXI

Como el-rei de Castella houve novas da vinda dos inglezes, e da maneira que n'isto teve.

O conde D. Alvaro Peres de Castro estava em Elvas por fronteiro, segundo já tendes ouvido, e o infante D. João, seu sobrinho, que andava em Castella com o mestre de S. Thiago, D. Fernand'Osorez, e o mestre de Alcantara, com muitas companhas, tinham cêrco sobre elle havia já dias; e quando os inglezes chegaram a Lisboa escreveu logo el-rei D. Fernando ao conde toda sua vinda e que gentes eram.

O conde, mui ledo com estas novas, mandou dizer ao infante, que o tinha cercado, que, se lhe cumprissem algumas mercadorias ou outras cousas d'Inglaterra, mandasse a Lisboa onde estavam umas poucas de naus de inglezes que então vieram, e que ali acharia tudo o que mister houvesse; e, quando isto foi assim dito escusamente ao infante, começou-se a rugir pelo arraial parte d'estas novas, en-

cobertamente. Alguns cavalleiros, ouvindo-o dizer perguntaram a Pero Fernandez de Vallasco, que era na companhia, que novas eram aquellas que se assim rugiam.

— «Que novas hão de ser? disse elle. São novas que el-rei D. Fernando ha mais de nove mezes que era prenhe dos inglezes, e pariu-os agora em Lisboa e tem-n'os comsigo.»

Então ordenaram de não estar ali mais, e partiram d'Elvas uma terça feira, no mez de agosto, havendo vinte e cinco dias que tinham o logar cercado; e esta partida dizem que foi por mandado d'el-rei de Castella, que tinha cercada Almeida, como dissemos, e quando foi certo da vinda dos inglezes mandou chamar estas gentes que se viessem para elle. E chegou o infante D. João e o conde de Maiorca D. Pedro Nunes de Lara, filho bastardo do dito João Nunes de Lara, senhor de Biscaya, e outros cavalleiros, e acharam el-rei não bem são por então.

Ora alguns escrevem aqui que, sendo el-rei de Castella certo da vinda dos inglezes, e que gentes e capitães eram, e como, não embargando que vinham em ajuda d'el-rei D. Fernando contra seu reino, além d'isto traziam voz e titulo do duque de Lencastre, por azo de D. Constança sua mulher, filha que fôra d'el-rei D. Pedro, elle escreveu suas cartas ao conde de Cambridge, dizendo «que sabia por certas novas como elle e muitos bons cavalleiros e homens d'armas haviam chegado a Lisboa, por fazer guerra e damno em seu reino, em ajuda d'el-rei D. Fernando, e que, se o elles fizessem certo de batalha, elle partiria d'aquelle logar, o qual tinha já cobrado por preitesia, e entraria pelo

reino duas ou tres jornadas, e os esperaria em logar azado para lhes pôr a praça;» e que, porquanto n'esta sezão os inglezes não eram ainda encavalgados, não deram resposta a isto, antes fizeram mau gasalhado ao que lhes levou as cartas.

El-rei de Castella ordenou então de pôr suas gentes cêrca do extremo de Portugal, e mandava por todos os seus, apercebendo-se de betalha, a qual via que se não podia escusar, querendo os inglezes entrar em seu reino.

CAPITULO CXXXII

Das más maneiras que os inglezes tinham com os moradores do reino, e como el-rei não tornava a ello, porque os havia mister.

Estas gentes dos inglezes que dissemos, como foram aposentados em Lisboa, não como homens que vinham para ajudar a defender a terra mas como se fossem chamados para a destruir e buscar todo mal e deshonra aos moradores d'ella, começaram de se estender pela cidade e termo, matando e roubando e forçando mulheres, mostrando tal senhorio e desprezamento contra todos, como se fossem seus mortaes inimigos, de que se novamente houvessem d'assenhorear. E nenhum no começo ousava de tornar a ello, por grande receio que haviam d'el-rei, que tinha mandado que nenhum lhes fizesse nojo, pela gran necessidade em que era posto de os haver mister, cuidando elle á primeira mui pouco que homens que vinham para o ajudar, e a quem esperava de fazer gradas mercês, tivessem tal geito em sua terra; e, porém,

quando lhe alguns faziam queixumes das grandes sem-razões que d'elles recebiam falava el-rei ao conde sobre ello, mas em tudo se fazia pouco corregimento.

Que cumpre dizer mais, em tanta pressa e sujeição foram postos os da cidade e seu termo, havendo d'elles medo como de seus grandes inimigos, que o conde ordenou, por guarda das quintas e casaes, que cada um tivesse senhos pendões de sua divisa, que era um falcão branco em campo vermelho; e a quinta e casal onde os inglezes não achavam aquelle pendão logo era roubada de quanto ahi havia. E quantas bestas vinham para a cidade, assim das quintas como dos casaes e montes de redor, para venderem suas cousas, cada um havia de trazer um pendão d'aquelles, que custava certa cousa, por lhe não fazerem mal.

Vêde se era bom jogo d'elles.

Levando á agua as bestas d'el-rei, lançaram mão d'ellas e tomaram-n'as por força, dizendo que el-rei lhes devia soldo e que o queriam penhorar n'ellas; e foi assim de feito que as tomaram, e por mandado do conde foram tornadas.

Uma vez, chegaram alguns d'elles a casa d'um homem que chamavam João Vicente, jazendo de noite na cama, com sua mulher e um filho pequeno, que ainda era de mama; e bateram á porta, que lhes abrisse, e elle, com temor, não ousou de o fazer, e elles britaram a porta e entraram dentro, e começaram de ferir o marido. A mãe com temor d'elles poz a creança ante si, por a não ferirem, e nos braços d'ella a cortaram por meio, com uma espada que era cruel cousa de vêr a todos. E tomaram aquelle menino assim morto e levaram-n'o

a el-rei, aos paços, em um taboleiro, mostrando-lhe tal crueldade como aquella; e elle não ousou de tornar a ello, e mandou que o mostrassem ao conde, que fizesse direito d'aquelles que tal cousa fizeram, e o conde o mandou fazer.

E d'esta guisa lhe mandava el-rei rogar muitas vezes, pelos grandes queixumes que lhe vinham fazer, que pozesse castigo em suas gentes, que não destruissem assim a terra; e elle dizia que bem lhe prazia, mas cada vez faziam peor. Outros chegaram acima de Loures, por roubar uma aldeia que é ahi cerca, e em a roubando mataram tres homens. E assim roubavam e matavam e destruiam mantimentos, que muitas vezes mais era o damno que faziam que aquillo que gastavam em comer, que tal havia ahi, se havia vontade de comer uma lingua de vacca, que matava a vacca e tirava-lhe a lingua, e deixava a vacca perder; e assim faziam ao vinho e a outras cousas.

E el-rei, por esta razão, como os encavalgava, mandava-os a Riba de Guadiana, para a fronteira, e elles, em vez de entrarem por Castella a forreiar, davam volta sobre Ribatejo, a roubar quanto achavam, e as gentes não os queriam acolher nas villas, e cerravam-lhe as portas, pelo grão damno que faziam; assim como fizeram em Villa Viçosa, quando ahi chegou Maao Borni com outros inglezes, que alçaram volta com os do logar, e mataram Gonçalo Annes Santos, e feriram outros da villa, e isso mesmo mataram os da villa dos inglezes e foram feridos alguns.

Elles combateram Borba e Monsaraz, e escalaram o Redondo, e combateram Aviz, e quizeram escalar Evoramonte e não poderam. Nos logares

onde pousavam, ao termo d'elles iam á forragem, fazendo grão damno em pães e vinhos e gados; e atormentavam os homens até que lhes diziam onde tinham os mantimentos, e roubavam-lhes quanto achavam, e se lh'o queriam defender matavam-n'os.

As gentes começaram de tornar a isto o mais escusamente que podiam, e em fojos de pão e por outras maneiras matavam muitos d'elles escusamente, de guisa que por sua má ordenança pereceram tantos que não tornaram depois para sua terra as duas partes d'elles.

CAPITULO CXXXIII

Como as galés de Castella chegaram a Lisboa, e não podendo fazer nojo ás naus dos inglezes se tornaram para Sevilha.

A frota das naus e barchas em que vieram os inglezes jaziam todas ante a cidade, e vieram novas a el-rei D. Fernando como a frota das galés de Castella vinham por fazer nojo e damno na cidade, e especialmente ás naus dos inglezes; e el-rei accordou que era bem que aquella frota e outros navios que ahi jaziam se fossem todos a Sacavem, que são duas leguas da cidade, e ali se lançassem todos, por jazerem seguros. E as maiores naus estavam deante todas, com as alcaçovas contra o mar, armadas e empavezadas, apercebidas de trões e outros artificios, para se defender; e mais haviam duas grossas cadeias, que estavam deante, tendidas d'uma parte á outra, que lhes não podessem fazer nojo quaesquer navios que contrarios fossem. Em terra, havia trons e enge-

nhos, para ajuda de sua defensão, com gentes assás, se lhe tal cousa aviesse.

Jazendo assim a frota d'esta guisa, veiu Fernan Sanchez de Thoar, almirante de Castella, com a armada das galés com que desbaratara as de Portugal quando fôra a de Saltes, cuidando de achar as naus e barcas dos inglezes ante Lisboa, por lhe empecer em tudo o que podesse; e quando chegaram ante a cidade acharam o mar desembargado de navios, e souberam como todos jaziam em Sacavem; e quando lá foram e viram o rio guardado, e as naus estar d'aquella guisa, tornaram-se e não acharam em que fazer damno, segundo seu desejo, e foram-se para Sevilha.

As naus dos inglezes, havendo certas novas que as galés de Castella não haviam tão cedo de tornar e que lhes não podiam fazer nojo, fizeram-se prestes e partiram da cidade, elles e outros navios, aos treze dias de dezembro da dita era, e d'elles carregaram de mercadorias e foram-se suas viagens.

CAPITULO CXXXIV

Como el-rei e os inglezes partiram de Lisboa, e chegaram á cidade de Evora.

Esteve el-rei em Lisboa, em dar cavalgaduras aos inglezes e ordenar as cousas que cumpriam para a guerra, todo aquelle inverno até o verão seguinte, e tanto que a frota dos inglezes partiu de Lisboa logo el-rei partiu cerca caminho de Santarem, com suas gentes; e partiu com elle o conde de Cambridge e muitos dos seus com elle, deixando na cidade e termos d'ella muitos males e roubos feitos, em tanto, que diziam alguns que el-rei era mui arreprehendido porque os mandara vir, por o grande estrago que faziam na terra.

E não entendaes que el-rei foi detido, nem partiu tão tarde de Lisboa, por azo da frota dos inglezes, mas foi assim por aquecimento, que n'aquella semana que as naus partiram d'ante a cidade partiu el rei e a rainha e as gentes todas que ahi eram, e chegaram a Santarem. E mandou el-rei fazer

uma ponte de barcas, para poderem passar mais toste, que atravessava todo o rio; e esteve ahi o Natal e depois alguns dias.

E antes que d'ahi partisse morreu o conde d'Ourem, D. João Affonso Tello, e foi por azo da rainha dado o condado a João Fernandes d'Andeiro, e d'ali em deante foi chamado o conde d'Ourem D. João Fernandes. Porém, deixando de falar um pouco d'esta historia que seguinte trazemos, vejamos alguma cousa de sua fazenda, pois ainda do que dizer queremos em outro logar não houvestes conhecimento.

Onde sabei que João Fernandes, vivendo na Coruña, morreu Fernan Bezerra, um cavalleiro muito honrado de Galliza, e sua mulher, a quem ficara um filho que chamavam João Bezerra, casou com este João Fernandes, que chamavam d'Andeiro, posto qne não fosse egual para casar com ella, e houve João Fernandes d'ella quatro filhas e um filho: uma, chamavam, depois que elle foi conde, D. Sancha d'Andeiro, que foi depois casada com Alvaro Gonçalves, filho de Gonçalo Vasques de Azevedo; outra, D. Theresa, que foi mulher de D. Pedro da Guerra, filho do infante D. João de Portugal, e casou com ella por amores, muito contra vontade do infante'; a terceira D. Izabel, esta casou depois el-rei D. João de Castella com um filho d'Alvaro Perez d'Osorio, que chamavam Fernan d'Alvarez d'Osorio; outra que chamavam D. Ignez, morreu em Galliza, não sendo casada; o filho houve nome Ruy d'Andeiro, que foi pagem mór d'el-rei de Castella. Sua mulher do conde havia nome D. Maior, mulher de prol e de bom corpo.

A rainha, depois que sentiu sua não boa fama com João Fernandes em alguma guisa ser descoberta, houve com elle que mandasse pela mulher, pensando cessar o que d'ella diziam, pois que elle tinha sua mulher na terra. Fel-o elle assim e mandou por ella, e tinha-a pela mór parte no castello d'Ourem, depois que foi conde; e quando ella vinha á côrte, antes que fosse condessa e depois, fazia-lhe a rainha grande gasalhado, dando-lhe joias d'ouro e prata e grandes dadivas de dinheiros. A gallega era sisuda e tinha-lh'o em grandes mercês, louvando-a muito por deante, e depois que d'ali partia apregoava-a com louvores quaes uma combóça tem costume de dizer da outra.

El-rei partiu de Santarem e foram-se caminho d'Evora, andando já a era em mil quatrocentos e vinte, e ali mandou fazer engenhos e carros e bombardas e outros apercebimentos de guerra; e d'ali ordenou os logares onde houvessem d'estar os inglezes, e cavalleiros certos que lhes fizessem dar todas as cousas por seus dinheiros. E pousava o conde em Villa Viçosa, no mosteiro de Santo Agostinho, e os outros nos arrabaldes de Borba e Extremoz e d'Evora Monte, e pelas comarcas de redor.

CAPITULO CXXXV

Como a frota de Castella chegou a Lisboa, e do mal e damno que fez em alguns logares.

Quando el-rei D. Fernando partiu de Lisboa, havendo novas como se em Castella armava grande frota para vir sobre a cidade, deixou por fronteiro n'ella Gonçalo Mendes de Vasconcellos e seus filhos, e outros alguns com elles.

E, estando elle assim por fronteiro em Lisboa, chegaram sobre ella, aos sete dias de março da era sobredita, oitenta velas, entre naus e barchas, que foram armadas em Biscaya e em outros logares dos portos de mar, nas quaes vinham bons cavalleiros e escudeiros e homens d'armas, e muita gente de pé escudados, a que chamavam allacayos; e chamavam-lhes assim porque eram das montanhas de Biscaya, e vinham todos descalços e mal corregidos.

A frota, como pousou ante a cidade, lançaram todos os bateis fóra, armados e empavezados, e fo-

ram juntamente assim sahir ante o mosteiro de Santa Clara, que será um tiro de bésta além da cidade.

As gentes de dentro quizeram sahir, para lhes embargar o tomar da terra, e Gonçalo Mendes, que era fronteiro, defendia que não sahisse nenhum fóra, ca el-rei não lhe mandara outra cousa senão que guardasse mui bem a cidade. Porém, não embargando isto, sahiram alguns poucos contra sua vontade, e foram d'elles feridos, e morto Gomes Lourenço Phariseu, que por então era juiz da cidade, e os castelhanos tomaram então a terra, sem achar mais quem lh'a defendesse.

E logo a poucos dias, vendo os da frota como os da cidade não sahiam a elles, armaram todos os bateis outra vez de gente d'armas e béstaria, e sahiram todos em terra, entre Santos e a cidade, que é d'outra parte contra a entrada do rio, quanto pode ser, dois tiros de bésta; e Gonçalo Mendes embargava todavia os da cidade, dizendo que não sahissem fóra, que el-rei não lhe mandara, salvo guardar a cidade, e que elles assim o fizessem.

Os biscainhos, quando viram que nenhum não sahia a elles, tornaram-se a seus bateis e dês-ahi á frota. E de ali em deante tomaram affoiteza de sahirem fóra, assim da parte da cidade como da parte do Ribatejo, onde queimaram muitas quintas e fizeram muito damno; e da parte da terra queimaram uns graciosos paços d'el-rei, cerca da cidade, junto com o mar, onde chamam Xabregas, no começo de um valle de muitas e aprazíveis hortas, e queimaram outros paços d'el-rei, cerca d'um solaçoso rio que são duas leguas da cidade, onde chamam Friellas. E foram pelo rio do Tejo acima e queimaram outro

paços d'el-rei, onde chamam Villa Nova da Rainha, que são oito legoas da cidade; e chegaram muito mais acima, ás lezirias de Albacotim e d'Alcoelha, e ali matavam muitos gados e faziam carnagem, e traziam para a frota. E tanto se atreveram, sem achar quem lh'o contradizer, que foram em bateis pelo rio de Coina acima, que são atravez tres leguas da cidade, e ali sahiram em terra e foram queimar o arrabalde de Palmella, que são d'ali grandes duas leguas, e mais queimaram o arrabalde d'Almada, e muitas casas e quintas por aquella comarca.

CAPITULO CXXXVI

Por que razão tiraram de fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos e foi posto o prior do Crato em Lisboa.

Fazendo-se assim muito mal pela terra, sem haver nenhum que lh'o embargasse, foram novas a el-rei D. Fernando, do grande damno que os da frota faziam por termo de Lisboa mui soltamente, e como Gonçalo Mendes não tornava a ello com algum remedio, nem deixava sahir as gentes da cidade, dizendo que de guardar o logar haviam de ter cuidado, e d'outra cousa não.

El-rei houve d'ello grande melancholia, e disse que lhe parecia que Gonçalo Mendes era n'isto tal como o servo que diz no Evangelho: a quem o senhor deu um marco d'ouro, com que trabalhasse por seu serviço e proveito, e elle escondeu-o sob terra, sem fazer com elle nenhuma prole, pela qual razão foi julgado do senhor por servo mau e preguiçoso.

— «E Gonçalo Mendes, disse el-rei, por tal deve ser julgado. Queria guardar a cidade onde estava

seguro dos inimigos, e deixar destruir o termo e logares de redor d'ella!»

Então, ordenou el-rei de o tirar de fronteiro e mandar á cidade, por guarda e defensão da terra, o prior do Hospital, D. Pedro Alvares, e seus irmãos com elle, a saber: Rodrigo Alvares, que chamavam *Olhinhos*, e Nuno Alvares, e Diogo Alvares; e Fernão Pereira e Alvaro Pereira, parentes do prior e de seus irmãos; e Gonçalo Annes de Castello de Vide, e outros bons que vinham com elle, que seriam por todos até duzentas lanças bem cavalgados.

Ora aveiu que no dia que o prior havia de chegar á cidade, vindo caminho de Santarem, houve novas como parte das gentes da frota eram a termo de Cintra, roubar e tomar gados, para trazerem aos navios. D'estas novas foi o prior mui ledo, e todos os que vinham com elle, e encaminharam para aquella parte por onde houveram recado que os castelhanos vinham; e como era muita gente de pé, sahindo affoita, pelo costumado uso que tinham, ordenou o prior de lhes lançar uma cilada. E elles, que vinham muito dessegurados, a seu prazer, ledos com grão roubo, sem algum temor, deu o prior com suas gentes n'elles, e, como gente desapercebida, não se poderam defender de guisa que lhes prestasse, e começaram de fugir, deixando o que traziam; mas seu trigoso fugir a mui poucos deu vida, ca os da cilada deram n'elles, e foram presos e mortos muitos, e tomado o roubo que traziam.

O prior veiu então para a cidade, onde foi recebido com grão prazer, e pousou no mosteiro de S. Francisco, e seus irmãos e outros de redor d'elle·

Quando os da frota viram como aquellas gentes de cavallo vieram por guarda da cidade, não ousaram, d'ali em deante, sahir tão soltamente como antes faziam, ca o prior tinha atalaia com elles, que como algum batel queria sahir fóra logo os seus cavalgavam e lhe embargavam a sahida; e se alguns sahiam fóra, que eram vistos, logo os da cidade eram ali prestes, de guisa que ao recolher dos bateis, com a pressa grande, se lançavam muitos das barrocas a fundo. E desde então começaram os da frota de haver dos da cidade má visinhança.

CAPITULO CXXXVII

Como Nuno Alvares lançou uma cilada aos da frota, e do que lhe aveiu com elles.

A frota era grande e de muitas gentes, e não lhe podiam os da cidade por tal guisa embargar a sahida da terra que elles por muitas vezes não sahissem á sua vontade, em logares não vistos e outros arredados da cidade, por cujo azo se faziam entre elles muitas escaramuças, das quaes, por a Deus assim prazer, sempre os portuguezes levavam a melhor d'elles.

Ora assim, aveiu n'esta sezão que Nuno Alvares, amando muito o serviço d'el-rei, dês-ahi, por ser conhecido por bom, ordenou fazer uma escaramuça por si, sem o fazer saber ao prior nem a algum dos outros seus irmãos; e vendo como os das naus sahiam a miude, a colher uvas e fructa, porque era então tempo d'ellas, falou com um bom cavalleiro, casado com uma sua irmã, que chamavam Pedro Affonso do Casal, como era sua vontade de em outro dia lançar uma cilada aos da frota, para se aju-

dar d'elles se sahissem fóra como sahiam, e se lhe prazeria a elle de se ir em sua companha, o qual outhorgou que de boa vontade. E por esta guisa ajuntou Nuno Alvares, dos seus e d'outros, até vinte e quatro de bons homens de cavallo, e seriam uns trinta entre bésteiros e homens de pé.

E isto assim acertado, cavalgou Nuno Alvares em outro dia bem cedo, pela manhã, e foi-se lançar em cilada á ponte d'Alcantara, sob o mosteiro de Santos contra Restello, cobrindo-se elle e os seus o melhor que podiam entre as vinhas e barrocaes, que ahi havia muitos, por não serem vistos da frota. Estando assim Nuno Alvares falando com os seus a maneira que houvessem de ter em topar com os castelhanos, se sahissem fóra, elles viram vir um batel da frota, e n'elle até vinte homens, que vinham ás vinhas, por colher uvas.

Nuno Alvares e os seus, como os viram, esguardaram bem onde sahiam e onde haviam de recudir á tornada, e cavalgaram logo os de cavallo, e os bésteiros e homens de pé com elles, e foram-se áquelle logar por onde elles subiam, que era um barranco grande contra as vinhas; e, como ali chegaram, Nuno Alvares se desceu do cavallo, e outros alguns com elles, e aderençaram rijo contra os castelhanos. E elles quando os viram comsigo, mais rijo do que subiram, desceram a fundo contra a praia, e Nuno Alvares e outros de volta com elles; e vendo-se os castelhanos muito afficados, e por guarecer de morte, que a seus olhos viam muito prestes, lançaram-se todos na agua, e d'elles, nadando sem armas nenhumas, outros mergulhando sob a agua, cobraram seu batel sem mais impecimento, e foram-se para seus navios.

CAPITULO CXXXVIII

Das razões que Nuno Alvares disse aos seus, por os esforçar que pelejassem, e do que lhe a elle aconteceu, só pelejando com os castelhanos.

Tendo Nuno Alvares que por então lhes não podia fazer mais damno, recolheu ante si os que iam com elle e foi-se pôr em um tezo, ante a porta do mosteiro de Santos, logar onde os bem viam os da frota; e como correram apóz os seus e os fizeram lançar na agua, com despeito, cobraram coração, e sahiram das naus até duzentos e cincoenta homens d'armas, com lanças compridas, e muitos bésteiros e peões, desejosos para pelejar, segundo depois pareceu.

Nuno Alvares, como viu sahir os bateis, foi mui ledo com sua vinda, como aquelle que de tal jogo não havia menos vontade que elles, e começou d'avivar seu cavallo, e disse assim contra os seus, esforçando-os:

—«Amigos irmãos, bem sabeis a tenção com que sahistes da cidade, que não cumpre de vos ser

mais declarado. Ora, me parece que tendes prestes o que viestes buscar, do que deveis ser mui ledos, ca de mim vos digo que da minha parte o sou assás. E rogo-vos que, pois nos ás mãos vem o que desejamos, vos praza de todos ser lembrados de vossas honras, porfiando em pelejar, sem tornar costas por cousa que avenha; e para isto, com a ajuda de Deus, eu serei o primeiro que toparei n'elles, e vós segui-me, fazendo como eu fizer, e sêde certos que elles vos não soffrerão se em vós sentirem esforço, mas logo volverão as costas, porque d'accorro não teem esperança, e assim vos ajudareis d'elles.»

Estas e outras boas razões, que Nuno Alvares disse aos seus, por os esforçar, nenhuma cousa áquella hora prestaram, ca elles viam já muita gente da frota em terra, a qual vinha para elles e era muito cêrca, e, cada vez mais crescendo, temiam de os esperar. Nuno Alvares, conhecendo n'elles medo, trabalhava de os esforçar quanto podia; mas suas doces palavras, misturadas com asperos brados, não os podia a isto demover, mas mostrando que o não ouviam nem tinham d'elle conhecimento, arredavam-se a fóra, não querendo attender; outros fugiram logo de todo, não podendo soffrer a vista dos castelhanos.

Ora aqui é de saber que, posto que os alheios louvores sejam ouvidos com eguaes orelhas, muito é grave consentir o que impossivel parece de ser; e, porque o seguinte arrazoado mais parece milagre que natural aquécimento, dizemos primeiro, respondendo a taes, que sem duvida verdade escrevemos, mas que o poderoso Deus, que só áquella hora o quiz livrar d'entre tantos contrarios, ten-

do-o guardado para maiores cousas, não outhorgou n'aquella peleja que seus inimigos lhe podessem dar morte.

Nuno Alvares, vendo que os seus não davam volta, e que os castelhanos chegavam cêrca d'onde elle estava, aderençou contra elles com gran vontade cavalleirosa, a alguns impossivel de crêr, e só, sem parceiro, se lançou na mór espessura dos inimigos, onde eram aquelles duzentos e cincoenta homens d'armas; e como se assim lançou entre elles e fez de lança o primeiro encontro, perdida a lança tornou á espada, e, não o seguindo nenhum dos seus, dava tão assignados golpes a toda a parte que, pero os castelhanos fossem muitos, assás havia de logar entre elles.

Mas em tudo isto foi elle servido de lanças e pedras e virotões, que era maravilha podel-o soffrer, e prouve a Deus que nenhuma lhe deu em logar que lhe fazer podesse nojo, ca o corpo era bem armado de umas assás fortes solhas, de guisa que os golpes massavam o corpo e nenhum damno faziam na carne; pero elle pensava que era chagado de morte, pelos muitos golpes que em si sentia. Mas seu cavallo, com as muitas lançadas, poz as ancas e cahiu em terra, e Nuno Alvares, isso mesmo; e, cahindo assim ambos, começou o cavallo de bulir rijamente com as mãos e com os pés, e, perneando assim rijamente, acertou o canello da ferradura da mão o tecido d'uma fivella das solhas de Nuno Alvares, de guisa que elle não se podia desprender do cavallo, e ali cuidou de ser logo morto.

Os seus, que estavam a longe olhando, vendo o grão perigo em que Nuno Alvares era, constrangi-

dos de dó e vergonha, correram rijamente, cobrando corações, e accorreram-lhe o mais toste que poderam; e um dos primeiros que a elle chegou foi um clerigo em cuja casa Nuno Alvares pousava, que ia em sua companha com uma bésta, e cortou-lhe depressa o tecido por que estava preso.

Nuno Alvares, desatado, se levantou rijo, e tomou uma lança, de muitas que jaziam ao redor d'elle, e, com esforço e ajuda dos que já com elle estavam, começou de seguir os castelhanos; e n'isto chegaram depressa Diogo Alvares e Fernão Pereira, seus irmãos, que d'isto souberam parte, que lhe foram assás bons companheiros, e todos seguiram os inimigos de guisa que prendiam e matavam muitos.

A'cima, não podendo já mais soffrer tal damno, tornaram costas, por se acolher aos bateis; e á entrada pereceram muitos, por entrar mais depressa do que haviam em costume.

Nuno Alvares se tornou com os seus para a cidade, sem morrer nenhum da sua parte, mas foram d'elles mal feridos e nove cavallos mortos, e quando o prior o viu vir com os prisioneiros que comsigo trazia houve grão prazer com elle e com os outros, e foram todos d'elle mui bem recebidos.

CAPITULO CXXXIX

Como se começou o azo da prisão do mestre d'Aviz e de Gonçalo Vasques d'Azevedo.

DEIXANDO estar Lisboa cercada, e tornando a falar d'el-rei D. Fernando, que estava em Evora fazendo-se prestes para a guerra de Castella, convem que digamos, antes que d'ahi parta, como mandou prender o mestre d'Aviz, D. João, seu irmão, e Gonçalo Vasques d'Azevdo, um bom fidalgo e muito seu privado. E pois esta historia havemos de trazer a praça, não como alguns que fizeram livrosinhos que publicados em algumas mãos as cousas como passaram, não comprehendem por elles perfeitamente; mas, guardando a regra do philosopho, que diz que não podemos saber as cousas como são se da causa do seu primeiro começo carecemos de todo o ponto, nós o nascimento de sua prisão d'elles vamos buscar longe, d'onde veiu.

Assim foi, segundo ouvistes, que quando João Fernandes de Andeiro veiu falar a el-rei D. Fernan-

do, em Extremoz, sobre a vinda dos inglezes, e que o el-rei teve escondido por alguns dias na torre d'esse logar, soou não honesta fama entre elle e a rainha; e posto que á primeira fosse escura, e não tendo certos auctores, depois, por firme opinião, falavam n'ello mui largamente, pela qual rasão eram ambos havidos em grande odio das gentes, especialmente dos grandes e bons, que se doiam da deshonra d'el-rei.

Ora assim aveiu que, estando el-rei em Evora, como dizemos, chegaram um dia pela sésta, á camara da rainha, o conde D. Gonçalo, seu irmão, e João Fernandes d'Andeiro com elle; e pela calma que fazia, grande, iam elles suando muito. E ella, quando os assim viu vir, perguntou-lhes se traziam sudarios com que se limpar d'aquelle suor, e elles disseram que não. Então tomou a rainha um véo e partiu-o por meio, e deu a cada um sua parte para se limparem. E andando-se João Fernandes passeando pela camara, com aquelle véo na mão, ficou-se em joelhos ante ella e disse com voz baixa, mui mansamente:

— «Senhora, mais chegado e mais usado queria eu de vós o panno, quando m'o vós houvesseis de dar, que este que me vós daes.»

E a rainha começou de rir d'isto; e, pero lhe dissesse estas palavras mui manso, não as disse porém tão passamente que as não ouviu uma dona que sia cêrca d'ella, que chamavam Ignez Affonso, mulher d'um grande privado d'el-rei, e do seu conselho, que havia nome Gonçalo Vasques d'Azevedo, de quem elle muito fiava; e, porque lhe pareceram mui mal ditas, calou-se então por aquella hora, e disse-o depois a seu marido.

A cabo de dias, sendo a rainha falando em cousas de sabor, louvando muito o costume dos inglezes e d'aquelles que com elles usavam, respondeu aquelle privado d'el-rei, e disse:

— «Certamente, Senhora, quanto a mim, seus costumes, em algumas cousas, não me parecem tanto de bons como os vós louvaes...»

— «E quaes? disse ella.»

— «Senhora, disse elle, não é bom costume, nem de louvar a nenhum, o que muitos d'elles usam: que se alguma dona ou donzella, por sua mesura, lhes dá algum véo ou joia, elles se chegam a ellas, á orelha, e dizem-lhes que mais chegadas e mais usadas, queriam elles as joias d'ellas que não aquellas que ellas dão...»

A rainha, quando isto ouviu, suspeitou logo porque elle aquillo dizia, e calou-se por então e não disse nada, dando a entender que não parava n'aquillo mentes, e depois chamou-o á parte e disse:

— «Gonçalo Vasques, eu bem sei que vossa mulher vos disse aquillo que vós ora antes dissestes, mas sêde certo que vós e ella não o lançastes em poço vazio, e prometto-vos que ambos m'o pagueis mui bem.»

E elle escusando-se que não sabia d'ello parte, e ella dizendo que era assim, deixaram aquillo e falaram em al.

Onde sabei que este Gonçalo Vasques era segundo co-irmão da rainha D. Leonor, e por ella fôra feito e posto em grande estado; porque D. Aldonça de Vasconcellos, mulher de Martim Affonso Tello, mãe da rainha D. Leonor, era prima co-irmã de Thereza Vasques d'Azevedo, filha de Vasco

Gomes d'Azevedo, irmão de Gonçalo Gomes d'Azevedo, alferes d'el-rei D. Affonso, o que foi aos mouros; assim que a infante D. Beatriz, mulher que depois foi d'elrei de Castella, era sobrinha d'este Gonçalo Vasques, filha de sua segunda co-irmã. E por este divido que elle havia com a rainha, e o accrescentamento que n'elle havia feito, teve ella grão sentido das razões que d'ella dissera, e azou como depois fosse preso.

CAPITULO CXL

Como Vasco Gomes d'Abreu falou á rainha, e das razões que ambos houveram.

Depois d'isto a poucos dias, um fidalgo que havia nome Vasco d'Abreu, que se chamava parente da rainha, vendo como já tempo havia que lhe não mostrava boa vontade, como d'antes havia em costume, dês-ahi, porque diziam alguns que lhes parecia que a rainha lhe não tinha bom desejo, chegou um dia a ella e disse:

— «Senhora, vós me fizestes muito bem e pozestes em honra, de guisa que eu não sou mais que quanto a vossa mercê em mim fez, pela qual razão eu sou mui teudo de vos servir e amar emquanto viver, e assim o entendo de fazer sempre; e ora não sei porque, dias ha, vós mostraes que me haveis odio, como se vos eu houvesse feito algum grande erro e desserviço. Porém, vos peço por mercê que me digaes isto porque é, ou se vos disseram alguma cousa que eu contra vosso serviço fizesse; e, se fôr verdade o que vos de mim disseram, eu vos faço

preito e menagem que d'este logar me não parta até esperar aqui a morte.»

Respondeu a rainha e disse:

— «Não sem gran razão, eu hei de vós mui grande queixume, e não sei para que são essas palavras e essa abundancia de arrazoar, ca bem sabeis vós que vós me tendes feito um erro tão grande por que vós merecieis de vos eu mandar cortar a cabeça, e ainda matar de peior morte que esta.»

— «Senhora, disse elle, vós podeis dizer o que vossa mercê fôr, mas outro nenhum não me dirá, com verdade, que vos eu nunca haja feito nenhum erro por que eu isso mereça; e, se vos alguma cousa vos alguem de mim disse, peço-vos por mercê que m'o digaes.»

— «Onde me podieis vós mór erro fazer, disse ella, que irdes vós dizer ao conde D. João Affonso, meu tio, que eu dormia com João Fernandes d'Andeiro?»

— «Senhora, disse elle, Deus me guarde de mal que eu tal cousa dissesse, e quem vos isso disse mentiu-vos falsamente; e não ha nenhum, que m'o diga, a que eu não ponha o corpo, ainda que seja de muito mór estado que eu.»

— Para que negaes vós isto, disse a rainha, e o desdizeis, ca eu vos darei pessoa a quem o vós dissestes?»

— «Senhora, disse elle, eu não o desdigo, ca, pois o eu não disse, não o posso desdizer; mas nego e digo que nunca foi nenhum que me tal cousa ouvisse.»

— «Certo é, disse ella, que vós o dissestes, ca Gonçalo Vasques d'Azevedo me disse que vós lh'o dissereis.

— «Não vos disse verdade, disse elle, nem Deus nunca quizesse que eu tal cousa dissesse de vós; mas, pois vós dizeis que vol-o elle disse, a verdade é que eu lh'o ouvi dizer a elle, estando presentes o conde D. João Affonso, vosso tio, e outros; e vós mandae-o chamar e eu lh'o direi presente vós, e se m'o elle negar eu lhe quero pôr o corpo sobre isto, ou lh'o provarei pelos que ahi estavam, qual antes vossa mercê fôr.»

Quando a rainha isto ouviu, disse-lhe que não curasse mais d'aquillo, nem o dissesse a nenhum, e que ella mandaria uma carta a seu tio, que lhe enviasse dizer a verdade d'isto, como se passara.

CAPITULO CXLI

Como el-rei poz em sua vontade de mandar prender o mestre seu irmão, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e porque razão.

A rainha, depois que houve estas palavras com Vasco Gomes, cuidou n'isto que lhe elle disse e no que antes ouvira dizer a Gonçalo Vasques, e pezou-lhe muito de coração e entendeu que por aquelle privado d'el-rei havia de ser publicada sua fama e descoberto todo seu feito, e que, sendo isto sabido, era a ella mui grande vergonha e perigo, e isso mesmo d'aquelle cavalleiro com quem ella era culpada, cuja morte ella não desejava de vêr. E pensou como no reino não havia outro nenhum do linhagem d'el-rei, que isto quizesse vingar, senão aquelle seu irmão bastardo, que era mestre d'Aviz, segundo já dissemos; e entendeu que, sendo aquelle privado d'el-rei e este seu irmão mortos, ella seria de todo segura, porquanto todos os outros móres do reino eram seus divididos ou postos em honra por ella. Então, cuidou

de os fazer culpar em alguma tal cousa porque el-rei houvesse azo de os mandar matar.

E dizem alguns que fez fazer cartas falsas, em nome do irmão d'el-rei e d'aquelle seu privado, as quaes pareciam ser enviadas por elles a Castella, em desserviço d'el-rei e de todo o reino; e fingiram estas cartas ser enviadas e tomadas no extremo, caladamente, segundo a maneira que sobre ello foi ordenada. E uns dizem que foram trazidas a el-rei, outros contam que á rainha, e que ella as mostrou a elle; e que el-rei, quando as viu, foi d'isto muito espantado, porque não havia d'elles tal suspeita, nem sabia cousa por que se a isto demovessem. Nós, porém, como ella isto ordenou por satisfazer a seu desejo, não somos em certo conhecimento, salvo que el-rei e a rainha, e ainda presumem que aquelle com quem ella era culpada, viram taes carta.

E, falando que se devia n'isto de fazer, foi por elles accordado que era bem de serem presos, e não deixar passar tão má cousa como aquella sem grande vingança, por ser escarmento a todos os outros, que nunca se nenhum atrevesse a fazer similhavel cousa; e que a prisão fosse logo e que depois haveria el-rei accordo sobre a pena que deviam d'haver. A el-rei, pareceu este bom conselho e poz em vontade de o fazer assim, e cuidou de os mandar prender, de guisa que elles não podessem fugir, nem ser tomados áquelle a quem os entregasse.

CAPITTLO CXLII

Como el-rei mandou prender o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo.

ESTANDO el-rei em outro dia em um eirado de seus paços, e com elle o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo e alguns outros senhores e cavalleiros, chegou á porta do paço um escudeiro, que havia nome Gonçalo Vasques Coutinho, com suas gentes e outros, em guisa que seriam até duzentas lanças, todos armados, sem mingua de nenhuma cousa. E o logar onde el-rei com elles estava era tal que se viam d'ali, e, posto que o mestre e Gonçalo Vasques as vissem assim estar d'aquella guisa, não cuidaram nenhuma cousa sobre ello, como homens que se não temiam, especialmente o mestre; dês-ahi, porque era tempo de guerra, não lhes pareceu aquillo cousa nova.

E el-rei, depois que viu ali estar aquellas gentes, disse a todos os que com elle estavam que se fossem para as pousadas; e elle foi-se logo para sua

camara, e os outros todos começaram de se ir. E estando ainda ali o mestre e Gonçalo Vasques, tornou a elles Vasco Martins de Mello, que se fôra com el-rei, e disse contra o mestre:

— «Senhor, e vós Gonçalo Vasques, eu vos trago novas de que me muito pesa. El-rei, Meu Senhor, vos manda que sejaes presos.»

— «Porque?» disseram elles.

— «Não sei mais, disse elle, senão quanto me mandou que vos guardasse bem e lhe desse de vós bom conto e recado.»

— «Ha nos de vêr el-rei?» disse o mestre.

— «Não, disse elle, mas vinde-vos commigo e vamo-nos para a pousada.»

Então, se desceram e cavalgaram em cima de senhas mulas, e com cada um d'elles um dos escudeiros de Vasco Martins, de traz, e aquellas gentes todas com elles. E indo assim pelo caminho, chegou-se Gonçalo Vasques Coutinho áquelle privado d'el-rei que era seu sogro, e disse-lhe mui manso, em guisa que o não ouviu o escudeiro que com elle ia:

— «Parece-me que vós e o mestre ides ambos presos... Isto porque é?»

— «Não sei mais, disse elle, que quanto vós vêdes.»

— «Isto, disse elle, não póde ser senão por grande cousa, e, pois assim é, parece-me que é bem que eu trabalhe em toda guisa por vós não irdes á prisão, ca muito me temo d'esta causa vir a mal.»

— «E como podereis vós isso fazer?» disse Gonçalo Vasques.

— «Eu darei volta com todos os meus, disse elle, que aqui vão, e entendo com a ajuda de Deus de

vos pôr em salvo, e depois el-rei me perdoará; e, posto que me não perdôe, eu não dou nada de perder quanto tenho por vós todavia serdes livre d'este perigo.»

— «Filho amigo, disse elle, vós dizeis mui bem, e eu vol-o agradeço muito, mas porém não vos cureis de trabalhar d'isto, porque aqui vão muitas gentes, como vós vêdes; mórmente, ser dentro na cidade, isto era cousa mui grave de fazer, e não se acabando vós serieis preso e morto e eu logo morto comvosco. E mór pesar e nojo haveria eu, vendo como vos matavam por me vós quererdes livrar, que da morte que eu morresse, ainda que fosse sem meu merecimento. E, porém, não vos trabalheis de nenhuma cousa, que Deus, que sabe que eu não fiz por que eu isto mereca me livrará por sua mercê.»

E pero lhe elle disse que não tomasse d'aquillo cuidado, que elle em toda a guisa o livraria, nunca n'ello quiz consentir, receando-se do grande perigo que se poderia seguir a ambos.

E assim chegaram ao castello da cidade, onde haviam de jazer presos; e depois que foram dentro e descavalgaram, emquanto as gentes andavam d'uma parte para a outra, estando ainda as portas abertas, chegou-se ao mestre um escudeiro, que havia nome Affonso Furtado, que era anadel-mór do reino, e disse-lhe se sabia porque era preso, e elle disse que não.

— «Senhor disse elle, o grande e bom, quando é preso, não o é senão por grande cousa, e, posto que vós não saibaes porque sois preso, e entendaes que o sois sem porquê, parece-me que não é bem que vos aguardeis assim d'este feito. E vós sabeis

bem como el-rei D. Pedro, vosso pae, me creou e poz em estado, e me deu quanto eu hei; e ainda que eu d'el-rei D. Fernando, vosso irmão, recebesse muitas mercês, muito mais teudo sou a amar as cousas d'el-rei vosso pae, e pôr o corpo e quanto eu tenho por ellas, mormente por vós, que sois seu filho. E porém, emquanto estas gentes assim andam e a porta está aberta, saiamo-nos logo ambos, e como nós fôrmos fóra eu vos entendo de pôr em salvo, ainda que perca quanto tenho.»

E o mestre disse que lhe agradecia muito e lhe prazia. Então, se tomaram pelas mãos, indo falando, e elles que chegavam cêrca da porta e o porteiro que a acabava de fechar; e elles tornaram-se então, sem dar a entender nada do que fazer quizeram.

N'isto, pensaram cada um dos que ahi estavam de se ir para as pousadas, e Vasco Martins de pôr boa guarda n'elles; e foram ambos bem aprisionados com senhas grossas adovas e cadeia pelas pernas, e postos em uma tal casa dônde não podessem fugir.

E, pelo grão temor que houveram de em outro dia ser mortos, enviaram logo depressa um escudeiro ao conde de Cambridge, que estava em Villa Viçosa, que eram d'ali oito leguas, e mandaram-lhe dizer como os el rei mandara prender, não sabiam porque, e que lhe enviavam pedir por mercê que os enviasse pedir a el-rei, e, se lh'os dar não quizesse, que lhe dissesse porque eram presos.

O conde, quando isto ouviu, respondeu que com aquillo não tinha que fazer, e que, se elles alguma cousa fizeram contra serviço d'el rei, era mui bem de o pagarem, e que sobre aquillo não entendia de fazer nenhuma cousa.

Quando o escudeiro que lá foi tornou a elles com este recado, pesou-lhes muito e não souberam mais que fazer.

E tanto que elles foram presos, logo el-rei mandou prender um védor do mestre, que chamavam Lourenço Martins, que estava d'ali oito leguas, em uma villa que chamam Veiros, e tomar-lhe quanto tinha, entendendo que, quanto o mestre fizera em mandar aquellas cartas que elles cuidavam que elle enviara, tudo fôra por seu conselho.

CAPITULO CXLIII

Do recado que Vasco Martins houve por que matassem o mestre e Gonçalo Vasques, e como o não quiz fazer.

Logo como foi sabido que o mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo eram presos, foram todos maravilhados d'esta cousa, e foi logo soado por todo o reino como o foram por azo da rainha, e a maneira que tivera para os fazer prender, e por que razão fizera isto; e nenhum não podia d'elles suspeitar nenhuma má cousa, antes lhes pesava a todos muito de sua prisão, e maravilhavam-se de o não entender el-rei, e bem cuidavam que taes cousas se haviam de dar a mal; e eram os entendimentos dos homens cheios de desvairados pensamentos.

Onde n'este logar departem algumas historias, e dizem que, logo aquella noite que elles foram presos, a rainha fez fazer um alvará falso, que parecia assignado por mão d'el-rei, no qual mandava áquelle cavalleiro que os tinha em seu poder que

tanto que o visse, sem outra detença, os fizesse logo degolar; e se o alvará ia mui afficado, que muito mais afficadamente lh'o disse o mensageiro, em nome d'el-rei.

Quando Vasco Martins viu aquelle alvará maravilhou-se muito que podia ser tal cousa, e porquanto elle entendia que elles eram presos por azo da rainha duvidou muito no alvará porque elle sabia que muitos alvarás passavam para outras cousas em nome d'el-rei, feitos por aquella guisa; pero disse áquelle que lh'o trouxe que elle o cumpriria como n'elle era conteudo. E que, logo a cabo de pouco, veiu saber outro mensageiro, em nome d'el-rei, se era já feito o que lhe mandara fazer, e elle disse que não; e então se foi aquelle e veiu outro, com outro alvará muito mais afficado que o primeiro, em que lhe mandava el-rei que logo lhes fizesse cortar as cabeças, dizendo que el-rei era mui queixoso porque já não era feito. E porque se afficava muito aquelle que o trazia, e Vasco Martins via a cousa mui duvidosa, disse-lhe assim:

— «Amigo, vós vêdes como já é alta noite e horas em que se não costuma de fazer justiça, e parece que el-rei, com gran sanha que agora ha d'estes homens, manda fazer isto, e pode ser que depois se arrependeria muito, como já aconteceu a alguns senhores. E se fossem homens d'outro estado, ainda não era tanto de recear, mas matar eu um irmão d'el-rei e um dos grandes privados que elle tem, por esta maneira, digo-vos que o não cuido de fazer por nenhuma guisa, até de manhã, que eu com elle fale e saiba como é sua mercê de se fazer. E se os elle mandar matar, elles bem guardados estão, e será feito seu mandado; e isto en-

tendo por mais seu serviço, cá se fazer perda a qual depois não podia ser cobrada.»

Foi-se o mensageiro com este recado e não tornou depois mais a elle. E elle levantou-se em outro dia pela manhã, bem cedo, e foi-se a el-rei e mostrou-lhe os alvarás, e contou-lhe tudo o que se passara aquella noite; e el-rei ficou espantado, dizendo que de tal cousa não sabia parte, e que lhe agradecia muito o que fizera, e disse-lhe que se calasse e que não dissesse a ninguem nenhuma cousa.

CAPITULO CXLIV

Do grão temor em que o mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo estavam, e como a rainha buscava azo para matar Gonçalo Vasques.

Com grão temor e cuidado, passaram aquella noite o mestre e Gonçalo Vasques, cuidando que o dia seguinte era o postumeiro da sua vida, e muito maior fôra o medo se elles souberam parte do que se emtanto acontecia; e quando veiu a manhã, e o dia começou a crescer, tão grande era o temor que haviam que como alguem batia á porta do castello logo elles cuidavam que era algum mensageiro que trazia recado por que os matassem. E falavam entre si ambos que era aquillo por que eram presos: e o mestre dizia que não achava em si cousa por que merecesse de o ser; e Gonçalo Vasques dizia que bem sabia porque o era, ainda que dessem a entender que por al o prendiam, e que mór pezar haveria quando o levassem a justiçar, por não ousar a dizer o porque o matavam, que da morte que lhe dessem sem porque.

E foram-nos vêr n'aquelle dia todos os senhores da côrte, dizendo que lhes pesava muito de sua prisão, a qual não sabiam porque era, e que toda cousa que por elles podessem fazer o fariam mui de grado, não sendo contra serviço d'el-rei, seu senhor; mas não foi lá João Fernandes Andeiro.

Grande guarda punha Vasco Martins n'elles, não embargando o que lhe el-rei dissera, ca elle comia e dormia sempre com elles, e eram guardados de dia e velados de noite de vinte escudeiros, que dormiam sempre armados á porta da casa onde elles jaziam.

N'isto, partiu-se el-rei d'aquella cidade onde estava e foi-se a um logar que chamam o Vimieiro, e a rainha ficou ali. Quando elles viram que se el-rei partia e a rainha ficava, tiveram que era por seu mal, ca muito se temiam d'ella, e que não havia n'elles senão morte; e n'este temor estavam cada dia, sem haver esperança de poder fugir, nem ser livre por nenhuma outra guisa, em tanto, que o mestre fez voto e prometteu a Deus que, se o livrasse d'aquella prisão a seu salvo, fosse a Jerusalem visitar o Santo Sepulchro.

A rainha, quando viu que o seu desejo não fôra acabado sobre a morte d'elles, assim como haveis ouvido, cuidou que o poderia ser por outra guisa, e escreveu uma carta ao conde D. João Affonso, seu tio, que estava em Santarem, recontando lhe n'ella tudo o que lhe aviera com Vasco Gomes d'Abreu, e como lhe dissera que elle estava presente quando Gonçalo Vasques d'Azevedo dissera d'ella as palavras que dissemos; e que lhe rogava que lhe enviasse dizer, por sua carta, a verdade d'aquelle feito como se passara.

O conde D. João Affonso, quando viu a carta, como era homem sisudo, entendeu a vontade d'ella quejanda era, e trabalhou de buscar taes rasões porque os desculpasse ambos. E uns dizem que lhe não escreveu resposta, mas que chegou áquella cidade onde ella estava, e que lhe contou quanto d'aquillo sabia por guisa que nenhum d'elles não ficou em culpa, e que se tornou para Santarem; outros dizem que lh'o escreveu por carta, por esta mesma guisa.

Então, cuidou ella que era bem de trabalhar que elles fossem soltos, por dar a entender que ella não fôra em culpa de sua prisão, e houve com o conde de Cambridge que os pedisse a el-rei. Mas de que guisa isto foi nós não o sabemos em certo, salvo tanto que, havendo já vinte dias que elles eram presos, enviou a rainha chamar aquelle cavalleiro que os tinha em seu poder, e mandou que lhes tirasse os ferros, e elle fel-o assim.

E o mestre, quando isto viu, perguntou a Gonçalo Vasques que lhe parecia d'aquillo.

— «Senhor, disse elle, parece-me bom signal e hei-o por bom começo de meu feito, e entendo, mercês a Deus, que sou seguro de morte. Mas de vós me pesa muito, porque, quando tal homem como vós é preso não o é por pequeno feito; pero, pois vos tiraram os ferros, deveil-o haver por começo de bem.»

— «E a mim, disse o mestre, muito me praz de vós serdes livre, e Deus, que sabe que eu sou sem culpa d'esta prisão, encaminhe meus feitos como sua mercê fôr; e vós, depois que fordes livre e solto e fordes no vosso reino, rogo-vos que vos lembreis de mim.»

CAPITULO CXLV

Como o mestre teve ordenado para fugir, e da guisa que houvera de ser.

Depois que o mestre e Gonçalo Vasques foram soltos dos ferros em que jaziam, tiram-nos d'aquella casa onde jouveram presos todo aquelle tempo e deram-lhes logar que andassem folgando pelo curral do castello, e homens com elles, que os guardassem sempre. E o mestre, depois que se viu sem ferros, pero que o teve a bom signal, cuidou n'aquillo que lhe Gonçalo Vasques dissera e pensou em como podesse fugir; e um dia pela manhã, que fazia frio, disse o mestre a um filho d'aquelle cavalleiro que o tinha em seu poder:

— «Martinho, subamos áquelle muro e aquentar-nos-hemos áquelle sol que ali faz».

E o moço se foi com elle, e os escudeiros que o guardavam. E, andando folgando pelo muro do castello, olhava elle com gran femença se veria al-

gum logar azado porque depois podes e fugir; e viu um que lhe pareceu geitoso para se pôr por elle em salvo, mais baixo da terra que nenhum dos outros, e poz logo em sua vontade de fugir por ali o mais cedo que houvesse geito de o poder fazer. E, depois que os a claridade do sol houve esquentados a seu prazer, desceram-se do muro, sem haver nenhum d'elle tal suspeita.

Em outro dia, foi o mestre folgar áquelle logar mesmo aonde antes fôra, e levou comsigo um seu pagem, a quem era dada licença com quem fallasse apartado, e mostrou-lhe aquelle logar por que entendia de fugir, e disse assim:

— «Johanne, trazer-me-has o meu arco dos pelouros, com uma corda bem rija, e outras duas cerdas no seio; e depois que me isto deres irás sellar o meu cavallo e trazer-m'o-has ali prestes, fazendo que vaes para a agua; e uma vara na mão e um par d'esporas no seio, que, se m'as tão azinha não poderes pôr, com a vara as escuse; e eu andarei por aqui atirando ás pombas, e chegar-me-hei áquelle logar e atarei as cordas no arco e descer-me-hei por ellas.»

Então lhe divisou o dia e hora a que isto fizesse, e que o tivesse em grande segredo; e elle disse que assim o fazia e despediu-se d'elle e foi-se. Então se desceu do muro, com aquelles que o guardavam, sem descobrir sua puridade a outro nenhum.

CAPITULO CXLVI

Como o mestre foi solto e comeu aquelle dia com a rainha, e das razões que com ella houve.

Tendo o mestre ordenado para fugir da guisa que haveis ouvido, a um dia certo, chegou a elle Vasco Martins, antes d'aquelle dia que a fugida havia de ser, e disse a elle e a Gonçalo Vasques:

— « Senhor, eu vos trago mui boas novas.»

— « Quejandas? disseram elles.

— « A rainha, minha Senhora, disse elle, vem de manhã ouvir missa á sé, e manda-vos soltar, e que vades ouvir missa com ella.»

E elles foram muito ledos com isto e disseram que lh'o tinham em grande mercê.

Em outro dia, veiu a rainha ouvir missa á sé, e estando á missa chegou Vasco Martins, com elles ambos, aonde a rainha estava, e elles beijaram-lhe as mãos e falaram aos outros senhores que ahi estavam, e ao conde João Fernandes com elles. E

depois que sahiram da missa tomou o conde João Fernandes a rainha pelo braço, e o mestre a infante D. Beatriz, sua filha, e vieram assim até á porta da sé; então, entrou a rainha nas andas em que fôra, porque andava prenhe, e o conde ia a par das andas falando com ella, e o mestre levava a infante de redea.

E quando chegaram á porta do paço quizera-se o mestre e Gonçalo Vasques despedir d'ella para se irem para as pousadas, e ella lhes disse que se não fossem, mas que viessem comer com ella; e o mestre foi mui suspeitoso d'este convite, cuidando que o queriam matar com peçonha, e bem o deixara por aquella hora, se se pudera escusar d'ello.

Então se sentaram a comer na camara da rainha, e ella sia á sua meza, e o mestre em cabeceira d'outra meza, e o conde João Fernandes junto com elle, e Gonçalo Vasques a fundo d'elles ambos; e o mestre comia com grande medo, receando o que já dissemos. Acabado o jantar, trouxeram a fruta, e a rainha começou de falar nas joias que tinha, e quanto lhe custaram, gabando-as muito; e o conde alçou-se da meza, ficando os outros sentados, e chegou-se a par da cama onde a rainha estava á meza, e ella tirou um annel que tinha no dedo d'um rubi que dizia que era de grão preço, e estendeu a mão com elle, e disse ao conde, em guisa que o ouviram todos:

— «Johanne, toma este annel.»

— «Não tomarei», disse elle.

— «Porque»? disse ella.

— «Senhora, disse elle, porque hei medo que digam d'ambos».

— « Toma tu o que te eu dou, disse ella, e diga cada um o que quizer.»

E, elle tomou-o e pol-o no dedo; e ao mestre e aos outros que ahi estavam não lhes pareceu bem esta cousa, e tiveram aquellas por mui más razões. Então se levantaram de comer, e o mestre ficou-se em joelhos ante a rainha e disse:

— « Senhora, bem vistes como El-rei meu senhor, me mandou prender, e o desejo que contra mim teve emquanto fui preso; e pero eu por muitas vezes cuidasse em minha vontade, emquanto jouve na prisão, que o demoveria a me assim mandar prender, nunca pude achar em mim cousa nem desserviço que lhe eu fizesse por que merecesse de o ser. Pero, não embargando isto, eu tenho a elle e a vós em grande mercê, por me mandares soltar. Mas porque eu entendo que vós sabereis o por que o eu fui, porém vos peço por mercê que m'o digaes, para me eu avisar de outra hora não fazer ou dizer cousa por que anoje El-rei, Meu Senhor, e haja de mim outra tal sanha como esta.»

— « Irmão amigo, disse ella, bem sabeis que aos maldizentes nunca lhes mingúa que digam; e alguns cavalleiros de vossa ordem, que comvosco andam, especialmente o commendador-mór Vasco Porcalho, fez entender a El-rei Meu Senhor que vós vos querieis ir para Castella, para o infante D. João, em desserviço d'este reino; dizendo certamente que era assim, porque vós tomareis gados de suas albergarias que ha em Aviz, e os mandareis vender.»

— «Senhora, disse elle, esse era mui mau cuido que elles cuidavam, que por dezesete cabeças de gado, que eu mandei tomar para algumas cousas

que me cumpriam, não deveram elles a dizer de mim tão má cousa; mas Deus dará a elles seu galardão, e a mim ajuda e graça como sirva El-rei, Meu Senhor, segundo meu desejo foi sempre de o bem servir.»

E não podendo d'ella mais saber alçou-se e pediu-lhe licença para ir vêr el-rei.

CAPITULO CXLVII

Como o mestre foi vêr el-rei, e das palavras que com elle houve; e das razões que o mestre disse em casa do conde de Cambridge.

QUANDO o mestre viu que mais não podia saber da rainha em feito de sua prisão, despediu-se d'ella; e foi-se logo ao Vimeiro, onde el-rei estava, e chegou ante a cama onde elle jazia doente e beijou-lhe as mãos, e disse:

— Senhor, Vós me mandastes prender, e eu vos tenho em grande mercê por me mandardes soltar, se eu alguma cousa fiz por que merecesse de o ser, e ainda que o não fizesse. E Vós, Senhor, sabeis bem como me creastes, e a honra em que vossa mercê foi de me pôr; e, entre as outras muitas mercês que eu de Vós recebi até o dia de hoje, agora vos peço por mercê que me façaes uma, a qual é esta: que me digaes qual foi a razão por que me mandastes prender. Ca, ainda que vos eu com bom desejo servisse e tenha em vontade de vos servir, pero pode ser que algumas d'aquellas

cousas em que eu cuido que vos faço serviço e vontade serão a Vós nojo e desprazer; e, não sendo eu apercebido d'isto, servir-vos-hia como até aqui fiz, e, esperando de Vós bem e mercê por galardão de meu serviço, seguir-se-hia o contrario d'isto. E porém vos peço por mercê que me queiraes dizer quejanda á vossa vontade.»

Respondeu el-rei e disse:

— «Vós dizeis mui bem, e eu entendo vosso bom desejo, mas vós sêde certo que eu não vos mandei prender senão por vos mostrar quanto o meu poderio era de grande sobre vós, e não por outra cousa.»

— «Senhor, disse o mestre, dês aquelle tempo que me Deus chegou á edade de vos eu conhecer por Meu Rei e Senhor, sempre eu soube e sei o grão poderio que Vós sobre mim haveis, e sobre todos os outros de vosso reino; e, se por al não foi senão por isso, parece-me que por outra guisa podéreis saber se havia em mim tal conhecimento como esse. E se por outra razão e, em que vos eu não sirva a vosso prazer, como já disse, peço-vos por mercê que m'o digaes.»

E el-rei disse que não fôra por outra cousa senão por aquillo. Então lhe beijou as mãos e despediu-se d'elle; e porque ao mestre era dito que o conde de Cambridge fôra em ajuda d'elle ser solto, porém se foi aos paços onde o conde pousava, e fez-lhe sua reverencia e disse:

— «Senhor, bem sabeis como El-Rei, Meu Senhor, me mandou prender e ora por sua mercê me mandou soltar; e pero eu em toda minha prisão nunca pude saber porque fui preso, nem o sei ainda agora, eu vos tenho em grande mercê o que por mim

fizestes em trabalhardes por eu ser solto. Além d'isto, Senhor, porquanto a mim é dito que alguns disseram de mim cousas quaes não deviam, eu digo aqui, perante Vós, que se ahi ha algum que me diga que eu errei, ou fiz alguma cousa contra serviço d'El-rei, Meu Senhor, eu lhe farei conhecer que não disse nem diz verdade, mas que sempre me trabalhei de o servir o melhor que eu pude, sem lhe fazer nenhum erro por que me isto devesse ser feito.»

E isto disse o mestre porque ahi estavam com o conde muitos cavalleiros e escudeiros dos que andavam com el-rei; mas não houve ahi nenhum que lhe a isto respondesse. Então, disse ao conde Vasco Martins da Cunha, o Moço, que ia com o mestre:

— «Ainda, Senhor, que o mestre dissesse o que era teudo de dizer por sua honra, pero porque pode ser que, porque elle é tão grande homem, nenhum queira responder a isto, porém eu, que sou cavalleiro de mais pequeno estado, a quem de melhor mente responderão, digo que eu sou prestes para fazer conhecer que não é verdade a qualquer que disser que o mestre fez nem disse nenhuma cousa contra serviço d'el-rei, porque merecesse de ser preso.»

E esta mesma razão disseram alguns outros dos que ahi estavam, e o conde disse que bem cria que assim era. Então, se foi o conde para onde el-rei pousava, e o mestre com elle até aos paços, e despediu-se d'elle e tornou-se a Evora.

CAPITULO CXLVIII

Como Lourenço Martins quizera matar Vasco Porcalho, e lhe o mestre disse que o não matasse.

Tanto que o mestre chegou a Evora, despediu-se logo da rainha, para se ir á terra da Ordem, e foi-se de pé em romaria a Santa Maria de Benavilla, que promettera quando fôra preso; e d'ahi se partiu e foi a Veiros, e achou ahi já solto Lourenço Martins, aquelle seu vedor que d'antes dissemos, mas não lhe foi entregue o que lhe tomaram. E contou-lhe o mestre tudo o que lhe aviera em sua prisão, e as razões que houvera com a rainha depois que fôra solto, e o que lhe dissera de Vasco Porcalho.

—«Senhor, disse elle, e vós bem sabeis como eu fui preso quando o vós fostes, e como me foi tomado quanto me acharam; e, segundo parece, tudo o que a vós e a mim foi feito veiu por azo das cousas que este traidor andou dizendo, e porém é bem que elle haja galardão da sua maldade e não escape de

morte, por tão má cousa como esta que disse. E vós deixae a mim o encargo d'este feito, e, sem vós n'ello pôr mão, eu o entendo de matar mui cedo.»

E o mestre disse que lh'o agradecia muito e lh'o tinha em grande serviço. Aquella noite seguinte, cuidou o mestre n'esta cousa, e em outro dia chamou-o á parte e disse:

—«Lourenço Martins, cuidei n'aquillo que hontem falámos, e não me parece que é bem que mateis este homem, por duas razões:

—«A primeira, vós sabeis bem como esta mulher é sages em muito mal e sabedora de grandes artes; e, porque viu que não pôde acabar seu mau desejo contra mim emquanto fui preso, póde ser que cuidou de me dizer esta cousa, por tal que eu, com melancolia, pensando que a sem-razão que me foi feita foi por seu azo d'este homem, me demovesse a o matar. E matando-o, elle morreria sem porque, com grão peccado de minha alma, e eu era por força deixar o reino e me iria fóra d'elle, e por esta guisa seria ella desempachada de mim.

«A segunda, posto que assim fosse que o elle dissesse, a mim não vem grande honra de eu matar um homem tal como este, e ainda que o vós mateis, dando a entender que eu não sei d'isto parte, logo a rainha cuidaria que eu vol-o mandara matar, pelo que me disse; e poderia ser que haveria El-Rei de mim tão grande queixume por que eu poderia vir a prisão e perigo de morte ou perderia a terra de todo ponto, o que a mim não cumpria, mórmente em tempo de guerra, como ora estamos.

«Porém, me parece que é bem que, na duvido d'estas cousas, escolhamos o mais seguro e naã

curemos d'isto; e elle, se mal fez ou disse, Deus lhe dará seu galardão.»

—«Senhor, disse Lourenço Martins, a mim parecem estas boas razões, e como vossa mercê fôr eu assim o farei.»

E o mestre disse que não curasse d'ello, e elle assim o fez.

CAPITULO CXLIX

Como os inglezes, e o mestre com elles, entraram por Castella e tomaram os castellos de Lobom e do Cortijo.

A poucos dias que o mestre foi solto, estando elle em Veiros, como dissemos, houveram conselho alguns capitães dos inglezes de fazerem uma entrada por Castella, e divisaram logo entre si o dia a que se todos juntassem, com suas gentes, em uma villa que chamam Arronches, que era duas leguas do reino de seus inimigos; dos capitães eram estes: um filho bastardo d'el-rei de Inglaterra, que havia nome... Canom de Babi Sallas, o sob-duque della Trava, *mosse* João Falconeth e outros. E, indo para aquelle logar onde haviam de ser juntos, um cavalleiro inglez, que havia nome *mosse* Rogel Othiquiniente, chegou por onde o mestre estava e, falando com elle, disse assim:

—«Sabeis vós, Senhor, parte do que se faz n'esta terra onde nós estamos?

—«Não», disse o mestre.

—«Sêde certo, disse o cavalleiro inglez, que nós queremos fazer uma cavalgada e entrar por Castella, na qual, se vós quizerdes ser, podeis fazer muito de vossa honra.»

E disse-lhe logo o dia em que todos haviam de ser juntos, e quando se haviam de partir.

—«Muito me praz, disse o mestre, e sou d'ello mui ledo e agradeço-vos muito isto que me haveis dito; e eu me farei logo prestes, em guisa que seja com esses senhores n'esse dia que vós dizeis.»

Então se despediu d'elle, e o mestre não o poz mais em tardança, e juntou suas gentes depressa e outras da comarca, as mais que haver poude, e com elle Vasco Peres de Camões, e levou comsigo, entre lanças e corredores, duzentos de cavallo e quatro mil homens de pé; e chegou a Arronches, onde os inglezes estavam, e foi d'elles bem recebido, e fizeram-se prestes para entrar, e eram por todos oitocentas lanças e quinhentos archeiros e seis mil homens de pé.

Então se partiram d'ali e levaram caminho d'Ouguella, e chegaram aquella noite a uma ribeira onde está uma ermida que chamam S. Salvador da Matança. Ali, dormiram alguns em casas que faziam de ramos d'arvores, e os mais d'elles sobre a erva da terra; o céo era cobertura a todos, ca ali não havia outras tendas que os amparassem de tempo contrario.

O dia seguinte, chegaram a um castello que chamam Lobom, em que estavam até sessenta homens, e aquelle filho bastardo d'el-rei d'Inglaterra que dissemos foi o primeiro que o começou de combater, e e dês-ahi os outros. E os que eram dentro defendiam-se quanto podiam, e deram-lhe de cima uma

gran pedrada, em guisa que cahiu logo em terra e todos cuidaram que era morto; e elle alçou-se e cobrou sua força e, não com menos esforço que da primeira, tornou outra vez a combater. E pela fraqueza do logar e pelo fogo que lhe pozeram ás portas, foram logo entrados por força, e foi elle o primeiro que entrou dentro; e mataram d'elles, e outros fugiram, e alguns levaram captivos, e derribaram o logar todo.

Partiram-se então d'ali e chegaram a um castello que chamam o Cortijo; e ali estavam duzentos homens de pé e trinta escudeiros, entre os quaes estavam sete que eram alcaides de senhos castellos, homens de grande esforço, que em se defender bem mostravam para quanto eram. E, como chegaram ao logar, começaram de o combater mui rijamente, pondo o fogo ás portas e picando o muro por outra parte, e os de dentro, em se defender com toda sua força, mataram dois escudeiros, um portuguez e outro inglez, escudeiro de *mosse* João Falconet; mas não lhes prestou nada sua defensão, ca a multidão das gentes de fóra lhes fez perder toda sua virtude, em guisa que desesperaram de se poder defender; e preitejavam-se que os deixassem a vida e que lhes dariam o logar. E os inglezes cobraram tão gran'sanha, pela morte d'aquelle escudeiro inglez, que o não quizeram consentir, mas cada vez se esforçavam mais para o entrar.

Quando os de dentro viram isto, houveram mui grão medo, e bem entenderam que, se os entrassem por força, não havia n'elles senão morte; e revestiram-se os sacerdotes e subiram-se ao muro, e mostraram-lhes o Corpo de Deus, rogando-os que, por amor d'aquelle Senhor, se quizessem amercear

d'elles. E os inglezes, com gran sanha que se n'elles mais accendia, não curavam d'aquillo, e bradavam-lhe altas vozes que se defendessem toda via; e o ruido grande de uma e da outra parte fazia que ádur suas preces podiam ser ouvidas; e eram as frechas tantas, ali onde o Corpo de Deus estava e pelos outros logares de redor, que temor grande os fazia d'ali partir.

N'isto, foi o combate tão afficado que, pero o muro fosse mui forte, com alta cava e bem defensavel, tudo não aproveitou nada, e duraram desde a manhã até hora de terça em o combater. E roto o muro, entraram dentro por força e depois pelas portas, que foram ardidas, e começaram de matar quantos homens acharam, em guisa que outra nenhuma pessoa não ficou a vida, salvo mulheres e moços pequenos; e derribaram todo o logar o mais que poderam, e roubaram-n'o de quanto n'elle acharam, e tornaram-se para Portugal.

CAPITULO CL

Como el-rei D. Fernando e os inglezes chegaram a Elvas, e pariu a rainha D. Leonor ahi um filho.

A rainha, como haveis ouvido, depois que ázou que o mestre e Gonçalo Vasques fossem soltos, por dar a entender que não era em culpa, ordenou como casasse um filho de Gonçalo Vasques, que havia nome Alvaro Gonçalves, com uma filha de João Fernandes d'Andeiro, que chamavam D. Sancha d'Andeiro, crendo que por tal casamento cessaria Gonçalo Vasques de falar mais em seus feitos e seria da parte d'ella.

N'isto, ordenou el-rei de todos fazerem mudança, por ir mais adeante, e escreveu ao conde que partisse de Villa Viçosa: e elle partiu logo, uma segunda feira postumeiro dia de junho, com sua mulher e gentes, e foi pousar seu arraial em Odiana a par de Juromenha. E el-rei e a rainha partiram d'Extremoz, onde já estavam, á quarta feira seguinte, com todas suas gentes, e vieram-se a Bor-

ba, e á sexta feira chegaram a Villa Boim, ao sabbado foram pousar a Elvas, que eram seis dias do mez de julho, onde depois se juntaram todos; e pousava el-rei em cima, na villa velha, e o conde em S. Domingos, e a hoste d'el-rei poz seu arraial nas hortas ao redor da villa, e os inglezes nos olivaes, caminho de Badajoz. E começaram de correr a terra uns aos outros.

A rainha, que andava prenhe, havendo treze dias que ali estava, pariu um filho, e mostrou el-rei mui grão prazer e aquelles que da parte da rainha eram; e acabados quatro dias morreu. E por sua morte tomaram todos os grandes que com el-rei estavam capas de burel, por dó, mais por seguirem vontade d'el-rei que por entenderem que era seu filho, ca muitos presumiam que era filho do conde João Fernandes, dizendo que el-rei, por seu adórado, havia tempos que não dormia com a rainha; e outros, que se mais estendiam a murmurar, diziam que el-rei, por esta razão, o afogara no collo de sua ama.

Onde sabei que n'este tempo e n'esta ida se começaram dois officios em Portugal novamente, que até então n'elle não havia, a saber, condestavel e marichal; e, tomado tal costume dos inglezes que então vieram, fez el-rei condestavel o conde d'Arrayollos, D. Alvaro Peres de Castro, e marichal Gonçalo Vasques d'Azevedo. E, se alguem disser quem usava antes das cousas que a estes cavalleiros officios pertencem, dizei-lhe que fazia tudo o alferes-mór; e o officio que agora é do camareiro-mór sohia de ser do reposteiro-mór.

CAPITULO CLI

Como Nuno Alvares pediu licença ao prior para ser na batalha com el-rei, e que maneira teve de se partir, porque lh'a não deu.

Estando assim el-rei D. Fernando, com todo seu ajuntamento, em Elvas, era a todos commum fama, por recontamento verdadeiro, como el-rei de Castella juntava suas gentes para se vir a Badajoz e lhe pôr a praça a el-rei D. Fernando, e que se não escusava batalha entre os reis. Nuno Alvares, que estava com o prior na frontaria de Lisboa, como dissemos, esperando cada dia que el-rei mandasse chamar seu irmão e os outros, para serem com elle na batalha; e o prior recebeu sua carta, que não se trabalhasse de ir lá, mas que todavia estivesse em Lisboa com os seus, como estava, ca assim o entendia por seu serviço.

Ao prior pesou muito de tal recado, porque sua vontade era ser todavia na batalha com el-rei; pero foi-lhe forçado fazer o que lhe mandavam e não partir da frontaria, e falou isto com seus irmãos e

com os outros, segundo lhe el-rei escrevera. Nuno Alvares houve gran tristeza por isto, e, pelos muitos que então ahi estavam, não respondeu nenhuma cousa ao prior; e, como se os outros partiram, foi-se o prior para sua camara, e Nuno Alvares com elle, e tanto que ambos foram dentro Nuno Alvares disse ao irmão n'esta guisa:

— «Senhor irmão, por determinado haveis vós todavia não partir d'aqui para ser com el-rei na batalha; por mercê, declarae-me sobre isto vossa vontade.»

O prior, ouvindo isto, começou de rir e respondeu d'esta guisa, dizendo:

— «Irmão, bem vêdes vós que eu não posso ahi al fazer senão cumprir o que me El-Rei Meu Senhor manda, e fazendo o contrario não m'o contariam por serviço; mas espero em Deus que elle será vencedor da batalha e a nós encaminhará com as gentes d'esta frota, que o serviremos de tão bom serviço como lhe lá podiamos fazer. E porém, irmão, a vós não seja isto empacho, nem vos anojeis por ello.»

Nuno Alvares, mui cuidoso por todavia ser na batalha, pareciam-lhe estas razões compridas por que se o prior escusava de todo, e, como as acabou, muito mesuradamente disse:

— «Senhor irmão, a mim semelha que todas as cousas vós haveis de deixar esquecer por todavia ser na batalha com vosso senhor, el-rei, de quem vosso pae e vós e toda vossa linhagem tantas mercês haveis recebidas; pero, porque já por vezes ouvi dizer a alguns que melhor é obediencia que o sacrificio, parece-me que é bem de lhe serdes obediente e cumprirdes seu mandado. Mas porque eu

entendo que n'esta frontaria, onde ha tantos bons como comvosco estão, eu hei de fazer pequena mingua, dês-ahi porque me parece que eu faria a mór maldade do mundo se n'esta batalha não fosse, vos peço por mercê que me deis logar para ser n'ella, e eu deixarei aqui todos os meus, que não quero levar senão cinco ou seis companheiros com nossas armas.»

O prior respondeu então, já quanto de sanhudo, que tal logar lhe não daria, antes lhe rogava e mandava que de tal cousa se não trabalhasse.

Nuno Alvares, ouvindo a resposta de seu irmão, partiu-se d'ant'elle, não mui ledo, e foi-se para sua pousada; e logo mais em segredo que poude começou de concertar sua ida, e não o poude fazer tão caladamente que o prior d'ello parte não soubesse; e tanto que o ouviu, porque lhe conhecia bem a vontade, — que pois que o começava o havia de acabar, — mandou logo aperceber as portas da cidade e pôr n'ellas tal guarda que não deixassem por ellas sahir nenhuma gente d'armas, especialmente á porta de S. Vicente, por onde elle entendeu que havia d'ir.

Nuno Alvares, por aquelle dia e noite seguinte até meia noite, não se trabalhou de nenhuma cousa, e áquellas horas elle e cinco escudeiros que levou comsigo começaram de se correger, elles e seus pagens, sem outras azemolas, e cavalgaram não muito manhã e chegaram áquella porta, e os homens d'armas que ahi estavam por guardas abriam já as portas ás gentes serviçaes que sahiam para fóra; e como Nuno Alvares e os seus chegaram, os guardas os quizeram torvar que não sahissem, e elles mostraram que queriam sahir por força, e deram-lhes logar e foram-se seu caminho.

Nuno Alvares, quando chegou a Elvas, el-rei o recebeu mui bem, louvando-o muito perante todos, e muito mais o louvou depois quando soube o que lhe aviera com seu irmão, e como se partira da cidade sem sua licença e contra sua vontade.

CAPITULO CLII

Como el-rei de Castella juntou suas gentes, e se veiu para Badajoz com ellas.

TORNANDO a falar d'el-rei de Castella, que ordenava em seu reino emquanto estas cousas todas passaram, é de saber que, depois que el-rei tomou o castello d'Almeida por preitesia, e mandou a carta ao conde de Combridge, de que não houve resposta, como ouvistes, tornou-se para Castella; e, porquanto sabia que, tanto que os inglezes fossem encavalgados, se trabalhariam todos d'entrar em seu reino, porém não quiz suas gentes affastar de si, mas ordenou de as pôr cerca do extremo de Portugal, e ali haviam pagamento de seu soldo; e elle emtanto juntava as mais companhas que podia, estando na cidade d'Avila e por aquella comarca de redor.

D'ali, partiu el-rei e veiu-se para Tordesillas, e ahi esteve alguns dias, e dês-ehi veiu-se a Simancas, e esteve ali um mez; e sabendo elle como

o conde D. Affonso estava em Bragança tratando suas avenças com el-rei D. Fernando, escreveu-lhe suas cartas, por o torvar d'ello e trazer para sua mercê. E, desde que viu que lhe o conde não respondeu como elle queria, partiu de Simancas e foi-se para Samora, e ali ajuntou suas gentes, porque o certificaram que el-rei de Portugal, com os inglezes, queriam entrar por Castella; e escreveu outra vez ao conde, por cartas e mensageiros, e a todos os que com elle estavam, que pela natureza que com elle haviam se viessem logo para sua mercê, ca sua vontade era partir d'ali depressa, por ir pelejar com el-rei D. Fernando.

O conde respondeu bem a suas cartas, pero demandava refens de pessoas e castellos certos que lhe fossem dados. El-rei não quiz consentir n'ello, ca lhe demandava o infante D. Fernando, seu filho, e seis filhos de cavalleiros, quaes elle nomeasse. A'cima, vendo o conde como todos os seus se partiam d'elle e se iam para el-rei, tratou suas preitesias com elle e veiu-se para sua mercê.

Então, fez el-rei, ali em Samora, condestavel de Castella, D. Affonso, marquez de Vilhena e conde de Denia, e fez mariscal da hoste Fernando Alvares de Toledo; e estes officios nunca foram dados em Castella até aquelle tempo.

E dês-ahi partiu el-rei de Samora, com todas suas gentes, que eram cinco mil homens d'armas e mil e quinhentos ginetes, e muita gente de pé e bésteiros, e chegou a Badajoz uma quinta feira pela manhã, postomeiro dia de julho da dita era.

CAPITULO CLIII

Como el-rei D. Fernando poz sua batalha e esperou no campo, e el-rei de Castella não quiz pelejar.

Antes um dia que el-rei chegasse a Badajoz, que eram trinta dias do mez de julho, sahiram os inglezes de seu arraial e foram a Caia, contra Badajoz, vêr o campo onde havia de ser a batalha, e andando lá em Caia disseram a el-rei D. Fernando que gentes dos castelhanos pelejavam com os inglezes; e elle, tanto que o ouviu, partiu logo d'Elvas com toda a sua gente, e quando lá foi achou que não era nada e tornou-se para a villa. N'outro dia, quando el-rei de Castella chegou a Badajoz, como dissemos, armaram os seus uma tenda n'aquelle logar de Caia, e vieram dizer a el-rei D. Fernando como os castelhanos armavam suas tendas e punham suas azes para pelejar, e não era assim; el-rei e o conde partiram logo com todas suas gentes, e foram-se áquelle logar de Caia, e os castelhanos, como os viram ir, alçaram a tenda e tornaram-se para Badajoz.

Então, cortaram os portuguezes as pontas dos sapatos, que usavam n'aquelle tempo muito compridas, e deitadas todas em logar era sabor de vêr tal monte de pontas; ca por judeu haviam então quem não trazia as pontas compridas.

El-rei tinha bem seis mil lanças entre suas e dos inglezes, e muitos bésteiros e homens de pé, assim que os reis haviam assás de gente, cada um por sua parte, para pelejar; e ordenaram logo sua batalha por esta guisa: o conde de Cambridge estava na vanguarda e el-rei D. Fernando na reguarda, e postas suas alas como cumpria.

E tendo suas azes postas, attendendo a batalha, começou el-rei de fazer cavalleiros assim inglezes como portuguezes; e tomaram de sua mão honra de cavallaria *mosse* Canom e outros inglezes, e dos portuguezes o conde D. Gonçalo, e Fernão Gonçalves de Souza, e Fernão Gonçalves de Meira, e Gonçalo Viegas d'Atayde e outros escudeiros fidalgos, até uns vinte e quatro. E, havendo já el-rei feitos alguns cavalleiros, disseram a el-rei que os não podia fazer, pois elle ainda não era cavalleiro; ca, posto que rei fosse, não havia poder d'armar cavalleiros pois ainda o elle não era. Então o armou cavalleiro o conde de Cambridge, e feito el-rei cavalleiro tornou a fazer os que antes havia feitos e outros alguns.

E com os inglezes vinha o alferes do duque de Lencastre, que se chamava rei de Castella, por azo de sua mulher D. Constança, filha d'el-rei D. Pedro, que trazia sua bandeira, a qual, tendida na batalha, bradavam os inglezes todos: «Castella e Leão por el-rei D. João de Castella, filho d'el-rei Eduardo d'Inglaterra.» E traziam outro pendão da

cruzada contra el-rei de Castella, porque eram schismaticos, não tendo com o papa de Roma.

E assim com as azes prestes e suas bandeiras tendidas estiveram por grande espaço, até depois do meio dia, e, vendo que el-rei de Castella não queria vir á batalha, tornaram-se os inglezes para seu arraial, e el-rei para Elvas, com toda a sua companha.

CAPITULO CLIV

Como foram pazes tratadas entre el-rei D. Fernando e el-rei D. João de Castella, e com que condições.

São algumas cousas calladas nas historias, não sabemos por qual razão, que muitos que as lêem desejam de saber; outras, cerca de mudas, não falam como devem aquillo de que homem queria ser certo, assim como n'este capitulo, falando da avença d'estes reis, qual d'elles foi o primeiro que a mandou tratar, nenhum auctor o escreve claramente; e porque nos parece arrazoado fallar n'ello, posto que a certidão d'isto bem não saibamos, diremos as opiniões que cada uns têem.

Uns dizem que, vendo-se el-rei D. Fernando eivado de dores, que já tempo havia, e que suas guerras se lhe prolongavam: dês-ahi, porque os inglezes são homens de forte condição e lhe faziam muitos nojos em seu reino, como já ouvistes, havendo tanto tempo que estavam n'elle: além d'isto, porquanto el-rei de Castella não quizera logo vir á

batalha, tendo-lhe a praça posta tão perto de seu arraial, por ventura queria ter outra ordenança de prolongada guerra, que a elle muito desprazia: que porém lhe mandou commetter mui escusamente que houvesse com elle paz, e isto por o não saberem os inglezes, de quem era certo que lhes não prazia outra cousa senão guerra.

Outros arrazoam muito pelo contrario, dizendo que el-rei de Castella, quando soube que, antes um dia que elle chegasse, el-rei D. Fernando chegara ao campo com toda a sua gente, cuidando que pelejavam já os seus com os inglezes, dês-ahi no dia que elle chegou que logo se vieram portuguezes e inglezes todos ao campo e ordenaram sua batalha, mostrando grande vontade de pelejar, e que vendo estas afoutezas, lembrando-lhe sobre tudo como seu pae fôra vencido dos inglezes na batalha de Najara, receou muito de lhe pôr o campo e que elle foi o que primeiro requereu a paz.

Alguns outros auctores não escrevem a primeira nem esta segunda razão, mas dizem que houve ahi taes pessoas que desejavam paz e amor entre estes reis, porquanto eram primos co-irmãos; e que trataram entre elles algumas maneiras de bem e de socego, e que el-rei de Castella enviou a elle secretamente seus embaixadores, e el-rei D. Fernando isso mesmo a elle.

Mas, de qualquër guisa que seja, el-rei de Castella foi então mui prasmado por não pelejar com el-rei D. Fernando, mórmente pela ardideza que elle dos seus mostravam á vinda, quando chegaram, dizendo uns contra os outros, por modo d'escarneo.

— «E onde vos ides, compadre?

—«Vou-me depressa, dizia o outro, defender a minha quinta de... (tal logar que logo em Portugal nomeava) que m'a não tomem os inglezes.»

—«E eu tambem vou defender a minha», respondia.

Nem defenderam a quinta nem os casaes mais pequenos.

E depois que foram no campo enviou el-rei de Castella tratar suas avenças a Portugal, uma vez por Pero Sarmento e outra por Pedro Fernandes de Vallasco, grande seu privado; e el-rei D. Fernando enviava a elle o conde d'Arrayollos, D. Alvaro Peres de Castro, e Gonçalo Vasques d'Azevedo. E estes iam sempre de noite, encobertamente, ao arraial d'el-rei de Castella, que estava entre Elvas e Badajoz, com senhos escudeiros, não mais, por não haverem azo os inglezes de saberem d'isto parte. E foram por tantas vezes os embaixadores d'uma e de outra parte, e vieram, que foi entre os reis posta avença por esta seguinte maneira:

Primeiramente, foi posto entre as outras cousas um capitulo de que os inglezes não souberam parte, a saber que a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, que fôra primeiro esposada com D. Henrique, primogenito filho d'el-rei de Castella, e, depois que os inglezes vieram, com Eduardo, filho do conde de Cambridge, que se desatassem estes esposarios e que casasse com ella o infante D. Fernando, filho segundo d'el-rei de Castella. E d'isto prazia mais a el-rei D. Fernando que do casamento do infante D. Henrique, porque o infante D. Fernando, pois era segundo filho, casando com sua filha, ficava rei de Portugal, sem se misturar o reino com o de Castella, o que era por força de se misturar casan-

do com o infante D. Henrique, que era herdeiro do reino.

Outrosim, que el-rei de Castella desse e entregasse a el-rei D. Fernando os logares d'Almeida e de Miranda e todas as galés que tomadas foram na peleja de Saltes, com todas suas armas e esquipações; e que soltasse D. João Affonso Tello, irmão da rainha, almirante de Portugal, com todos os outros que foram presos na frota, sem rendição nenhuma, salvo aquellas que pagas fossem.

E mais que el-rei de Castella desse tantos navios da sua frota que jazia em Lisboa, em que o conde com todas suas gentes podessem ir seguros em paz e em salvo para sua terra, sem lhe pagar nenhum frete por sua partida.

E que, por segurança d'isto, se pozessem certos refens de uma parte á outra.

CAPITULO CLV

Como o conde e Gonçalo Vasques levaram os tratos das pazes, e das razões que houveram antes que as assignasse.

Isto assim accordado e os tratos escriptos, partiram-se o conde e Gonçalo Vasques muito cedo alta madrugada, um domingo, dez dias do mez d'agosto, e chegaram ao arraial d'el-rei de Castella e mostraram a el-rei os trautos que levavam, assignados na maneira que haveis ouvido, e foram d'elle bem recebidos. E el-rei, sem mais lêr os tratos, antes que os assignasse, mandou logo tanger uma trombeta, para se juntar a gente e ouvir o pregão, segundo é costume quando apregoam pazes; e começando de as apregoar as gentes do arraial haviam tão grão prazer que muitos ficavam os joelhos em terra e a beijavam, e taes havia ahi que a comiam.

Aquelle dia, foram convidados o conde D. Alvaro Peres e Gonçalo Vasques de D. Fernando Osorez, mestre de S. Thiago, e deu-lhes de comer mui hon-

radamente e com grão prazer, em tanto que elle não quiz ser, por os melhor fazer servir. E perguntava áquelles escudeiros que iam com o conde e com Gonçalo Vasques que lhes parecia d'aquella obra que fôra feita, em razão das pazes entre aquelles reis, que eram em tão grão desvairo; e elles disseram que lhes parecia que fôra feita por Deus.

— «Não sómente por Deus, disse elle, mais ainda por todos os anjos do céo».

E assim acabaram seu jantar com muita folgança. O comer acabado, folgaram ali um pouco; dêsahi, partiram-se, com outros cavalleiros, para onde el-rei estava, e o mestre ficou em sua tenda.

El-rei, quando os viu, recebeu-os mui bem, e apartaram-se com elle, pedindo-lhe por mercê que assignasse os tratos; e el-rei disse-lhes que lhe prazia, e fez chamar o seu escrivão da puridade e mandou-lhe que os lêsse. E quando chegou áquelle logar onde era conteudo que elle entregasse todas as galés, com suas esquipações, disse que tal cousa não outhorgara, nem o faria por cousa que fosse; que bem lhe prazia dar o almirante, com a gente toda, de quaesquer condições que fossem, mas que dar as galés o não faria por nenhuma guisa.

O conde e Gonçalo Vasques, quando isto ouviram ficaram espantados e disseram:

— «Quanto nós, Senhor, somos muito maravidos de tal cousa! Mandardes vós apregoar as pazes, se vós em vontade não tinheis de assignar os tratos segundo por vós foi outhorgado!

E el-rei disse que lêsse mais adeante, e sobre tudo o que duvidasse queria haver seu conselho. O escrivão tornou a lêr, e quando chegou áquelle

capitulo onde fazia menção que el-rei desse de sua frota tanta em que os inglezes fossem, e isto sem frete nenhum, disse que isto não faria por cousa que fosse no mundo, ca não era razão de elle dar suas naus em poder de seus inimigos, para fazerem d'ellas o que quizessem, e posto que seguras fossem irem sem frete nenhum.

Quando isto ouviram os embaixadores, então foram muito mais maravilhados, e disseram que lhe pediam por mercê que quizesse outhorgar estas cousas, segundo por elle fôra accordado, se não que a paz que apregoada era tudo se tornaria em nenhuma cousa; e el-rei disse que antes queria haver guerra, como quer que fosse, que haver d'outhorgar taes cousas.

Ouvindo Gonçalo Vasque que el-rei por nenhuma guisa não queria assignar os tratos, por quantas boas razões lhe dizer podiam, então disse ao conde que lhe pedia por mercê que dissesse a el-rei de Castella o que lhe seu senhor enviava dizer; e o conde respondeu que lhe dava logar que o dissesse, e que o escusasse por então d'aquelle trabalho. E isto dizia o conde porque não tinha a voz bem clara, por azo de um cêrco em que comera ratos e outras taes cousas.

— «Pois m'o vós mandaes, disse Gonçalo Vasques, eu o direi da guisa que o El-rei, Meu Senhor, disse.

Então, disse a el-rei n'esta guisa:

— «Senhor, pois vossa mercê é d'estas cousas não querer outhorgar, segundo bem sabeis que foi divisado, El-rei, Meu Senhor, vos manda dizer que vós assigneis um logar, qual vos mais prouver, onde vos elle venha pôr a praça, e que áquelle dia

que por vós fôr divisado elle é mui ledo de vir pelejar comvosco.»

— «Assim, disse el-rei, rindo, e sois para tanto?»

— «Certamente, disse Gonçalo Vasques, eu não, digo El-rei, Meu Senhor, que é assás de poderoso rei para isto fazer; mas o conde de Cambridge, só com as gentes que comsigo traz, é bastante para vol-a pôr.»

Estando el-rei n'estas palavras, chegou o mestre de S. Thiago, D. Fernando de Osarez, e, quando os viu n'este desvairo, disse contra el-rei, perguntando:

— «Que é isto, Senhor, em que estaes?»

— «Em que estamos? disse Gonçalo Vasques, estamos na mais vergonhosa cousa que nunca eu vi acontecer entre dois reis tão nobres como estes: serem já as pazes apregoadas, como ouvistes, e ora el-rei não quer assignar os tratos da guisa que n'elles é conteudo, pela qual razão é por força que a paz se desfaça e isto fique em memoria vergonhosa para os que depois vierem!»

— «Santa Maria, val, disse o mestre, em que os duvida el-rei d'assignar?»

E foi-lhe respondido quaes eram, e elle fel-os lêr outra vez, e, quando viu que el-rei duvidava n'aquellas cousas e não em outras, disse contra el-rei:

— «E como, Senhor, por vinte e duas fustas podres, que não valem nada, e por emprestar quatro ou cinco naus sem dinheiro, duvidaes vós d'assignar os tratos?! Certamente, tal cousa como esta não é para vir a praça, e, se o haveis por custa e despeza, eu quero que a casa de S. Thiago pague isto e toda a despeza que se n'ello fizer.»

Então, rindo, filhou a mão a el-rei, como por força, e disse:

— «Ora, Senhor, eu quero todavia que vós os assigneis, e tal mingua como esta não passe por vós.»

Então el-rei, isso mesmo rindo, tomou a penna e assignou-os. Foram então todos mui ledos, e tornaram-se o conde e Gonçalo Vasques para a villa d'Elvas, onde el-rei D. Fernando estava.

CAPITULO CLVI

Como os inglezes souberam que as pazes eram tratadas, e que os refens foram postos d'uma parte á outra.

CHEGARAM a Elvas o conde e Gonçalo Vasques, e contaram a el-rei tudo o que lhes aviera com el-rei de Castella, e el-rei, rindo disse que entendia que tudo aquillo fôra fingido, por mostrar que outhorgava taes cousas contra sua vontade, porquanto não eram muito sua honra; e logo n'esse dia mandou apregoar as pazes.

Os inglezes, quando as ouviram apregoar, houveram tão gran melancolia que maior não podia ser, e deitavam os bacinetes em terra e davam-lhes com as fachas, dizendo que el-rei os trahira e enganara, fazendo-os vir de sua terra para pelejar com seus inimigos, e agora fazia paz com elles, contra sua vontade. E dizia o conde de Cambridge sanhudamente, quando as viu apregoar, que, se el-rei tratara paz com os castelhanos, elle não a fizera, e

que, se elle tivera juntas suas gentes como as tinha quando chegara a Lisboa, não embargando o apregoar das pazes que el-rei mandava fazer, elle pozera a batalha a el-rei de Castella.

Sobre isto, recresceram tantas razões que alguns se soltaram em desmesuradas palavras contra el-rei, a que Pero Lourenço de Tavora respondeu como cumpria. El-rei disse que não curasse de suas razões, nem houvessem ruido, dizendo contra elles que elle os contentaria e os mandaria para sua terra honradamente, como vieram; e assim o fez depois, mas não a todos, ca mui gran parte d'elles ficaram mortos n'este reino.

Então ordenaram entregar os refens d'uma parte á outra, segundo era divisado nos tratos. E foram entregues a Castella, da parte de Portugal, seis: uma filha do conde de Barcellos; e uma filha do conde D. Gonçalo, que depois chamaram D. Ignez, que foi casada com João Fernandes Pacheco; e outra filha do conde D. Henrique, que havia nome D. Branca, que depois foi casada com Ruy Vasques Coutinho, filho de Beatriz Gonçalves de Moura e de Vasco Fernandes Coutinho; e Martinho, filho de Gonçalo Vasques d'Azevedo; e Vasco, filho de João Gonçalves Teixeira; e um filho d'Alvaro Gonçalves de Moura, que chamavam Lopo. E da parte de Castella foram entregues a Portugal quatro, a saber: um filho de Pero Fernandez de Vallasco, que chamavam Diego Furtado de Mendonça, que depois foi almirante de Castella; e outro de Pero Rodriguez Sarmento; e outro de Pero Gonçalvez de Mendonça; e um filho do mestre de S. Thiago, D. Fernan Osorez, que chamavam Diego Fernandez d'Aguilar.

Foram, além d'isto, feitos preitos e menagens, por alguns condes e cavalleiros e fidalgos de Portugal e de Castella, por certas villas e castellos, por guarda e firmeza d'estas pazes.

Isto acabado, tornou-se el-rei D. Fernando para dentro do reino, e mandou as gentes cada uns para seus logares; e trouxe a estrada de Rio Maior, para vir a Santarem. E no caminho se despediu d'elle o conde de Cambridge, e chegou a Almada, com sua mulher e filho e gentes, primeiro dia de setembro, para embarcar nos navios de Castella. Aos castelhanos pesou muito d'isto, por receber os inglezes em suas naus, que eram seus inimigos, porém foi-lhes forçado cumprir mandado de seu rei; e houveram bom tempo e partiram logo, e das outras naus, que por bem de paz ante a cidade seguras ficaram, d'ellas tomaram carga e outras não, e foram-se cada umas para onde lhe prouve.

N'isto veiu-se el-rei a Rio Maior e estando ali por espaço de dias chegou a elle o cardeal D. Pedro de Luna, da parte d'aquelle que se chamava Clemente, a pedir que lhe desse obediencia e tivesse por sua parte, assim como antes que viessem os inglezes. El-rei mandou chamar a Lisboa alguns letrados, assim como o doutor Gil Dossem e Ruy Lourenço, deão de Coimbra, e outros, e o doutor João das Regras com elles, que pouco havia que viera do estudo de Bolonha; e depois d'alguns dias que el-rei teve seu conselho tornou a obediencia áquelle papa Clemente, com que antes tivera, muito porém contra vontade d'alguns, e especialmente do doutor João das Regras, o qual dizia a el-rei que mostraria por direito que não era verdadeiro papa. E então se partiu D. Pedro de Luna para Avinhão, e

mandou el-rei João Gonçalves, seu privado, e o bispo de Lisboa, D. Martinho, em duas galés, dar a obediencia áquelle papa Clemente.

N'este comenos, havia el-rei mandado a Sevilha por suas galés e gentes, que foram tomadas na peleja de Saltes, segundo nas pazes era outhorgado; e fôra lá *mice* Lançarote, com tantos que as podessem trazer, as quaes entregues e as gentes todas, que jouveram presas dezoito mezes, veiu o conde D. João Affonso Tello, que n'ellas fôra tomado, indo então por almirante. E, quando a Lisboa chegou, soube que a não boa fama que a rainha sua irmã havia com o conde João Fernandes era cada vez muito peior e de má guisa publicada a todos, em tanto que poz em sua vontade de o matar, segundo acerca vereis adeante, onde falarmos da morte do cond e.

CAPITULO CLVII

Como morreu a rainha de Castella, e foi commettido a el-rei que cazasse com a infante de Portugal.

Depois das pazes feitas, como ouvistes, partiu el-rei de Castella de Badajoz, e foi-se para terra de Toledo, onde adoeceu alguns dias, e jouve em Madrid. E, estando ali, chegaram novas como a rainha D. Leonor, sua mulher, que estava na villa de Qualhar, depois do parto de uma filha — que logo a poucos dias morreu, se finou de triste morte, e grande dó que todos d'ella houveram, por morrer de tal cajom; e el-rei houve mui grão nojo por ella, assim por ser nobre senhora e bem acostumada, como por ter já d'ella dois filhos, a saber o infante D. Henrique e D. Fernando; e mandou trazer o seu corpo á cidade de Toledo, onde, enterrada com grande honra, foi posta na egreja de Santa María, na capella que el-rei D. Henrique fizera.

El-rei D. Fernando, como ouviu dizer que esta rainha era finada, e el-rei de Castella viuvo, determinou em seu conselho de desfazer o casamento da infante D. Beatriz, sua filha, que havia de ser mulher do infante D. Fernando, segundo fôra posto nas avenças dos tratos d'Elvas, e casal-a com el-rei D. João, prazendo a elle de tal casamento. E ordenou logo de enviar a elle, por embaixador, o conde d'Ourem, D. João Fernandes, o qual foi muito bem corregido e acompanhado de muitos fidalgos, assim cavalleiros como escudeiros, em guisa que eram com elle bem cento de mulas; dos quaes era um Martim Gonçalves d'Atayde, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Pero Rodrigues d'Affonseca, e Alvaro Gonçalves d'Azevedo, e Vasco Peres de Camões e outros, e d'estes os mais honrados serviam ante elle de copa e de toalha e de talho. E diziam os castelhanos que tal custa qual elle trazia seria muito para a supportar el-rei de Castella, mórmente el-rei de Portugal.

E chegou o conde a Castella, a um logar que dizem Pinto, cerca da comarca de Toledo, onde el-rei então estava, e, bem recebido d'elle, propoz sua embaixada, notificando-lhe quanto a el-rei D. Fernando prazeria de elle casar com sua filha, por haver entre elles mór amorio e paz e socego; além d'isto, havendo-a por mulher, sendo herdeira depois de seu pae, que tal casamento lhe era ázo mui grande para cobrar o reino e ser rei d'elle.

El-rei folgou muito com este recado e disse que haveria seu conselho e lhe daria a resposta, a qual foi que lhe prazia d'ello, não embargando que fosse esposada com seu filho, crendo por tal ajuntamento haver o reino de Portugal por seu. E fala-

das todas as cousas por miudo, que a feito d'este casamento pertenciam, partiu-se o conde de Ourem para Portugal, ficando el-rei em Tordesillos; e ali ordenou de enviar por seu embaixador, sobre isto, D. João, arcebispo de S. Thiago, seu chancellermór. E porque aquelle casamento, que antes era acertado, do infante D. Fernando, seu filho, com esta infante D. Beatriz, fosse desatado de todo, fel-o actor e curador d'esse infante, para quitar quaesquer preitos e menagens a que el-rei e a rainha e outros fidalgos eram teudos, por razão de taes esposorios e cousas a elles pertencentes.

CAPITULO CLVIII

Como foi tratado cazamento entre el-rei de Castella e a infante de Portugal, e com que condições.

El-rei D. Fernando, estando em Salvaterra, um seu logar cerca do Tejo, começou de se sentir mal e não era bem são; e ouvindo novas como o arcebispo de S. Thiago vinha a elle, por embaixador, da parte d'el-rei de Castella, sobre o casamento de sua filha com elle, mandou-o receber ao extremo por D. Martinho, bispo de Lisboa; e chegaram ambos áquelle logar no mez de março, andando já a era em quatrocentos e vinte e um. E depois do bom recebimento que lhe el-rei fez, faladas por dias todas as cousas que pertenciam a isto, assim em razão do casamento, como da successão do reino, morrendo el-rei, foi notificado um dia a todos, presente el-rei, que as condições do casamento eram por esta maneira, a saber:

Que o arcebispo recebesse a dita infante em nome d'el-rei seu senhor, quando houvesse de partir

para a lavarem a seu marido, e que el-rei de Castella chegasse entre Elvas e Badajoz, para a receber por mulher, antes que lhe fosse entregue, mostrando dispensação que quitasse o embargo do divido que entre elles havia; e, posto que ella fosse de edade menor de doze annos cumpridos, que fosse pronunciado, por quem houvesse poder, que ella era pertencente para acabamento de matrimonio; e que d'ali a levasse el-rei de Castella para Badajoz, onde fizesse suas bodas e festa honradamente, recebendo-a outra vez por palavras de presente;

E que el-rei D. Fernando desse a el-rei de Castella, em dinheiros, outro tanto quanto fôra dado em dote a el-rei D. Affonso, avô d'esse rei D. João, com a rainha D. Maria, tia d'el-rei D. Fernando, pago tudo em tres annos; e que el-rei de Castella desse a ella todas as villas e logares que a rainha D. Joanna, sua mãe, havia ao tempo de seu passamento, declarando logo certas condições quando um d'elles morresse primeiro, com clausulas que por abreviamento dizer não curamos.

A successão do reino, em que pendem as Leis e os Prophetas, deixadas todas as opiniões e ditos d'historiadores, que a isto contradizem, esta só, tirada d'authentica escriptura, crêde, sem mais duvidar:

Primeiramente, foi posto que, fallecendo el-rei D. Fernando, e havendo filho varão, nado ou por nascer, da rainha D. Leonor ou d'outra qualquer mulher lidima, a herança de Portugal fosse de tal filho, livre e desembargadamente;

E morrendo el-rei D. Fernando sem deixar filho n'esta maneira, ou, se o deixasse, fallecesse sem lidimos filhos ou netos descendentes, assim que a direita linha da herança fosse de todo extincta, que

então o reino ficasse desembargado á infante D. Beatriz, e que os naturaes do reino fizessem todos menagem, que em tal caso houvessem ella por sua rainha e senhora;

E morrendo ella primeiro que seu marido, não ficando em Portugal filho ou neto d'el-rei D'. Fernando, assim que a herança fosse extincta, sem herdeiro d'elle ou d'esta infante, que então os povos do reino recebessem el-rei de Castella por seu rei e senhor, e que elle se podesse chamar rei de Portugal depois da morte d'el-rei D. Fernando, fallecendo sem nenhum herdeiro;

E acontecendo que a infante D. Beatriz morresse sem filho ou filha que d'el-rei houvesse, ou outros legitimos descendentes de linha direita, que os reinos de Portugal se tornassem a alguma outra filha, se a el-rei D. Fernando houvesse, da rainha D. Leonor ou d'outra sua lidima mulher;

E não havendo ahi tal filha, nem outro herdeiro nenhum dos que ditos são, que então, morto el-rei D. Fernando e a infante D. Beatriz sem taes herdeiros, que os reinos de Portugal ficassem a el-rei D. João, seu marido, e por esta guisa herdasse el-rei D. Fernando nos reinos de Castella, morrendo el-rei D. João e a infante sua irmã sem lidimos herdeiros de linha direita;

E se el-rei D. Fernando houvesse outra filha e a infante D. Beatriz reinasse em Portugal, ou filha ou filho seu e de seu marido, que em tal caso el-rei de Castella fosse teudo tornar todo o preço que houvesse com sua mulher a esta segunda filha, para seu casamento.

Outrosim, porque vontade d'el-rei D. Fernando era que os reinos de Portugal, emquanto ser po-

desse, nunca fossem juntos aos reinos de Çastella, mas sempre reinos por si, como os possuiram seus antigos avós, o que era gran duvida se el-rei D. João e a infante D. Beatriz houvessem o regimento d'elles, mórmente que para tal governança cumpria d'haver pessoas que soubessem as condições dos povos.

Porém, foi outhorgado que emquanto el-rei de Castella vivesse, até que a infante houvesse filho e fosse de edade passados de quatorze annos, o regimento dos ditos reinos, assim na justiça como em todas as outras cousas, da maior até mais pequena, que a regimento d'um reino pertencem, tudo fosse feito pela rainha D. Leonor, mãe da dita infante, e por aquelles que ella ordenasse para seu conselho, assim como governador dos ditos reinos;

E, fallecendo emtanto a rainha, que então a governança ficasse todo aquelle tempo áquelles que el-rei D. Fernando ou a rainha D. Leonor ordenassem em seus testamentos;

E que a dita infante sendo rainha de Castella, durando o matrimonio com o dito seu marido, houvessem todas as rendas e fructos dos ditos reinos, pagos primeiro as tenças dos castellos e contias dos fidalgos e todas as outras cousas que se costumavam de pagar em tempo d'el-rei D. Fernando.

Foi mais posto que, em caso que a dita infante houvesse d'herdar os ditos reinos, quantos filhos parisse de seu marido, do dia que nascessem até tre mezes, todos fossem trazidos aos reinos de Portugal, para se crearem sob poderio d'el-rei, seu avô, e da rainha D. Leonor, sua avó, ou d'aquelles que deixassem ordenados em seus testamentos;

Outrosim, que o primogenito, varão ou femea, que d'el-rei D. João e da dita infante nascesse, ou qualquer outro lidimo herdeiro, tanto que a dita infante, então rainha, morresse, posto que el-rei de Castella ficasse vivo, logo se chamasse rei ou rainha de Portugal, e que el-rei de Castella, d'ali em deante, não se chamasse mais rei de Portugal, e, fazendo-o, que perdesse o direito que havia n'esses reinos, por qualquer guisa que fosse.

E diziam alguns fidalgos de Castella joguetando, que antes saberiam capar el-rei, seu senhor, por nunca haver filho nem filha, e juntar o reino de Portugal ao de Castella e ser rei d'elle, que haver filho ou filha que d'elle fosse senhor, e ficar reino sobre si.

Havia mais de ser desembargado n'este reino, posto que já a infante D. Beatriz reinasse, toda a justiça civel e crime, alçadas e appelações, até o postumeiro desembargo, e isto por officiaes portuguezes, postos pela rainha D. Leonor, e não d'aquelles que foram contra o reino no tempo da guerra, os quaes não haviam d'entrar em Portugal, nem haver n'elle honra, nem officio nem herdade.

Os retos, isso mesmo, entre quaesquer pessoas, haviam de ser livres, perante a rainha D. Leonor e sua côrte.

E que el-rei de Castella não podesse fazer moeda em Portugal, salvo quando ella ordenasse, com seu conselho, pondo n'ella os direitos signaes de Portugal, e não outros.

Nenhuns portuguezes não haviam de ser chamados por el-rei de Castella a suas côrtes; e se fosse necessario de as fazer que se fizessem em Portu-

gal, sob governança da rainha D. Leonor e de seu conselho.

Estes e outros capitulos, que dizer não curamos, foram firmados n'este casamento, quando se tratou entre el-rei de Castella e a infante D. Beatriz segundo então largamente foram publicados.

CAPITULO CLIX

Dos juramentos que foram feitos entre os reis, por guarda das cousas conteudas nas avenças.

Pois tendes ouvido algumas condições que foram postas n'este casamento, bem é que ouçaes parte da segurança que por guarda d'ellas foi outhorgada entre os reis.

Onde sabei que quando estas cousas foram publicadas na camara d'el-rei, dentro em seus paços, eram presentes D. Martinho, bispo de Lisboa, e D. João, bispo de Coimbra, e D. Affonso, bispo da Guarda, e Fernão Perez Calvilho, deão de Tarçona, e Gonçalo Rodriguez, arcediago de Toro, e D. João Fernandes, conde d'Ourem, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e outros fidalgos e escudeiros, assim portuguezes como castelhanos. E notificado perante todos estes capitulos e outros que aqui não são postos, disse aquelle arcebispo mensageiro d'el-rei de Castella:

Que elle, como seu embaixador, por poder de uma procuração para isto muito bastante, prometia, como logo prometteu, na fé real do dito senhor rei, jurando em sua alma d'elle aos Evangelhos, corporalmente tangidos, que elle guardasse e cumprisse todas estas cousas e cada uma d'ellas, e que nunca viesse contra ellas, em parte nem em todo, por si nem por outrem, em publico nem em escondido, nem por feito nem por dito, nem por outra nenhuma maneira;

E vindo contra todas ou cada uma dellas, arrazoando ou falando em parte ou em todo, direitamente ou não direitamente, em publico ou áparte, posto que o deixasse em seu testatamento e postumeira vontade, que não valesse nenhuma cousa, e que ficasse logo fé perjuro, e mais que pagasse por pena cem mil marcos d'ouro;

E caindo el-rei, seu senhor, em tal pena, que elle, em seu nome, dava poder a el-rei D. Fernando e á rainha D. Leonor, e áquelles que fossem ordenados em seus testamentos que regessem o reino, e a todos os de seu senhorio, que por sua auctoridade se entregassem nas villas e cidades e bens de seus reinos, fazendo por isto guerra a elle e a todos seus naturaes, até que fosse entregue dos ditos cem mil marcos d'ouro, pela qual guerra el-rei não podesse fazer prenda nas terras e bens dos portuguezes;

Mas que quantas vezes viesse contra os ditos tratos, em parte ou em todo, tantas vezes pagasse a dita pena, promettendo de nunca allegar nenhuma excepção, por si nem por outrem, nem outra legitima razão, nem fôro, nem degratal, nem lei, nem costume, nem façanha, nem outro nenhum direito,

submettendo-se a pena d'excommunhão e d'interdicto, posta sobre elle e em seus reinos, vindo contra os ditos capitulos ou cada um d'elles;

Quitando mais a el-rei D. Fernando e á rainha D. Leonor, e a quaesquer de seus reinos, todas as juras e promessas e penas e menagens que feitas haviam a el-rei de Castella e ao infante D. Fernando, seu filho, segundo era conteudo nos tratos das pazes feitas entre Elvas e Badajoz.

E feitos estes e outros juramentos muito mais compridamente pelo dito arcebispo, logo el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor fizeram outras taes, por essa mesma fórma e condições; e não se fez mais por aquelle dia.

CAPITULO CLX

Como a infante de Portugal desdisse os espozorios que feitos havia, e recebeu el-rei de Castella por marido em pessoa de seu procurador.

No dia seguinte, que eram tres d'abril, uma sexta feira, sendo el-rei em sua camara, depois que ouviu missa, estando D. Affonso, bispo da Guarda, revestido em pontifical, tendo o Corpo de Deus Sagrado em uma patena que nas mãos tinha, a dita infante D. Baatriz, que presente estava, pediu licença a el-rei e á rainha para se partir e desdizer todos os esposorios e casamentos, que foram quatro, como ouvistes, posto que de direito nenhuma cousa valessem, em que até aquelle tempo ella fosse obrigada; e, sendo-lhe para ello dada, disse que os havia todos por nenhuns, ainda que fossem feitos por ella, ou por outrem em seu nome, renunciando quaesquer juramentos e obrigações que feitos havia a algumas pessoas, ou outrem a ella, por razão de taes esposorios. E então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus d'ella

que, porquanto sua vontade era de casar com el-rei D. João de Castella, lhes pedia por mercê que lhe dessem licença e auctoridade que podesse fazer juramento e prometter d'esposar e casar com elle.

E elles disseram que lhes prazia, e foi-lhe outhorgada para ello licença. E logo a infante D. Beatriz jurou no Corpo de Deus consagrado, tangido por ella, que estava nas mãos d'aquelle bispo da Guarda, que ella casasse com o dito rei de Castella e o houvesse por esposo e marido; e assim o juraram áquella hora el-rei e a rainha e todos os senhores e fidalgos que eram presentes, e isso mesmo o arcebispo de S. Thiago, por parte de el-rei seu senhor.

Quando veiu á quinta feira, na festa da Ascenção do Senhor, que eram trinta dias d'esse mez, sendo presentes na camara d'el-rei os senhores e fidalgos em cima nomeados, e mais D. Pedro, cardeal d'Aragão, e D. Fr. Affonso, bispo de Coyra, e D. João Affonso Tello, conde de Barcellos, e o conde D. Gonçalo, e D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cêa, e João Affonso Pimentel, e João Rodrigues Portocarreiro, e Gonçalo Gomes da Silva, e Lourenço Annes Fogaça, e Ayres Gonçalves de Figueiredo, e Alvaro Gonçalves, védor da fazenda d'el-rei, e muitos outros que dizer não curamos, o dito arcebispo de S. Thiago, em nome d'el-rei, seu senhor, por confirmação do juramento que fizera para se acabar este casamento, disse á infante, que presente estava, estas seguintes razões:

«Eu, D. João, orcebispo de S. Thiago, procurador que sou do mui alto principe D. João, rei de Castella e de Leão, em seu nome, e por poder especial que d'elle para isto hei, recebo por esposa e

por mulher lidima do dito D. João, rei de Castella, a vós, senhora infante D. Beatriz de Portugal, filha lidima e herdeira do mui alto principe D. Fernando, rei de Portugal e do Algarve, e da mui nobre senhora D. Leonor, rainha dos ditos reinos, segundo manda a Santa Egreja de Roma.»

Então, a senhora infante, de licença d'el-rei seu pae e mãe, disse estas palavras:

«E eu, D. Beatriz, infante de Portugal, filha lidima herdeira do mui alto principe D. Fernando, rei de Portugal e do Algarve, e da mui nobre senhora D. Leonor, rainha dos ditos reinos, de consentimento dos ditos rei e rainha, pae e mãe meus, que presentes estão, recebo por esposo e por marido lidimo o dito D. João, rei de Castella, em pessoa de vós, D. João, arce-bispo de S. Thiago, segundo manda a Santa Egreja de Roma.»

Isto assim acabado, foram feitas escripturas de todas as cousas que ouvistes, as mais firmes que se fazer poderam; e foi chamada a infante D. Beatriz, desde aquelle dia em deante, rainha de Castella.

CAPITULO CLXI

Como a rainha partiu com sua filha caminho d'Elvas, e d'algumas pessoas que foram em sua companha.

PORQUANTO nos tratos era conteudo que, do dia d'este recebimento a doze seguintes do mez de maio, a infante fosse entregue, entre Elvas e Badajoz, a el-rei seu marido, e el-rei D. Fernando por fraqueza de sua dôr, não podia lá ir, foram juntos para partir com a rainha, em companha da infante, os mais dos fidalgos e prelados que havia em Portugal.

E perguntaram a el-rei quaes era sua mercê de ficarem com elle, e elle disse que não queria outro nenhum salvo Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór que tinha a cruz de S. Jorge escripta no coração, como elle; e isto dizia el-rei porque Lourenço Annes fôra a Inglaterra em mensagem, quando vieram os inglezes, como ouvistes.

Então ordenou el-rei officiaes a sua filha, e deulhe por mordomo-mór o conde João Fernandes

d'Andeiro, e por copeiro-mór Vasco Martins de Mello, e que servisse de toalha Vasco Martins de Mello, o moço, e que cortasse ante ella Estevão Leitão, e por escrivão da puridade João Affonso; e deu-lhe por aia Violante Affonso, mulher que foi de Diogo Gomes d'Abreu, e por sua camareira-mór Maria Affonso, mulher de Vasco Martins de Mello, e por sua covilheira Iria Gonçalves, mãe de Nuno Alvares, e por donzellas as filhas do conde D. Alvaro Pires a saber: D. Izabel e D. Beatriz e outras.

Partiu então d'aquelle logar a rainha com a infante uma segunda feira, e iam com ella grandes prelados do reino, e D. João, mestre d'Aviz, irmão d'el-rei D. Fernando, e D. Alvaro Peres de Castro, e D. João Fernandes, conde d'Ourem, e D. Gonçalo, conde de Neiva, e D. João, conde de Vianna, e D. Fr. Pedro Alvares Pereira, prior do Hospital, e D. Fernando Affonso d'Albuquerque, mestre de S. Thiago, e D. Lopo Dias, mestre de Christo, e *mice* Manuel Pessanha, almirante, e Fernão Gonçalves de Sousa, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e Gonçalo Mendes, e João Mendes de Vasconcellos, e Alvaro Gonçalves de Moura, e Alvaro Vasques de Goes, e muitos outros fidalgos que seria longo d'escrever.

E chegou a rainha com a infante a Extremoz, e esteve ahi alguns dias.

CAPITULO CLXII

Como se el-rei mandou desculpar a el-rei d'Inglaterra, pelo casamento de sua filha que havia feito.

Partida a rainha por esta maneira, houve el-rei D. Fernando sentido do casamento que havia feito de sua filha com Eduardo, filho do conde de Cambridge, e que, sendo sabido em Inglaterra como a elle casara com el-rei de Castella, o haveriam por escarneo e teriam que lhe quebrantara os tratos e amizades entre elles firmadas; e cuidou que era bem de se enviar desculpar, antes que sobre ello lhe enviasse recado. E indo a rainha com suas gentes pouco mais d'uma legua, mandou el-rei chamar um escudeiro que havia nome Ruy Cravo, que ia em companha da rainha, que logo depressa se tornasse, e elle como chegou a el-rei chamou-o de parte e disse:

—«Creio que vós sabeis bem, parte por ouvida, como eu tenho meus tratos feitos com os inglezes; e ora, por este casamento de minha filha, que feito

hei, não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que entre elle e mim é posto. Porém, fazei-vos prestes para vos ir logo a Inglaterra, e dizei a meu primo, el-rei, e ao duque de Lencastre, que lhes rogo todavia, quanto posso, que se não anojem d'esta cousa que feita é, ca eu, isto que fiz, foi muito contra minha vontade e porque não pude mais fazer; mas que os tratos e a amizade que eu com elles havia os hei por bons e firmes. E que, não embargando isto que assim foi, cada vez que elles quizerem vir a este reino e se prestar d'elle, a mim praz de boa vontade fazer toda cousa que cumprir por suas honras; e que sejam bem certos que ainda que eu soubesse que por esta razão a degolariam perante meus olhos, eu não faria d'ello mais conta, como se nunca fosse minha filha; nem lhes fallecerei, por nenhuma guisa, de cousa que entre mim e elles fosse firmada.»

Mandou-lhe então fazer suas cartas de crença, e partiu-se logo e foi-se em um navio, e chegou a Inglaterra e achou el-rei em Londres, e deu as cartas que levava a elle e ao condè, e disse-lhes sua embaixada.

El-rei, quando o ouviu, filhou-se de sorrir em modo de escarneo, e não respondeu nada ao que lhe disse, mas mandou-lhe fazer suas cartas de resposta e enviou-o. O conde houve d'isto grande melancolia, e emquanto aquelle escudeiro lá esteve não o queria o conde vêr nem lhe falar, especialmente o seu filho, que fôra esposado com a infante quando o pae viera a Portugal, pero que não era de edade mais que até sete annos.

E o escudeiro partiu e chegou a Portugal, e contou a el-rei e á rainha tudo o que lhe lá aviera.

CAPITULO CLXIII

Como el-rei de Castella partiu de seu reino e se veiu para Badajoz.

TRATADO este casamento com as avenças que haveis ouvidas, e recebida a infante, como dissemos, pelo arcebispo, escreveu logo a el-rei de Castella como tinha tudo firmado, e o dia e o logar onde se haviam de fazer as bodas, e que el-rei D. Fernando, por fraqueza de sua dôr, não podia ir a ellas, mas que a rainha sua mãe, com todos os prelados e fidalgos do reino, haviam de ser aquelle dia com a infante em Elvas.

A el-rei prouve muito d'estas novas, e mandou fazer prestes todas as cousas que cumpriam para suas bodas; e fez chamar os prelados e senhores que haviam d'ir com elle, e isso mesmo muitas e nobres donas, para acompanhar a rainha D. Beatriz, sua mulher que havia de ser.

E partiu el-rei para Badajoz, cidade de seu reino, cêrca do extremo, muito acompanhado de prelados

e fidalgos; e vinha ahi o infante D. Fernando, seu filho, e D. Carlos, infante de Navarra, seu cunhado, e D. Pedro, arcebispo de Sevilha, e D. Diego, bispo d'Avila, e D. Fr. Affonso, bispo de Coyra, e D. Fernando, bispo de Badajoz, e D. João, bispo de Calahorra, e D. Pero Fernandez, mestre de S. Thiago, e D. Diego Martins, mestre d'Alcantara, e D. Pedro, conde de Trastamara, e D. Pedro Nunez, conde de Maiorgas, e D. João Sanchez Manuel, conde de Carrion, e D. João, filho do conde D. Tello, e D. Gonçalo Fernandez, senhor d'Aguilar, e D. Affonso Fernandez de Monte Maior, e Pero Lopez d'Ayalla, e Diego Gomez Sarmento, e Affonso Fernandez Portocarrero, e Lopo Fernandez de Padilha, e outros muitos assás de nobres homens.

A rainha D. Joana, mãe d'el-rei de Castella, que ahi vinha, trazia comsigo sua filha, D. Leonor, mulher do infante de Navarra, e condessas e muitas donas e donzellas.

E como el-rei com suas companhas chegou a Badajoz, partiu logo a rainha, muito acompanhada, e veiu-se a Extremoz, onde a rainha D. Leonor estava com a infante; e d'ali partiu em sua companha, e vieram-se todos para a villa d'Elvas, onde já os fidalgos de Portugal tinham ordenado justas e alçado tavolado, para bafordar e fazer outros jogos para tal festa pertencentes.

CAPITULO CLXIV

Como el-rei de Castella approvou os tratos antes que recebesse a infante sua mulher.

Sendo d'esta guisa el-rei em Badajoz e a rainha D. Leonor em Elvas, conveiu primeiro de serem por elle firmados os tratos, antes que recebesse a infante por mulher; e partiram o mestre de S. Thiago e alguns fidalgos de Portugal para Badajoz, onde el rei estava, para verem a approvação que fazia das cousas que foram ordenadas por seu procurador. E a quarta feira, treze dias de maio, estando el-rei na egreja cathedral d'essa cidade, e muitos fidalgos castelhanos e portuguezes, presente D. Fernando, bispo do dito logar, revestido em pontifical, tendo o Corpo de Deus consagrado em uma patena que nas mãos tinha, foram mostrados e lidos a el-rei todos os capitulos, de verbo a verbo, que o arcebispo, em seu nome, com el-rei D. Fernando firmara, assim em razão de seu casamento, como da herança do reino.

E depois que acabaram tudo de lêr, respondeu el-rei e disse que tudo aquillo que o arcebispo tratara fôra por seu dito e consentimento, e que primeiramente foram vistas e examinadas por elle aquellas cousas, havendo sobre todas e cada uma d'ellas assás de longo e maduro conselho. Então as approvou, consentindo em todas, obrigando-se em sua pessoa de as ter e guardar e não vir contra ellas.

E por mór firmeza e avondamento, jurou ao Corpo de Deus consagrado, por elle corporalmente tangido, que o bispo tinha em suas mãos, que elle cumprisse todas as cousas por seu procurador tratadas, na forma e maneira que o foram, sem nenhuma arte nem engano algum, e que nunca viesse contra ellas em parte nem em todo, por si nem por outrem, em publico nem em escondido. E assim juraram áquelle Corpo de Deus, tangido por suas mãos, muitos dos fidalgos que ahi eram, promettendo que el-rei, seu senhor, guardaria bem e fielmente todas as cousas conteudas nos tratos.

E todos, de licença que lhes el-rei, seu senhor, para isto deu, fizeram logo preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, vassalo d'el-rei de Portugal, e juraram áquelle Corpo de Deus que, não guardando el-rei de Castella os tratos na forma e maneira que entre os reis fôra posto, ou fosse contra alguma cousa n'elles conteuda, elles se desnaturassem em tal caso d'elle e tivessem com el-rei de Portugal, e lhe fizessem guerra, e, não o fazendo assim, que cahissem n'aquelle caso que cahem aquelles que trahem castello ou matam senhor.

E por esta mesma guisa o juraram, presenie el-rei, depois muitos fidalgos de Portugal; e isso mesmo jurou e prometteu de guardar os ditos tratos a rainha D. Beatriz, depois que foi em poder de seu marido, por sua licença e outhorgamento d'elle.

CAPITULO CLXV

Como el-rei de Castella partiu para Elvas, e como recebeu a infante de Portugal por mulher.

Firmados os tratos n'esta maneira, partiu el-rei de Castella em outro dia, e veiu-se caminho d'Elvas, onde tinha já posto um grande arraial de tendas no valle das hortas que chamam a Ribeira de Chinches, muito perto das tendas dos senhores e fidalgos de Portugal.

A rainha pousava na villa com a infante, e, antes que partisse para trazer sua filha a uma grande e mui formosa tenda d'el-rei D. Fernando, seu pae, foi-lhe primeiro entregue o infante D. Fernando, moço pequeno pouco mais de dois annos, para o ter em refens; porque nos tratos era conteudo que el-rei D. Fernando o tivesse comsigo até que a infante sua filha houvesse edade d'onze annos cumpridos e entrasse pelos doze, em que o casamento podia ser firme, e que então fosse aquelle infante entregue em Castella, casando el-rei primeiro outra

vez com a rainha sua mulher, por palavras de presente.

Então, partiu a dita infante da villa para o arraial dos portuguezes, bem corrigida e acompanhada de mestres e ricos-homens e cavalleiros e outras muitas gentes que com ella iam. E indo assim todos mui socegadamente, acharam no caminho el-rei de Castella, que outrosim vinha com muitas companhas comsigo; e quando chegou em direito da infante inclinou a cabeça e fez-lhe reverencia e passou, e indo mais adeante foi receber a rainha D. Leonor, sua sogra, á porta da cêrca velha que está cêrca do mosteiro, caminho de Badajoz, e inclinando-se fez-lhe reverencia e tomou a redea da mula em que ia, e começaram d'ir para a tenda aonde levavam a infante.

A rainha D. Leonor ia vestida em uns pannos de ouro mui formosos, e sua contenença e rosto e olhos era assim todo gracioso, que quantos senhores e cavalleiros ahi vinham de Castella todos louvavam sua formusura e graça.

Tanto que el-rei chegou com a rainha á tenda onde havia de ser recebido com sua mulher, foi mostrada uma dispensação assás bastante para isto, de D. Pedro, cardeal d'Aragão, que ahi estava de presente, o qual tomou pelas mãos el-rei e a infante, dizendo estas palavras:

—«Vós, Senhor D. João, rei de Castella e de Leão, que presente estaes, recebeis Vós a infante D. Beatriz, filha primogenita e herdeira dos ditos rei e rainha de Portugal, que isso mesmo aqui está presente, por vossa esposa e mulher lidima, por palavras de presente, segundo manda a Santa Egreja de Roma, e vos outhorgaes por seu marido?»

E el-rei de Castella disse que a recebia por sua esposa e mulher lidima, e se outhorgava por seu marido. Então, disse o cardeal á infante:

— «E Vós, Senhora D. Beatriz, infante de Portugal, recebeis Vós D. João, rei de Castella e de Leão, que presente está, por vosso esposo e marido lidimo, por palavras de presente, segundo manda a Santa Egreja de Roma, e vos outhorgaes por sua mulher?»

E ella disse que assim o recebia por seu esposo e marido lidimo, e se outhorgava por sua mulher.

Isto assim feito, disse el-rei de Castella que, pois fôra mercê de Deus de tão grão divido haver entre elle e el-rei de Portugal, por que as pazes que por elles foram feitas seriam melhor guardadas d'ali em deante por azo d'este casamento, porém elle quitava para todo sempre todas as menagens e juras e promettimentos que por azo d'ellas e do casamento do infante D. Fernando, seu filho, foram feitas; e mandou entregar todos os refens, que dissemos, que por esta razão tinham, que se viessem livremente para Portugal. E por esta guisa, similhavelmente, foram estas cousas logo ahi quites da parte de Portugal a Castella, e que lhe fossem entregues seus refens por aquelles que d'el-rei D. Fernando para isto traziam poder bastante.

CAPITULO CLXVI

Do que aveiu a Nuno Alvares sentando-se el-rei a comer, e das palavras que a rainha disse a el-rei quando se d'ella houve de despedir.

N'este dia, era ordenada a sala em que el-rei e sua mulher haviam de comer, e gran parte dos fidalgos de Castella e de Portugal. N'ella havia muitas mezas bem corregidas, e tres d'ellas eram principaes: a d'el-rei, que era travessa e bem levantada, como cumpria, e uma da parte direita e outra da parte sestra.

E entre aquelles que eram assignados para comer n'estas mezas com outros fidalgos foram Nuno Alvares e Fernão Pereira, seu irmão; e, quando foi tempo para se sentarem, elles, com mesura, não se trigaram muito; e a meza em que elles haviam de ser foi mui depressa cheia de portuguezes e de castelhanos, e elles ficaram por sentar, sem fazerem os outros d'elles conta, posto que fossem assás conhecidos e estivessem corregidos de festa.

Nuno Alvares, vendo a meza cheia, e que não tinham onde se sentar, disse, já quanto de sanhudo, contra seu irmão:

—«Nós não temos honra de mais estar aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para as pousadas; pero, antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco prezaram e riram de nós, que riamos nós d'elles e fiquem escarnidos.»

Então, passeando mui manso, chegou-se ao cabo da meza, vendo-o el-rei d'onde sia sentado, e com os joelhos derribou o pé da meza e deu com ella em terra. Os que a ella siam ficaram espantados, e elle, com seu irmão, se partiram da sala, tão socegados como se não fizessem nenhuma cousa.

El-rei, que isto bem viu, perguntou que homens eram aquelles, e disseram-lhe como foram convidados e houveram de comer n'aquella meza, e que os que siam não fizeram d'elles conta, nem lhes deram logar em que se sentassem.

—«Sei que se vingaram bem, disse el-rei, e quem tal cousa commetteu n'este logar, sentindo isto que lhe foi feito, para muito mais será seu coração.»

Porém el-rei não tornou mais áquillo, porque eram portuguezes, ca se foram castelhanos podera ser que tornara d'outra guisa.

El rei, acabado o jantar, tornou com a rainha D. Leonor para a villa, levando-a de redia até aquelle logar d'onde a primeiramente trouxera; e ficou na tenda, com a rainha D. Beatriz, a rainha de Castella, sua sogra, e sua filha D. Leonor, mulher do infante de Navarra, e muitas donas e donzellas do reino de Castella. E quando se el-rei houve de despedir, á porta da villa, da rainha D. Leonor, disse ella n'esta guisa:

— «Filho Senhor, encommendo a Deus e a Vós minha filha, e isso mesmo vos digo da parte d'El-Rei Meu Senhor, seu pae, porque não temos outro filho nem filha, nem esperamos já de o haver. Que seja de Vós honrada e lhe façaes boa companhia, qual deve de fazer bom marido a sua mulher; e eu rogarei a Deus por Vós e por vossa vida e honra, que Deus vos dê fructo de benção, que venha herdar o reino de seu pae e de seus avós.«

E dizendo isto, seus graciosos olhos eram lavados d'agua, mostrando gran saudade da filha.

— «Mãe Senhora, disse el-rei, eu lhe entendo de fazer tal companhia, a serviço de Deus, e sua honra e minha, que seja a vosso prazer, assim como o prometti.»

Então, se partiu el-rei d'ella, e esteve em seu arraial até tarde, que levantaram todas suas tendas. E foi el-rei esse dia a Badajoz, com todas suas companhas, com grandes alegrias e trebelhos que iam fazendo pelo caminho, ficando o infante D. Fernando, seu filho, em Elvas, com a rainha, como entre elles era posto.

E foram-se com a rainha D. Beatriz o mestre de Aviz D. João, seu tio, e todos os prelados e fidalgos de Portugal, salvo o conde d'Ourem, que disse que se sentia mal e não podia ir.

CAPITULO CLXVII

Como el-rei fez suas bodas em Badajoz, e tornou depois a Elvas e se despediu da rainha sua sogra.

QUANDO veiu ao domingo, que eram dezesete dias d'aquelle mez, ordenou el-rei como recebesse outra vez a infante, em presença da Egreja, fazendo-lhe suas bençãos e officio solemnemente, como nos tratos era posto; e foi d'esta guisa:

A' porta da egreja cathedral, estavam revestidos em capas, com baculos e mitras, D. Pedro, arcebispo de Sevilha, e D. Affonso, bispo da Guarda, e D. Martinho, bispo de Lisboa, e D. João, bispo de Coimbra, e D. Diego, bispo d'Avila, e D. João, bispo de Calahorra, e D. Fr. Affonso, bispo de Coyra, e D. Fernando, bispo de Badajoz, e com estes oito bispos muita outra clerezia, assás de bem corregidos. O altar era guarnecido de nobres ornamentos e reliquias, e toda a egreja apostada como cumpria.

E estando assim todos prestes, chegou el-rei, em cima d'um cavallo branco, vestido mui realmente, e uma corôa d'ouro na cabeça, muito guarnida de pedras; e traziam quatro honrados senhores um panno d'ouro tendido em hastes, que cobria elle e o cavallo. A rainha isso mesmo vinha logo junto, em outro mui guarnido cavallo, alvo como uma branca pomba, e um panno d'ouro tendido por cima; e levava d'uma parte um rei d'Armenia, que ahi chegara, que chamavam Leão Quinto, e D. João, mestre d'Aviz, em Portugal, irmão d'el-rei D. Fernando, e da outra D. Carlos, infante de Navarra, cunhado d'el-rei, e outro grão senhor de Castella.

Ali eram presentes muitos condes e senhores, segundo podeis entender que se áquella hora juntariam, e mestres e cavalleiros e outros muitos fidalgos, cujos nomes mais repetidos não cumpre de ser. Eram ahi, outrosim, grandes senhoras e condessas, e donas e donzellas, e muita outra gente.

Então o arcebispo de Sevilha lhes fez suas bençãos á porta da egreja, e entraram dentro; e disse missa, sendo em joelhos el-rei e a rainha, ambos em um rico estrado.

E acabado todo seu officio, tornou-se el-rei e a rainha, como vieram, para as pousadas, e, depois de comer, justaram e tornearam e lidaram touros; e el-rei deu cavallos e pannos d'ouro e de lã e outras joias aos senhores e fidalgos de Portugal. E todo aquelle dia se dispendeu em festas e cousas que a bodas pertenciam, d'uma parte e da outra.

A' terça feira seguinte, veiu el-rei jantar ás hortas d'Elvas, onde antes tivera suas tendas, com todos os condes e mestres e ricos-homens, assim de Portugal como de Castella, e muita outra gente

com elles. E depois que comeram, levaram a rainha D. Leonor ao arraial fóra da villa, ca el-rei de Castella nunca entrou dentro, e esteve fallando com el-rei gran parte do dia. E depois que foi tarde, tornou-se el-rei para Badajoz, com todos os que com elle vieram, e a rainha para a villa.

A' quinta feira, partiu el-rei d'onde pousava para a sé, onde já estava prestes o arcebispo de Sevilha, revestido em pontifical, tendo o Corpo de Deus consagrado em suas mãos; e por licença e mandado d'el-rei, D. João Affonso, conde de Denya, e D. Pero Nunez, conde de Mayorga, e D. João, bispo de Cordova, e Alvaro Gonçalves Dalbernoz, e Pero Soarez, alcaide de Toledo, e João Rodriguez de Bedma e outros, fizeram juramento sobre o Corpo de Deus consagrado, e preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, vassalo d'el-rei de Portugal, que el-rei, seu senhor, guardasse os tratos, com todas as cousas n'elles conteudas, na forma e condições que já tendes ouvido. E outro tal juramento e menagem fizeram nas mãos de D. Pero Fernandez, mestre de S. Thiago de Castella, D. Alvaro Peres de Castro, conde d'Arrayollos, e D. Gonçalo, conde de Neiva, e todos os outros condes e mestres e senhores já em cima nomeados por mandado e licença d'el-rei D. Fernando, que para ello publicamente foi mostrada.

Na segunda feira da outra domaa, tornou el-rei jantar ás hortas d'Elvas, aonde antes viera comer, e depois que houve comido, foi pela rainha D. Leonor cêrca da villa, e levou-a para a tenda onde jantara; e tendo falado gran parte do dia, tornou com ella até aquelle logar, d'onde a levara de redea, e ali se despediram ambos de todo.

E levou então a rainha dentro para a villa, a seus paços, D. Pedro, cardeal d'Aragão, e foi-lhe entregue o infante D. Fernando, que estava em refens, que o levasse para seu pae, segundo depois foi accordado, além do que nos tratos era conteudo.

Ali se despediram d'el-rei todos os senhores e fidalgos portuguezes; e elle tornou-se para Badajoz, e elles ficaram com a rainha em Elvas.

CAPITULO CLXVIII

Como el-rei partiu de Badajoz e foi cercar o conde D. Affonso, e d'outras cousas que se seguiram.

PARTIU el-rei de Badajoz com sua mulher, e foi dentro por seu reino até Leão; e por todos os logares por onde iam, assim cercados como terras chãs, lhes faziam grande festa, e os melhores quatro que ahi houvesse traziam um panno d'ouro em quatro hastes, sobre a rainha, dês fóra do logar até que chegava aonde havia de pousar.

E estando el-rei em Leão, foi-lhe notificado como o conde D. Affonso, seu irmão, abastecia Gijon e todas suas fortalezas.

El-rei mandou logo Pero Fernandez de Vallasco, seu camareiro-mór, e Pero Rodriguez Sarmento, seu adeantado em Galliza, que se fossem com certas gentes ás Asturias; e chegaram cerca de Gijon, onde estava o conde.

El-rei foi para lá a poucos dias, e cercou o conde n'aquelle castello; e o conde e os que estavam com

elle se vieram para el-rei, e perdoou el-rei a elle e aos seus; e firmaram suas avenças que o conde o servisse sempre bem e lealmente, e elle que lhe fizesse mercê; e tomou el-rei o Corpo de Deus com elle, por firmidão de suas posturas.

Partiu então el-rei e veiu-se a Valladolid, e dêsahi a Segovia, e n'estes logares fez côrtes para o que adeante ouvireis; porém que n'ellas ordenou outras cousas e poz leis de que se poucas guardaram, salvo se foi uma em que mandou que d'ali em deante não se pozesse nas escripturas a era de Cezar, que se até ali costumara de pôr em Castella e em Leão, mas que se escrevesse, dês primeiro dia de Natal seguinte, «anno da nascença de Nosso Senhor Jesus Christo,» que era aquelle primeiro anno de mil e trezentos e oitenta e quatro.

CAPITULO CLXIX

Como el-rei D. Fernando mandou a Castella receber as menagens, por razão dos tratos, e quaes pessoas foram as que as fizeram.

A rainha D. Leonor esteve em Elvas depois da quinta feira que a infante sua filha foi recebida e levada a Badajoz, como dissemos, até onze dias; e aos trinta d'aquelle mez de maio, uma terça feira pela manhã, partiu da dita villa, muito acompanhada, assim como fôra, como quer que muitos fidalgos mandou d'ali que fossem para suas terras, e veiu esse dia comer a Borba e dormiu ahi. E indo pelo caminho, trazia-a o mestre d'Aviz de redea; e falando em algumas cousas perguntou ella ao mestre, dizendo:

—«Dizei-me, irmão, que vos pareceu el-rei de Castella, em seus geitos e maneiras que teve?»

—«Parece-me bom cavalleiro, disse o mestre, e bem mesurado e sizudo em seus feitos.»

—«Bem dizeis, irmão, disse ella; mas, porém, de mim vos digo que o homem queria eu que fosse mais homem.»

D'ali partiu a rainha e veiu-se a Almada, onde já sabia que estava el-rei, mais doente do que o deixara; ca emquanto ella levou sua filha a Elvas, sentindo-se elle cada vez peior, mandou que o trouxessem de Salvaterra áquelle logar, e não sahia já fóra, nem cavalgava. E como a rainha chegou das bodas, partiram-se logo para suas terras os que com ella vinham, salvo o conde d'Ourem e o conde D. Gonçalo, e Gonçalo Vasques d'Azevedo e outros alguns, que eram moradores.

E porquanto nas avenças firmadas entre os reis, quando foi feito este casamento, ordenaram de ser feitas outras juras e promettimentos, por certas villas e cidades, e isso mesmo prelados e fidalgos de Castella, além d'aquellas que dissemos que foram feitas em Badajoz, quando el-rei approvou os tratos, antes que partisse para Elvas por receber sua mulher, e isto em côrtes que el-rei para ello havia de fazer, ordenou logo el-rei D. Fernando de mandar seu procurador a Castella, que recebesse aquellas juras e menagens em seu nome e da rainha sua mulher. E foi lá enviado o conde João Fernandes d'Andeiro, muito acompanhado e bem corregido, assim como fôra da primeira; e chegou a Castella, a Valladolid, onde então el-rei era, tendo já ahi juntas suas côrtes, especialmente para isto.

E quando veiu aos oito dias d'agosto, estando el-rei em seus paços, onde era armada uma capella para fazerem taes juramentos, revestiu-se para dizer missa Affonso Annes, conego de Lisboa, capellão-mór da rainha D. Beatriz, e tendo o Corpo de Deus consagrado cm uma patena que em suas mãos tinha, disse o conde João Fernandes a el-rei de Castella:

Que bem sabia como, por razão dos tratos que entre elle e el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor, sua mulher, por azo de seu casamento, foram firmados, assim era que elle até certo tempo fizesse côrtes em seu reino, em que fossem juntos os fidalgos e prelados de sua terra e isso mesmo os procuradores das villas e cidades, para por seu mandado e licença fazerem preitos e menagens aos senhores rei e rainha de Portugal, por firmeza e guarda dos tratos e cousas n'elles conteudos; e que, pois que ali eram juntas gran parte das pessoas que os haviam de fazer, fosse sua mercê de lhes dar licença e mandado por que as fizessem na forma que deviam.

El-rei disse que lhe prazia d'ello, e, outhorgada a licença e mandado a todos por pessoa que a fizessem foram estes os prelados que as fizeram: D. Pedro, arcebispo de Toledo; D. Gonçalo, bispo de Burgos; D. Hugo, bispo de Segovia; D. Garcia, bispo d'Oviedo; D. João, bispo de Palenza; D. Lopo, bispo de Siguenga, D. Fr. Pedro Moniz, mestre de Calatrava; D. Fr. Pero Diaz, prior de S. João.

Similhavelmente, os fidalgos foram estes aqui nomeados: o conde D. Affonso, irmão d'el-rei; D. Fradarique, duque de Benavente; D. Fernan Sanchez de Thoar, almirante-mór de Castella; D. Pedro Ponce de Leon; Pero Rodriguez Sarmento, adiantado em Galliza; Pero Fernandez de Vallasco, camareiro-mór d'el-rei; Pero Soarez Davinhone adeantado de Leon; João Furtado de Mendonça, alferes-mór d'el rei; Pero Gonçalvez de Mendonça, seu mordo-mór; João Rodriguez de Castanheda; Alvaro Perez do Soiro, senhor de Villalobos; Diego Gomez Manrique, adeantado-mór de Castel-

la; João Affonso de Lacerda, Ramiro Nunez de Gozman, Fernando Alvarez de Toledo, Gomez Mendez de Benavides, Fernan Perez d'Andrade, Pero Gonçalvez de Baçam, Sancho Fernandez de Thoar; Diego Furtado, filho de Pero Gonçalvez de Mendonça; Pero Diaz de Sandoval, João Rodriguez de Villalobos; João Fernandez de Thoar, filho de Fernan Sanchez; João Nunes de Toledo, Gonçalo Nunez de Gozman, Fernan Diaz de Mendouça, Rui Diaz «Cabeça de Vacca» Pero Nunez de Toledo, Pedro Alvarez do Soiro, João Furtado de Mendonça. Estes trinta fidalgos, e outros de que mais longa ladainha não cumpre fazer, fizeram os juramentos adeante escriptos.

As cidades, outrosim, foram estas seguintes, a saber: a cidade de Burgos, a cidade de Leão, a cidade de Toledo, a cidade de Sevilha, a cidade de Cordova, a cidade de Murcia, a cidade Jaen, Cidade Rodrigo, a cidade d'Oviedo, a cidade de Zamora, a cidade d'Avila, a cidade de Cuenca, a cidade de Palenza, a cidade de Placencia, a cidade de Segovia, a cidade de Soria, a cidade de Coyra, a cidade de Beça, a cidade de Salamanca, a cidade de Carthagena, a cidade de Lugo, a cidade de Calahorra, a cidade de Ubeda, a cidade de S. Domingos da Calzada, a cidade de Badajoz. Estas vinte e cinco cidades, e Toro e Madrid e Exares e Caceres, e outras muitas villas que seria longo de dizer, fizeram então, por seus procuradores, preitos e menagens e desnaturamentos, por guarda das allianças entre os reis postas, as quaes em cima já tendes ouvidas.

CAPITULO CLXX

Por que maneira fizeram os juramentos e menagens os prelados e fidalgos de Castella.

VISTAS as pessoas e logares que juramento fizeram, por guarda dos tratos entre os reis divisados, aquelles a quem prouver ouvir a maneira como foram feitos saibam que foram d'esta guisa:

Revestido o sacerdote, dizendo missa, e tendo nas mãos o Corpo de Deus consagrado em uma patena, os ditos prelados, senhores e ricos-homens, e filhos d'algo, cavalleiros e escudeiros, e isso mesmo os procuradores das villas e cidades, que presentes siam, cada um d'elles por si, por mandado e licença do dito senhor rei, cujos vassalos eram, juraram e prometteram áquelle Corpo de Deus consagrado, que estava ante elles, tangendo-o cada um com suas mãos, de consentir, fazer e procurar a todo seu poder que os promettimentos, juras e obrigações feitas pelo dito senhor rei, em razão de seu

casamento com a rainha sua mulher, e dos tratos e avenças sobre ello feitas e firmadas, que se tivessem e durassem e fossem firmes, assim por elle como pela rainha sua mulher; e que não seriam então nem em nenhum tempo, em dito nem em feito, nem em conselho, nem em outra maneira alguma, por que o dito casamento fosse embargado, nem se desatasse.

E o dito senhor rei, que presente estava, por mór firmeza de ter e guardar e cumprir todos os capitulos nos tratos conteudos, deu licença aos sobreditos prelados, senhores e ricos-homens, cavalleiros e escudeiros, filhos d'algo, e outrosim aos procuradores das villas e cidades, e de certas pessoas que presentes não eram, que, se porventura elle não tivesse e guardasse todos os capitulos nos tratos que entre elle e os ditos rei e rainha de Portugal foram firmados por juramento, e cada uma das cousas n'elles conteudas, na forma e maneira e com as condições e aos tempos que se n'elles continha, — que os sobreditos n'este caso se podessem desnaturar e desnaturassem d'elle dito rei de Castella, e tivessem com os senhores rei e rainha de Portugal, e quanto a ella pertencesse de lhe ser cumpridos e guardados os ditos tratos e capitulos e cada uma cousa n'elles conteuda.

Então, os ditos prelados e todos os outros que dissemos, cada um d'elles por si, com aquella licença que lhes para isto deu o dito senhor rei, fizeram preito e menagem, uma e duas e tres vezes, nas mãos do dito conde d'Ourem; e juraram e prometteram ao Corpo de Deus consagrado, que ante elles estava, que elles fariam a todo seu poder que o dito senhor rei de Castella tivesse e guardasse aos

ditos senhores rei e rainha de Portugal, e a todos os outros que a isto pertencia ou podesse pertencer, por qualquer guisa que fosse, todos os capitulos dos tratos e cousas n'elles conteudas, os quaes lhes logo foram lidos e feita de cada um expressa men. ção, na forma e maneira que foram jurados e promettidos. E mais que elles e cada um d'elles guardassem e cumprissem todos os capitulos e cousas n'elles conteudas, quanto a elles pertencia de cumprir e guarder, segundo n'elles era conteudo, assim em razão de sucessão dos reinos como em todas as outras cousas.

Outrosim, os procuradores das villas e cidades, cujas procurações para isto muito bastantes traziam, juraram áquelle Corpo de Deus consagrado que os concelhos e pessoas cujos procuradores eram, que todos e cada um dos moradores e visinhos dos ditos logares, fizessem a todo seu poder que o dito senhor rei de Castella tivesse e guardasse aos ditos rei e rainha de Portugal os ditos tratos, e quanto a ella pertencia de serem guardados, e a todos os outros a que pertencesse ou podesse pertencer, por qualquer guisa que fosse; dos quaes tratos e cousas n'elles conteudas, como foram jurados, e com que condições, lhes era logo feita expressa menção, jurando elles que aquelles concelhos e cada um dos visinhos moradores d'elles guardassem e cumprissem os ditos capitulos e cousas n'elles conteudas, quanto a elles pertencia de cumprir, assim na successão do reino como em cada uma das outras cousas.

E acontecendo que el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor guardassem a el-rei seu senhor os tratos, e elle não tivesse e guardasse os ditos capi-

tulos e cousas n'elles divisadas, ou passasse contra alguma d'ellas, que os ditos prelados, senhores e fidalgos, cavalleiros e escudeiros, cada um por si, e isso mesmo os procuradores, em nome d'aquelles concelhos cujos procuradores eram, que elles sẽ desnaturavam e desnaturariam do dito senhor rei n'este caso, e que cada um d'elles lhe faria guerra e seriam contra elle e contra seus reinos, tendo com os ditos senhór rei e rainha de Portugal; e se o assim não guardassem e cumprissem que cahissim n'aquelle caso que cahem aquelles que trahem castello ou matam senhor.

Feitos estas juras e promettimentos, e recebidas taes menagens, como ouvistes, despediu-se o conde d'el-rei e veiu-se para Portugal.

CAPITULO CLXXI

Como vieram receber de Castella a Portugal outros taes juramentos, por razão dos tratos.

DESEMBARGANDO-NOS das razões d'estes tratos, por d'elles não fazer mais longo processo, deveis de saber que, assim como o conde d'Ourem foi a Castella receber as juras e menagens já brevemente contadas, assim mandou el-rei de Castella a Portugal um arcebispo e um cavalleiro, para em seu nome receber outras taes. E foram em Santarem juntos todos os senhores e fidalgos, e procuradores das villas e cidades, que estas juras haviam de fazer, e no mosteiro de S. Domingos das Donas aquelle arcebispo, revestido, tendo o Corpo de Deus consagrado em uma patena, que em suas mãos tinha, foram feitos por todos similhantes juramentos e menagens, na fórma que ouvistes os outros.

E depois que tudo foi feito, e deixadas as procurações que cada uns traziam, disse aquelle arcebispo contra os seus:

«Quanto agora, vos digo que está isto muito bem para Castella, ca muito damno nos vinha d'este rencon de Portugal!» E isto dizia elle ousadamente, entendendo que, segundo os tratos, e a doença que el-rei D. Fernando havia, Portugal não se escusava d'esta vez de todo o ponto ser de Castella; e ainda, se elle soubera quão pouca vontade el-rei seu senhor havia de guardar os tratos, mais largamente podera n'ello falar.

E pesava muito a todos os portuguezes, assim fidalgos como commum povo, com taes convenças da successão do reino, por azo da doença d'el-rei, tendo que por taes tratos se Portugal vendia; mas não podiam a al fazer, por obedecer a mandado de seu senhor.

Partiu-se o arcebispo para Castella, e soube el-rei novas como el-rei D. Fernando, seu sogro, era cada vez mais adôrado e que sua vida não podia ser muita; e, como aquelle que pouco tinha em vontade de guardar os tratos que entre elles foram firmados, falou logo com taes de quem fiava e mandou-os a Portugal, por vêr o estado do reino em que ponto estava, e que falassem com alguns portuguezes, que lhes logo nomeou, que, acontecendo que el-rei D. Fernando morresse, se acharia elle o reino a seu mandar, querendo vir a elle para o haver.

El-rei partiu de Segovia e foi para terra de Toledo, a um logar que dizem Torrijos, com intenção de se ir depois á cidade de Sevilha.

CAPITULO CLXXII

Como el-rei e a rainha partiram d'Almada e se vieram a Lisboa, e morreu ahi el-rei D. Fernando.

Sendo el-rei D. Fernando mais afficado cada vez de sua dôr, mandou que o trouxessem d'aquella villa d'Almada, onde estava, para a cidade de Lisboa, e fosse de noite, por não ser visto; e foi assim que o trouxeram ao serão, e nenhum não abria a porta, nem tirava candeia á janella, porque tal pregão fôra lançado, e assim escusamente o levaram a seus paços.

A rainha, a poucos dias depois d'isto, pariu uma filha, que nasceu vinte e sete dias de setembro e morreu logo; e as gentes suspeitavam que não era d'el-rei, e não sem razão, ca elle tempo havia que não dormia com ella, segundo fama, e ella paria e emprenhava e que taes filhos não eram d'el-rei.

Ali jouve el-rei por dias doente, mui desassimilhado de quando elle começou de reinar, ca elle então parecia rei entre todos os homens, ainda que

conhecido não fosse, e agora era assim mudado que de todo ponto não parecia aquelle. E sentindo sua morte muito cêrca, sendo já memfestado, requereu que lhe dessem o Sacramento; e quando lhe foi apresentado e contaram os artigos da fé, como é costume, dizendo-lhe se cria assim tudo e aquelle Santo Sacramento que havia de receber, respondeu elle e disse:

— «Tudo isso creio, como fiel christão, e creio mais que Elle me deu estes reinos para os manter em direito e justiça; e eu, por meus peccados, o fiz de tal guisa que lhe darei d'elles mui mau conto.»

E dizendo isto, chorava mui de vontade, rogando a Deus que lhe perdoasse; e choravam com piedade d'elle, todos os que presentes eram. E assim com gran reverencia e devoção recebeu o Santo Sacramento, jazendo vestido no habito de S. Francisco. E quando veiu aos vinte e dois dias de outubro da era já escripta de mil e quatrocentos e vinte e um, em uma quinta feira á noite, começou elle de se afficar, e lidando o espirito com a carne, n'aquella aspera hora, por se partir d'ella, em breve espaço desamparou o corpo e elle deu a alma a Deus, a Quem, por sua mercê, praza de a fazer reinar com os seus santos.

E viveu el-rei D. Fernando cincoenta e tres annos e dez mezes e dezoito dias, e reinou dezeseis annos e nove mezes, com grão trabalho de si e de seu povo.

Em outro dia, foi posto em umas andas cobertas de panno preto, e levado em collo de frades ao mosteiro de S. Francisco de Santarem, e foi com elle pouca gente e dó. E não foi a rainha a seu soterramento, dizendo que se sentia mal e não podia lá ir;

outros dizem que o fez receando o murmurio das gentes; e sua não ida fez mais falar n'ello do que por ventura falaram se áquella hora fôra presente.

E foram suas exequias e sepultura muito simplesmente feitas, segundo pertencia a estado de rei.

CAPITULO CLXXIII

Como a rainha D. Leonor ficou por regedor do reino, e das razões que lhe disseram os de Lisboa.

Morto el-rei D. Fernando, ficou a rainha por regedor e governador do reino, como nos tratos era conteudo, usando de toda jurisdicção e senhorio em quitar menagens e apresentar egrejas, confirmando seus bons usos e costumes ás villas e cidades que lh'o requerer enviavam, como tem usança de fazer um rei, quando novamente começa de reinar, obedecendo-lhe os fidalgos e commum povo como a sua rainha e senhora, em todas as cousas. Seu dictado nas cartas, em vida d'el-rei D. Fernando, era este: «D. Leonor, pela graça de Santa Maria, rainha de Portugal e do Algarve;» e então por accordo dos senhores e lettrados de sen conselho, se começou de chamar «D. Leonor, pela graça de Deus, rainha, governador e regedor dos reinos de Portugal e do Algarve;» e em algumas, se acontecia nomear sua filha, chamava-a «Rainha de Portugal.» E os tabelliães nas escriptu-

ras, punham: «Eu, fuão, tabellião de tal logar, por auctoridade da rainha D. Leonor, governador e regedor dos reinos de Portugal e do Algarve, isto aqui escrevi, e meu signal fiz que tal é.»

Tanto que se el-rei D. Fernando finou, partiu ella dos paços onde pousava e veiu-se a outros mais dentro na cidade, cêrca d'uma egreja que chamam S. Martinho, e ali estava em uma camara, coberta de dó, a que nenhum entrava sem lhe primeiro ser perguntado; e se novamente chegavam alguns, posto de parte todo fingimento, fazia seu pranto com elles, mostrando-lhes a orphandade do marido que perdera com soluços e grandes lagrimas, nas quaes depois de farta de chorar, dando a entender seu coração ser sempre em dôr, não perdiam as gentes porém relembrança d'aquella má fama que em vida d'elrei cobrara.

Os bons da cidade chegaram então a ella, e disseram que lhe pediam por mercê que os quizesse ouvir d'algumas cousas que lhe por seu serviço e bom regimento e defensão do reino dizer queriam. A ella prouve de ouvir seu arrazoado, e foi-lhe proposto n'esta guisa:

— «Senhora, nós, vendo como Vós tendes cargo de correger e emendar os damnos e males que os d'estes reinos hão recebidos até o tempo d'hora, de que Deus, por sua piedade, se queira doer, esperando n'Elle que vos dará tanta graça que poreis n'ello remedio, como por nós é desejado, propozemos de o notificar á vossa mercê.

«Assim é, Senhora, que Vós vistes bem como, dês o tempo que El-rei, Nosso Senhor, cuja alma Deus haja, teve o regimento d'estes reinos até hora, se seguiram n'elles muitos damnos e mortes e fal-

lecimentos d'homens; e que, por muitas desordenadas despezas feitas como não deviam, são postas as gentes em grandes pobrezas; e tudo por mingua de bom conselho, fazendo seus feitos sem accordo dos de seu reino e por conselho dos estrangeiros, que mais o aconselhavam em todas as cousas por seu ganho e proveito que por accrescentamento de sua honra e estado, por cujo azo foram gastados quantos thesouros e joias ficaram dos outros reis para defendimento e guarda d'estes reinos; e ainda não lhe abondou tudo isto, mas foram feitas e semeadas n'estes reinos moedas não usaveis, de tantas maneiras, por que as gentes perderam a mór parte da riqueza que tinham, como tudo isto, e outras cousas que seria longo de dizer, é bem lembrado á vossa memoria.

«Porende, Senhora, se quereis ser guardada de similhantes males, parece-nos que é bem que faleis vossos feitos com os bons e naturaes do reino antes que se ponham as cousas em obra, os quaes hão de supportar a mór parte do encargo quando tal cousa avier. E pois vos Deus fez regedor d'elles e vos deu senhorio sobre nós, não hajaes por mal de vos dizer toda cousa que por vosso serviço e bem da terra em que vivemos podermos entender.»

A rainha, que sentido tinha d'aver bemquerença e graça do povo, respondeu que o havia por bem feito, e que dissessem em boa hora tudo o que lhes bem parecesse sobre ello.

«— Senhora, disseram elles, porque o thesouro e fortaleza por que estes reinos foram sempre defezos e amparados do que lhes avir podia foi bom regimento e conselho, segundo Deus e consciencia, e por mingua d'isto, nos tempos que ora passaram,

se seguiu muito o contrario, é bem que hajaes em vosso conselho alguns prelados que sejam naturaes d'estes reinos, e não gallegos nem castelhanos, e dois homens bons cidadãos e entendidos da comarca d'Entre Tejo e Guadiana, e da Extremadura e comarca da Beira, e de Traz os Montes, e d'Entre Douro e Minho, e do Algarve, dois de cada uma comarca; e estes, com os do vosso conselho, hajam cargo do regimento do reino em todas as cousas que cumprir. E podeis tomar assentamento em Santarem ou em Coimbra, ou partir o anno por ambos os logares, com as pessoas que dissemos, e serdes um dia ou dois na domaa com elles em relação, para vos dizerem o que fizeram e accordaram nos outros dias, e com elles livrardes todos os feitos e demandas do reino. E fazendo-o d'esta guisa, nenhuma cousa podereis ordenar de que depois sejaes prasmada.

«Outrosim, Senhora, saberá a vossa mercê que os direitos canonicos e civeis, e isso mesmo as leis do reino, defendem muito que judeus nem mouros não hajam officios sobre os christãos, e não sem razão, porque foram e são creados, especialmente os judeus, em odio e descrença de Jesus Christo, cuja lei e crença mantemos, e asssim o fizeram os reis que antigamente foram n'estes reinos; e por nossos peccados, prouve a El-Rei, cuja alma Deus haja, de lhes dar officios publicos em que estava a mór fieldade e sustancia de sua fazenda, fiando-se d'elles mais que dos christãos. E porém vos pedimos, por mercê, que guardeis os direitos e leis que isto defendem, tirando-lhes taes officios, e não sejam em vossos reinos rendeiros, nem colhedores de nenhuns direitos, nem andem em vossa casa por officiaes.

«Além d'isto, Senhora, porquanto nos disseram que vossa tenção é de corrigir os males e damnos que os povos do reino até aqui receberam, e hora havemos de fazer comvosco vida nova, seja vossa mercê não ser com este escandalo que dizer queremos. Assim é, Senhora, que um dos grandes males, que estes reinos recebem, usado por tanto tempo que os fazedores d'elle o não hão já por mal, nem fazem d'ello consciencia, assim é a pousadaria que os fidalgos e as outras gentes fazem nas pousadas alheias, usando-se dos bens e roupas que teem, por tanto tempo, que muitas vezes se gastam de todo ponto, recebendo aquelles com quem assim pousam outros damnos de maior graveza, contra direito e não para dizer; e posto que por vezes fosse dito a El-Rei, a quem Deus perdõe, poz sobre ello suas temperanças que pouco ou nada prestaram. Porém, vos pedimos por mercê que mandeis que se façam estalagens, tantas que abondem, em que pousem taes pessoas, sem tomar nenhuma cousa contra vontade de seus donos. E se ahi não houver quem as queira fazer, os vossos almoxarifes as façam e mantenham, de guisa que Vós ganheis e não percaes nada; e se isto fazer não quizerdes, mandae que as façam e mantenham os concelhos e logares que os poderem soffrer. E se aos senhores, por ventura, fôr graveza pousarem n'ellas, porque o não hão em uso, pousem nos mosteiros e nos paços dos outros senhores, quando estiverem vasios, e suas gentes nas estalagens. E se tão grão mal como este entenderdes que por esta guisa se vedar não pode, buscar outro qual vossa mercê fôr, que tanta maldade não dure mais tempo.»

CAPITULO CLXXIV

Da resposta que a rainha deu ás razões que pelos de Lisboa foram ditas.

DEIXADAS outras cousas e suas respostas, que por aquella hora foram ali faladas, sómente o que a rainha a estas que ouvistes respondeu queremos dizer, e mais não. A' primeira, respondeu a rainha e disse:

— «Eu bem vejo que vossa tenção é boa, e que por serviço de Deus e meu, e prol d'estes reinos, vos demoveis a dizer isto.

«E pois me Deus deu regimento d'elles, minha tenção é de tomar para isto dois prelados, quaes entender que são de melhor vida e condição, que sejam naturaes do reino e não estrangeiros; e mais escolher de todas as comarcas do reino os melhores homens que ahi houver, e de melhor condição para o que dizeis, e isto com accordo dos concelhos, quantos virem que é aguisado.

«Quanto pertence á minha estada, a mim não cumpre andar pela terra a montes e a caça, como teem em costume de fazer os reis, mas tenho vontade tomar assessego nos logares que dissestes e n'esta cidade, e dispender meu tempo com meus officiaes, e reger e assessegar o reino em verdadeira e direita justiça; e tomarei trabalho para estar em relação os dias que vir que cumpre, e farei que todas as cousas que se houverem de livrar sejam vistas e accordadas por todos ou a mór parte d'elles.

«Em razão do que dissestes dos officiaes judeus, digo-vos que minha tenção foi sempre de os judeus não haverem officios n'estes reinos, e trabalhei muito, em tempo d'El-Rei, meu Senhor, de os não haver ahi; e porque em sua vida não pude fazel-o, logo como El-Rei morreu tirei o thesoureiro e almoxarife da alfandega d'esta cidade, e todos os sacadores e officiaes judeus, como bem vistes, e não lhes entendo tornar seus officios, nem lhes dar outros, nem minhas rendas, como quer que me por ellas mais dêem que os christãos, ca antes quero haver perda n'ellas que as dar a elles e ir contra direito e bons costumes.

«O que me dizeis em razão das pousadarias, — que bem é de se fazerem estalagens em que todos possam pousar, — digo que me praz muito, e entendo que é bem e serviço de Deus, comtanto que os concelhos façam estalagens em que os bons, com suas gentes, possam pousar; mas nos logares onde se fazer não podem não se poderia isto guardar.»

Fallaram então muito n'isto e n'outras cousas que dizer não curarmos; des-ahi, partiram-se, pagos de sua resposta, e ella contente do que lhe disseram.

CAPITULO CLXXV

Como foi alçado pendão em Lisboa pela rainha de Castella e do que sobre ello aveiu.

El-rei de Castella, como soube que el-rei D. Fernando era finado, escreveu logo, elle e a rainha sua mulher, á rainha D. Leonor, sua mãe, que fizesse tomar voz por ella, como nos tratos era conteudo, a qual logo ella mandou filhar a todos os condes e mestres e ricos-homens que de presente eram quando este recado chegou, e elles fizeram-n'o assim. E não sómente escreveram el-rei e a rainha de Castella á rainha D. Leonor que fizesse tomar voz, mas ainda mandaram seu recado, pelo arcediago de Cêa e por outros, a muitos alcaides dos logares de Portugal que tomassem voz por ella, pois era sua senhora; e taes ahi houve que o fizeram logo, outros escreveram primeiro á rainha, antes que lhe enviassem a resposta.

A rainha, vistas suas cartas, mandava que tomassem voz por sua filha, e que trouxessem um pen-

dão, cada uns em seu logar, com os direitos signaes de Portugal, que eram os direitos da rainha D. Beatriz, cavalgando todos pela villa com aquelle pendão dizendo: «Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, Nossa Senhora», segundo se costuma de fazer, quando rei morre, por seu filho herdeiro que deixa. E mandava a rainha aos ditos alcaides que escrevessem a el-rei de Castella que lhes prazia de tomar voz pela rainha D. Beatriz, sua senhora, segundo eram teudos de o fazer, guardando-se todavia o tempo da sua governança, segundo nos tratos era conteudo; e que no sobrescripto da carta da rainha escrevessem: «A' Rainha D. Beatriz de Portugal e de Castella, Nossa Senhora.»

Ora aveiu que um dos principaes logares em que a rainha mandou alçar pendão e tomar voz por sua filha foi a cidade de Lisboa, e foi ordenado pela rainha e fidalgos que ahi estavam que um dia certo cavalgassem todos e o trouxessem pela villa.

Os da cidade, quando isto ouviram, não lhes foi mais saberem que haviam d'apregoar arraial pela rainha de Castella, sua senhora, ca ouvirem que os haviam todos de lançar em captivo de mouros, e foi grão murmurio e torvação entre elles, dizendo uns contra os outros:

— «Agora se rende Portugal doado, que tantas cabeças e sangue custou a ganhar, quando foi filhado aos mouros.»

E era em todos grande torvação e não sabiam que fazer.

N'isto, cavalgaram um dia muitos de bestas, e deram o pendão a D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cêa, que tinha o castello de Cintra. Este conde D. Henrique era filho de D. João Manuel, e

tio d'el-rei D. Fernando, ca era irmão de D. Constança, sua mãe, e tio da rainha D. Beatriz, mulher d'el-rei de Castella. E começaram d'ir com elle mui passo e chegaram até a porta da sé, e detiveram-se n'aquella praça, porque se recearam dos da cidade, que ouviram dizer que se alvoraçavam por esta razão; e, emquanto mandaram saber á rua Nova que era o que as gentes diziam, disse D. Henrique Manuel:

—«Falae, senhores, falae.»

Então começaram todos a dizer:

— «Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, Nossa Senhora.»

Porém, taes cavalleiros e escudeiros iam ahi, que diziam isto, a quem não prazia d'ello. O conde D. Alvaro Peres de Castro quando isto ouviu, deu um tossido e disse:

—«Arraial, arraial, cujo fôr o reino leval-o-ha.»

E isto dizia elle pelo infante D. João e D. Diniz, seus sobrinhos, que andavam em Castella, que elle entendia que poderiam reinar; e esta intenção tinham muitos, dizendo uns aos outros que o infante D. João queriam haver por seu rei e senhor, por que o reino de Portugal sempre fosse reino sobre si apartado, e que era por força de se ajuntar com o reino de Castella, e ser todo um, se o a rainha D. Beatriz herdasse, e isso mesmo seu marido.

Os que foram saber que era o que diziam os da cidade pelo levar d'aquelle pendão disseram que viam tanto alvoroço nas gentes que lhes aconselhavam que não fossem mais por deante, ca lhes parecia, se la fossem, que nunca d'ella viriam elles nem o pendão. Então se tornaram todos para d'onde partiram, e não se fez porém mais sobre isto.

CAPITULO CLXXVI

Como em Santarem levaram o pendão pela rainha D. Beatriz, e do que ahi aconteceu esse dia.

D'ESTA guisa que se alvoroçaram as gentes de Lisboa, quando alçaram pendão na cidade pela rainha de Castella, se levantou outra união em Santarem, e foi por esta maneira:

Um escudeiro, que chamavam Vasco Rodrigues Leitão, era então alcaide de Santarem por Gonçalo Vasques d'Azevedo, e um dia pela manhã mandou dizer a esses melhores do logar que cavalgassem todos, depois de comer, e se juntassem no adro d'uma egreja chamada Santa Maria de Marvilla, para trazerem pendão pela villa e chamarem arraial pela rainha D. Beatriz, herdeira do reino, por morte de seu pae.

Como elle isto mandou dizer, e foi sabido pela villa, logo se todos alvoraçaram, dizendo que a villa se queria alçar por el-rei de Castella, e que muito em má hora fosse tal cousa feita, ca nunca elles isto

haviam de consentir; e juntavam-se em assumada uns com os outros, falando sobre isto, aguardando quando haviam de vir com o pendão.

Chegou-se a hora de vespera, e juntaram-se no adro d'aquella egreja até setenta de cavallo, e nenhuns de pé, salvo por olhar. Vasco Rodrigues estava em um formoso e grande cavallo, e depois que viu que já ali eram assás, de que podia ir bem acompanhado, metteram-lhe a bandeira na mão á porta da egreja; e elle, como a teve, deu um brado, dizendo:

— «Arraial, arraial, pela Rainha D. Beatriz de Portugal, Nossa Senhora.»

E elles, que houveram todos de responder altas vozes, dizendo cada um por aquella guisa, segundo é de costume, calaram-se todos, que nenhum não falou. E começou elle de mover deante passamente, e todos apoz elle; e indo assim quanto seria um lanço de pedra d'onde partira, disse contra aquelles que iam com elle:

— «E vós outros não falaes nenhuma cousa? Dizei, dizei: Arraial pela Rainha D. Beatriz.»

E tornou elle outra vez, alta voz, dizendo: «Arraial, arraial,» assim como antes dissera.

E elles, a quem pouco prazia de tal apregoamento, nenhuma cousa responderam mais que da primeira; mas, tanto que elle acabou de dizer aquillo, falou uma velha, alta voz, e disse:

«Em má hora seria essa, mas arraial pelo infante D. João, que é de direito herdeiro d'este reino, mas não já pela rainha de Castella: E como em má hora sujeitos havemos nós de ser a castelhanos! Nunca Deus queira!»

E dizendo ella isto assim o começaram a dizer

quantos homens e mulheres havia pela rua, e iam-se apoz elle dizendo isto e outras más razões.

E como chegou á rua dos Mercadores, que é logo cêrca, onde se faz uma pequena praça, disse elle outra vez: «Arraial, arraial», como da primeira, e ali se começaram as gentes mais d'alvoroçar; e quando passou a rua dos Mercadores e chegou á praça da villa, onde o já muitos estavam aguardando, e levantou outra vez a voz, bradando: «Arraial, arraial,» ali foi grande alvoroço nas gentes, dizendo — que muito em má hora fosse tal pregão lançado, que nunca Deus quizesse que outrem reinasse em Portugal senão o infante D. João, e não já a rainha de Castella. E eram os brados tantos e o ruido tão grande, assim d'homens como de mulheres, que se não ouviam uns aos outros.

Muitas das gentes da villa, que estavam em magotes, começaram de se chegar a elle, dizendo que muito em má hora fosse tal pregão lançado, ca agora haviam de ser sujeitos de castelhanos, e como elle era ousado de o dizer ou quem lhe mandava fazer tal cousa. Então um pelliteiro, que havia nome Domingos Annes, homem refece e de pequena conta, disse contra os outros:

— «Que estamos fazendo ou que pregão é este?!

E dizendo lançou uma espada fóra; e como aquelle fez assim fizeram todos os outros, dizendo que matasem o alcaide.

Os que com elle vinham não lhes pesou nada, e começaram de o deixar e ir-se cada um para onde melhor podia. Elle, com temor, deu das esporas ao cavallo e sahiu-se d'entre elles, fugindo; e, levando o pendão alto, topou em um sobrado á entrada da rua, e, não o podendo mais alçar, o levou arras-

tando até o castello, que entrou com elle pela porta da Traição, que é um grande espaço d'ali.

E todo aquelle povo ia apoz elle, com as espadas fóra, bradando que o matassem; e os que estavam nas casas sahiam vêr o ruido, e iam-se com elles de volta; e assim chegaram até as portas do castello, que foram logo depressa fechadas. E tornando-se todos, vinham dizendo:

— «Viva o infante D. João, viva! Oh! quem nol-o ora aqui desse, veriamos quem seria ousado de apregoar arraal pela rainha de Castella, para nos tornarmos agora castelhanos!»

E foi aquelle dia grande alvoroço na villa, o qual se partiu por noite, que não falaram n'outra cousa.

CAPITULO CLXXVII

Do que aconteceu em Elvas quando Alvaro Pereira alçou pendão pela rainha.

Não sómente n'estes logares, mas ainda em outros do reino, foi grande alvoroço pelo trazer do pendão e apregoamento da voz da rainha, segundo ouvistes, assim como foi em Elvas, que, tanto que el-rei D. Fernando morreu, Alvaro Pereira, alcaide do castello, alçou logo bandeira e trouxe-a de cavallo pela villa até a porta de S. Domingos, apregoando: «Arraial, pela rainha D. Beatriz.»

Gil Fernandes, de que já falamos, não era na villa quando isto foi, e como veiu e soube d'ello parte juntou assim os demais do logar, e alçaram outra bandeira em contrario d'aquella, e trouxeram-n'a por todas as praças da villa, bradando todos: «Arraial, arraial, por Portugal.»

Alvaro Pereira houve d'isto melancolia, e convi-

dou Gil Fernandes que jantasse com elle. O comer acabado, disse Alvaro Pereira:

— « Gil Fernandes, vós sereis preso, e, pois vos eu tenho preso, eu tenho todo Elvas. »

— « Prendestes-me como não devieis, disse elle, mas, pois assim é, deixae vir a arraia miuda das vinhas, ca elles me tirarão d'aqui. »

E assim foi de feito, ca, logo como souberam na villa que elle era preso, metteram mão a repicar os sinos, e juntou-se a gente da villa com a que andava fóra, e foram todos combater o castello, em guisa que até as mulheres e moços todos ajudavam com o que podiam.

Vendo isto, Alvaro Pereira falou aos de fóra, dizendo que o soltaria por refens; e logo Vasco Lobeira, cavalleiro, e Martim Vasques, escudeiro, ficaram por elle, e foi solto.

N'outro dia, Gil Fernandes e Martim Rodrigues souberam que o alcaide mandara por gentes a Castella, para defender melhor o castello; e dizem alguns que eram cento e cincoenta lanças. Gil Fernandes e Martim Rodrigues, com outros, começaram logo de os combater, e foi depressa queimada a porta d'elle, e o muro roto por alguns logares.

Alvaro Pereira deu então o castello, com condição que o tirasse Gil Fernandes, d'Elvas, seguro elle e sua mulher e filhos e gentes; e quando aquella noite lhe veiu o accorro nenhuma cousa prestou, e tornaram-se.

N'outro dia pela manhã, foi-se Gil Fernandes com Alvaro Pereira, pol-o em salvo, e indo já uma legua da villa disse Alvaro Pereira que se tornasse, que já tempo era; e Gil Fernandes disse que se receava de topar com alguns castelhanos, que lhe

fizessem nojo. E elle respondeu que dos portuguezes o segurasse elle, que dos castelhanos não havia medo; e Gil Fernandes disse:

—«Pois vós castelhano sois? Eu vos seguro dos portuguezes e ide-vos com Deus.»

Então se despediu d'elle, e o outro se foi caminho do Crato.

E d'esta guisa aconteceram outros alvoroços em logares, sobre o tomar da voz e alçamento de pendão, de que mais não queremos dizer.

CAPITULO CLXXVIII

Do recado que el-rei de Castella mandou aos fidalgos de Portugal, quando fizeram o sahimento d'el-rei D. Fernando.

Porque o finamento d'el-rei fôra feito muito simplesmente, e não suas exigencias como deveram, ordenou a rainha de mandar chamar todos os senhores e fidalgos do reino, que viessem ao sahimento do mez, para se fazer o mais honradamente que podesse; e foi assim que o fizeram o melhor que pôde ser, como cumpria a honra d'el-rei, porém alguns se escusaram que não vieram a elle, assim como o conde D. Gonçalo e Gonçalo Vasques d'Azevedo e outros.

El-rei de Castella, sabendo como todos haviam de ser juntos em Lisboa para isto, fez escrever cartas para a rainha D. Leonor, sua sogra, e para todos os condes e mestres e cavalleiros de Portugal, e para algumas villas e cidades do reino; e mandou por seu embaixador, com ellas, um cavalleiro da or-

dem de S. Thiago, natural de Salamanca, que chamavam Affonso Lopez de Texeda.

Este chegou a Lisboa e deu suas cartas á rainha e áquelles a quem vinham, nas quaes era conteudo que bem sabiam como a rainha D. Beatriz, sua mulher, filha d'el-rei D. Fernando, era herdeira do reino de Portugal, pois seu pae era finado, sem deixar outro legitimo filho que de direito houvesse de herdar; e que isso mesmo ficava elle por rei e senhor do reino, pois que seu marido era. E que porém lhes rogava que quizessem guardar n'este caso aquillo que eram teudos de fazer, assim como bons e leaes vassalos, tomando a rainha D. Beatriz por sua rainha e senhora, e elle isso mesmo por seu rei e senhor; e que, fazendo-o assim, fariam o que deviam, cumprindo lealdade a que eram teudos, pela qual razão elle e a rainha sua mulher seriam obrigados de lhes fazer sempre muitas mercês por ello. Além d'isto, falava elle com elles todas as boas razões que entendia por que os a isto podesse demover.

Sua resposta de todos era que elles tinham em vontade de haver por sua rainha e senhora a rainha D. Beatriz, filha d'el rei D. Fernando, sua mulher; e que estavam e eram prestes para ter e guardar os tratos que sobre esta razão foram ordenados entre el-rei de Castella e el-rei D. Fernando.

E elle, com esta resposta, tornou a el-rei.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

INDEX

INDEX

Pag.

Capitulo CXV. — Como João Fernandes Andeiro veiu falar a el-rei sobre a vinda dos inglezes, e da maneira que el-rei com elle teve 5

Capitulo CXVI. — Como el-rei de Castella soube que el-rei D. Fernando queria fazer guerra, e da maneira que n'ello teve 9

Capitulo CXVII. — Como o mestre de S. Thiago de Castella entrou por Portugal, e levou grão roubo e se tornou em salvo 11

Capitulo CXVIII. — Como o conde D. Alvaro Peres sahiu a correr contra Badajoz, e do que lhe aveiu com os do logar 13

Capitulo CXIX. — Como el-rei D. Fernando mandou aos fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana que fossem pelejar com o mestre de S. Thiago de Castella..... 15

Capitulo CXX. — Como os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se juntaram para pelejar com o mestre, e por qual razão se não fez 17

Capitulo CXXI. — Como Nuno Alvares mandou requestar João d'Osorez, filho do mestre de S. Thiago, e a razão porque se demoveu 21

Capitulo CXXII. — Como el-rei D. Fernando soube parte da requesta de Nuno Alvares, e mandou a seu irmão que lh'o não consentisse 23

Capitulo CXXIII. — Do que el-rei disse a Nuno Alvares em feito de sua requesta, e das razões que lhe respondeu..... 25

Capitulo CXXIV. — Como as galés de Portugal foram buscar as de Castella, e como as acharam no porto de Saltes 28

Capitulo CXXV. — Como as galés de Portugal pelejaram com as de Castella, e foram vencidas as de Portugal 31

PAG.

CAPITULO CXXVI. — Como el-rei D. Fernando soube novas que a sua frota era perdida..... 34
CAPITULO CXXVII. — Como o infante D. João falou com alguns portuguezes que lhe dessem Lisboa, e não se cumpriu como elle quizera 37
CAPITULO CXXVIII. — Do recado que el-rei houve da frota dos inglezes, e como chegou a Lisboa..... 40
CAPITULO CXXIX. — Como o conde e outros capitães foram aposentados na cidade, e da maneira que el-rei com elles teve 43
CAPITULO CXXX. — Como el-rei declarou pelo papa de Roma, e esposou sua filha com o conde de Cambridge..... 46
CAPITULO CXXXI. — Como el-rei de Castella houve novas da vinda dos inglezes, e da maneira que n'isto teve..... 49
CAPITULO CXXXII. — Das más maneiras que os inglezes tinham com os moradores do reino, e como el-rei não tornava a ello, porque os havia mister... 52
CAPITULO CXXXIII. — Como as galés de Castella chegaram a Lisboa, e não podendo fazer nojo ás naus dos inglezes se tornaram para Sevilha 56
CAPITULO CXXXIV. — Como el-rei e os inglezes partiram de Lisboa e chegaram á cidade d'Evora 58
CAPITULO CXXXV. — Como a frota de Castella chegou a Lisboa, e do mal e damno que fez em alguns logares 61
CAPITULO CXXXVI. — Porque razão tiraram de fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e foi posto o prior do Crato em Lisboa 64
CAPITULO CXXXVII. — Como Nuno Alvares lançou uma cilada nos da frota, e do que lhe aveiu com elles ... 67
CAPITULO CXXXVIII. — Das razões que Nuno Alvaraes disse aos seus, pelos esforçar que pelejassem, e do que lhe a elle aconteceu só pelejando com os castelhanos..... 69
CAPITULO CXXXIX. — Como se começou o azo da prisão do mestre d'Aviz e de Gonçalo Vasques d'Azevedo 73
CAPITULO CXL. — Como Vasco Gomes d'Abreu falou á rainha e das razões que ambos houveram..... 77

PAG.

CAPITULO CXLI. — Como el-rei poz em sua vontade de mandar prender o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e por que razão 80
CAPITULO CXLII. — Como el-rei mandou prender o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo 82
CAPITULO CXLIII. — Do recado que Vasco Martins houve por que matassem o mestre e Gonçalo Vasques, e como o não quiz fazer 87
CAPITULO CXLIV. — Do grão temor em que o mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo estavam, e camo a rainha buscava azo para matar Gonçalo Vasques 90
CAPITULO CXLV. — Como o mestre teve ordenado para fugir, e da guisa que houvera de ser 93
CAPITULO CXLVI. — Como o mestre foi solto e comeu aquelle dia com a rainha, e das razões que com ella houve 95
CAPITULO CXLVII. — Como o mestre foi vêr el-rei, e das palavras que com elle houve, e das razões que o mestre disse em casa do conde de Cambridge 99
CAPITULO CXLVIII. — Como Lourenço Martins quizera matar Vasco Porcalho, e lhe o mestre disse que o não matasse 102
CAPITULO CXLIX. — Como os inglezes e o mestre com elles entraram por Castella e tomaram os castellos de Lobom e do Cortijo 105
CAPITULO CL. — Como el-rei D. Fernando e os inglezes chegaram a Elvas, e pariu a rainha D. Leonor ahi um filho 109
CAPITULO CLI. — Como Nuno Alvares pediu licença ao prior para ser na batalha com el-rei, e que maneira teve de se partir, porque lh'a não deu 111
CAPITULO CLII. — Como el-rei de Castella juntou suas gentes e se veiu para Badajoz com ellas 115
CAPITULO CLIII. — Como el-rei D. Fernando poz sua batalha e esperou no campo, e el-rei de Castella não quiz pelejar 117
CAPITULO CLIV. — Como foram pazes tratadas entre el-rei D. Fernando e el-rei D. João de Castella, e com que condições 120
CAPITULO CLV. — Como o conde e Gonçalo Vasques levaram os tratos das pazes, e das razões que houveram antes que as assignasse 124

PAG.

CAPITULO CLVI. — Como os inglezes souberam que as pazes eram tratadas e que os refens foram postos de uma parte a outra 129
CAPITULO CLVII. — Como morreu a rainha de Castella e foi commettido a el-rei que casasse com a infante de Portugal 133
CAPITULO CLVIII. — Como foi tratado casamento entre el-rei de Castella e a infante de Portugal, e com que condições 136
CAPITULO CLIX. — Dos juramentos que foram feitos entre os reis, por guarda das cousas conteudas nas avenças 142
CAPITULO CLX. — Como a infante de Portugal desdisse os esposorios que feitos havia, e recebeu el-rei de Castella por marido, em pessoa de seu procurador 145
CAPITULO CLXI. — Como a rainha partiu com sua filha, caminho d'Elvas, e d'algumas pessoas que foram em sua companha 148
CAPITULO CLXII. — Como se el-rei mandou desculpar a el-rei d'Inglaterra, pelo casamento de sua filha que havia feito 150
CAPITULO CLXIII. — Como el-rei de Castella partiu de seu reino e se veiu para Badajoz 152
CAPITULO CLXIV. — Como el-rei de Castella approvou os tratos, antes que recebesse a infante sua mulher. 154
CAPITULO CLXV. — Como el-rei de Castella partiu para Elvas, e como recebeu a infante de Portugal por mulher 157
CAPITULO CLXVI. — Do que aveiu a Nuno Alvares, sentando-se el-rei a comer, e das palavras que a rainha disse a el-rei, quando se d'ella houve de despedir... 160
CAPITULO CLXVII. — Como el-rei fez suas bodas em Badajoz e tornou depois a Elvas, e se despediu da rainha sua sogra 163
CAPITULO CLXVIII. — Como el-rei partiu de Badajoz e foi cercar o conde D. Affonso, e d'outras cousas que se seguiram 167
CAPITULO CLXIX. — Como el-rei D. Fernando mandou a Castella receber as menagens, por razão dos tratos e quaes pessoas foram as que as fizeram 169

PAG.

CAPITULO CLXX. — Porque maneira fizeram os juramentos e menagens os prelados e fidalgos de Castella 173
CAPITULO CLXXI. — Como vieram receber de Castella a Portugal outros taes juramentos, por razão dos tratos 177
CAPITULO CLXXII. — Como el-rei e a rainha partiram d'Almada e se vieram e Lisboa, e morreu ahi el-rei D. Fernando 179
CAPITULO CLXXIII. — Como a rainha D. Leonor ficou por regedor do reino, e das razões que lhe disseram os de Lisboa 182
CAPITULO CLXXIV. — Da resposta que a rainha deu ás razões que pelos de Lisboa foram ditas 187
CAPITULO CLXXV. — Como foi alçado pendão em Lisboa pela rainha de Castella, e do que sobre ello aveiu 189
CAPITULO CLXXVI. — Como em Santarem levaram o pendão pela rainha D. Beatriz, e do que ahi aconteceu esse dia 192
CAPITULO CLXXVII. — Do que aconteceu em Elvas quando Alvaro Pereira alçou o pendão pela rainha .. 196
CAPITULO CLXXVIII. — Do recado que el-rei de Castella mandou aos fidalgos de Portugal, quando fizeram o sahimento d'el-rei D. Fernando 199

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 1$500

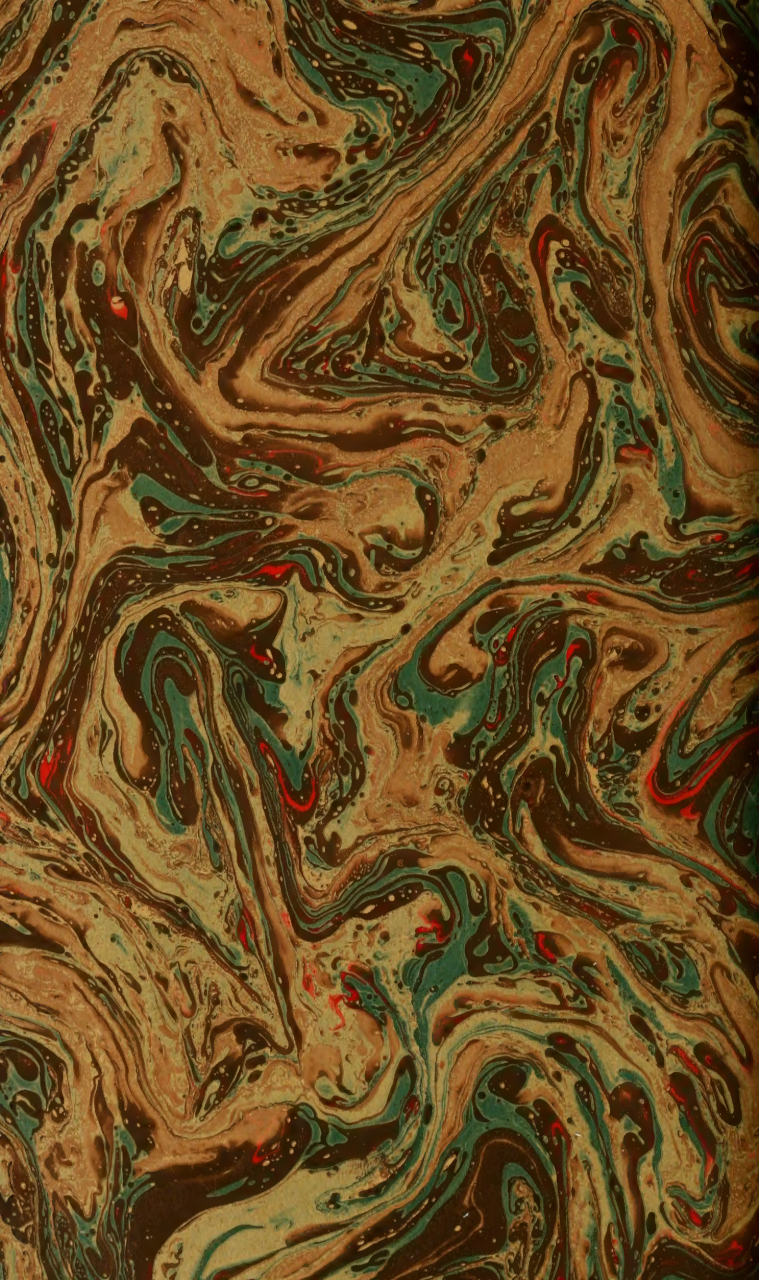
IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume 400

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes ..... 1$200

EM PUBLICAÇÃO

VII — Historia da India, por *Antonio Pinto Pereira.*



DP
578
L6
1895
v.1

Lopes, Fernão
Chronica de el-rei
D. Fernando

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY